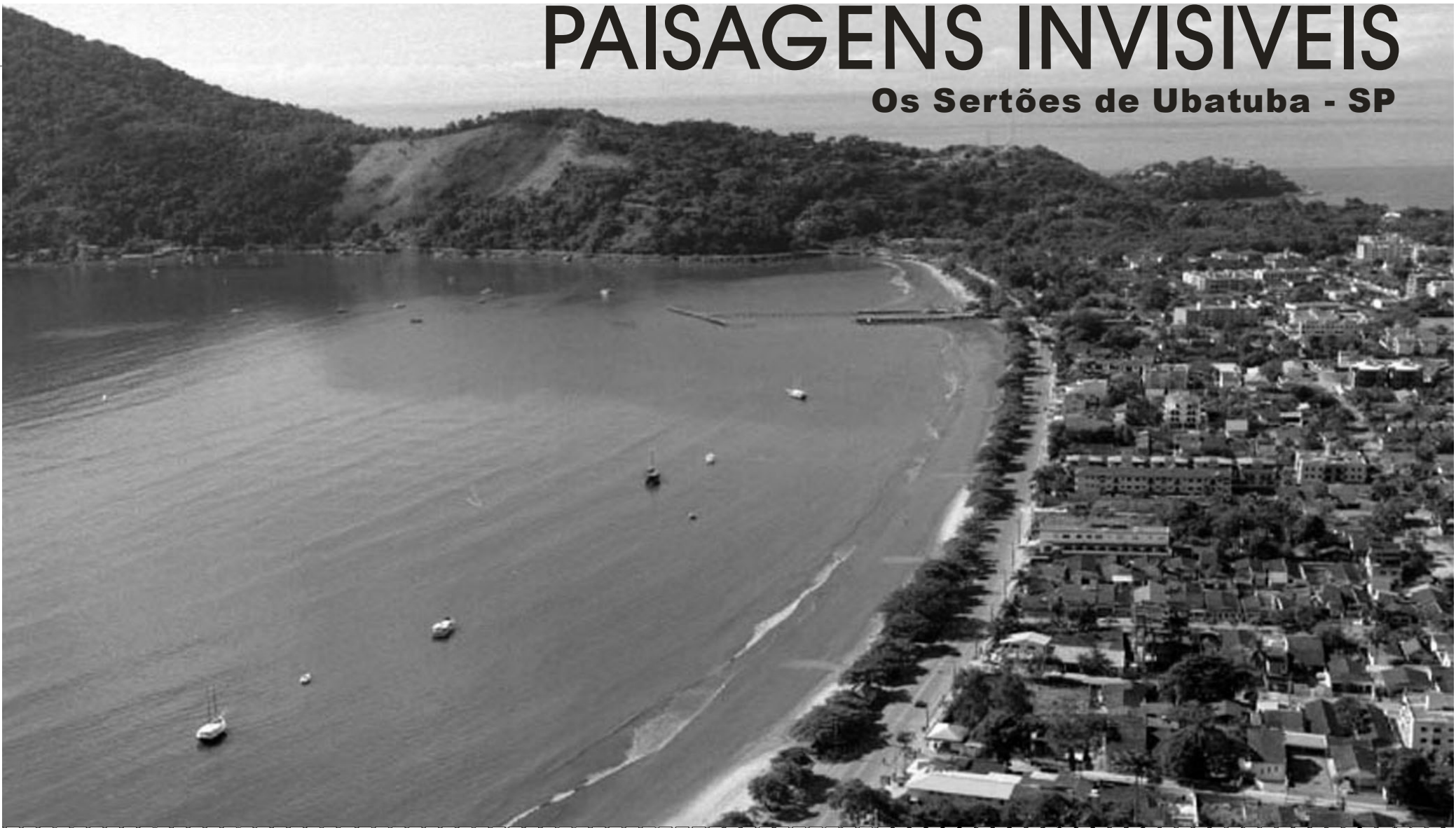


PAISAGENS INVISÍVEIS

Os Sertões de Ubatuba - SP



Rosana Silva Vieira
São Paulo, 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Rosana Silva Vieira

Orientador: Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

Dissertação apresentada ao curso de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração: Paisagem e Ambiente

São Paulo, 2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rosana SilvaVieira

Paisagens Invisíveis:
Os sertões de Ubatuba – SP

Dissertação apresentada ao curso de Pós
Graduação da Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre.
Área de Concentração: Paisagem e Ambiente

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof .Dr. _____ Instituição _____

Assinatura _____

Prof .Dr. _____ Instituição _____

Assinatura _____

Prof .Dr. _____ Instituição _____

Assinatura _____

Dedico este trabalho aos moradores dos sertões, que com suas trajetórias de vida, proporcionaram um significado novo para mim e para a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é a concretização de uma etapa importante e significativa na minha formação. Foi possível graças à colaboração de muitas pessoas que direta ou indiretamente contribuíram nesta pesquisa. Agradeço a todos que me ajudaram nesse percurso.

Aos amigos do Grupo de estudos da Paisagem do LabEspaço, com quem compartilhei muitos dos momentos de dúvidas, inquietações e troca de conhecimentos. Agradeço especialmente às amigas Flávia Sugimoto, Cecília Angileli, Silvia Valentini, Jackeline Melo, Lucia Bernardi, Catarina Silveira, Juliana Moreno e Cláudia Soares.

Aos professores Flávio Malta e Livia Vierno, os primeiros a me incentivarem nesse percurso de pesquisa, sempre contribuindo com comentários construtivos. Aos professores João Whitaker e Vera Palamini pelas contribuições significativas na banca de qualificação. Agradeço à Isa, da secretaria da FAU-Maranhão, por sua boa vontade em me ajudar em diversas ocasiões; e à Vilma, Cida e Silvana, da biblioteca da Unitau, por sua generosidade em todas as vezes que estive na biblioteca.

Aos amigos Denise Marcondes, Aline Lobo, Nilvana Araújo, Marcelo Carriel e Valéria de Fátima, agradeço pelo apoio e amizade.

Agradeço especialmente ao meu amigo e orientador Euler Sandeville, que sempre acreditou nesta pesquisa e, com sua sensibilidade e dedicação não cessou de propor novos desafios para que eu pudesse conduzir o trabalho.

Agradeço de todo o coração aos meus pais Luiz Fernando e Sonia, que me proporcionaram essa oportunidade e pelo amor com que sempre me educaram, e meus irmãos Cristiana e Gustavo, pela paciência em diversas situações. Agradeço à Corina Miranda (in memoriam), sua lembrança de alegria e generosidade me dá forças para enfrentar esses desafios.

Agradeço finalmente ao meu companheiro Diego, pelo amor e apoio incondicional em todas as etapas deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa investiga os processos de produção das paisagens dos sertões litorâneos no município de Ubatuba, extremo norte do litoral paulista, baseada no estudo de dois sertões: Poruba e Sesmaria. Pretende analisar e interpretar essas paisagens, numa abordagem que valoriza a experiência humana, focando na vivência dos lugares, seus diferentes usos, seus “olhares” e interpretações, seus estigmas e o cotidiano de seus moradores, a fim de compreender os processos sócio-espaciais desses bairros chamados “sertões” e suas formas de apropriação.

Palavras-chaves: Paisagem. Produção do Espaço. Sertão Litorâneo. Ubatuba. Percepção da Paisagem

ABSTRACT

Invisible Landscapes: backlands of Ubatuba - SP

The present research examines production's processes of the coast backlands of Ubatuba, which is a town located at the north end of Sao Paulo's coast, based on the study of two backlands: Poruba e Sesmaria. It intends to analyze and to interpret these landscapes, taking an approach that values the human experience, taking focus at the place's existence, its different applications, "looks" and interpretations, its stigmas and the residents' quotidian, in order to comprehend the procedures social and of space of these city districts, known as "backlands" and its ways of appropriation.

Keywords: Landscape. Space Production. Coast Backlands. Ubatuba. Landscape's Perception.

Listas de Ilustrações

Figura 1.1 – Localização dos sertões litorâneos no município de Ubatuba.....	15
Figura 2.1 – Imagem aérea de Ubatuba mostrando a costa recortada.....	30
Figura 2.2 – Localização de Ubatuba e municípios limítrofes.....	31
Figura 2.3 – Morros delimitadores dos bairros – Morro da Itamambuca e Morro do Félix, com 800m.	33
Figura 2.4 – Município de Ubatuba: áreas urbanizadas e as áreas de preservação ambiental.	37
Figura 2.5 – Ocupação da orla marítima e arredores – Praia do Itaguá.	39
Figura 2.6 – Mapa de acesso rodoviário.	42
Figura 2.7 – Bairro-praia das Toninhas.	46
Figuras 2.8 - Bairro-praia da Maranduba.....	46
Figuras 2.9 - Bairro-praia da Itamambuca.	47
Figura 2.10 – O município de Ubatuba: espacialização urbana atual.	48
Figuras 2.11 e 2.12 – Ocupação no centro.	49
Figura 2.13 – Ocupação no Perquê açú.....	50
Figura 2.14 – Praia Grande.....	50
Figura 2.15 – Ocupação na Praia do Lázaro.....	51
Figura 2.16 – Sertão do Sesmaria.....	59
Figura 2.17 – Sertão da Bela Vista.	62
Figura 2.18 – Sertão da Sesmaria.....	59
Figura 2.19 – Ipiranguinha.	59
Figura 2.20 – Taquaral.	59
Figura 2.21 – Sertão do Perequê Mirim.	59
Figura 2.22 – Praia Grande lotada de turistas.	63
Figuras 2.23, 2.24 e 2,25 – Fotos das áreas excluídas.....	63
Figura 3.1, 3.2 2 3.3– Moradoras do Sertão do Sesmaria.	68
Figura 3.4 e 3.5 – Moradoras do Sertão do Sesmaria.	68
Figura 3.6 – Localização do Sesmaria e acesso	70
Figura 3.7 – Espacialização atual.....	71
Figuras 3.8, 3.9, 3.10 e 3.11 – Formas de ocupação no Sertão de Sesmaria	86
Figuras 3.12, 3.13, 3.14 e 3.15 – Formas de ocupação no Sertão de Sesmaria	87

Fotos 3.16 e 3.17 – Formas de ocupação imitando casas de veraneio nas partes altas do sertão do Sesmaria.....	89
Fotos 3.18 e 3.19 – Mangueiras para capturar água da nascente e esgoto jogado no rio.....	91
Figura 3.20 – Rua Del Rey– esgoto “in natura”.....	93
Figura 3.21 – Rua Del Rey– mesmo local da foto acima 3 anos depois, mostra o crescimento no adensamento.....	93
Figura 3.22 – Crianças brincando na rua.....	97
Figura 3.23 – Desenho de Cláudia, 12 anos, mostrando a praia, 2007.....	98
Figura 3.24 – Desenho de Sirlene, 11 anos, mostrando a praia, 2007.....	98
Figura 3.25 – desenho realizado por Guilherme, 2007.....	99
Figura 3.26 – Cotidiano no sertão do Sesmaria.....	110
Figuras 4.1, 4.2 e 4.3 – Moradores do sertão do Poruba.....	113
Figuras 4.4 e 4.5 – moradores do Sertão do Poruba.....	114
Figura 4.6 e 4.7 – Localização do Poruba no município de Ubatuba.....	116
Figuras 4.8 – O Rio Poruba desaguando na praia.....	118
Figura 4.9 – A bacia do Rio Poruba e a Bahia do Ubatumirim.....	118
Figura 4.10 – Árvore genealógica dos primeiros ocupantes do sertão do Poruba.....	125
Figura 4.11 – Benedito Fernandes, Dona Mocinha e filhos nas margens do Rio Poruba em 1971.....	134
Figura 4.12 – Entrada da propriedade particular da Avibrás.....	136
Figura 4.13 – Espacialização e distribuição das casas (mapa mental).....	138
Figura 4.14 –Imagem aérea do sertão do Poruba.....	139
Figura 4.15 – Forma de ocupação sem limites de lotes.....	140
Figura 4.16 – Forma de ocupação em declividade.....	141
Figura 4.17 – Casa em declive acentuado.....	141
Figura 4.18 e 4.19 – Festa de comemoração da Associação do bairro.....	142

Lista de Tabelas

Tabela 2.1 – Indicadores sócio-populacionais das principais favelas de Ubatuba.....	55
Tabela 2.2 – Evolução da população.....	57
Tabela 2.3 – Evolução demográfica do município de Ubatuba.....	60
Tabela 3.1 – Crescimento populacional do Sertão do Sesmaria.....	73
Tabela 3.2 – Renda dos moradores do Sertão do Sesmaria no ano de 2001.....	73
Tabela 3.3 – Origem dos moradores.....	77

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – PAISAGENS DOS SERTÕES - PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO	6
1.1 – Quadro referencial da paisagem	7
1.2 – Delimitação do objeto de estudo	14
1.3 – Procedimentos de campo.....	20
CAPÍTULO 2 - A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO DOS SERTÕES DE UBATUBA	29
2.1 – Condicionantes Naturais.....	31
2.2 – Antecedentes Regionais e O Processo de Ocupação a partir da década de 60.....	40
2.3 – A Segregação Sócio Espacial e a formação dos Sertões	53
CAPÍTULO 3 – O SERTÃO DO SESMARIA.....	67
3.1 – No cotidiano do bairro: histórias de vida, histórias do lugar.....	94
CAPÍTULO 4 – O SERTÃO DO PORUBA.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
ANEXOS	163

INTRODUÇÃO

A verdade da paisagem, caso exista, não se dá numa vista congelada [...] a paisagem nasce na dobra das coisas, em suas rugosidades. [...] É um pulsar de possibilidades. (BESSE, 2006 p.100).

A pesquisa começou a partir do interesse pelas questões da produção do espaço urbano em Ubatuba, com o olhar sobre as transformações que o município vinha atravessando ao longo dos anos, os conflitos entre as atividades de turismo e preservação e os impactos sócio-ambientais na paisagem. Essa preocupação teve início, a partir de 2001, na ocasião da escolha do tema do trabalho de conclusão do curso de graduação, o que me levou, em 2003, a procurar o Prof. Dr. Euler Sandeville e expor a idéia de fazer o trabalho. A partir daí, passei a participar das reuniões do Grupo de Estudos de Paisagem, no LAB ESPAÇO (Laboratório Gestão e Projeto do Espaço), da FAU-USP. A motivação inicial era o estudo dos impactos do turismo na configuração espacial e nas paisagens da Costa Norte de Ubatuba. Com as disciplinas cursadas e a participação no Grupo de Estudos da Paisagem privilegiando a abordagem da paisagem como experiência partilhada, o foco do trabalho foi mudando.

Participei, no ano de 2004, como colaboradora, do GPDUHS – Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Urbano e Habitação Social, da Universidade de Taubaté, que, na ocasião, investigava o Litoral Norte de São Paulo, a partir do estudo de caso do município de Ubatuba, o que vinha ao encontro do tema de minha pesquisa. A participação nos trabalhos de campo em alguns bairros de Ubatuba foi fundamental para o entendimento da produção do espaço e das questões relacionadas ao turismo, aos deslocamentos espaciais, à questão das migrações e outros conflitos, que posteriormente seriam trabalhadas na análise dos sertões, nesta Dissertação.

A discussão da paisagem como experiência partilhada foi desenvolvida e fomentada pelo Prof.Dr. Euler Sandeville Jr., no grupo de estudo do LAB ESPAÇO, do qual fiz parte como pesquisadora, com o objetivo de

contribuir para a base do conhecimento em pauta no grupo. Tal fato traz à tona a importância dos laboratórios e dos grupos de trabalho no fortalecimento e evolução das bases teóricas. A discussão da paisagem, do espaço e outros conceitos foram debatidos incessantemente pelos participantes do laboratório, colocando questões fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas que integram esse grupo.

A partir de então, a pesquisa foi se desenhando com novos contornos, ao mesmo tempo em que começamos a focar no interesse pelas paisagens periféricas do município – **os sertões de Ubatuba**. Isso nos levou a um processo dialético de compreensão: de um lado, **a produção sócio-histórica do espaço** e, de outro, **a intersubjetividade e a sociabilidade próprias do lugar**, implicadas no entendimento da **paisagem como experiência partilhada**.

Existe uma intencionalidade presente no que estamos fazendo. Ao construir o objeto de pesquisa, é necessária a sua reformulação, sua reconstrução, numa dialética constante entre o sujeito e o objeto de sua investigação. Essa compreensão, a partir das discussões do grupo no Lab Espaço, foi fundamental para entender que esta pesquisa foi e está se reconstruindo perante o pesquisador, e principalmente, que esse também se reconstrói o tempo todo perante a pesquisa.

Assim, chegamos a uma questão que é a própria produção do conhecimento na arquitetura, ou seja, a validação do nosso trabalho. Como produzir esse conhecimento e qual a sua importância na nossa sociedade, na nossa cultura? O arquiteto deve levar em conta a participação da população. É importante estabelecer um “olhar”¹, uma interpretação das condições de vida e formas de uso e construção do espaço pela população ao se pretender ser capaz de intervir no espaço. Ou seja, é a valorização do ser humano no trabalho que ele pretende fazer, compreendendo suas contradições, seus desejos, seus anseios. Essa dissertação é resultado dessa busca.

¹ Esse “olhar” é justamente a nossa tentativa de aproximação/compreensão da realidade, através de interpretações das paisagens dos sertões.

Estrutura dos capítulos

No primeiro capítulo situo o leitor no entendimento do que são sertões litorâneos nesse contexto de investigação e apresento os procedimentos de pesquisa que levaram a essa interpretação. Nesse capítulo se explicita a opção teórica, adotando a compreensão da paisagem como experiência partilhada e inserindo-a numa discussão da cultura. Nesse sentido, a pesquisa valorizou o estudo da paisagem através de vivências e estudos de campo. Os procedimentos se deram na medida em que buscamos adentrar naquelas paisagens, focando sempre a compreensão dos valores e sentimentos dos moradores com seu lugar, seus olhares e interpretações. Estabelece uma necessidade de correlacionar essa experiência e esses estudos em campo, com o conhecimento sobre a produção social do espaço.

No segundo capítulo, apresento o processo de produção das paisagens dos sertões, evidenciando como elas se inserem no município, suas características, problemas, conflitos, mobilidades, usos e acessos, além dos principais fatores que as estruturam. Esse capítulo mostra como se deu a formação e desenvolvimento dos espaços periféricos, sertões e favelas, a partir de uma reflexão sobre os processos de produção do espaço urbano.

No terceiro e no quarto capítulos são apresentadas as paisagens dos Sertões da Sesmaria e do Poruba respectivamente, mostrando os processos de ocupação, a espacialização do bairro, o cotidiano de seus moradores e seus conflitos. Nesses dois capítulos apresentamos a compreensão que tivemos dessas paisagens, a partir da produção do espaço dos sertões, apreendida através dos procedimentos de campo e das histórias de vida dos moradores.

Por fim, no último capítulo, são feitas algumas considerações sobre os “olhares” que se estabelecem a partir dos procedimentos da pesquisa, na medida em que se evidencia a importância de se trabalhar a paisagem a partir das pessoas que têm nela sua vida.

CAPÍTULO 1

PAISAGENS DOS SERTÕES

PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

O percurso investigativo desta dissertação será relatado em três partes, o que não quer dizer que tenha se dado nessa ordem. Há um contínuo ir e vir nesses procedimentos que se completam mutuamente, coerente com o referencial teórico adotado.

1.1 – Quadro referencial da paisagem

Ao estudar as paisagens dos sertões de Ubatuba, o que procuramos é um entendimento da paisagem como experiência partilhada; um “olhar” a paisagem, como fenômeno vivenciado, inserida numa discussão da cultura, da qual buscamos interpretar o **sentido social das paisagens dos sertões**, suas condições de existência, seus modos de organização e valores.

Para isso, consideramos fundamental investigar o **cotidiano** dos moradores nos sertões, compreendendo seus valores, suas sagas, suas representações, anseios e desejos, suas contradições, suas histórias, memórias e interpretações², pois a paisagem é um mosaico de tempos, espaços, pessoas, ações e ação da natureza; é complexa, é sensível, é criativa.

Nesse sentido, o estudo das paisagens dos sertões implicou a vivência e o *partilhar a experiência* com os moradores, pois somente assim conseguimos dar conta de estudar essas paisagens em suas especificidades. Focamos nos aspectos sócio-culturais e perceptivos, e por isso interessa-nos uma sensibilidade em relação à paisagem e à cultura, que nos ajude a interpretar os diversos ambientes e as relações com os processos de transformação, no qual o homem é sempre o sujeito ativo.

² Para Schama (1996), a paisagem compõe-se tanto de camadas de lembrança quanto de extratos de rochas.

Longe de iniciar neste capítulo uma discussão epistemológica sobre a paisagem, tivemos a intenção de explicitar o referencial teórico adotado que entende a **paisagem como cultura, numa abordagem humanística que valoriza a experiência e a vivência da paisagem**. Para esse entendimento, utilizamos a conceituação proposta por Sandeville Jr. (2004, 2005) e apoiamo-nos conceitualmente em autores da Geografia Cultural, como Machado (1988), Tuan (1974) e Berque (1994); da Antropologia, como Menezes (2002) e da Arquitetura, como Nelson (1980)³, completando o quadro com as proposições de Besse (2006) e Oliveira (2002). A idéia central desses autores é pensar a paisagem como cultura, como experiência de vida, a partir dos valores presentes nela.

Sandeville Jr. (2005, p.5, grifo nosso) propõe que o estudo da paisagem deve apontar *para uma abordagem que demanda **complexidade metodológica**, um estudo do espaço e uma vivência (que consideramos fundamental à compreensão da paisagem), que convergem numa discussão da **cultura**, sem a qual não há paisagem*. Para o autor, paisagens não são apenas formas, mas universos de significação (2004, p.2): [...] *o melhor modo de começar o estudo de uma paisagem [...] está sim no reconhecimento que a traz para o universo da cultura e concebe seu sentido dependente de experiências partilhadas*.

A paisagem não é passiva, mas ativa, dinâmica e temporal; testemunha de uma história/memória que se constrói no tempo e manifesta-se no espaço, e isso tem a ver com a natureza processual da paisagem, pois ela é espacialidade e temporalidade. Ou seja, a paisagem é um mosaico de tempos acumulados, de forças naturais e humanas agindo sobre ela, e por isso é tão complexa.

Na medida em que toda **experiência de mundo é partilhada**, é necessário pensar como se dá o contato direto, que deve colocar a experiência humana em evidência (SANDEVILLE JR, 2004). Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras, por meio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.

• ³ Carlos Nelson é arquiteto com mestrado em antropologia social.

(TUAN, 1974). Portanto, experiência é sensação, é percepção, é emoção, é pensamento, sociabilidade. Daí a paisagem ser construção, processo histórico e social.

Interessaram-nos as visões de paisagens dos moradores dos sertões, considerando as representações produzidas e reproduzidas no conjunto da população, os significados culturais que permanecem em seu cotidiano, ou seja, a construção da paisagem, enquanto processo criativo e intersubjetivo. Machado (1988, p.10) propõe que:

O valor da paisagem vivida se dá através de um relacionamento mais direto, cotidiano e prolongado que individualiza o lugar deixando-o especial, com respostas mais afetivas que refletem necessidades cotidianas prementes, num nível mais restrito. A paisagem é encarada com bases perceptivas e impregnada de significados e valores. [...] Ela é também, cenário de um mundo vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem e sentem, gostam [...] (MACHADO, 1988, p.10).

Segundo Machado (1988, p.14), *uma paisagem é definida do ponto de vista de quem a observa, sendo, portanto uma experiência onde o sujeito e o objeto são inseparáveis [...] a paisagem se apresenta aos sentidos humanos, trazendo significados variados.* A paisagem entendida como *experiência partilhada*, dá ao pesquisador a possibilidade de repartir, de partilhar sentimentos, práticas, conhecimentos e memória, **conjuntamente com quem produz e vive a paisagem estudada**. Estamos cada vez mais apostando nessa afetividade, com uma abertura para novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações e atitudes diante do espaço e relações com a população local.

Paisagens são experiências partilhadas pelas pessoas que têm nela sua vida, na qual o pesquisador, freqüentemente um estranho ao lugar, se insere de modo muito específico e por tempo limitado, partilhando dessas experiências e partilhando as suas: usufruindo uma realidade essencialmente coletiva e de uma herança de gerações. Ou seja, o sentido da paisagem não pode ser dado apenas pelo universo teórico e existencial do observador, sob o risco de um estereótipo. Na verdade, a paisagem é mais intensamente revelada a partir das

peessoas que têm nela uma experiência comum [...]. São as pessoas que nos ajudam a ver a paisagem, nos ensinam a entendê-la e percebê-la; sem elas não atinaremos o conteúdo específico de cada paisagem [...] (SANDEVILLE, 2004).

Vê-se que essa concepção traz uma ruptura com a concepção clássica que faz da paisagem uma *extensão de território*, abrangente num lance de vista – a *visão de pássaro*. A paisagem significa participação mais do que distanciamento; proximidade, vivência; ou seja, a paisagem é, antes de qualquer coisa, a ***experiência da proximidade das coisas (do cotidiano)***, é *fundamentalmente uma expressão da existência* (BESSE, 2006).

Desse modo, o método utilizado nessa pesquisa buscou uma aproximação da realidade e do cotidiano dos sertões de Ubatuba através de procedimentos que nos levaram a essas vivências de suas paisagens. Proponho uma interpretação do olhar do morador através de suas percepções e narrativas, evidenciadas por meio da aproximação com o lugar. O conceito de paisagem como experiência partilhada aqui adotado, demanda uma compreensão da produção social do espaço e dos processos de construção dessa realidade, das intersubjetividades. Tais fontes não são antagônicas, mas complementares. É na dialética desses olhares que se estabelecem diferentes enfoques para compor a pesquisa e incorporar a **interdisciplinaridade** do conceito de paisagem⁴.

Nesse sentido, a base conceitual da pesquisa estabeleceu uma forma de compreensão da produção do espaço periférico no município de Ubatuba a partir de dois enfoques de investigação. O primeiro, já discutido, baseou-se em um referencial teórico que entende a paisagem como experiência, cultura⁵. Por outro lado, na medida em que essas vivências só podem existir enquanto uma experiência coletiva e social, para uma

⁴ Ou, como coloca Menezes (2002, p. 32), a *polissemia da palavra paisagem*.

⁵ *Nos usos é que se concentram os significados mais profundos da paisagem*. (MENEZES, 2002, p.40)

compreensão da realidade sócio-espacial dos sertões, é pressuposto o entendimento da construção social do espaço.

As sociedades organizam seus territórios em função de suas necessidades e valores, definindo suas condições de existência. A paisagem e o espaço⁶ são esses modos de organização, suas formas estão plenas de conteúdo inerentes à sociedade e construídos historicamente⁷. Portanto, estamos falando de construção social do espaço. Há uma dimensão a ser interpretada que é a do **sentido social dessas paisagens**, o que coloca em evidência o papel social do arquiteto enquanto agente propositor ou interventor nesse espaço.

Entendemos que o espaço é percorrido por forças de mudanças, ao mesmo tempo em que revela certas estruturas duradouras; sua dinâmica e sua percepção radicam sempre nas relações sociais. O espaço reproduz as tensões, os embates, os conflitos, os mecanismos de exclusão e estigmatização social, e decorre do modo de produção capitalista, marcado pela produção hegemônica do capital. Esse entendimento deve ser contemplado para a compreensão da produção do espaço periférico em Ubatuba e a inserção dos sertões nessa estrutura. Para esse entendimento, baseamo-nos nos trabalhos de Santos (2002; 2005) e Villaça (1998; 2005), com apoio de Kovarick (2001), Maricato (1982; 1997) e Singer (in Maricato, 1982), como base para a discussão desenvolvida no segundo capítulo. Conforme Maricato (1997),

⁶ Salientamos que no Grupo de Estudos da Paisagem adotamos o conceito de espaço de Milton Santos (2002), porém o conceito de paisagem difere do adotado por Milton Santos. Para esse autor (1978), a paisagem é o arcabouço sobre o qual se estabelecem todas as relações sociais, e portanto, sustentáculo de produção do espaço e do capital. Para Sandeville (2005), paisagem não é só o arcabouço, mas é espaço no sentido que atribui Milton Santos a este último termo. Seguimos essa orientação.

⁷ Segundo Milton Santos (1978) “a paisagem não tem nada de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam em ritmo e intensidade variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transformam para se adaptar às novas necessidades da sociedade”.

A cidade é objeto e também agente ativo das relações sociais. **A dominação social se dá também através do espaço urbano, em especial a dominação ideológica, aquela que se oculta ao olhar do dominado.** O poder político é exercido, em parte, por intermédio do espaço urbano, assim como a exploração econômica. Os espaços urbanos ou o ambiente construído, de um modo geral, não constituem meros cenários para a sociedade, mas são parte dela. (MARICATO, 1997, p.42, grifos nossos).

Nesse sentido, pensando as *paisagens invisíveis*, o conceito de “*não-cidade*” de Maricato (1997) explicita-se nos sertões de Ubatuba, pois sugere que, em torno da cidade, como um ideal, mas também nas suas condições materiais, formam-se espaços produzidos pela exclusão social, que contradizem o ideal urbano em sua realização, embora ainda o suponha.

Santos (2000) diz que o poder decisório do espaço tem sua sede na prática dos “atores” que determinam (de fora) as modalidades internas de ação daquele que ocupa um espaço e nele vive e habita. O espaço urbano é fruto da atividade humana e carrega consigo a lógica hegemônica de um tempo histórico. Não existe sociedade sem espaço, e Milton Santos discute essas visões estruturais da sociedade agindo no espaço, o que foi contra o pensamento tradicional que sobressaía até a década de 60. Nessa concepção, havia quase que uma autonomia da sociedade, porque era como se os processos se repetissem em todos os lugares. O lugar não era criativo perante o espaço, ele recebia passivamente a estrutura; era o reflexo das estruturas sociais. Santos (2002) diz que o **lugar é criativo, que o lugar não só percebe como também transforma as estruturas sociais. Esse conceito é fundamental neste trabalho.**

Desse modo, essa pesquisa demandou o conhecimento preliminar das estruturas sociais e urbanas da área de estudo, que permitiram uma leitura do meio físico, econômico e social. A fim de compreender como se deram esses processos no município foi necessário a revisão bibliográfica de estudos já realizados no lugar, com coleta e análise de dados. A pesquisa bibliográfica sobre a área de estudo deu-se fundamentalmente a partir

dos trabalhos de Corrêa da Silva (1975), Malta (1993), Marcílio (2006) e da Secretaria do Meio Ambiente (1998, 2005), com contribuições de Cardoso (1999), Camargo (1994) e Ortiz (2005), além dos planos para a região, como o Macrozoneamento do Vale do Paraíba e Litoral Norte, O Plano Regional do Macro-Eixo, o Plano Estadual de Gerenciamento Costeiro (2004) e o Macrozoneamento do Litoral Norte (2005). Os dados do IBGE e SEADE ajudaram nas formulações analíticas qualitativas e permitiram a leitura do meio físico e sócio-econômico da região, em que se inserem os sertões.

Foi necessário também conhecer os aspectos sócio-econômicos dos bairros para a identificação das realidades atuais. Esses aspectos foram fornecidos pela Prefeitura Municipal de Ubatuba, mais especificamente pelas Secretarias de Planejamento, de Assistência Social e de Saúde. As Secretarias contribuíram com indicadores sócio-econômicos sobre a população dos diferentes bairros periféricos, por meio de dados dos cadastros do SIAB (Sistema de Informação de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de Ubatuba).

A revisão dos estudos realizados e a análise de dados aliaram-se à vivência em campo, o que nos remete a uma abordagem subjetiva; ambas (análise de dados e vivência subjetiva) necessárias a uma aproximação da realidade dos sertões. Costuma acontecer que o investigador, sob a compreensão e a institucionalização moderna da investigação, subordina-se aos seus instrumentos e técnicas operacionais, sob a falsa suposição de que eles lhe garantem o encontro daquilo que se busca saber; o que serve, obviamente, no mais das vezes, para as tentativas de se mensurar e decodificar os fenômenos naturais, físicos, por exemplo⁸. Mas em absoluto os

⁸ Ora, se estamos colocando as questões humanas como fundamentais na investigação de paisagens, precisamos deixar de lado o método racionalista de conhecimento da realidade. Segundo o método racionalista, o conhecimento é adquirido por um processo de raciocínio e que considera a dedução, processo em que uma conclusão é inferida de um conjunto de premissas que logicamente a implicam, como o único sistema válido de raciocínio. (SHEEHY, 2006, p. 286). A forma tradicional da ciência de ver a relação sujeito/ objeto é a de distanciamento, de objetividade, a qual não dá conta de compreender as tensões presentes numa paisagem. Trata-se de renovar a postura diante da pesquisa, de “*verificar seus métodos próprios através de análises que fixem o sentido, sempre impreciso, das essências fundamentais, tais como as de ‘representação’, ‘recordação’, etc’*”.[...] (MERLEAU-PONTY, 1990, p.22)

mesmos instrumentos são adequados para as questões humanas (CRITELLI, 1996, p. 28). A seguir apresentamos a delimitação da área de estudo, para então retornar, na terceira parte deste capítulo, à apresentação dos instrumentos adotados para responder a essas questões.

1.2 – Delimitação do objeto de estudo

Os *sertões litorâneos*⁹ caracterizam-se por “bolsões” de ocupações em planícies e escarpas litorâneas, localizadas nos sopés e interiores dos morros, longe da orla e distante das áreas valorizadas próximas às praias e aos centros urbanos das cidades balneárias. Em Ubatuba, município do Litoral Norte Paulista, os sertões localizam-se nas áreas periféricas às margens da rodovia Rio-Santos e da rodovia Oswaldo Cruz (que liga Ubatuba à Taubaté, no Vale do Paraíba) e em áreas de preservação ambiental da Serra do Mar, conforme figura 1.1.

⁹ A origem do vocábulo ‘sertão’ desperta controvérsias entre alguns autores. Ribeiro (2000), afirma que a palavra é proveniente do vocábulo ‘desertão’, que transmite uma idéia de um vasto território praticamente desocupado, com uma forma de ocupação precária e uma população reduzida e esparsa. Para o estudioso Darcy Ribeiro, o sertão é “nosso mar interior”. Rodrigues (2003) indica que "a palavra sertão advém do termo latino *desertanum, desertum*", e foi empregada para "designar lugar desconhecido, solitário, seco e não entrelaçado ao conhecimento." Assim, o termo sertão teria sido incorporado à língua portuguesa para designar lugares distantes, desconhecidos, no interior do continente. O Sertão *litorâneo*, no contexto da pesquisa, é como o caçara refere-se às áreas mais distantes do mar, nos sopés de morros. É um termo antigo para designar a terra do interior, incorporado pela população caçara desde os primeiros ocupantes. Após a construção da Rodovia BR101 os sertões passaram a ser a parte do bairro que se localiza para além da Rodovia em direção à serra.

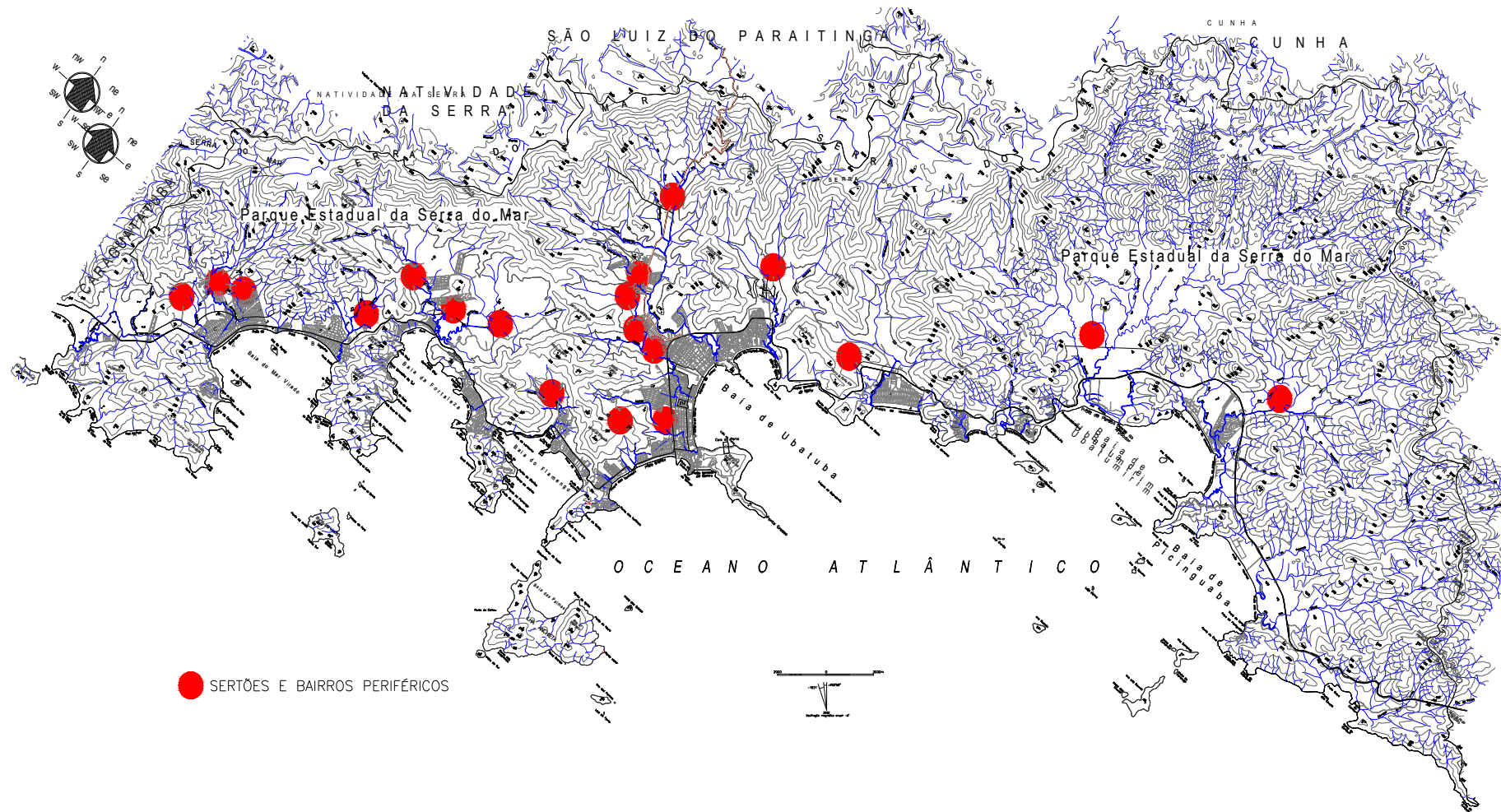


Figura 1.1 Localização dos sertões litorâneos no município de Ubatuba. Fonte: elaborado pela autora a partir de base cartográfica da PMU, 2007.

Os sertões decorrentes de ocupações mais recentes são produtos dos processos de deslocamento espacial e da intensa urbanização e ocupação desordenada, pela qual vem passando o município de Ubatuba nas últimas décadas. A partir da sistematização de dados do cadastro oficial do SIAB¹⁰, pudemos verificar que são ocupados principalmente por população de baixa renda e migrantes, sobretudo vindos de Minas Gerais e dos estados nordestinos, que vieram atraídos por melhores condições de vida no litoral. Em alguns casos (os lugares mais antigos) são ocupados por populações tradicionais de caiçaras¹¹ que atualmente encontram-se inseridos num contexto de descaracterização de seu modo de vida, por conta dos conflitos com as imposições das unidades de conservação e com os migrantes que chegaram ao lugar. Trataremos dessas questões no terceiro e quarto capítulos.

Apesar de apresentar crescimento demográfico significativo dentro do município, os sertões são pouco percebidos pelos turistas e pelas autoridades (VIEIRA; SANDEVILLE, 2007). As atividades turísticas e o modelo capitalista de moradias de segunda residência para as cidades litorâneas tornam-se evidentes, enquanto o cotidiano e as moradias das áreas pobres e excluídas localizam-se fora do trajeto dos turistas. *Riqueza e pobreza contrastam nesse território*. (BATISTA, 2002).

São esses espaços e paisagens que nos interessam neste trabalho. São por nós entendidos como *paisagens invisíveis*, pois as populações residentes dos sertões são as excluídas do município ao qual dão

¹⁰ Os dados do SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de Ubatuba – são coletados por agentes de saúde da Prefeitura de Ubatuba, sendo catalogados todos os meses e classificados por bairros. Reorganizamos esses dados para identificar a origem e renda dos moradores dos sertões.

¹¹ Os termos “caiçara”, e “populações tradicionais” são objeto de estudo de diversos pesquisadores, sendo conceitos bastante discutidos e polêmicos quanto à denominação, origem, etc. Esses conceitos serão apresentados e discutidos no quarto capítulo desta dissertação.

suporte prestando seus serviços. Os bairros periféricos são esquecidos e acabam ficando como um pano de fundo na face mais evidente dos processos de ocupação territorial litorânea.

Essas paisagens são invisíveis também nos trabalhos e publicações que tratam sobre o litoral. Há um conjunto relevante de pesquisas que tem por tema a paisagem litorânea. Correa da Silva (1975) e Malta (1993) adotam uma abordagem regional. Macedo (1997, 1998), Luchiari (1999), Araújo (2005) e Afonso (2001) abordam a urbanização das praias e formas de ocupação dos centros e da orla marítima, e os impactos da urbanização litorânea sobre recursos naturais e paisagísticos. Cardoso (1999) aborda as formas de ocupação e urbanização em Ubatuba, classificando os diversos tipos de assentamentos humanos e desenho dos núcleos urbanizados e Oliveira (1999) investiga a urbanização na Vila de Picinguaba. São importantes abordagens que enfatizam questões de urbanização e ocupação de áreas litorâneas, evidenciando os impactos na paisagem. Tais pesquisas não abordam, no entanto, os assentamentos decorrentes da segregação sócio-espacial e a *espoliação urbana*¹² presentes no município. Essas paisagens também não são contempladas nos planos, como o Macrozoneamento do Litoral Norte (2005) e o Plano Estadual de Gerenciamento Costeiro (2004) e nas políticas públicas municipais.

Ao estudarmos essas *paisagens invisíveis*, inseridas em *paisagens valorizadas*¹³, nós colocamos os seguintes questionamentos:

¹² Kowarick (2001) destaca a dimensão política da urbanização e a dupla espoliação sofrida pelas classes populares como força de trabalho subjugada pelo capital e como cidadãos submetidos à lógica da expansão metropolitana que lhes negava o acesso aos bens de consumo coletivos. Segundo o autor, a espoliação urbana é um processo que pode ser entendido como o “somatório de extorsões que se operam através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo, apresentados como socialmente necessários em relação aos níveis de subsistência, e que agudizam ainda mais a dilapidação realizada no âmbito das relações de trabalho”. (KOWARICK, 2001, p. 62).

¹³ Machado (1998), anteriormente já referida no item 1.1, entende por *paisagens valorizadas* a atribuição de valor positivo ou negativo às paisagens. Paisagens valorizadas aqui, entretanto, foi utilizada com outra intenção. Refere-se à valorização dada por suas

- Como os habitantes dos sertões e áreas periféricas enxergam e vivenciam esses processos?
- O que os levou a ocupar tais ambientes?
- Qual o sentido social dessas paisagens?
- Qual o papel do arquiteto na leitura e/ou intervenção dessas paisagens?

Entendemos que esses aspectos estão circunscritos em um contexto regional e decorrem de processos estruturais. A produção dos espaços de exclusão, na sociedade contemporânea, é um fenômeno multifacetado, ou seja, é um fenômeno histórico, econômico, cultural, político e territorial, que faz convergir um conjunto de situações diversificadas em torno de um núcleo de tensões geradas na condição urbana (LOPES, 2002). Mas pressupomos que o entendimento da paisagem periférica ultrapassa uma relação de causa e efeito de problemas sociais e políticos, demandando uma abordagem *a partir de quem a produz e quem nela vive* (ANGILELI, 2007).

Essa multidimensionalidade implica considerarmos que os problemas dos espaços periféricos são locais e estruturais, e suas soluções devem ser analisadas a partir da interação entre os lugares (valorizando as pessoas) e as redes que hoje se consolidam no mundo¹⁴. Cada face desse fenômeno multidimensional representa

condições paisagísticas em localizações privilegiadas pelo turismo e pela especulação imobiliária. Conforme Cardoso (1999), trata-se de uma região de alto valor atribuído pela sociedade, tanto ambiental – diversidade de recursos de seus ecossistemas – como cênico e lúdico – a beleza da serra, rios e cachoeiras, praias e lagoas... E é justamente essa soma, morfológica e biológica, apresentada por seus ecossistemas, que a configura como um dos sítios preferenciais para o lazer das grandes massas. (CARDOSO, 1999, p. V).

¹⁴ Segundo Santos (2002, p. 269), a noção de rede global se impõe nesta fase da história. “Graças aos progressos técnicos e às formas atuais de realização da vida econômica, cada vez mais as redes são globais: redes produtivas, de comércio, de transporte, de informação”. Para esse autor, as redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais. Mas estas são também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo. Nesse sentido, o lugar, para Santos (2002, p.270) seria a terceira totalidade, onde *fragmentos da rede ganham uma dimensão única e concreta, graças a*

apenas uma parte do processo maior que é a expansão do capitalismo no espaço. Para Santos (2002, p.270), *as redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo*. É nesse quadro que pensamos a problemática do lugar, como decorrência de processos estruturais e em suas especificidades e particularidades¹⁵.

Para dar conta dessas questões, foram realizados diversos percursos pelos bairros de Ubatuba, na tentativa de estabelecer os recortes, necessários para aprofundar os métodos de investigação propostos e nos aproximarmos da realidade dessas paisagens. A escolha dos recortes deu-se a partir de vários contatos com os lugares, e foi sendo construída no decorrer da pesquisa. No projeto de pesquisa havíamos adotado o bairro do Promirim (com comunidades caiçaras e indígenas) e do Camburi (com comunidades caiçaras e quilombolas). A Vila de Picinguaba também se oferecia como um recorte interessante para o aprofundamento das questões a serem investigadas, além de ter alguns trabalhos relacionados à sua ocupação. Foi assim que, por meio dos contatos estabelecidos e do reconhecimento prévio dos lugares, adotou-se o Sertão do Poruba, na Costa Norte de Ubatuba, como área de estudo. Esse sertão é formado por comunidades tradicionais inseridas num contexto de conflitos com as transformações do lugar e apresenta algumas das características dos processos de produção dos sertões mais antigos. Posteriormente, para dar conta de outras questões e ensaiar questões de método em situações claramente distintas, adotou-se o Sertão do Sesmaria, na periferia da região central, por apresentar

ocorrência, na contigüidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa.

¹⁵ Segundo Santos (2002) em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade de lugares. [...] *Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos [...]. É através do evento que podemos rever a constituição atual de cada lugar e a evolução conjunta dos diversos lugares, um resultado da mudança paralela da sociedade e do espaço.* [...]

características dos processos mais recentes de produção dos espaços periféricos do município¹⁶. Esse sertão é formado por populações migrantes que vieram em busca de melhores condições de vida no litoral, sendo atualmente um dos bairros de maior índice de pobreza do município, conforme dados do SIAB (2007). Isso possibilitou também uma maior discussão da estrutura urbana de Ubatuba, da segregação sócio-espacial e das diversas territorialidades presentes no município.

Essa especificidade trouxe uma riqueza de significados que nos estimulou em nossa investigação, pois acreditamos que um estudo desses dois casos reflete, de forma mais rica, a produção das paisagens dos sertões litorâneos em Ubatuba, ajudando na compreensão da estrutura urbana atual. Assim, de um lado, temos um sertão recente com características e conflitos mais urbanos, de grande e rápido adensamento populacional, constituído por uma população quase que exclusivamente migrante com processos de favelização e periferização. De outro lado, um sertão antigo com características rurais, menos adensado, formado por uma população tradicional que atualmente está se descaracterizando frente às transformações em seu cotidiano espacial e pela influência de uma população migrante que atualmente se encontra enraizada no lugar. Isso nos permitiu estabelecer procedimentos de campo específicos e adequados a eles.

1.3 – Procedimentos de campo

Para um entendimento prévio da formação do Sertão da Sesmaria e dos modos de vida de seus moradores, fundamentamo-nos em Batista (2002) e Lopes (2002), os quais fizeram pesquisas empíricas

¹⁶ Além disso, eu já havia estabelecido um contato com esse bairro por conta das atividades realizadas junto ao GPDUHS no ano de 2004, e do contato com os pesquisadores do NIPPC – Núcleo de Pesquisas em Práticas e Práxis Contemporâneas – da UNITAU, que fez pesquisas empíricas no bairro, favorecendo a reaproximação com os moradores.

significativas na área da psicologia social sobre a pobreza nos bairros do município, utilizando o Sertão da Sesmaria como estudo de caso. Já Marcílio (2006) trouxe luz à compreensão dos modos de vida caiçaras em Ubatuba e nos ajudou no entendimento da produção do Sertão do Poruba, formado por descendentes de caiçaras.

A fim de explorar os diversos modos de vivenciar essas paisagens, foram utilizados métodos de investigação em campo, o que permitiu não só uma compreensão empírica dos processos sócio-culturais e paisagísticos, mas também das especificidades do lugar. Nos valem de depoimentos e de narrativas¹⁷ dos moradores, em seu cotidiano social, valorizando o lado humano e cultural (MACHADO, 1988) – o que, sem dúvida, vai ao encontro da nossa visão de paisagem como experiência.

Os principais procedimentos foram: as observações participantes, as entrevistas abertas, as conversas informais, o inventário fotográfico e os percursos pelos lugares, quase sempre acompanhados por moradores. Em nossa análise, as entrevistas e coleta de narrativas foram os procedimentos que mais permitiram aproximação da realidade do lugar e foram feitas com base em: Bosi (2003), Thompson (1992) e Meihy (2005). Aliás, é Bosi (2003) que nos chama a atenção para a importância da narrativa na reconstrução social do espaço; segundo ela:

A narrativa é uma forma artesanal de comunicação que não está confinada nos livros. O narrador tira o que narra da própria experiência em determinado ambiente. Cada um dos “lugares especiais” representa uma experiência vivida, e penetrar nesses lugares é conhecer as aventuras e afetivas de seus usuários (BOSI, 2003, p.88).

Segundo a autora, *a paisagem está fortemente ligada à origem e à raiz [...]*. (BOSI, 2003, p.442). As narrativas contribuem para a compreensão do lugar e sugerem novas questões e orientações para a pesquisa,

¹⁷ Os depoimentos e narrativas nos proporcionaram interpretar a memória dos moradores, suas expectativas, valores, explicações sobre seus modos de vida... permitindo-nos aproximar do *olhar de quem constrói* (BATISTA, 2002) a imagem da cidade e do bairro.

pois mesmo com suas particularidades, cada história é uma “peça do mosaico” para constituir uma memória coletiva que nos ajuda a compreender aspectos da realidade do lugar. Não objetivamos substituir os documentos pelos relatos orais nem fazer história oral e sim compreender, por meio das narrativas, *o que fica, o que significa* dessa trajetória (BOSI, 2003, p. 67).

Bosi (2003, p.442) defende que *não há percepção que não esteja impregnada de lembranças*. A memória permite a relação do corpo presente com o passado, que, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora constata que, colhendo narrativas de grupos determinados, podemos reconstruir certas paisagens. Para Machado (1998): *Mesmo os aspectos de nosso passado que não conseguimos relembrar também deixam suas marcas em nossos mapas mentais, de modo que as recordações podem, então, nublar aspectos de uma paisagem contemporânea*.

Nesse sentido, *reconstruímos* as paisagens dos sertões ao adentrarmos no espaço e percebermos o morador que neles habita, encontramos o espaço por ele construído. Os discursos e as informações das pessoas dizem *não apenas delas próprias, mas do lugar em que vivem* (BATISTA, 2002). O sujeito dá voz e vida ao espaço e ao território, assim como as formas e estruturas dos objetos no espaço e o ordenamento territorial comunicam as lógicas, a organização social e comunitária dos indivíduos. A memória e o cotidiano de cada um dos moradores compõem as histórias dos bairros, trazendo, a esses espaços, vivências e experiências particulares que se entrelaçam e repercutem numa nova organização, estruturação e dinâmica do local.

Minhas vivências nas paisagens dos sertões deram-se por meio de permanências prolongadas (sendo no máximo de 10 dias consecutivos) e visitas esporádicas de apenas um dia ou final de semana para registros fotográficos, percursos, etc. Por três vezes foi possível realizar permanências por dias consecutivos no sertão da

Sesmaria¹⁸, além das visitas esporádicas ao bairro. A primeira visita deu-se em outubro de 2006, às vésperas da alta temporada, quando fiz os primeiros contatos no lugar. Estabeleci contato com uma moradora que trabalha como agente de saúde na Secretaria de Saúde, e que, por conta de seu trabalho, possui as informações do lugar e conhece todos os moradores. A esse procedimento a história oral chama “rede de interlocutores” ou “teias de informantes” (MEIHY, 2005), isto é, um indivíduo da comunidade, que denominam de núcleo ou informante nuclear ou ponto zero, acaba por apresentar as pessoas mais próximas que lhe parecem interessadas e interessantes para a pesquisa. A partir desses informantes nucleares, novas pessoas são apresentadas ao pesquisador, formando uma rede intrincada de interlocutores. Segundo Meihy (2005, p. 178), *há casos em que o ponto zero se transforma na primeira entrevista, [...] além de ajudar na orientação das próximas entrevistas. A moradora possibilitou-me adentrar nesse sertão, ao me acompanhar nos primeiros percursos pelo bairro, nas primeiras casas que visitei e nas entrevistas realizadas. Ela foi a pessoa que fez a “ponte” entre a pesquisadora e a população. Supõe-se que um entrevistado indique outro, ou outros, e a rede deve servir para abordar o argumento do projeto segundo a sugestão da comunidade* (MEIHY, 2005, p. 178).

A segunda visita ocorreu em maio de 2007, numa permanência de oito dias consecutivos, quando pude presenciar não só a rotina das famílias, na baixa temporada, como também outros “ânimos” no espaço. Nessa época do ano, o emprego torna-se rarefeito, o que evidenciou outras preocupações, conflitos e necessidades no bairro. Essa segunda visita foi a que mais proporcionou-me vivenciar o cotidiano, pois pude conversar com os moradores e experienciar suas paisagens. Foram feitos percursos pelo bairro, sempre acompanhados pela

¹⁸ É importante salientar que eu já havia feito uma visita ao bairro em 2004 (antes de ingressar no mestrado), com pesquisadores do GPDUHS, a fim de coletar dados para a pesquisa desenvolvida na época pelo grupo. Os resultados da pesquisa constam em Malta (2004): “A questão da habitação social e o desenvolvimento sustentável no Litoral Norte Paulista” - FASE II - Relatório Semestral. Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Urbano e Habitação Social (GPDUHS). Universidade de Taubaté, 2004.

mesma pessoa. A partir daí e entre um e outro contato, alguns moradores foram sendo identificados, proporcionando novas experiências em seu cotidiano e familiaridade na comunidade. Assim, pude, numa terceira visita (outubro de 2007 – permanência de 5 dias), resgatar as histórias de vida de alguns moradores, numa vivência que possibilitou aproximar-me dessa realidade e dar uma nova visibilidade ao lugar. Foi justamente nessa visita que se definiram os principais “atores” desta pesquisa. Coletamos um total de 12 narrativas, das quais se destaca a narrativa da moradora mais velha do lugar (viúva do primeiro morador do sertão da Sesmaria), que serão analisadas no terceiro capítulo. Além das entrevistas, foram realizadas atividades com as crianças do bairro, com desenhos e atividades em grupo.

A última permanência foi realizada em janeiro desse ano (2008), simultaneamente à redação do texto final, pois sentimos necessidade de mais essa visita para compreender alguns aspectos que haviam ficado em aberto.

No sertão do Poruba, o relacionamento com o lugar e com os moradores começou em 2006. Por quatro vezes pude permanecer mais longamente no lugar. A primeira visita deu-se em janeiro de 2006, quando fiz o primeiro percurso a pé pelo sertão. O primeiro morador que estabeleci contato foi um adolescente, filho de migrantes, que me acompanhou pelas ruas do bairro. A partir daí, numa segunda visita, em outubro de 2006, fui aos poucos conhecendo todos os moradores, as redes que se estabelecem entre eles e as relações familiares preponderantes. Nesse sertão, o relacionamento com os moradores deu-se de forma mais prolongada e espontânea do que no Sertão da Sesmaria.

No Sertão do Poruba, a pessoa que fez o papel de “informante nuclear” foi uma moradora descendente de caiçaras, que trabalha na Sub-Prefeitura Regional Norte, com sede na entrada da Praia do Poruba. Os moradores, em sua maioria descendentes de uma família caiçara, acolheram-me em suas casas, narraram suas histórias e puderam, assim, contar a história do lugar. Também pudemos reconstituir, junto com outras pessoas

da família, a árvore genealógica dos primeiros ocupantes do lugar. Num final de semana de junho de 2007, participei de uma festa de confraternização dos moradores, que comemoravam 10 anos de existência da SAPU (Associação do bairro). Nesse evento, estiveram presentes o prefeito da cidade, o presidente do bairro, alguns vereadores e os moradores do sertão. Nessa ocasião, foi possível observar como se dão as relações políticas com a Prefeitura, além das relações sociais entre os moradores e visitantes.

Nas diversas vistas de um dia, fiz alguns percursos acompanhados por moradores e percorri trilhas pela mata, passando pelas cachoeiras, pela antiga casa de farinha, e pelas ruínas das primeiras casas de pau-a-pique que outrora constituíram as moradias dos caiçaras, índios e escravos. Foram coletadas narrativas de 10 moradores no Poruba, sendo parte das narrativas de moradores mais velhos da família tradicional caiçara que ocupou o sertão, algumas narrativas de moradores mais jovens, e também de moradores provenientes de Minas. As crianças também participaram dos encontros, fazendo parte do contexto da pesquisa, através de “exercícios de percepção ambiental”. Utilizamos materiais gráficos para seu entretenimento e expressão de seu cotidiano. Os desenhos (que constam no anexo desta pesquisa) evidenciaram a realidade que vivenciam e o ambiente que interpretam. Apesar de não serem trabalhados porque exigiriam outro referencial interpretativo, contribuíram para o entendimento de seu cotidiano no bairro e dos valores atribuídos à casa, à mata, à rua...

As entrevistas e narrativas¹⁹ se deram conforme método proposto por Thompson (1992), Meihy (2005) e Bosi (2003) e foram colhidas nas casas dos moradores, na sede do Projeto Namaskar da Sesmaria e na sede da Associação de Bairro do Poruba (SAPU). Os depoimentos foram gravados e transcritos sem alteração de frases

¹⁹ As falas dos moradores do Sertão do Sesmaria e do Sertão do Poruba utilizadas nos capítulos três e quatro dessa pesquisa são fragmentos de depoimentos recolhidos, utilizando-se a técnica de história de vida (ver Meihy, 2005). Os depoimentos foram transcritos tais quais foram falados e ouvidos, mantiveram-se eventuais erros gramaticais, pois esses se constituem marcas de fala dessas pessoas.

ou correções. As transcrições não foram revisadas pelos moradores, mas tiveram sua autorização para serem publicadas e compõem um dos anexos desta pesquisa.

No início das entrevistas, foi solicitado que eles contassem um pouco da história do lugar e de sua própria trajetória, de forma aberta. Não foram feitas interrupções durante os depoimentos, estes se deram de forma livre, e, apenas no final das narrativas, foram colocadas algumas observações para fechar as entrevistas. Nas etapas de trabalho de campo, foram feitas anotações em um caderno, com as informações adicionais e as impressões que eu tinha das diversas situações.

A história oral é instrumento magnífico para o historiador e deveria ser intensamente utilizada para produzir documentação das massas silenciosas, dos mais pobres e despossuídos de nossa sociedade, que, por outros meios e pela documentação produzida pela ordem social, jamais poderão contar suas verdadeiras histórias e se fazer conhecer (MARCÍLIO, 2006, p.23)

Desta forma, ao vivenciar suas paisagens, interpretar “seus olhares”, perceber os valores e o sentido de lugar, pude construir um novo olhar para estes sertões. O sentir o lugar é *uma mistura singular de vistas, sons e cheiros* [...] (Tuan, 1983, p.203), memórias (Bosi, 2003), sentimentos e valores e permite as avaliações e as identificações com o espaço, encontrando nele o lugar. Os espaços têm vida e adquirem valores e significados mediante o contexto em que se inserem, e na intersubjetividade evidenciam-se como imagens, como expressão, como comunicação (BATISTA, 2002).

As perspectivas se configuraram na medida em que se esclareceu a leitura do espaço. E do *olhar de quem pesquisa* apresenta-se o *olhar de quem constrói* (BATISTA, 2002) a cidade e o bairro. Os dados coletados sobre a área de estudo foram enriquecidos pelas histórias de vida e relatos da população. Como afirma Tuan (1983, p.221) [...] *a história tem profundidade e o tempo confere valor*. Assim, o morador, ao falar do bairro, fala de si, ao falar de si fala do bairro; ao dizer das relações sociais, diz do espaço e de sua

organização; a história do bairro conta a história das pessoas que nele constroem sua vida. Pôde-se então evidenciar aspectos das relações que os moradores estabelecem com o espaço em que vivem – habitam, como também de como eles enxergam a construção desse espaço e suas relações com o lugar.

Antes de adentrar nos sertões e vivenciar suas paisagens, foi preciso contextualizá-los no espaço urbano de Ubatuba, para se entender como eles estão inseridos na estrutura urbana do município. Desse modo, o capítulo que segue investiga o processo de produção das paisagens dos sertões, mostrando como se deu a formação e desenvolvimento dos espaços periféricos, sertões e favelas, a partir de uma reflexão sobre os processos de produção do espaço urbano. Para isso faz-se uma breve caracterização do município, evidenciando as condicionantes naturais de sua ocupação, as atividades econômicas e a estrutura urbana do município.

CAPÍTULO 2

A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO DOS SERTÕES DE UBATUBA



Figura 2.1 Imagem aérea de Ubatuba mostrando a costa recortada.

Fonte: Setur – Secretaria de Turismo de Ubatuba. 2006 (acessível em <http://www.ubatuba.sp.gov.br/setur/acidade/mapa.htm>)

2.1 - Condicionantes Naturais

Localizado na região do Litoral Norte Paulista, o município de Ubatuba situa-se entre a Encosta da Serra do Mar e a linha costeira, apresentando características geográficas e geomorfológicas típicas do Litoral Norte. Essa região, por sua formação geográfica, tem como característica principal a costa recortada, onde se alternam escarpas cristalinas e pequenas planícies sedimentares, de extensão limitada, devido à presença da Serra do Mar (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 2005, p.21).



Figura 2.2 Localização de Ubatuba e municípios limítrofes

Fonte: Setur – Secretaria de Turismo de Ubatuba. 2006 (acessível em <http://www.ubatuba.sp.gov.br/setur/acidade/mapa.htm>)

Trata-se de um trecho em que a Escarpa da Serra do Mar desempenhou papel importante na definição da linha costeira, com planícies formadas por praias de areias, separadas entre si por promontórios com a ocorrência de costeiras (CORRÊA DA SILVA, 1975, p. 17). Por sua topografia bastante acidentada e sua costa recortada, possui extensas linhas de costões rochosos¹ entremeados por praias pequenas, enseadas, baías, e ilhas costeiras, o que contribui para a diversidade e riqueza do patrimônio paisagístico (SÃO PAULO, 2005).

Possui características de relevo jovem, com rochas de granito, montanhas abruptas e pequenas elevações, além de pequenas baixadas no interior de algumas enseadas. O relevo apresenta-se mais movimentado na região norte e noroeste do município onde existem inúmeros picos com cotas acima de 1.200 metros de altitude², nas serras da Boa Vista e do Caboclo Iaçá (CAMARGO, 1994). Existem outros acidentes de menor altitude, mas que exercem papel marcante, como delimitador de bairros são: o Morro da Itamambuca, com 825 metros – uma das ramificações da Serra do Indaiá, conforme figura a seguir; o Morro do Félix, com 800 metros – separador as praias do Félix e Prumirim do bairro do Taquaral; o Morro do Lázaro – conhecido como Morro do Pinhão, com seus 500 metros – separador o bairro do Lázaro do bairro da Praia Dura, conforme Camargo (1994).

¹ O Litoral Norte apresenta a costa mais recortada do Estado, possuindo as maiores extensões de costões rochosos do Estado. São 94 costões com 147,35Km ao todo, 33,7% da extensão total. (LAMPARELLI, 1998).

² Pesquisadores do Grupo Setorial de História e Geografia da FUNDART determinaram o ponto mais alto do município de Ubatuba com o nome de Pico Alto Grande, situado a 23°13'14" Lat. S e 44°53'13" de Long. W com 1.678 metros de altitude na Serra do Parati, na divisa com o estado do Rio de Janeiro, conforme confirmado pelo Instituto Geográfico e Cartográfico da Secretaria do Planejamento do Estado de São Paulo Tal pico esteve sem nome até 1.992 e recebeu a denominação "Pico Alto Grande" de acordo com os critérios sugeridos pelo IBGE: usar um nome tradicional e para isso pesquisar com autoridades nas proximidades do local. Uma expedição foi feita e descobriu-se que é assim que ele é conhecido há muito tempo pelos moradores. Tal fato foi registrado e notificado na imprensa local pela Revista Iperoig nº 3 de Fevereiro de 1.993 pela FUNDART. (CAMARGO, 1994).



Figura 2.3 Morros delimitadores dos bairros – Morro da Itamambuca e Morro do Félix, com 800m. Fonte: Google Earth - imagem acessada em dezembro de 2007.

A Mata Atlântica³, densa e de encosta, caracteriza o domínio morfo-climático, ocupando quase que exclusivamente as escarpas voltadas para o mar, embora esteja parcialmente destruída pela ação antrópica principalmente no baixo vale dos rios e ribeirões (CORREA DA SILVA, 1975, p.62). A proximidade das encostas ao mar, condicionou um clima acentuadamente marítimo. A Serra atua como obstáculo à passagem

³ Essa mata é também conhecida como Floresta Costeira pois se estendia ao longo de toda a costa brasileira acompanhando a cadeia montanhosa existente desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul. (CAMARGO, 1994).

da Massa de Ar Tropical Atlântica, condensando grande parte da umidade (SÃO PAULO, 2005, p. 59), o que contribui para o clima úmido do município e para a grande quantidade de chuvas. O clima predominante é o tropical úmido, com precipitação elevada que varia entre 69,3mm no mês de agosto a 344,9mm no mês de março. A umidade relativa do ar é em torno de 80%. (FUNDART, 2007).

Os ecossistemas costeiros geralmente estão associados à Mata Atlântica, devido a sua proximidade. Nos solos arenosos dos cordões litorâneos e dunas, desenvolvem-se as restingas, que podem ocorrer desde a forma rastejante até a forma arbórea. O manguezal⁴ é um tipo singular de vegetação litorânea, resultante da mistura da água salgada do mar, com os sedimentos provenientes dos rios (LAMPARELLI, 1998). Dentre as formações florestais ou arbóreas, além da Mata Atlântica, há porções de Matas Ciliares e Matas Galerias em pequenas expressões. A Floresta Ombrófila Densa, ou Floresta Tropical Úmida de Encosta recobre os contrafortes das escarpas íngremes da Serra do Mar desde o limite com o Rio de Janeiro, pela Serra do Parati, até o limite com Caraguatatuba, ao Sul. Apresenta mais de 117 espécies arbóreas na região, sendo que 30% são consideradas espécies raras. (LAMPARELLI, 1998). A umidade constante permite o desenvolvimento de espécies de árvores exuberantes, que se distribuem em dois ou mais estratos (CAMARGO, 1994), sendo que o superior chega a atingir 30m de altura. Segundo Camargo (1994), abaixo dessa cobertura vegetal contínua e densa, encontram-se um ou mais estratos formados por árvores menores, adaptadas a quantidades menores de luz, arbustos, palmeiras pequenas e samambaias. Há também grande variedade de orquídeas, cipós e plantas herbáceas.

⁴ O manguezal é um ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e aquático, característicos de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime de marés. É constituído por espécies vegetais lenhosas típicas, adaptadas a flutuações de salinidade e a um sedimento predominantemente lodoso, com baixos teores de oxigênio. LAMPARELLI, (1998).

A rede hidrográfica de Ubatuba é abundante, extremamente densa, resultando de sua condição de área florestal e das declividades acentuadas, com altitudes de até 1.200 metros. Por sua localização e configuração longitudinal, os rios são de pequeno curso por nascerem nos primeiros contrafortes da Serra do Mar e desagüarem diretamente no Oceano, percorrendo poucos quilômetros de extensão⁵. Os manguezais são relativamente escassos e pequenos, concentrados na foz dos rios. Em Picinguaba, no norte do município, encontram-se áreas expressivas de manguezais (LAMPARELLI, 1998).

As formações vegetais são muito ricas, com um ecossistema onde terra e mar são responsáveis por uma grande diversidade paisagística. Ubatuba conserva uma das maiores parcelas contínuas de Mata Atlântica do Estado⁶, entre rios, praias, cachoeiras, restingas, mangues e florestas, o que lhe garante riquezas naturais e grande potencial turístico. Possui 80% de seu território inserido no Parque Estadual da Serra do Mar, em áreas naturais tombadas ou impróprias para construções de moradia. A população do município concentra-se nos 20% restantes do território, gerando pressão nas áreas de preservação⁷, conforme figura 2.3. O Parque Estadual da Serra do Mar, maior parque estadual paulista (315.390 hectares), foi criado com o

⁵ Segundo Camargo, (1994), alguns desses rios são torrenciais em suas nascentes, formando cachoeiras que ao atravessarem a planície alargam-se e tornam-se lentos e cheios de curvas (meandros). Como alguns exemplos podemos citar as cachoeiras do Ipiranguinha, do Prumirim e da Escada. Os rios de maior curso são: Rio escuro, Rio Grande, Rio Poruba e Rio Ubatumirim.

⁶ Ver mapa dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica. Fonte: INPE, 1998.

⁷ Dos 748,02 Km² do município de Ubatuba, aproximadamente 472,77Km² do território do município estão sob proteção, através de três unidades de conservação de uso indireto (Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Nacional da Serra da Bocaina e Parque Estadual da Ilha Anchieta) e do tombamento da Serra do Mar e das ilhas litorâneas pelo CONDEPHAAT. A Estação Ecológica Marinha de Tupinambás (Decreto Federal nº 94656 de 20/07/77), também uma unidade de conservação federal, foi criada em 1987, abrigando ilhas, ilhotas e lajes oceânicas em Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela.

objetivo de proteger os remanescentes florestais da Mata Atlântica⁸, através do Decreto Estadual nº 10.251, de 30/08/1977. O Parque foi ampliado em 1979, quando foi incluída a região de Picinguaba, no município de Ubatuba. Abrange em seus limites a escarpa atlântica e algumas baixadas do litoral paulista, estendendo-se por 13 municípios, desde Itariri, no Litoral Sul, até Ubatuba, na divisa com o Estado do Rio de Janeiro. Protege a Serra do Mar a partir da cota altimétrica de 20 m do Litoral Sul e até o Município de São Sebastião, de onde segue em sua maior parte pela cota 100, contando com uma área total de 309938 ha. Sua superfície é coberta pela Mata Atlântica, sendo um dos últimos bancos genéticos da flora e fauna do Estado. Em Ubatuba é representado pelo Núcleo Picinguaba, administrado pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. O Núcleo Picinguaba é atravessado pela rodovia Rio-Santos (BR-101) num trecho que se estende do km 0 (na divisa com o Rio de Janeiro) ao km 13 (na Praia da Almada)⁹.

⁸ A Mata Atlântica estende-se ao longo do litoral do Brasil, compreendendo diversos tipos de matas, restingas, manguezais e uma riqueza de espécies animais e vegetais. Composta, entre outros, por florestas de encosta, de altitude e de planície, ilhas costeiras e oceânicas e ecossistemas associados, é considerada uma das florestas mais ricas do planeta, porém é o segundo bioma mais ameaçado do planeta: das 202 espécies animais sob o risco de extinção no Brasil, 171 vivem na Mata Atlântica. Os ecossistemas presentes na Mata Atlântica são: Floresta de Altitude, Floresta de Encosta, Floresta de Planície, Restinga, Praias e Dunas, Costões Rochosos, Manguezal e Mar; cada qual com suas características e espécies, sendo os quatro últimos caracterizados como Ecossistemas Litorâneos. Os variados ecossistemas mantêm estreitos relacionamentos uns com os outros, de maneira que interferências na mata causarão distúrbios nas restingas e na praia, e modificações na área litorânea trarão conseqüências ao equilíbrio dos outros ecossistemas. A Mata Atlântica inclui habitantes das grandes metrópoles e comunidades indígenas, caiçaras, ribeirinhas e quilombolas. Protege populações de mamíferos como a anta, a onça-pintada, a suçuarana, a preguiça e o tamanduá-mirim. São 350 espécies registradas de aves, muitas ameaçadas de extinção, como o sabiá-cica, o cuiú-cuiú, o maria-leque e o beija-flor-estrelinha-ametista. (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1998). O Estado de São Paulo detém a maior área remanescente de Mata Atlântica e ecossistemas associados do país, representando aproximadamente 7% de sua cobertura vegetal original, e uma parte significativa encontra-se no Litoral Norte. A Serra do Mar estende-se do Espírito Santo a Santa Catarina, com desníveis de 800m a 1000m. É nessas escarpas íngremes que se situam os remanescentes mais preservados da Mata Atlântica, protegidos pela topografia acentuada que inviabilizou sua exploração.

⁹ Aí ocorre o único trecho onde o Parque atinge a orla marítima, na cota 0 das Praias do Camburi, Picinguaba e Brava da Almada.

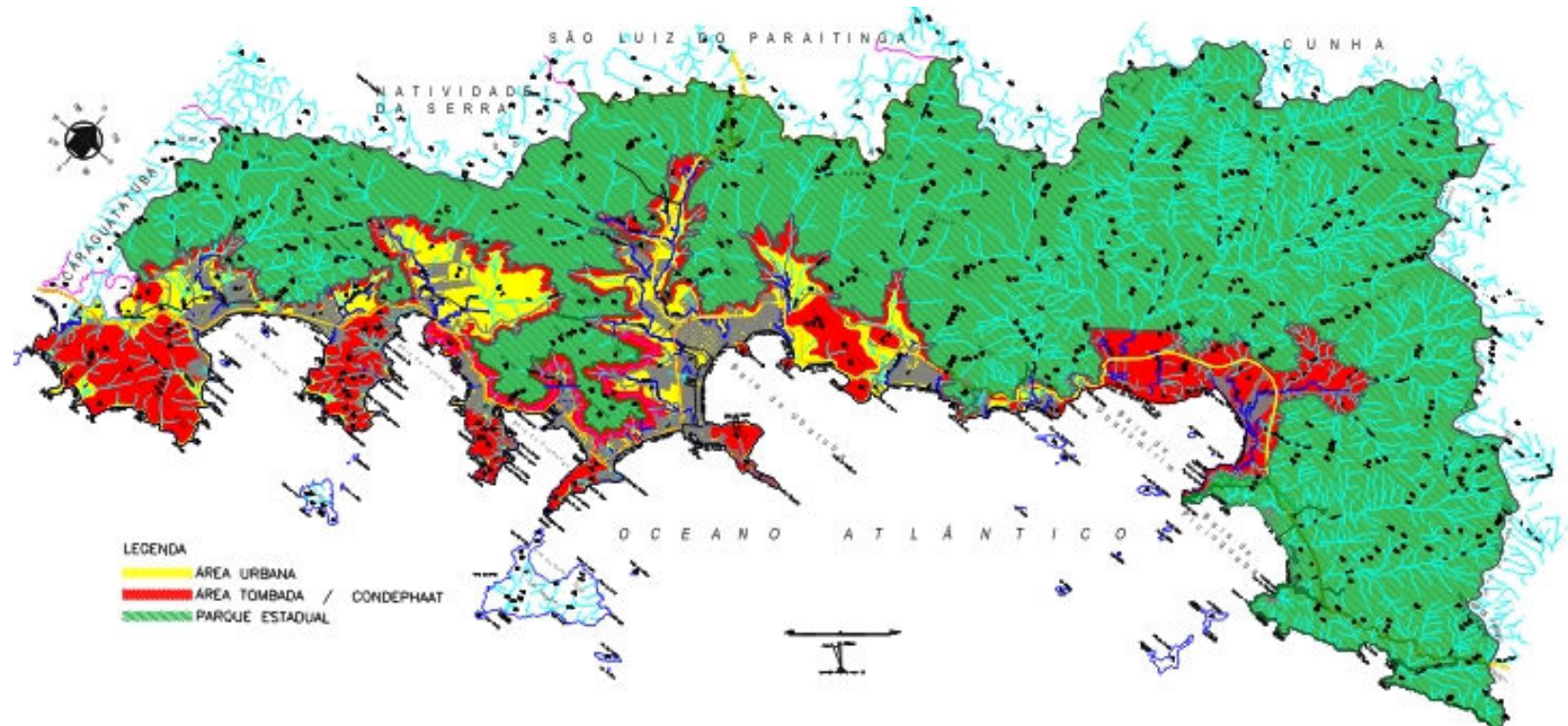


Figura 2.4 Município de Ubatuba: áreas urbanizadas e as áreas de preservação ambiental. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba. 2006

O litoral de Ubatuba é bastante recortado, formando pequenas baías delimitadas por esporões de serra que mergulham no mar com planícies costeiras pouco desenvolvidas (ver figura 2.1). As áreas de escarpa são predominantemente de grande movimentação e declives íngremes acima de 40%, fato que limita a ação antrópica aos baixos e médios níveis topográficos de até 200m (CORRÊA DA SILVA, 1975, p. 63). Essas características de relevo determinam uma ocupação urbana de estrutura linear, ao longo da costa litorânea. A existência de algumas extensões planas entre a Serra do Mar e a Orla Marítima permite pequenas faixas de

urbanização nessas áreas de planícies costeiras¹⁰, que se apresentam de forma descontínua devido às barreiras naturais causadas pelo relevo (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 2005).

Nessa configuração geográfica, o domínio da Serra do Mar foi o fator que contribuiu para o isolamento físico do litoral, e atualmente condiciona a ocupação humana. Sua costa recortada criou vantagens locais por suas belezas naturais e valorizações paisagísticas. Tais condicionantes desempenharam enorme atração de pessoas, gerando expansão urbana principalmente por segundas residências.

Nesse sentido, a lógica da configuração espacial mais recente compreendida em Ubatuba foi a **ocupação da orla marítima** e seus arredores, por loteamentos turísticos voltados para residências secundárias. Privilegiaram-se localizações próximas às praias, com vistas exuberantes e fácil acesso. Essas condições levaram a um processo de especulação das terras próximas à orla, o que, por conseguinte, gerou uma pressão nas áreas de preservação, com degradação ambiental de áreas não propícias para urbanização. Além disso, a valorização imobiliária contribuiu para a segregação sócio-espacial do município. Portanto, a própria condição do sítio de Ubatuba (suas condicionantes geográficas), somadas à lógica de ocupação pautada pelo capital imobiliário, influenciou na base territorial e condicionou a atual configuração sócio-espacial. As atividades econômicas relacionadas ao turismo e à urbanização foram orientadas em direção ao aproveitamento das praias e dos recursos do mar, que, somadas às atividades pesqueiras e agrícolas constituíram as formas atuais de organização do espaço.

¹⁰ A distância média entre a Escarpa e a linha da costa é de apenas 8 a 9 Km. Além disso, a topografia é bastante acidentada na face marítima, embora o nível altimétrico da Escarpa tenha sido relativamente preservado, alternando-se em torno de 800-1000 metros. Transposta a Escarpa, através dos vales profundamente encaixados existentes, a movimentação do relevo diminui, facilitando a circulação. (CORRÊA DA SILVA, 1975, p. 17).



Figura 2.5 – Ocupação da orla marítima e arredores – Praia do Itaguá. Fonte: PMU, 2007.

Segundo Corrêa da Silva (1975, p.74), trata-se de uma região ocupada secularmente e que guarda ainda vestígios do passado colonial, os quais estão atualmente em vias de desaparecimento em função do processo da rápida urbanização que se deu, a partir da década de 60. Até os anos 60, Ubatuba era uma área de difícil acesso, conhecendo, muito lentamente, uma ocupação rarefeita ao longo das praias, dos eixos de comunicação e dos antigos caminhos caiçaras, com exceção da parte central onde se situa a sede municipal. Era uma ocupação desordenada, com baixa densidade demográfica. Paulatinamente, foi se expandindo em direção aos sertões e ao longo da Rodovia Rio-Santos. Vejamos como isso de deu.

2.2 Antecedentes Regionais e O Processo de Ocupação a partir da década de 60¹¹

A partir da segunda metade do século XX, o Litoral Norte ganhou a condição de uma microrregião polarizada pela região industrial de São Paulo, favorecida pela abertura da rodovia federal BR-101, ligando Rio de Janeiro a Santos pelo Litoral, pelos fluxos decorrentes do Porto de São Sebastião e pelas ações públicas federais decorrentes do primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento. Esse Plano previa a ocupação da orla marítima entre Rio de Janeiro e Santos para o lazer das populações metropolitanas (MALTA, 1993, p. 46). Os eixos de acesso e transporte, principalmente as rodovias que transpassaram a Serra do Mar, ligando o Litoral ao Planalto, impulsionaram a economia do Litoral Norte. Tal processo se deu, pois o desenvolvimento turístico e portuário dependia do afluxo populacional e de produtos das regiões polarizadas como São Paulo, Vale do Paraíba e também do Sul do Estado de Minas Gerais. Portanto, o crescimento de São Paulo e Rio de Janeiro acabou por tornar esse “eixo” Rio-São Paulo um recurso para a expansão e exploração. O litoral norte paulista respondeu à necessidade de crescimento das atividades econômicas ligadas ao setor terciário e à demanda de lazer das populações urbanas (LUCHIARI, 1992)

Vale lembrar que, nesse mesmo período, o Vale do Paraíba era visto como a região de grande crescimento industrial do Estado, o que promoveu a expansão e urbanização acelerada desse eixo, obedecendo a objetivos de descentralização dos recursos e investimentos governamentais, com vistas à criação de um “eixo de desenvolvimento” alternativo para a localização industrial da Grande São Paulo.

¹¹ Salientamos a grande importância do entendimento da história de ocupação da fase anterior à década de 60, da história da colonização, a evolução dos ciclos econômicos e sua influência no estabelecimento de relações sociais. No entanto, a reconstituição desses processos constitui um outro trabalho. Aqui não se deseja relatar a história passada em Ubatuba e sim fazer uso dela para entender a história atual do município e a produção dos espaços periféricos. Para nós interessa reconhecer o que permaneceu dessa estrutura que influenciou as atuais formas de ocupação.

Esses processos geraram a necessidade de promover o desenvolvimento econômico e social da zona litorânea de forma integrada com o Estado, demandando a necessidade de disciplinar a ocupação urbana e rural do litoral¹².

O rompimento das situações de isolamento e marginalização do Litoral Norte começou a ocorrer em 1936, quando se iniciou a construção do Porto de São Sebastião. Em 1937, foi inaugurada a rodovia SP-125, ligando Ubatuba a Taubaté. A ligação entre Caraguatatuba e São Sebastião foi aberta em 1938, e em 1939, foi aberta ao tráfego, em condições precárias, a rodovia Caraguatatuba - São José dos Campos (atual Rodovia dos Tamoios). A rodovia SP-55 que faz a ligação de Caraguatatuba com Ubatuba ocorreu na década de 50 quando se iniciou o fluxo turístico¹³.

¹² Para isso, o Governo do Estado de São Paulo, criou em 1969, a SUDELPA (Superintendência de Desenvolvimento do litoral Paulista) com a incumbência de elaborar e implementar o Plano de Desenvolvimento regional; e o CODIVAP (Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba), com vistas à integração entre o Estado e os municípios. No entanto, a SUDELPA não cumpriu seu papel de impedir a ação fragmentada, dispersiva e sobreposta de Secretarias e órgãos do governo, e, após 10 anos de sua criação, não havia terminado o planejamento de desenvolvimento da região, o que acarretou em sua extinção em 1987. (MALTA, 1993, p. 49). Esse quadro de desequilíbrio econômico-social existente no Estado, segundo Malta (1993) acarretou, entre as décadas de 1970 e 1980 a idealização de “políticas de desenvolvimento” para a região, de forma a orientar a ação do poder público e promover uma mudança no quadro existente. Em 1978, a Secretaria de Planejamento do Estado, com apoio do Codivap, elaborou o “Plano Regional de Macro-Eixo Paulista” e o “Plano Regional do Litoral”. Para o Macro-Eixo Paulista, foi ponto básico a referência contida no plano nacional, no estabelecimento de prioridades quanto ao “*disciplinamento da ocupação urbana e rural, particularmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo, ao disciplinamento planejado do processo de urbanização da orla marítima, visando ao desenvolvimento das atividades ligadas ao turismo e ao lazer, à preservação das belezas naturais e das cidades históricas*”. (Governo do Estado de São Paulo, Plano Macro-eixo, São Paulo, 1978, p. 11). Para um melhor entendimento dessas questões ver Malta (1993).

¹³ Esta rodovia passou a fazer parte da BR – 6, posteriormente intitulada de BR 101 – a estrada federal litorânea (atual Rodovia Rio-Santos).

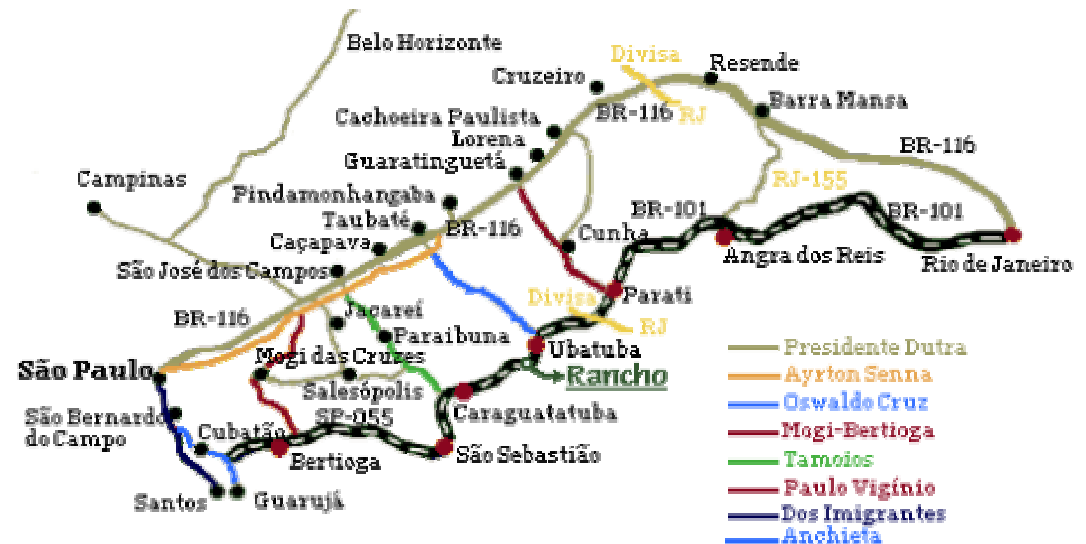


Figura 2.6 Mapa de acesso rodoviário. Fonte: Setur – Secretaria de Turismo de Ubatuba. 2006 (acessível em <http://www.ubatuba.sp.gov.br/setur/acidade/mapa.htm>)

O desenvolvimento dos eixos de circulação conectou as cidades litorâneas com as cidades do Planalto. As rodovias passaram a substituir os antigos caminhos e reativaram a economia, impulsionada pela atividade turística e pela valorização imobiliária decorrente dessa atividade. A partir de 1960, com o primeiro asfaltamento da rodovia estadual SP-55 e completadas as ligações entre São Sebastião e Ubatuba, iniciou-se a fase de maior desenvolvimento da região.

A instalação da Petrobrás em São Sebastião também aconteceu na década de 60, fato que acarretou no aumento do movimento portuário e do relacionamento, tanto com a Baixada Santista, como com o Planalto. Os portos fazem parte dos espaços geoeconômicos de circulação, relacionando espaços produtivos e espaços de consumo, gerando pressão por modernização. Sendo importantes elementos de organização do

espaço têm a capacidade de atrair outras atividades e estabelecer relacionamentos intra e inter-regionais. Com isso o Porto de São Sebastião passou a ter um aumento significativo em seu movimento comercial, passando a ser, em 1970, o **4º Porto mais movimentado do País**, perdendo apenas para Santos, Rio de Janeiro e Vitória, conforme Corrêa da Silva (1975, p.59). O Porto trouxe uma diversificação dos fluxos para o Litoral Norte com conseqüências para o turismo¹⁴. O Litoral Norte passou a ser uma nova opção de lazer em oposição à Baixada Santista, intensificando o fluxo turístico¹⁵. A ligação com o litoral fluminense foi iniciada em 1974. Essa estrada federal aproveitou trechos do leito da rodovia estadual SP-55, já existente, e, em 1975, foi concluído todo o trecho entre Ubatuba e Rio de Janeiro, que, somado à SP 55 deu origem a atual BR 101 – Rodovia Rio- Santos¹⁶.

O processo de urbanização resultou da sobreposição desses processos recentes (desenvolvimento da infra-estrutura viária de acesso e das moradias de segunda residência) às estruturas antigas dos setores produtivos tradicionais (a pesca e a agricultura). A partir de então, o município de Ubatuba começou a enxergar no turismo¹⁷ uma nova alternativa para o fortalecimento e o aquecimento econômico, que até então

¹⁴ Para um melhor entendimento dessas questões ver Paiva (2007).

¹⁵ Isso se deu também por conta da “banalização” do turismo e do lazer na Baixada Santista, visto como “lugar das massas” da Grande São Paulo. Conforme Cardoso (1999, p.19), a região tornou-se uma alternativa para a construção de residências turísticas, com custos bem inferiores se comparados a outros centros de veraneio mais sofisticados (já bastante inflacionados). Ou ainda como opção de usufruto de ambientes mais calmos, naturais e rústicos, distantes, portanto, de agitações, turbulências e congestionamentos (que já se fazia notar nessa época na Baixada Santista).

¹⁶ Existe sobreposição das rodovias SP 55 (estadual) e BR 101 (federal) no trecho entre Ubatuba e São Sebastião.

¹⁷ No Litoral Norte do Estado de São Paulo a mais antiga atividade que se poderia denominar de turismo remonta ao final da década de 40, quando o Litoral era freqüentado pelos “habitueés”. Contudo, o turismo intensivo, de segunda residência se definiu primeiro como residencial a partir da década de 50. O turismo itinerante, inclusive o de acampamentos, remonta a 1960. (CORRÊA DA SILVA, 1975, p.180)

era basicamente de subsistência. A realidade simples do povo caiçara vinculada às escassas vias de acesso que por muito tempo limitaram a ocupação passou a ser alterada.

Ubatuba sofreu um boom de crescimento a partir de fins dos anos 60 e início da década de 70. As paisagens naturais, o grande número e a beleza das praias, o clima quente, a existência de matas e a facilidade de acesso com as aberturas das estradas, tornaram-se atrativos para os turistas que passaram a freqüentar mais a cidade, principalmente nos meses da temporada de verão, e entre os meses de dezembro e fevereiro. No dia 31 de janeiro de 1973, Ubatuba foi designada pelo Conselho Nacional do Turismo, por Decreto Federal, como “Zona Prioritária de Interesse Turístico”¹⁸.

A explosão da atividade turística no município causou uma série de transformações sócio-espaciais, decorrentes do aumento da população residente e da procura por residências secundárias, que inicialmente se verificou nas áreas contíguas às praias mais conhecidas como as do Lázaro, Enseada, do Perequê-Açu e do Perequê-Mirim. A partir do início da década de 70, verificou-se um intenso processo de especulação imobiliária, determinando a expansão da parte rica da cidade em direção à orla marítima. A parte sul do município, desde a divisa com Caraguatatuba até a área central, foi ocupada quase que totalmente por loteamentos de segundas residências, entremeados por pequenos núcleos de população fixa, comércio e serviços. O advento do turismo trouxe consigo problemas relacionados ao uso inadequado do solo, decorrentes desses primeiros parcelamentos destinados à população flutuante¹⁹. O aumento da demanda por

¹⁸ Segundo estimativa do DEER, Ubatuba apresentou freqüência de 25.000 turistas na alta temporada em 1973. (dados da Folha de São Paulo, in CORRÊA DA SILVA, 1975, p.182).

¹⁹ Demos maior profundidade a esses assentamentos no memorial de qualificação (VIEIRA, 2007). Para um aprofundamento das questões relacionadas à urbanização das praias e formas de ocupação dos centros e da orla marítima, dos tipos de assentamentos humanos e desenho dos núcleos urbanizados ver os trabalhos de Cardoso (1999), Luchiari (1999) e Macedo (1999).

áreas privilegiadas por sua localização perto da orla, por serviços e infra-estrutura, favoreceu a especulação com a terra, que sofreu uma intensa valorização, fazendo surgir, ao longo da costa, os chamados “**bairros-praia**”²⁰. Esses loteamentos foram, na sua maioria, implantados sem qualquer organização e, em muitas vezes, clandestinamente, o que acabou criando sérios problemas ao município, despreparado para o “rush” turístico.

O sucessivo parcelamento do solo não levou em consideração as condições fisiográficas e sociais da cidade, pois não havia uma legislação municipal que regulamentasse o uso e a ocupação do solo. Como exemplos desse processo, podemos citar os “*bairros-praia*” da Fortaleza, Lázaro, Enseada e Itamambuca, onde os caiçaras, segundo o interesse dos empreendedores da demanda turística, retalharam suas terras, através da cessão de áreas, sem qualquer planejamento que previsse infra-estrutura básica e uso adequado do solo.

As alterações no ambiente sócio cultural e paisagístico pelas quais o município passou produziram impactos sócio-ambientais e alteraram o modo de vida local, provocando conflitos entre as populações locais e migrantes, na disputa pelo espaço. O turismo então diversificou as atividades econômicas voltadas ao seu desenvolvimento, porém sem diretrizes que ordenassem as mesmas no contexto de desenvolvimento global da cidade. O fluxo turístico transformou a paisagem em um recurso eminentemente turístico.

²⁰ O termo “bairro-praia”, se aplica nos meios acadêmicos, mas, ao contrário dos sertões, não é incorporado pela população.



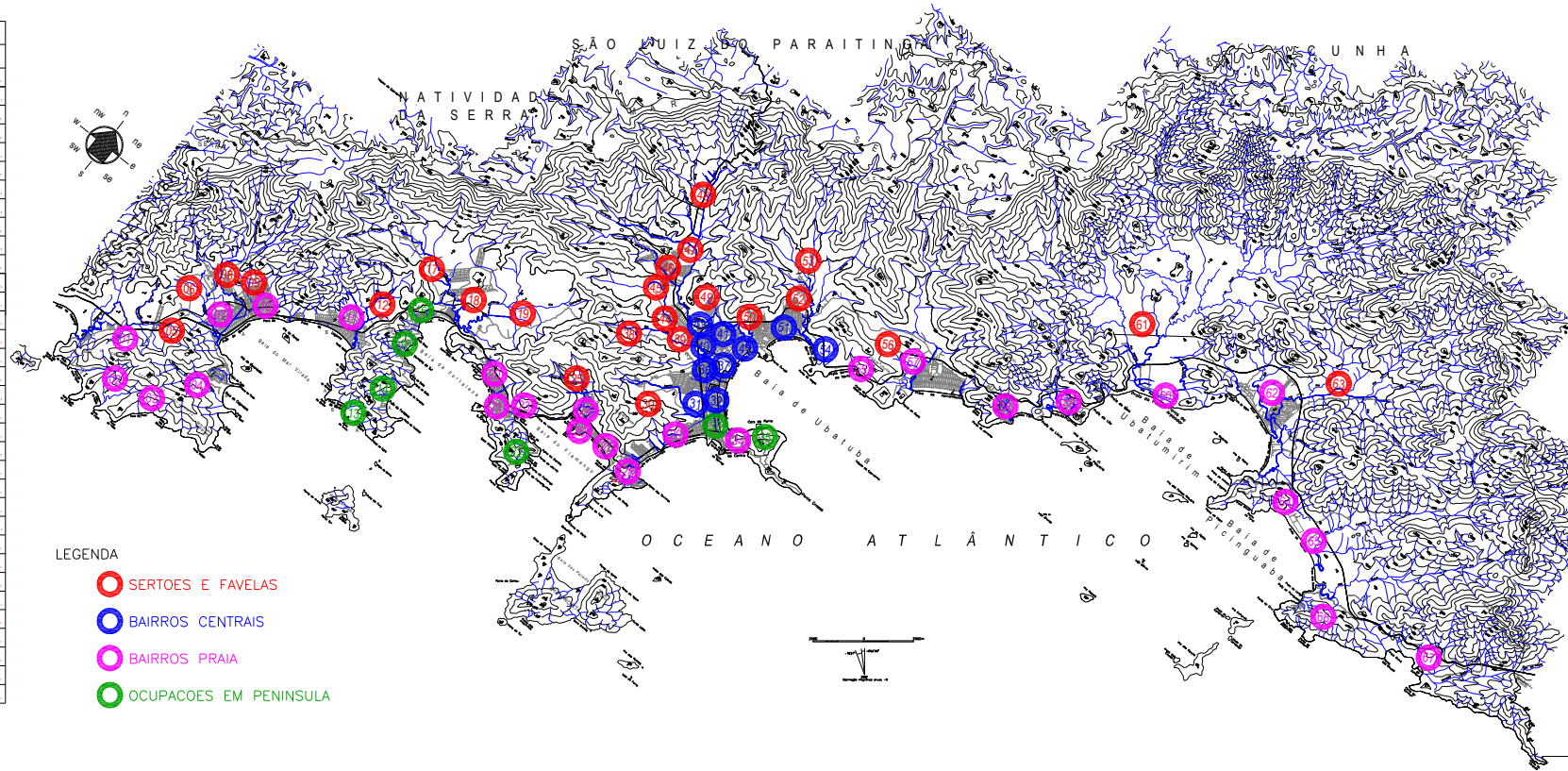
Figuras 2.7 e 2.8 – Bairros-praia das Toninhas e da Maranduba. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006.



Fotos 2.9 – Bairro-praia de Itamambuca. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006.

A estrutura urbana do município pode ser caracterizada a partir dos processos descritos, através das diferentes valorizações das localizações (valor do solo, valor cênico, proximidade com a praia) e infraestrutura de serviços, circulação, acesso, equipamentos públicos, rede de comércio, etc. Genericamente, podemos representar essas estruturas através de algumas tipologias para nos ajudar a entender a configuração espacial e a inserção dos sertões nessa estrutura. Uma observação atenta, no entanto, mostrará a **permeabilidade** dessas tipologias e a **heterogeneidade** de suas paisagens. **Portanto essas classificações devem ser entendidas apenas como instrumento ou suporte de investigação**, demandando esforços subseqüentes para identificar as diversidades de paisagem e para entender o processo de produção desse espaço.

QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DOS BAIRROS			
	NOME DO BAIRRO	ÁREA M²	
01	UBATUBA	1.140.389	
02	PRAIA DA PONTA AGUDA	6.045.409	
03	PRAIA DO PEDE	5.277.195	
04	PRAIA DA CAÇADORÇA	1.549.908	
05	RIO DA PRATA	6.208.301	
06	SERTÃO DO ARARIBÁ	2.169.513	
07	MARANDUBÁ	2.922.639	
08	SERTÃO DA GUINA	3.730.801	
09	AGUAS DO INGÁ	1.288.671	
10	PRAIA DO SAPE	1.839.237	
11	LAGONHA	5.180.944	
12	ENGENHO VELHO	3.528.623	
13	DOMETE	2.106.966	
14	FORTALEZA	3.290.229	
15	PRAIA VERMELHA DO SUL	1.577.373	
16	PRAIA SECA	175.878	
17	CORCOVADO	4.177.590	
18	FOLHA SECA	6.850.480	
19	RIO ESCURO	0.340.638	
20	PONTEGROSSO	1.870.988	
21	LADARO	1.502.210	
22	FLAMENGO	2.547.125	
23	SACO DA RIBEIRA	1.304.747	
24	PEREQUEAMIRIM	1.637.770	
25	SERTÃO DO PEREQUEAMIRIM	2.505.705	
26	SANTA RITA	343.170	
27	ENSEADA	2.232.324	
28	JOSEPHO	1.345.930	
29	PRAIA GRAVE	2.523.962	
30	SESMARIA	4.038.157	
31	ESTUFA II	1.644.690	
32	ITAGUÁ	1.119.887	
33	ACARÁ	488.839	
34	TRÊS RIOS / PRAIA VERMELHA	1.123.233	
35	PONTA GROSSA	2.219.581	
36	ESTUFA	416.234	
37	BARRA DA LAGOA	1.136.936	
38	MONTE VALERIO	6.738.768	
39	MATO DENTRO	3.302.437	
40	SLOP	283.112	
41	UMUARAMA	738.508	
42	CENTRO	1.257.636	
43	SUMARÉ	132.211	
44	BELA VISTA	144.136	
45	NARAFUNDA	3.698.636	
46	PIRANGULINHA	2.561.711	
47	HORTO	3.346.678	
48	FIGUEIRA	4.164.303	
49	RIBISSACA	1.649.148	
50	PEDREIRA	1.181.576	
51	PEREQUE-AÇU	2.531.588	
52	SUMIDOURD	1.029.987	
53	TACUARA	4.428.158	
54	BARRA SECA	1.788.835	
55	PRAIA VERMELHA DO NORTE	1.545.639	
56	CASANGA	1.145.726	
57	PRAIA DO TANAMBUCA	6.010.148	
58	PRAIA DO FELIX	1.639.714	
59	PROVINCIA	1.963.872	
60	PRAIA DO FURUBA	4.022.846	
61	SERTÃO DO FURUBA	3.771.370	
62	UBATUMIRIM	1.268.572	
63	SERTÃO DO UBATUMIRIM	0.696.789	
64	AIMADA	2.850.146	
65	PRAIA DA FAZENDA	3.252.509	
66	TRINGUARA	4.779.233	
67	CAMBURI	0.679.697	



LEGENDA

- SERTÕES E FAVELAS
- BAIRROS CENTRAIS
- BAIRROS PRAIA
- OCUPACOES EM PENINSULA

Figura 2.10 O município de Ubatuba: espacialização urbana atual. Fonte: organizado pela autora a partir de base cartográfica da Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006.

A área central, caracterizada como centro urbano²¹, além de ser uma área de grande densidade populacional (apresenta ocupação contínua por população fixa), concentra as atividades sociais, comerciais e de serviços, predominando os voltados ao turismo e à construção civil. A sucessão de praias é o fator predominante na orientação da urbanização “*formal*”, sendo as praias em sua maioria ocupadas por segundas residências voltadas para o turismo, por terem uma maior valorização imobiliária em relação ao interior e bairros centrais. A praia do Itaguá, área de grande valor imobiliário, foi uma das primeiras áreas a ser ocupada por loteamentos residenciais voltados para o turismo. A estrada organizou nesse trecho uma atividade de serviços e comércio, junto da praia e dos caminhos para a Praia do Tenório, esta também apresentando loteamento residencial já desde a década de 70.



Figuras 2.11 e 2.12 – Ocupação no centro. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2007.

²¹ A urbanização da sede municipal, que abrange o Itaguá, o Mato Dentro, o Perequê-Açu e o Centro da cidade, foi grande nos últimos 30 anos. O núcleo urbano delimitou-se pelo perímetro formado pela Avenida Iperoig, pelas ruas Thomaz Galhardo, Hans Staden, Esteves da Silva, Coronel Domiciano, Baltazar Forte e novamente Avenida Iperoig. Segundo Corrêa da Silva (1975, p.71), corresponde ao que era a cidade antes de 1940.



Figura 2.13 – Ocupação no Perquê açú. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006



Figura 2.14 – Praia Grande. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2006

A Nordeste, a urbanização mais densa se limitou ao Perequê-Açu, ganhando aos poucos a fisionomia de um balneário. A praia do Perequê – Açu foi uma das primeiras praias a ser explorada pelos turistas, principalmente os taubateanos, nas décadas de 60 e 70, fator que explica a grande ocorrência de casas de segunda residência neste bairro por moradores de Taubaté.

Na parte Sul, a Praia Grande, próxima ao Centro, apresenta ocupação contínua por população flutuante, onde se encontram, além de residências uni familiares, vários edifícios de quatro pavimentos distribuídos por toda a área de planície, sendo uma área de enorme especulação imobiliária. Esta praia é uma das mais movimentadas e procuradas pelo turismo, contendo uma grande quantidade de quiosques à beira-mar. Nas altas temporadas, o grande fluxo de turistas causa longos congestionamentos na BR-101, que passa paralelamente à praia.



A região das praias das Toninhas, Enseada, Saco da Ribeira e Lázaro apresenta ocupação contínua por população flutuante, já há algum tempo consolidada e totalmente ocupada por loteamentos de alto padrão junto à orla marítima, apresentando grandes lotes com residências de um ou dois pavimentos entremeadas por vegetação. A ocupação dessa região está se expandindo para os sertões, os quais apresentam hoje ocupação rarefeita, e os terrenos às margens da rodovia estão sendo ocupados em sua maioria por estabelecimentos comerciais e de serviços, com nucleação na Praia do Lázaro (SÃO PAULO, 1996, p.118).

Figura 2.15 – Ocupação na Praia do Lázaro. Fonte: Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2007.

Essas formas de ocupação das áreas valorizadas bem como da orla não são o foco desta pesquisa, por isso não vamos nos aprofundar nessas questões, conforme mencionado em nota anterior. O que é objeto desta pesquisa são os **sertões**. Constata-se em Ubatuba um número significativo de sertões onde habita a maior parte da população fixa da cidade e favelas em início de ocupação. São os casos do Sertão da Sesmaria, Sertão da Bela Vista e Sertão do Perequê Mirim, Marafunda, Ipiranguinha, Sertão da Quina,

Sertão do Rio Escuro e Taquaral, entre outros. Essas condições se evidenciam pelos indicadores sócio-populacionais de **alguns** sertões e favelas do município:

Tabela 2. 1. Indicadores sócio-populacionais dos principais sertões e favelas de Ubatuba

Favelas e sertões	Início Provável da Ocupação	N.º de Famílias	N.º de Habitantes
Favela Rio Grande do Sul (1)	1975	48 (ano 2000)	231 (ano 2000)
Favela Anchieta (1)	1976	144 (ano 2000)	720 (ano 2000)
Favela Núcleo Botafogo (1)	1981	104 (ano 2000)	518 (ano 2000)
Favela Vale do Sol (1)	1992	51 (ano 2000)	256 (ano 2000)
Sertão da Bela Vista (2)	desconhecido	166 (ano 2007)	684 (ano 2007)
Sertão do Ipiranguinha (2)	desconhecido	191 (ano 2007)	697 (ano 2007)
Sertão do Sesmaria (2)	Década de 80	445 (ano 2007)	1798 (ano 2007)

Fontes: (1) – Lopes, 2002; (2) – Secretaria Municipal de Saúde de Ubatuba, 2007

É importante esclarecer um aspecto. São diversos os sertões de Ubatuba, cada qual com suas especificidades e particularidades. A diferença mais evidente entre eles, é que alguns são antigos, com características rurais, formados por caiçaras, e outros (a maioria) são recentes, formados por migrantes. Obviamente isso não é regra, mas na maioria, os sertões se encaixam num ou noutro perfil. No entanto as relações sociais nos diversos espaços, as paisagens, as apropriações, as culturas são diversas, heterogêneas, as ocupações são mistas, variadas, únicas. A história de formação de cada um também é bastante variada, ora proveniente de antigas fazendas ou engenhos, dos antigos bairros rurais do século XVIII, ora originado

por uma estrada, recentemente²². Alguns faziam parte das vilas caiçaras, e com a inserção da estrada acabaram separando-se das mesmas.

O que importa é salientar que, de uma forma ou de outra, uns mais outros menos, os sertões são paisagens excluídas da cidade. O espaço urbano de Ubatuba encontra-se assim, **fragmentado**, concentrando atividades e pessoas incluídas /excluídas nessa ordem social e econômica. O resultado da desigualdade social se apresenta no espaço urbano, representado pela segregação espacial e pelas condições precárias das periferias. Ao lado dos condomínios para segunda residência, multiplicam-se as ocupações irregulares e as favelas. Mas como isso de deu? Quais os processos que levaram a essa situação de segregação sócio espacial em Ubatuba? Vejamos.

2.3 A Segregação Sócio Espacial²³ e a formação dos Sertões

Com a consolidação dos eixos rodoviários, bem como das vias de circulação internas da cidade, desenvolveram-se grandes contingentes de moradia atendendo exclusivamente à atividade turística através

²² Os sertões da Bela Vista, Ipiranguinha e Marafunda, por exemplo, formaram-se ao longo da rodovia Oswaldo Cruz que liga Ubatuba a Taubaté desenvolvendo ali um aglomerado urbano. Atualmente esta área está comprometida pelo grande adensamento populacional e formação de ocupações periféricas que estão adentrando cada vez mais os morros, em áreas de preservação ambiental.

²³ Não obstante essa segregação se consolidar mais fortemente nesse momento (pós década de setenta) com os processos de especulação com a terra e a conseqüente periferação dos pobres, a diferenciação social no município remete ao início do século XIX. Conforme Marcílio (2006), quando em 1817 foi realizado o primeiro cadastro de terras, pôde-se constatar uma relativa grande diversidade na estrutura fundiária do município, refletindo uma certa *diferenciação social* em formação. Proprietários e posseiros diferiam entre si pelo tamanho de suas terras, pelo número de seus escravos, pelo *status* que os marcava na sociedade local. Ambos compunham apenas uma parcela das famílias e da população local. A maioria, porém, era a dos “sem-terra”, somada aos escravos. (MARCÍLIO, 2006, p. 65)

do fenômeno da segunda residência, fato que ocasionou um ritmo bastante acelerado de urbanização, conforme tabela 2.2. A localização geográfica e o crescimento descontrolado da atividade turística caracterizada pela construção civil para a segunda residência, incidiram diretamente na redistribuição espacial do trabalho, devido ao elevado número de empregos gerados pela atividade.

Esse fato, segundo Malta (1993, p.81) foi um dos condicionantes ao quadro econômico, além do processo de urbanização, que ultrapassava taxas de 90% de sua organização espacial (ver tabela 2.2), calcada na presença do sistema viário local e regional. Há que se considerar, segundo esse autor, o caráter “monopolizador” do turismo enquanto atividade econômica fundamentada na especialização de seus setores produtivos e mão-de-obra. A “especialização” dos setores da economia condicionou o fluxo de pessoas segundo a **sazonalidade** do turismo voltado para o mar como atração principal. O turismo estimulou o desenvolvimento do setor terciário²⁴, que foi responsável pela maior quantidade de pessoal ocupado no contexto da população economicamente ativa do Litoral Norte Paulista, principalmente nas atividades de comércio e serviços para o turismo, além da construção civil.

Tabela 2.2 Evolução da população. Fonte: Instituto Geográfico e Cartográfico – IGC

Ubatuba	1980	1991	1994	1995	1996	1997	1998	2000	2005
Densidade Demográfica (Habitantes/km ²)	39,48	68,83	77,94	80,99	84,05	87,25	90,66	97,72	114,28
Grau de Urbanização (Em %)	90,90	97,64	97,59	97,58	97,56	97,55	97,54	97,51	97,88

²⁴ O crescimento do setor terciário no município pode ser ilustrado com o número de estabelecimentos de serviço que tiveram um aumento significativo no período entre 1980 e 1990. Em 1995, havia 551 estabelecimentos de serviço no município e no ano de 1998 esse número passou para 689. (Instituto Geográfico e Cartográfico – IGC). Isso se deu, segundo Malta (1993, p.83), por sua vantagem locacional derivada de sua posição geográfica, que facilitou o acesso das populações do Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Minas Gerais, através da rodovia SP-125 – Oswaldo Cruz, que liga Ubatuba a Taubaté e da Rodovia dos Tamoios, ligando Caraguatatuba a São José dos Campos.

Com o aumento da população residente e do fluxo sazonal pela população flutuante, houve uma grande demanda de infra-estrutura e serviços, à qual a cidade não conseguia atender, acarretando sérios problemas físicos, sociais e econômicos. Este fenômeno atingiu rapidamente a população local residente, obrigando-a a procurar áreas menos valorizadas pela especulação imobiliária. Por volta de 1970 já se iniciava o movimento de destruição da economia caiçara e da expulsão dos posseiros tradicionais, numa ação concertada pelo capital paulista de especuladores e das transnacionais de turismo, segundo atesta Mello (1990, p.25). Com a vinda desses capitais imobiliários, os caiçaras venderam suas terras nas praias e foram viver na cidade, onde mal puderam comprar uma pequena casa. Acabaram marginalizados, pois só conheciam a pesca e rudimentos de lavoura. Não tendo condições de obter um pedaço de terra próximo aos serviços, foram levados para as periferias, onde o valor da terra é inferior e os serviços precários. Segundo Santos (1972), muitos caiçaras ignorantes foram espoliados de seus legítimos direitos sobre terras onde viviam há mais de vinte e cinco anos²⁵.

Frequentemente analfabetos, desconhecendo seus direitos, o valor de suas terras e do dinheiro, os *velhos pescadores-lavradores* sucumbiram ante a pressão, a audácia e a voracidade dos interesses dos especuladores de terras turísticas, dos grupos econômicos nacionais e estrangeiros, de elementos da classe média, passando por intelectuais de vanguarda. Velhas sesmarias e antiqüíssimas posses tituladas foram sendo usurpadas, sutilmente, impunemente, das mãos de seus seculares donos, em troca de quinquilharias, de promessas, de engenhos enganosos, de um punhado de moedas. Perdendo suas terras, era todo o mundo caiçara que vinha abaixo, proletarizando ou marginalizando seus antigos moradores (MARCÍLIO, 2006, p. 24).

Contribuindo para agravar esse quadro, a construção civil decorrente da demanda por segundas residências ocasionou uma atração de migrantes de outras regiões empobrecidas do país, baseada

²⁵ Houve até mesmo um caso de incêndio criminoso de um cartório de registro de títulos. (SANTOS, 1972).

na oferta de mão-de-obra não especializada. Além disso, o turismo por absorver grande massa de trabalhadores informais, também atraiu um grande contingente de migrantes para trabalhar nas praias que vieram em busca de melhores condições de vida no litoral²⁶. Foi grande o acréscimo populacional ocasionado pelo fluxo migratório para o litoral, principalmente proveniente do interior do Estado e de Minas Gerais²⁷, que de modo geral não foi absorvido pelo mercado de trabalho. Nos anos 80 Ubatuba era responsável pela maior oferta de empregos no setor de serviços ligados à construção civil no Litoral Norte, e já apresentava um grande índice de crescimento percentual da população migratória²⁸. Essa população, sem condições de adquirir um pedaço de terra na cidade, também foi levada a ocupar as periferias, aglomerando-se nas encostas de morros. Formaram-se “bolsões” de ocupações de baixa renda nas áreas periféricas agravando ainda mais os problemas dessas ocupações.

Essas populações têm reproduzido no Litoral Norte as condições de moradia informal das grandes cidades, favelização e habitações inadequadas em áreas de risco ou insalubres, provocando novos conflitos

²⁶ Não obstante a situação de pobreza e a crescente deterioração das condições urbanas, para muitos que vêm de outras regiões, a fixação na cidade litorânea representa uma melhoria econômica e social. No entanto, adverte Kowarick (2001, p. 50), tratando da *espoliação urbana no Brasil*, “em vista da queda do padrão de consumo básico, é viável supor que, se para muitos perdura a imagem de que” a vida melhorou “; tal autoavaliação é decorrente de uma impressão de participação que se dá mais no nível simbólico do que no real, fruto de uma dinâmica inerente à sociedade de massas que forja através dos meios de comunicação aquilo que pode ser designado de “mercado de ilusões”, é o mundo das vitrines, da televisão, dos painéis publicitários...”

²⁷ O desemprego industrial no Vale do Paraíba e o desemprego rural no Sul de Minas, principalmente, contribuíram para esse fluxo migratório. (SÃO PAULO, 2005, p.29).

²⁸ A população atual é resultado de um duplo movimento migratório ocorrido nas últimas décadas: de uma parte ocorreu um intenso processo de migrações do campo para as cidades; de outro ocorreu um intenso processo de migrações do Planalto para o Litoral e no interior deste. (CORRÊA DA SILVA, 1975, p. 98).

sociais, seja pela posse da terra e pela produção de alimentos, seja pelo aumento da criminalidade, sobrecarregando as já deficitárias infra-estruturas da região. (SÃO PAULO, 2005, p. 29).

Entre 1960 e 1970 a população apresentou um crescimento de 50%, superior à do Estado que foi de 39%²⁹. Entre as décadas de 70 e 80, Ubatuba já apresentava o porcentual migratório³⁰ maior que o índice da região, e, entre 1977 e 1985, apresentou o maior índice de população flutuante do Litoral Norte. A densidade demográfica aumentou significativamente de 1980 para 1990, evidenciando crescente urbanização nesse período. Tal cenário já evidenciava a situação em que hoje se encontra o município, com um alto índice de população migratória, na maioria das vezes ocupando áreas de urbanização precárias e impróprias para moradia.

Tabela 2.3 - Evolução demográfica do município de Ubatuba

Ano	Habitantes	Ano	Habitantes	Ano	Habitantes	Ano	Habitantes	Ano	Habitantes
1934	7.593 (1)	1970	15.478 (2)	1950	7.941 (2)	1985	34.697 (3)	2000	66.644 (3)
1940	7.255 (2)	1980	27.161 (2)	1960	10.294 (2)	1990	42.178 (3)	2007	82.292 (3)

Fontes:

- (1) Corrêa da Silva, 1975, p.81.
- (2) IBGE
- (3) Fundação SEADE

Conforme dados obtidos na aplicação de imagens orbitais, Barbieri e Gilberti (2007), constataram que até 1974 a mancha urbana estava concentrada na orla da parte central do município, e a partir de 1980, a

²⁹ Quanto às migrações do campo para cidade, entre 1940 e 1950, a população rural predominava sobre a urbana em mais de 50%. A partir de 1960 a situação inverteu-se e a população urbana apresentou predomínio de 60% sobre a rural. Em números absolutos, sua população rural foi a mesma nos anos de 1940, 1950 e 1960.

³⁰ Em Ubatuba no ano de 1975, 40,5% do total da população da cidade não era nascida no município.

mancha se expandiu para o interior da planície litorânea e se consolidou na região Sul do município. Na identificação dos dados de 2006, a expansão já se apresentou nas áreas de escarpa da serra, revelando pressão demográfica nas áreas de risco e nas áreas de preservação. Tais dados traduzem os processos de crescimento desses espaços periféricos.

Desenvolveu-se a partir da década de oitenta uma situação complexa, onde os moradores locais e os migrantes não absorvidos pelo mercado de trabalho foram obrigados a se alojarem precariamente nas periferias, ocupando e invadindo locais não adequados à moradia e à conservação dos recursos naturais. Isso contribuiu para maximizar o cenário de exclusão sócio espacial e degradação ambiental do município. Segundo KOVARICK (2001, p. 44),

[...] a periferia como fórmula de reproduzir nas cidades a força de trabalho é consequência direta do tipo de desenvolvimento econômico que se processou na sociedade brasileira nas últimas décadas. Possibilitou, de um lado, altas taxas de exploração de trabalho e, de outro, forjou formas espoliativas que se dão no nível da própria condição urbana de existência a que foi submetida a classe trabalhadora.

Em decorrência desse processo, intensificou-se a formação de diversos bairros periféricos de trabalhadores migrantes e caiçaras “sem terra”, nos sertões, afastados da orla marítima, com ocupações desordenadas, sem características definidas e com baixa qualidade de vida. Modificou-se assim a estrutura social urbana de forma segregativa. Segundo Kovarick (2001, p. 34), sobretudo a partir das últimas três ou quatro décadas, isso se deu em grande parte das cidades brasileiras, com o surgimento dos bairros periféricos que alojam a população trabalhadora. **É nessas áreas que se concentra a pobreza da cidade e de seus habitantes.**



Figura 2.16 – Sertão do Sesmária. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 2.17 – Sertão da Bela Vista. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 2.18 – Sertão do Sesmária. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 2.19 – Ipiranguinha. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 2.20 – Taquaral. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 2.21 – Sertão do Perequê Mirim. Foto: Rosana Vieira, 2007.

A construção da BR-101 foi outro elemento estruturador na configuração territorial do município que contribuiu para a **segregação espacial** e formação dos sertões; pois dividiu a cidade, ficando de um lado os bairros valorizados próximos à orla, e de outro os sertões, mal-servidos de infra-estrutura e serviços. A implantação da rodovia maximizou o processo de “periferização” em direção aos sertões, espremendo-os cada vez mais em direção à mata e em locais de difícil acessibilidade. Nestes locais a precariedade foi se tornando mais nítida, remetendo ao entender de uma “*periferização dentro da própria periferia*”³¹. Ela foi indutora de um desenvolvimento aleatório, pois não houve planejamento para sua construção, o que contribuiu para um crescimento desordenado e sem critérios.

A Rodovia foi projetada sem os cuidados técnicos necessários, ocasionando impactos irreversíveis sobre o meio ambiente e também sem levar em conta os impactos sócio-econômicos que ela causaria à população³². A partir desta realidade nos questionamos sobre o papel desta rodovia para o município e para o país, e o porquê de ela ter sido construída sem um planejamento físico e sócio-econômico adequado à cidade. A construção da rodovia foi uma decisão de força econômica que fazia parte das políticas de desenvolvimento nacional, pois fazia parte do Projeto “Turis” e era fundamental para a implantação do mesmo no país. O Projeto “Turis” era um projeto francês contratado pelo governo brasileiro, com a intenção de desenvolver a costa litorânea brasileira de “alto potencial turístico” como a Costa Européia para receber o turismo internacional, e trazia consigo capitais estrangeiros interessados em aqui se instalar³³.

³¹ Tal entendimento deu-se a partir de discussões junto aos pesquisadores do GPDUHS.

³² Além disso, logo depois de iniciados os trabalhos de abertura da Rio-Santos intensificaram-se toda sorte de especulações imobiliárias e tentativas de obtenção ilegítima de documentos de posse e domínio da área servida por essa estrada.

³³ Arelado ao ideal “desenvolvimentista” da época, o Projeto Turis foi elaborado pela EMBRATUR (1975) e desenvolvido na região, com objetivo de: recensear as possibilidades turísticas do litoral Rio-Santos; sugerir programas turísticos possíveis em

O Projeto Turis dividia a região em zonas turísticas homogêneas, delimitando-as espacialmente. Este projeto estava diretamente relacionado à construção da BR-101, e durante muito tempo o trecho desta estrada entre Ubatuba e Paraty foi conhecido como “Rodovia da Redenção”³⁴. Entretanto, o Projeto Turis estava voltado apenas à divulgação da região, desconsiderando o planejamento e a infra-estrutura necessária para receber esse turismo. Assim, sem qualquer planejamento prévio, a construção da BR-101, trouxe além de um turismo massivo, inúmeros especuladores imobiliários e mais fluxo migratório à região.

Dentre os impactos físicos gerados pela construção da BR-101, os mais graves são: a perda das praias que foram soterradas no trecho entre a Praia do Poruba e do Promirim; e o seccionamento da rede de drenagem através de aterros realizados com passagem de água mal dimensionada, ocasionando represamentos e provocando enchentes nos bairros da Estufa e Itaguá, localizados próximos à sede municipal.

Podemos observar que os interesses econômicos faziam parte das políticas de desenvolvimento nacional³⁵. O plano diretor de Ubatuba³⁶, na década de 80, foi influenciado pelas questões dos planos

função das demandas e das tendências do turismo nacional; e propor hipóteses de ritmo de desenvolvimento do turismo na região, apresentando projeções a curto, médio e longo prazo (20 anos: 1975-1996).

³⁴ A estrada passou a ser uma das principais preocupações de todos os que se interessavam pelo desenvolvimento do turismo no Brasil. Rubens Rodrigues dos Santos, em 1972, já previa as conseqüências desastrosas que a construção da rodovia traria para a região. Ele tentou alertar os governantes e responsáveis pela implantação da estrada, mas certamente não lhe deram crédito, insistiram no “desenvolvimento econômico” que a estrada renderia.

³⁵ Desde a década de setenta, os planos de desenvolvimento já previam essa função para o litoral Norte, a de “grande região de lazer do Estado, da macrometrópole”. Esse seria seu papel, assim como a região do Vale do Paraíba teria a função de Pólo Industrial do Estado. O Litoral Norte então *deveria se configurar* como o “espaço de extravasamento e integração das funções geradas no Estado”. O Plano Regional do Macro-Eixo Paulista mostra bem esse processo, pois “objetivava um desenvolvimento mais equilibrado e integrado do Vale do Paraíba e Litoral Norte, em face da Política de Desenvolvimento Urbano e Regional do Estado, voltada à *descentralização da área metropolitana de São Paulo*”.

desenvolvimentistas da época, no entanto não contemplou o aumento da concentração demográfica resultante da intensa migração gerada pela oferta de mão-de-obra para o turismo e os impactos causados pela rodovia federal (BR 101). Esse fato contribuiu para maximizar o quadro sócio-espacial decorrente dos processos sócio-históricos de produção do espaço que resultaram na atual configuração territorial, social e econômica do município. **Os assentamentos clandestinos não constam no mapa oficial da cidade.**

Conforme Kowarick (2001, p. 34), a distribuição da população no quadro desse crescimento caótico reflete a condição social dos habitantes da cidade, espelhando no nível do espaço a segregação imperante no âmbito das relações econômicas. *É a divisão do município em duas cidades divorciadas uma da outra – a dos mais ricos e a dos mais pobres e excluídos [...].* (VILLAÇA, 1998, p.311). Existe um grande distanciamento desses moradores dos sertões com a sociedade capitalista em sua realidade turística.

[...] as imagens dos turistas em suas mansões de temporada contrastam-se com as imagens dos moradores das áreas excluídas, com a precariedade e com o perigo, muitas vezes eminente, das casas construídas nas encostas dos morros ou em beiras de rios. A riqueza choca-se com a pobreza e cresce o número de indivíduos que sobrevivem catando latinhas, guardando carros ou trabalhando como ambulantes. O número de indivíduos excluídos do mercado de trabalho formal torna-se maior, não só pelas transformações que o mundo do trabalho está sofrendo, mas também pela especificidade do município, que sobrevive de uma economia sazonal: na temporada de verão o fluxo monetário é intenso e no restante do ano a maioria da população passa por dificuldades financeiras, empobrecendo dia a dia (LOPES; ALVES; FRANÇA; NEVES; BATISTA, 2002, p. 78).

³⁶ Plano Diretor Físico - Lei Municipal Nº 711 de 14/02/1984



Figura 2.22 – Praia Grande lotada de turistas. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figuras 2.23, 2.24 e 2,25 – Fotos das áreas excluídas de Ubatuba. Fotos: Rosana Vieira, 2007.

As diferenças de classes presentes nessa distribuição são bastante evidentes, o que nos leva a questionar esse modelo de ocupação. A partir de algumas hipóteses levantadas por Villaça (1998) sobre quais seriam os processos sócio-espaciais intra-urbanos mais significativos e importantes nas cidades brasileiras, acreditamos que em Ubatuba foi o deslocamento espacial das classes sociais produzido pela valorização imobiliária de algumas “**localizações**” privilegiadas³⁷, dando origem à segregação urbana. As camadas de alta renda buscam localizações valorizadas - o *sítio social* de que fala Milton Santos (1993, p.96). Em Ubatuba estas localizações privilegiadas são as terras próximas às praias e ao centro urbano. Nesse sentido, os sertões possuem suas localizações opostas às praias, sendo locais menos privilegiados, tendo, portanto, menos vantagens, serviços urbanos e infra-estrutura³⁸. O acesso à moradia está ligado ao seu preço, que, por sua vez, depende da sua localização na cidade. (MARICATO, 1997, p.43).

Isso suscita importantes indagações quanto ao real papel da incorporação imobiliária na segregação espacial. Para Villaça (1998), *a segregação é um processo necessário para o exercício da dominação social por meio do espaço urbano, decorrendo da luta de classes em torno das vantagens e desvantagens do espaço construído*, e no caso de Ubatuba, em torno das vantagens das “localizações” privilegiadas próximas à orla. A segregação aí constituída é uma determinada “geografia” produzida pela classe dominante, e por meio da qual esta exerce seu domínio através do espaço urbano. *Portanto a segregação é um processo necessário ao domínio social, econômico, e político por meio do espaço* (VILLAÇA, 1998). Como este é um processo integrado ao modelo capitalista e este fenômeno é produzido estruturalmente, *a desigualdade*

³⁷ Os produtos específicos resultantes da produção do espaço urbano são **suas localizações**. Na localização, as relações se dão através dos transportes, das comunicações e da disponibilidade de infra-estrutura. (VILLAÇA, 1998, p.315). Em Ubatuba, as localizações se dão também pelas valorizações paisagísticas, cênicas, naturais, etc.

³⁸ VILLAÇA (1998, p.315) diz que é evidente que a distribuição espacial das classes determina a distribuição espacial dos serviços tanto privados como públicos.

social se apresenta cada vez maior e mais assustadora, e em Ubatuba não é diferente (BATISTA, 2002, p.14).

A pobreza, o desemprego, a especulação imobiliária, a ausência de um planejamento urbano e turístico, a degradação ambiental, dentre outros, formam uma teia que engendram os munícipes num viver degradado e carente de perspectivas para um modo de vida mediado para o desenvolvimento sócio-político que seja voltado aos interesses comuns. *As ações públicas são morosas e privilegiam áreas visíveis aos turistas, criando uma imagem fracionada da bela cidade balneária (BATISTA, 2002, p.14).*

O apelo turístico-idílico do convívio com a paisagem natural torna-se cada vez mais seletivo (LOPES, 2002), restringindo a circulação da população pobre aos espaços excluídos. Mas, como será o cotidiano da população destes espaços? Que imagens se produzem em seu cotidiano de exclusão e como elas contradizem ou conflitam com as imagens da cidade? Que paisagens vivem e percebem esses moradores? O que confere qualidades positivas a esses lugares?

Tais paisagens são invisíveis não apenas porque não foram vistas como estruturas territoriais em toda a sua complexidade, mas porque não foram reconhecidas como experiências de vida em toda a sua plenitude. Através da pesquisa bibliográfica sobre a área de estudo e do referencial sobre a produção social desse espaço, pudemos nos aproximar da compreensão da produção social dos sertões. Mas somente essa compreensão não basta, pois os sentidos de suas paisagens se dão no cotidiano, nas heranças de gerações, nas memórias...

Torna-se então necessário adentrar no caminho rumo à Mata Atlântica a fim de conhecer a realidade de um sertão, uma comunidade que se constitui no correr da história desta cidade. Disso tratam os próximos capítulos.

CAPÍTULO 3

O SERTÃO DO SESMARIA

Alguns protagonistas do Sertão do Sesmária que contribuíram mais diretamente neste capítulo.



Figuras 3.1, 3.2 e 3.3 – Lilian, Dona Albertina e Claudete. Fotos: Rosana Vieira, 2007.

- Lílian, 28 anos, moradora da rua Del Rey, veio de Teófilo Otoni, Minas Geras. Trabalha como agente comunitária de saúde no Posto de Saúde regional da Secretaria de Saúde. Foi a pessoa que nos “apresentou” o bairro, nos acompanhou nos percursos pelo bairro, contribuindo com informações sobre o lugar.
- Dona Albertina, 71 anos, moradora da rua Mércury, veio de Paraty. É a moradora mais antiga, viúva do primeiro morador do sertão do Sesmária. Contribuiu com informações sobre a história da ocupação do lugar e de como era o bairro antes das “ocupações” e “invasões”.
- Claudete, 37 anos, moradora da rua Mércury, foi trazida de caminhão de sua cidade no interior do Paraná junto com outras pessoas da família para trabalhar na “roça” para um “japonês rico”, que ao final não pagou o equivalente pelo trabalho.



Figura 3.3 – Vilma, Patrine, Ildete e Cláudia. Foto: Rosana Vieira, 2007. Figuras 3.4 e 3.5 – as crianças que participaram das atividades. Fotos: Rosana Vieira, 2007.

- Vilma, 36 anos, moradora da Rua Mércury, veio de Ladainha (MG), em busca de melhor futuro para os filhos, pois na sua cidade de origem “*as coisas são muito difíceis*”.
- Ildete, 37 anos, moradora da Rua Mércury, veio de Malacacheta (MG) para fugir da vida de “*bóia-fria*” da cidade de origem, em busca de trabalho e para ficar mais perto das irmãs.
- Sr. Geraldo, 47 anos, é morador da Rua Omega. Conhecido com “*Jamaica*”, trabalha como vigia da escola, sendo conhecido por todos no bairro. Veio de São José do Goiabal (Bahia), em busca de emprego e melhores condições de vida.
- Kátia, 37 anos, moradora da Rua Mercury, nasceu em Ubatuba, filha de uma das primeiras moradoras do sertão. Também trabalha como agente comunitária de saúde e nos forneceu as fichas das famílias para análise dos dados.
- Monique, 17 anos, filha adotiva de Dona Albertina, também acompanhou por toda a infância e adolescência as transformações do bairro.
- Isaura, 62 anos, uma das primeiras moradoras, veio da Praia do Ubatumirim, depois que seus pais venderem as terras na praia.
- Clemência, 35 anos, veio de Concórdia - MG, para dar um futuro melhor para a filha.
- Sandra, 35 anos, agente de saúde, foi removida do Bairro do Taquaral para morar no Sesmaria em lote doado pela Prefeitura.
- Cida, 31 anos, veio de Minas Gerais para acompanhar o marido em busca de uma vida melhor.
- As crianças: Polyana, Natália, Guilherme, Patrine, Sirlene, Simone, Tainá, Cláudia, Stefani, Ingrid, Saniele, Elaiane, William, entre outras, trouxeram riqueza á essas vivencias no bairro.



Figura 3.6 – Localização do Sesmaria e acesso
Fonte: Organizado pela autora a partir de imagem aérea fornecida pela Prefeitura Municipal de Ubatuba, 2007.

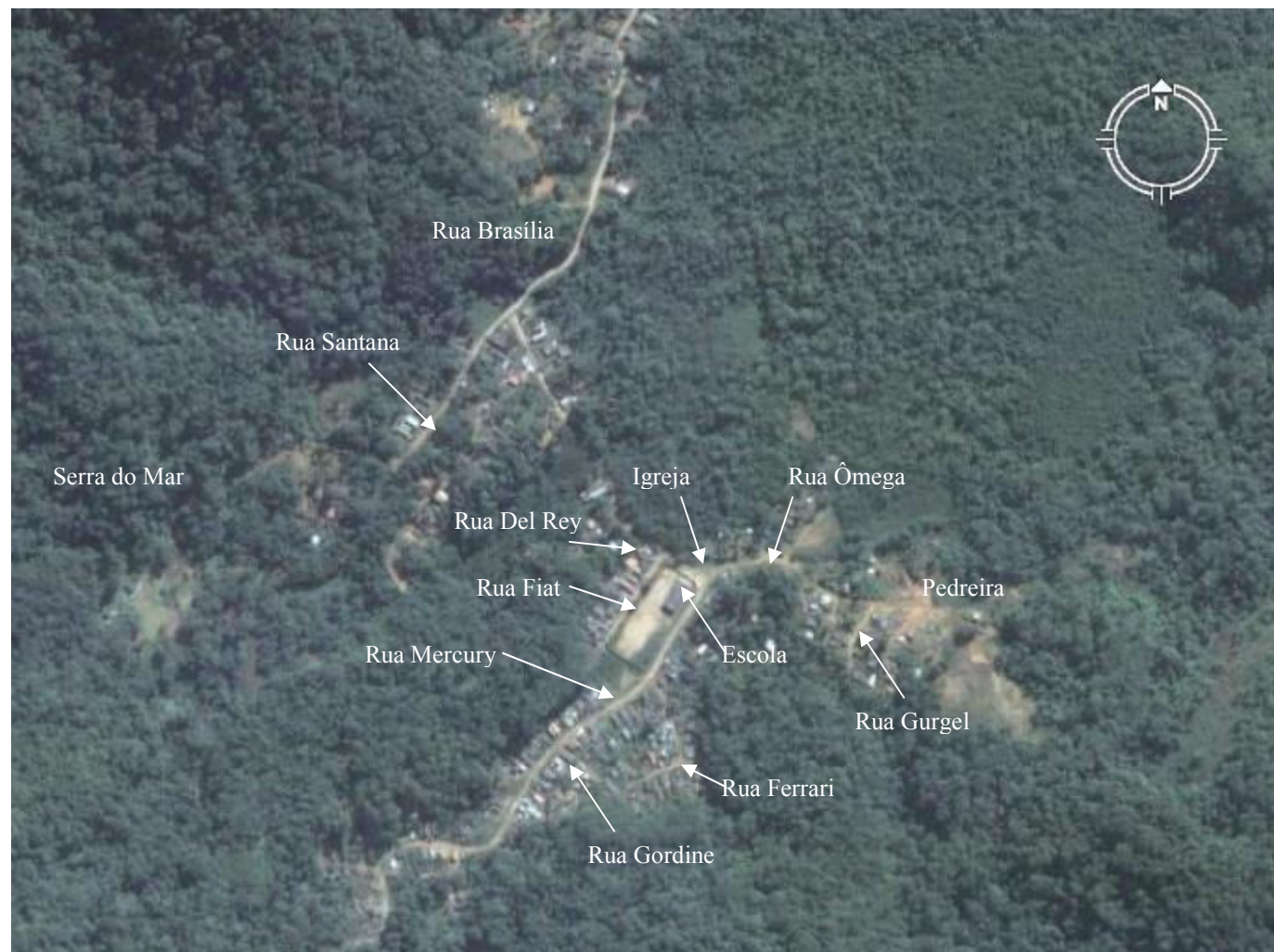


Figura 3.7 - Espacialização atual. Fonte: organizado pela autora a partir de imagem do Google Earth, 2007.

O sertão da Sesmaria localiza-se na periferia do município de Ubatuba, nas proximidades da Serra do Mar, limitando-se com o bairro da Estufa II e da favela Botafogo, distante cerca de 7km do centro da cidade. Seu acesso se dá pelo bairro da Estufa II, saindo pela rodovia Rio-Santos, sendo este o único acesso ao bairro, pois a Mata Atlântica constitui a barreira natural. Em direção ao bairro da Estufa II, no sentido do interior do morro, as casas vão ficando mais rarefeitas, até chegar numa área em que não tem mais casas, somente o acesso a uma estrada no meio da mata. O sertão do Sesmaria começa após essa estrada, numa área isolada e cercada pela Mata Atlântica. É um bairro que não tem saída para outros bairros.

É um assentamento consolidado, fruto do contexto de periferização das condições urbanas produzidas no município. Possui uma ocupação em constante crescimento populacional, por conta da ocupação por migrantes não absorvidos pelo mercado de trabalho, nas três últimas décadas. O Sertão do Sesmaria é um bairro bastante recente, localizado numa área de preservação ambiental, com alto crescimento populacional, e índice de pobreza¹, conforme tabelas 3.1 e 3.2²

Segundo classificação social do município exposta por Lopes (2002), a área recebeu o maior grau negativo³ com relação à pobreza, carências de infra-estrutura e serviços públicos, sendo o bairro com maior índice de pobreza e violência em Ubatuba. Além disso, as dificuldades de acesso ao centro da cidade e à orla excluem grande parte dos moradores das *localizações privilegiadas* do município. Como vimos no capítulo

¹ Apenas 26,68% da população economicamente ativa declarou possuir alguma renda. (SIAB, 2007)

² Tal afirmação apóia-se também nas análises realizadas conjuntamente com os pesquisadores do GPDUHS a partir de pesquisas realizadas em 2004 e através das análises de Batista (2002) e Lopes (2002) que fizeram um “mapa da pobreza” do município de Ubatuba, e França (1997), que investigou o surgimento do processo de favelização na região.

³ Esse grau foi obtido a partir da sistematização e tabulação de dados de um levantamento censitário das condições de pobreza no município de Ubatuba, a partir de questionários relativos à caracterização das áreas de concentração de pobreza do Litoral Norte, SP. (LOPES, 2001).

anterior, a acessibilidade é mais vital na produção de localizações do que a disponibilidade de infra-estrutura. Cada vez mais, as localizações privilegiadas *identificam-se com a cidade* e o restante passa a ser encarado como periferia e considerado longe, por mais central que seja sua localização. ***Na verdade torna-se longe mesmo*** (VILLAÇA, 1998, p.326, grifo nosso).

Tabela 3.1 – Crescimento populacional do Sertão do Sesmaria

Ano	1980	1990	1997	2001	2006	2007
População do Sertão do Sesmaria			809			1798
Concentração de crianças no bairro:			42,33%			

Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social, Ubatuba, 2007

Tabela 3.2 – Renda dos moradores do Sertão do Sesmaria no ano de 2001

Renda Mensal	Feminino	Masculino	Total
1 salário mínimo	2,00%	1,50%	3,49%
1 a 3 salários mínimos	9,23%	17,46%	26,68%
4 a 5 salários mínimos	0,25%	3,49%	3,74%
6 a 7 salários mínimos	0,00%	0,50%	0,50%
não sabe responder	0,50%	1,00%	1,50%
não se aplica	38,90%	25,19%	64,09%
Total	50,87%	49,13%	100,00%

Nota: Lopes (2001, p.37), observou que a população nas faixas etárias produtivas soma 45,23% do total. Contudo, somente 26,68% da população acima de 9 anos declarou possuir alguma renda. Embora a população nas faixas etárias produtivas somem 45,23% do total, o autor optou por levantar a condição de trabalho infantil, por ter constatado que muitas crianças da área trabalham com os pais, ou sozinhas, na coleta de latinhas e outros serviços periféricos ao turismo.

Fonte: Lopes, 2001

O sertão da Sesmaria é um bairro que expõe (ao mesmo tempo em que oculta) as faces da pobreza do município de Ubatuba (BATISTA, 2002). A paisagem se oculta por se localizar nas periferias do sertão ubatubense, em áreas de preservação ambiental, escondida na mata. Apesar de não ser percebida, a ocupação cresce, aumentando a cada dia, evidenciando modos de vida precários sobre um território distante do “espaço do consumo” do município.

A comunidade de moradores do Sertão da Sesmaria vive (ou sobrevive) e convive nesse território, inserido nesse contexto histórico espacial de exclusão da cidade e do bairro periférico. Desse modo, a história da cidade conta com a história produzida no cotidiano desse espaço construído, que impõe aos moradores a realidade e o estigma de um espaço degradado, precarizado e violento⁴, ou seja, pressupõe uma identidade negativa na relação do morador com seu lugar.

Assim, de modo homogêneo e genérico, são reconhecidos esses moradores. No entanto, não se pode reduzir a área ocupada do sertão *a um grande tecido autoconstruído homogêneo, no qual se estabelecem os mesmos conflitos, ou as mesmas formas de produção e valorização do espaço*⁵. Uma paisagem heterogênea e conflituosa se compõe no local. Os moradores vão se apresentando, na medida em que a distância entre a pesquisadora e o lugar se reduz, através dos vínculos estabelecidos, abrindo novas perspectivas para a pesquisa.

⁴ A partir disso se constrói uma condição discriminatória no imaginário social, o que reforça a condição de subcidadãos desses moradores, já que pesa sobre eles os estigma da “marginalização” decorrente dessa violência (KOVARICK, 2000 in ANGILELI, 2007, tratando das periferias da cidade de São Paulo).

⁵ Angileli (2007), integrante do Grupo de Estudos sobre Paisagem do LABESPAÇO, em seu trabalho sobre a Brasilândia, na periferia da cidade de São Paulo constata a partir de método de aproximação da área de estudo, que a paisagem é conflituosa, tensa, provisória e objetiva: “*não pode ser reduzida a um processo formal de estudo do espaço, como por exemplo, abordar uma favela por seu arranjo morfológico, áreas de risco, acessibilidade, adensamento habitacional, etc, independente da história humana que a anima*”. Segundo essa autora, essa redução não daria conta da complexidade da paisagem. Assim como Angileli, nós também reconhecemos que a paisagem e sua gente, passam a ser inseparáveis. Seu estudo exige procedimentos que ultrapassam o esforço de reduzir a realidade a uma descrição objetivada e nos leva a uma relação direta da experiência humana com os lugares. (ANGILELI, 2007, p. 12).

A paisagem, então, não é um resultado de um olhar sobre o espaço, ou mesmo de olhares, ela é *um vasto campo de significados, tensões e contradições sociais* (SANDEVILLE, 2005, p.1 in ANGILELI, 2007, p.14).

O contato direto com a realidade do lugar traz à luz o drama dos moradores neste espaço marcado pela exclusão social. Através de observações do espaço e da paisagem e mediante o contato com a população, o entendimento da dinâmica e da organização do bairro foi se configurando e as paisagens foram sendo interpretadas. A paisagem do sertão do Sesmaria torna-se uma peça do mosaico para a história de Ubatuba e para os moradores, que o transformaram em “seu lugar”. Os sentidos dessas paisagens se dão nas vivências, no cotidiano, através dessa aproximação com o lugar. Assim, conforme procedimentos apresentados no primeiro capítulo, este é construído na dialética entre o olhar da pesquisadora e as histórias de vida dos moradores, os principais protagonistas desta pesquisa.

Os moradores tecem suas redes de sociabilidade e dividem o espaço mediante suas atividades nos grupos, convergindo práticas e culturas diversas, apropriando-se das paisagens de diferentes formas, valorizando aspectos positivos ou negativos do lugar. Os valores, os conflitos, os anseios, e as expectativas desses moradores são transformados, são questionados, ao produzirem um bairro formado por uma população que não pára de aumentar.

[...] é uma população que não pára nunca. Tem um pessoal que vem pra trabalhar na temporada e depois vai embora, mas alguns não vão. Nessa época do ano, em baixa temporada, o bairro tem um número de moradores, quando chega em outubro, novembro, esse número aumenta em 20, 30%. Porque vêm os parentes e ficam nas casa, outros fazem seus próprios barracos, quando vão embora vendem o madeirite, ou o espaço, e outros acabam ficando de vez aí. Eles vêm mais para trabalhar na praia, catar latinha, vender salgado, essas coisas. Aí acabam ficando e mandam buscar a família. Todo ano, na temporada, o bairro cresce mais.
(Depoimento oral de Lílian, moradora do sertão da Sesmaria, 28 anos)

Os números traduzem essa realidade: a média anual de crescimento do bairro é de 12,82%; altíssima, se comparada à do município (cerca de 5% ao ano, aliás, já considerada muito alta em relação à média do Estado)⁶. Esse aumento dá-se principalmente pela chegada de pessoas de fora que vêm ao município para trabalhar em serviços para o turismo, e encontram, no Sesmária, a condição necessária para ali se fixarem. O processo de ocupação na área ainda não estacionou, pelo contrário, nos meses de novembro a janeiro, a ocupação aumenta significativamente por conta da procura pelo trabalho informal, intensificado na alta temporada do município.

Aqui no bairro, nascido aqui só tem crianças, o resto veio tudo de fora. [...] É a ilusão de que São Paulo ainda é o lugar que se pode fazer dinheiro. As pessoas deixam o que têm lá e vem pra cá, e quando chega aqui... é isso [...]. Eu sou de Minas, não vim para ficar e acabei ficando. Vim de Teófilo Otoni. Não como as outras pessoas que vieram em busca de fazer dinheiro, eu não. Eu estava de férias, vim para a casa da minha irmã e aí conheci uma pessoa, meu marido, aí nos casamos e ele trabalhava aqui em Ubatuba e acabei vindo para cá, porque ele já estava mais estável no emprego.

(Depoimento oral de Lílian, moradora do sertão da Sesmária, 28 anos)

Atualmente (junho de 2007) o bairro totaliza 1798⁷ pessoas, distribuídas entre 445 famílias, sendo 890 homens e 908 mulheres, conforme dados da Secretaria de Saúde. Se considerarmos os dados sobre a naturalidade dos chefes de família, dos quais apenas 10,8% são de Ubatuba (SIAB, 2007), vemos que o restante é formado por migrantes, oriundos de diversas regiões, principalmente da Bahia (29,88%) e de Minas Gerais (31,97%), conforme tabela 3.3. **Portanto, o Sesmária é um bairro de migrantes.**

⁶ Dados do cadastro oficial do SIAB - Sistema de Informação de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de Ubatuba, 2007.

⁷ Estes dados constam no cadastro oficial do SIAB, no entanto, sabemos pelas visitas no bairro, que algumas famílias não estão cadastradas no SIAB e que a população total e o número de famílias ultrapassa estes números.

Tabela 3.3 – Origem dos moradores

Ubatuba	10,8%	Grande São Paulo	3,77%
Cidades do Estado da Bahia	29,88%	Cidades do Estado do Paraná	1,88%
Cidades do Estado de Minas Gerais	31,97%	Cidades do Rio de Janeiro	1,88%
Cidades do Vale do Paraíba	3,76%	Outros Estados do Norte e Nordeste	8,35
Cidades do Litoral Sul de São Paulo	2,82%	Outros	4,89%

Fonte: Secretaria Municipal de Assistência Social, Ubatuba, 2007

Eu vim de Minas né? Dum lugar estranho sabe? [...] Eu vim, porque quando eu vim de São Paulo, porque minha irmã mora lá em cima né, no morro de lá de cima, aí de lá eu morei com ela uns 4 meses na casa dela, ali em cima. Os parentes em primeiro lugar né, que a gente vai procurar... [...] Ah, porque lá de onde a gente morava é muito difícil menina, nossa senhora! Malacacheta, é perto de Teófilo Otoni... é difícil a vida, dinheiro... não tem serviço. Tem assim, colher café, igual aqui em temporada, lá é o apanho de café de ano em ano, época do mês de junho e julho. Aí passa acaba. E mais é também trabalhar na enxada! Che! Aqui, pelo menos...paga mais ou menos né? Lá é complicado! Ce fica, a pessoa até fica, mas é bem mais complicado. , aqui ce faz uma faxina dá... lá acho que 10,00, até 5,00, nem sei! Ce pega 5,00 livre. [...] Saí de lá, vim, com as 3 meninas, vim com duas, grávida da outra (sem saber) e morei com minha irmã! 7 meses! Lá no Ipiranguinha. Morei 7 meses e daí depois fui pagá aluguel, como sempre né? aí nessa vai e volta a nenê nasceu, num deu certo...separei, separei do marido que vim pra cá, vim cum ele de Minas. Num deu certo, aí rodei, fui pra São Paulo, virei o mundo com as 3 meninas, foi! E sozinha. Aí cheguei aqui, aqui eu comprei. Trabalhei né! Comprei o barraquinho ali. Comprei memo.

(Depoimento oral de Ildete, moradora do sertão da Sesmaria, 37 anos)

Ubatuba conheceu (como vimos no segundo capítulo) fluxos migratórios intensos nas três últimas décadas, decorrente da oferta de mão-de-obra não qualificada. Essa população de migrantes, em sua maioria, vem de regiões rurais muito pobres, de municípios distantes e sem recursos, como os sertões baianos e áreas de estiagem no interior de Minas Gerais – cidades que vivem de uma agricultura sazonal, que trabalham em

condições desumanas, precárias e de super exploração, com salário insuficiente para o sustento da família. Na região Sudeste, principalmente no Estado de São Paulo, a oferta de empregos ainda é maior e o nível dos salários encontram-se bem acima da média salarial que essas famílias recebiam trabalhando em terras arrendadas, alheias ou até em pequenos comércios em seus municípios de origem.

Esses migrantes vêm para o município de Ubatuba, em busca de melhores oportunidades de emprego e condições de vida. Porém, não dispendo de recursos suficientes para adquirir imóvel em áreas habitacionais *regularizadas*, esse trabalhadores são obrigados a procurar áreas periféricas, menos valorizadas no espaço urbano, em sua maioria, irregulares. Conforme Maricato (1997, p.50), *os baixos salários pagos aos trabalhadores, além da abundante oferta de mão-de-obra liberada do campo, completam esse quadro*. Segundo Maricato, reprimidos em suas iniciativas reivindicatórias e sem poder aquisitivo para comprar a moradia financiada pelas políticas públicas, a massa trabalhadora urbana *recorre à compra do “terreninho” irregular ou constrói no terreno de parentes ou invade terras que em geral são públicas. A dimensão da ocupação ilegal de terras e imóveis no Brasil é realmente gigantesca, chegando a quase 50% do território em muitas cidades. Infelizmente parte dessa ocupação é predatória em relação ao meio ambiente* (MARICATO, 1997, p.50).

O sertão do Sesmaria é uma das alternativas encontradas por essa população como estratégia de viabilizar sua permanência na cidade. A presença de parentes e conhecidos é um dos principais motivos na escolha do bairro, pois eles acabam fazendo “propaganda” do lugar, com promessas de emprego, facilidades de adquirir trabalhos (“bicos”) e de construir o “barraco”. Tudo isso atrai esses moradores, que vêm com a expectativa de uma cidade melhor de se viver. Ou seja, a fuga da cidade de origem dá-se por motivos econômicos, mas a escolha do bairro se dá pelos laços sociais.

Vim de Minas, de Ladainha, tem mais ou menos uns 12 anos que eu moro aqui no Ubatuba. Mas antes eu morei 3 anos no Itaguá, depois fui pro Bela Vista morei mais 2 anos, aí meu marido comprou esse barraquinho e nós viemos mora aqui, tem mais de 5 anos que eu moro aqui no bairro. E eu vim de Minas e aqui quero ficar, porque voltar pra minha terra eu não quero morar. Porque em Minas as coisas é muito difícil e meus filhos não acostuma mais mora lá. Meus filho estuda aqui e tudo e o estudo lá é muito difícil, então se for pra morar em Minas eles num moram. E lá quando chove as criança fica 2, 3 meses sem ir pra escola, que o ônibus nao vai porque é estrada de chão, então não dá, lá é bem roça.
(Depoimento oral de Vilma, moradora do sertão da Sesmaria)

Mesmo sendo uma ocupação recente, o bairro tem sua historia e evolução. A ocupação da área iniciou-se a partir do fim da década de 70 e foi crescendo no decorrer dos anos, tendo seu apogeu na década de 90. Para entender esses processos, dispomos de alguns dados demográficos (IBGE, SEADE, SIAB), de fotos aéreas antigas e recentes, e das pesquisas de Batista (2002), Lopes (2002) e França (1997). No entanto, o que mais contribuiu para esse entendimento foram os depoimentos dos moradores que, com suas histórias de vida, nos ajudaram a compreender a historia do lugar. A história da ocupação do bairro pode ser estruturada em três momentos que marcaram a produção do seu espaço.

Num primeiro momento, no final da década de 70 e início da década de 80, o Sertão da Sesmaria era um lugar pautado pelo modo de vida rural; não havia casas na área, originariamente uma grande fazenda de propriedade privada. Segundo Lopes (2002), o dono mantinha um empregado para tomar conta das terras. João Alexandre – o “morador mais antigo” – era o caseiro e tomara conta da fazenda por cerca de 40 anos. Após esse período, o proprietário da fazenda cedeu-lhe algumas terras, como recompensa pelo tempo de serviços prestados. Como estava em litígio com a Prefeitura, o acordo foi informal. A área foi liberada para que João Alexandre pudesse lotear, vender ou arrendar. Sua esposa, Dona Albertina, ainda mora no Sesmaria, na mesma casa em que se iniciou a ocupação. Ela explica que quando chegou ao bairro...

Não tinha nada, era só mato, por lá também aquelas casas que você tá vendo ali, não tinha nada... só tinha duas casa, a minha e a do Bastião Abado, que já é morto já, lá embaixo. [...] Quando eu vim morá com ele, aqui não tinha escola, num tinha, né? Depois aí foi entrando, o povo aí, né, foi escuitando um chegando outro, aí começo crescê, né? Cresceu o bairro, mas quando eu vim memo morá cum ele, não tinha casa, não tinha ninguém morando aqui, era só ele. De velho era só ele que tinha e o Bastião Abado que morava lá em baixo, pai do Chico, né? Que era o mais velho também daqui. Depois disso foi entrando os povo todos, foi entrando todos aí encheu. Num tinha mais nada, tudo era mato, num tinha luz, num tinha eletricidade nenhuma, a gente usava lamparina e lampião que a gente usava aqui.

(Depoimento oral de Dona Albertina, a moradora mais antiga ainda viva do sertão da Sesmaria)

Outra moradora também recorda essa época:

Quando eu era mocinha que eu vinha pra cá, tinha um padre que fazia catequese pra cá e ele trazia gente pra fazer pra cá. Foi onde eu conheci o Sesmaria. Aí minha mãe comprou um terreno aqui, construiu, e a gente foi ficando. Aqui tem mais de 20 anos que eu moro aqui dentro do Sesmaria. Era bem diferente, 20 anos atrás quase não tinha nada aqui, e é pouco tempo, não é muito tempo, e já ta tão diferente assim. Tinha a Dona Albertina aqui, a Dona Lúcia Valério ali, que veio depois e muitos anos... era bem pouco, e também o pessoalzinho mais pra lá pra baixo retirado. A família do Barto, que é mais velho aqui. Descendo daqui pra lá, quem vem chegando pro Sesmaria são as primeiras casas que tem ali dó lado direito. Se você olhar ali se vê, ele também já se candidatou a vereador, não conseguiu. Mas era a família dele, a Dona Albertina aqui. Porque eles são caiçaras mesmo, acho que é do Picinguaba que ele veio. (Depoimento oral de Kátia, moradora do sertão da Sesmaria)

João Alexandre, junto de seus filhos, cercou o terreno e começou a vendê-lo, na forma de pequenos lotes para aqueles que buscavam um espaço para construir seu barraco e poder encontrar trabalho na cidade. Segundo alguns moradores, ele começou a vender uns pedaços de terra, na parte mais alta (no final da atual rua Mercuri), mas, na verdade, foram seus filhos que lotearam e dividiram a propriedade (anteriormente repartida entre eles). Foi essa ação dos filhos que causou a situação de ocupação, pois, muitas vezes, eles vendiam duas

ou três vezes o mesmo lote. Depois de um tempo, João Alexandre veio a falecer, e com sua morte, o filho mais velho tornou-se o novo proprietário e vendeu para a Prefeitura a posse das terras. Como o Sr. Alexandre era o morador antigo, a Prefeitura liberou uma área para que sua família pudesse continuar ali. Segundo Dona Albertina, os responsáveis pela venda ilegal dos terrenos foram seus enteados, pois seu ex-marido vendeu o que lhe pertencia legalmente, embora sua casa esteja irregular. Ela não se sente responsável pela condição ilegal em que se encontra, pois a Prefeitura não construiu outra casa na área que destinou ao ex-marido, como havia prometido, e explica, — *Já era pra eu tê feito minha casa lá, mas tem uma pedra grande, no lugar que eu vô tem que quebrá aquela pedra pra levantá a casa, que se não fosse essa pedra a casa já tava lá.*

Na verdade, segundo França (1997, p. 51), a Prefeitura não comprou as terras, mas indenizou o proprietário em uma ação de desapropriação das mesmas, visando implantar ali um conjunto habitacional, em convênio com a CDHU. Segundo França, devido à demora na liberação judicial e a demarcação dos lotes e serviços de infra-estrutura pela Prefeitura, a área ficou abandonada por dois anos, resultando em ocupações e venda de lotes pelos moradores originais, fato que ocasionou brigas judiciárias e processos com a Prefeitura.

Segundo Batista (2002, p. 16), o processo de compra e desapropriação dessas terras pela Prefeitura teve início em agosto de 1990 e, mediante processos jurídicos, findou em agosto de 1994, quando foi certificada a divisão definitiva das propriedades. Após inúmeras negociações, foi determinada uma área de 189.925,25 m² que a Prefeitura destinaria a moradias populares; isso ocorreu sem, no entanto, serem providenciadas as condições para efetivar tal proposta. Em 1990, segundo Matzkin e Mello (1990), foi quando as obras da escola⁸ foram iniciadas; nessa altura a população total do Sesmária era de 360 pessoas. Aí começou o segundo

⁸A escola foi inaugurada somente em 21 de abril de 2002, e a Prefeitura providenciou um abastecimento de água exclusivo para a escola, que oferece cursos do ensino fundamental à população.

momento da história de ocupação do bairro, marcado pelo parcelamento irregular das terras, dos contratos informais de compra e venda e das doações de terras por *clientelismo* político.

Segundo Lopes (2002), a ampliação do núcleo original do assentamento está relacionada a outros eventos locais, ocorridos entre 1993 e 1996. Após a venda ilegal de lotes, entre 1993 e 1994, a Prefeitura fez duas remoções de famílias que ocupavam áreas de risco nas encostas de morros de outros sertões, que passaram, em 1995, a se fixar em 45 lotes no bairro. Em fevereiro de 1996, 75 famílias ocuparam as casas populares do Conjunto Habitacional do Bairro do Taquaral, construídas desde 1995 e que ainda não haviam sido entregues aos sujeitos inscritos no programa conveniado entre a CDHU e a Prefeitura da cidade. Para resolver o problema da ocupação e liberar as casas para serem entregues aos inscritos, a Prefeitura cedeu 33 lotes no Sertão da Sesmaria (na atual rua Fiat) para a remoção de parte dos ocupantes, após uma negociação entre a Associação dos Cidadãos Sem-Teto de Ubatuba (criada na época da ocupação e hoje desarticulada), a CDHU e a própria Prefeitura. A Prefeitura também passou a doar os terrenos na época da eleição, em troca de votos em favor de sua candidata, mas como essa perdeu a eleição, o bairro não teve a atenção do Prefeito eleito em 1996.

Segundo Lopes (2002), todas as moradias eram de madeira, as casas de alvenaria foram sendo construídas com o passar do tempo. O rápido crescimento do bairro deveu-se ao fato de que muitas das pessoas que foram morar em lotes doados começaram a trazer seus parentes, que vinham com a promessa de emprego, além das promessas eleitorais.

Eles vêm, por exemplo, vem o pai ou o avô, chega e faz o barraco. Depois vem o filho, os irmãos, a família toda. [...] Geralmente os pais vêm com 4, 5 filhos, e aí eles se casam e têm mais filhos, vão aglomerando, fazem um “puxadinho” aqui, outro ali... Eles constroem nos fundos das casas dos parentes. Vai aglomerando cada vez mais. Num barraquinho de 5x5 mora 10 pessoas, é uma aglomeração muito grande.

(Depoimento oral de Lillian, moradora do sertão da Sesmaria, 28 anos)

O resto a Prefeitura lá deu. Porque o povo tava lá naquele...ali pro lado do... lá no Taquaral, que eles tava tudo abrigado lá né? Num tinha lugar pra mora, barraca de lona, aí fizeram reunião e eles num quiseram saí de lá. Aí a Prefeitura foi e arrumo pra eles aqui oh! Ali! Depois que arrumo aí veio, fizeram as casas, e tão aí. Aí tem muita gente boa, ali nesse pedaço. Lá em cima que é ruim, do povo lá que invadiu tudo.

(Depoimento oral de Dona Albertina, a moradora mais antiga ainda viva do sertão da Sesmaria)

Tais fatos evidenciam o papel da Prefeitura e interesses eleitorais nesse processo. A Prefeitura foi conivente com a ocupação em áreas impróprias e irregulares, pois, no intuito de resolver o problema habitacional de famílias, que se encontravam em áreas de risco, acabou criando outro problema e dando margem para que a ocupação da Sesmaria fosse efetivada sem planejamento. A administração municipal incentivou a ocupação, por meio da concessão de lotes, sendo responsável também pela devastação da mata local e pelo embargo judiciário que começaria a partir de então. Além disso, houve muitas doações por favores políticos, com bases em interesses pessoais de candidatos.

Teve uma época que a Dra. D. tava se candidatando a vereadora junto com o antigo prefeito. E junto com ele, porque ele fez 2 mandatos, 8 anos, e ele junto com ela parece que fez uma doação de terra aqui. Cresceu duma vez devido a isso. Porque disseram que era da Prefeitura esse pedaço e fizeram a doação. Hoje tem muita gente morando aqui porque o Paulo Ramos junto com a Dilei fez a doação. E a gente que é daqui não recebemos doação. Teve quem veio da Bahia e de Minas. A maioria que ganhou foi da Bahia.

(Depoimento oral de Kátia, moradora do sertão da Sesmaria)

Por circunstâncias das relações de posses, as terras foram vendidas ilegalmente a migrantes de outros Estados, vindos do interior da Bahia e Minas Gerais e de cidades e bairros vizinhos – considerados bolsões de pobreza, como Estufa II e Ipiranguinha. Nesse processo, várias casas foram construídas muito próximas de córregos e rios, o que causou o embargo judicial da área, pois essas áreas são destinadas às matas ciliares e as casas construídas na área estão dentro do perímetro de proibição de uso (LOPES, 2002).

Iniciou-se então o terceiro momento da ocupação do Sertão da Sesmaria, caracterizado pelo embargo judiciário da área e pelas “invasões” de terras. Segundo a Secretaria de Saúde, em novembro de 1996, o bairro foi embargado pela Promotoria do Meio Ambiente, devido à crescente ocupação estar atingindo áreas cada vez mais próximas de valetas, córregos e árvores, colocando em risco os moradores. Algumas moradias foram atingidas pela queda de árvores e por desmoronamento de encostas, segundo nos contaram alguns moradores. Porém, desde agosto de 1997, algumas construções que estavam em fase de finalização e fora da área ambiental passaram a ser liberadas. Além dessas, outros lotes foram cedidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social a famílias consideradas necessitadas e outros, por clientelismo político, em ocupações estimuladas por lideranças, autoridades políticas e vereadores locais – mesmo com a área já embargada.

Como a área estava embargada, os migrantes que chegaram começaram a construir os barracos no local, de forma irregular e desorganizada. Segundo Lopes (2002), quando a situação fugiu do controle, o Ministério Público cobrou ações da Prefeitura para proibir o crescimento do núcleo e foram colocados fiscais na área. A presença dos fiscais levou os moradores a adotarem a estratégia de construir seus barracos durante a noite. Dessa forma, da noite para o dia, novos barracos eram construídos e ocupados, inibindo a ação dos fiscais, já que não poderiam mais retirar os moradores já instalados nos barracos. Segundo Lílian, os moradores constroem os barracos muito rapidamente, da noite para o dia, às escondidas.

Quando você nota, já está o barraco e a família. E agora eles estão espertos, não fazem mais tantos barracos, quer dizer, fazem, mas não pegam mais áreas novas, porque estão com medo. Eles constroem nos fundos das casas dos parentes.

(Depoimento oral de Lílian, moradora do sertão da Sesmaria, 28 anos)

Isso reflete o adensamento populacional que está se formando no lugar, as aglomerações aumentam em número de pessoas numa mesma área, o que compromete ainda mais as condições de morabilidade, infra-

estrutura, higiene etc. As moradias são construídas em lugares que não possuem condições de habitabilidade, sem espaço físico para a organização da infra-estrutura. Não há equipamentos públicos como creche, praças e postos de saúde, ou infra-estruturas como tratamento de esgoto, abertura de ruas, iluminação etc.

Não há definição clara dos limites do assentamento do sertão da Sesmaria, o bairro possui uma média de 189.945, 25m² de área construída (BATISTA, 2002) entre casas e barracos aglomerados. Dessa área, 382 são casas de alvenaria ou adobe, e 63 são casas de madeira e materiais reaproveitados (SIAB, 2007). No trajeto de acesso ao bairro, as casas ficam sobre as encostas da Serra do Mar e nas margens da via de terra. Apesar da aglomeração em alguns trechos, os modelos de habitação ainda trazem um caráter rural, evidenciado por criações de aves, plantio de espécies nativas e tipologias das moradias, com casas de pau-a-pique e piso de terra batida.

Em torno do núcleo onde hoje está a escola estão os primeiros compradores de lotes, além dos grupos de moradores que para lá foram removidos em 1995 e 1996, morando em casas de alvenaria inacabadas. Nos limites do bairro, já nas encostas de morros e próximos ao riacho que margeia a área, situam-se os moradores que tiveram lotes cedidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social, além de outros que adquiriram a posse dos lotes (LOPES, 2002), quase todos morando em barracos de madeira e materiais reaproveitados em condições de periculosidade.

A disposição das moradias se dá de forma espontânea, embora estejam situadas de forma ordenada segundo a rua, apresentam dentro do terreno, uma ocupação “aleatória” muitas vezes ocupando terrenos em grandes declividades, e sem recuos determinados. Predomina a autoconstrução.



Figura 3.8 –Forma de ocupação. Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.9 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.10 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.11 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.12 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.13 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.14 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.



Figura 3.15 Forma de ocupação – Foto: Rosana Vieira, 2007.

O bairro é dividido em duas áreas, uma delas regularizada pela administração pública e outra irregular, inserida em área de mananciais. Uma porteira imaginária demarca a divisão dessas áreas, onde antes havia a porteira que dividia as terras da fazenda. (BATISTA, 2002). Da “porteira” para dentro da mata, junto da precariedade exposta na composição do bairro, há conflitos de legitimidade, os quais predominam nas preocupações da população, pois tal situação é impeditiva para as melhorias necessárias. Para se instalarem, houve muito desmatamento, prática bastante utilizada pelos ocupantes, o que acarretou uma grande clareira na mata.

Ai menina acho que aí é irregular, porque aqui tá “congelado”, então, aqui não pode construir, as árvores não pode tirar, porque tem essas arvores aí em cima, se cai pode...outro dia caiu em cima do barraco e quase destruiu tudo, inda bem que foi aí fora sabe. Não pode tirar, não pode construir e fica nessa aí. Agora eu não sei se a gente começar a construir se dá alguma coisa, né, não sei como é. Minha vontade é fazer de bloco né, mas vou fazer e depois também perdê? Queria aproveitá esse lugar do barraco, aproveitá né? Pegá mais aquele terreno ali na frente e fazê! Mas...e ainda tem árvore na frente né, pra tirá tem que tirá altorizacao.. tem que vê um punhado de coisa, é complicado! Eu não entendo direito sabe, mas acho que aqui é protegido sabe? uma coisa assim... (Depoimento oral de Ildete, moradora do sertão da Sesmaria, 37 anos)

Os lotes na área continuam sendo vendidos e muitos moradores utilizam móveis e eletrodomésticos como forma de pagamento. São vários os conflitos por falta de pagamento dos lotes ou casas, mas os moradores resolvem essa questão entre eles mesmos. Os moradores, tanto individual como coletivamente (através da Associação do bairro), buscam o atendimento das reivindicações e soluções imediatas, que quase nunca são atendidas.

Há interferência do poder público na área e isso pode ser percebido através da existência de rede de abastecimento de energia elétrica em alguns poucos lugares, telefone público, escola de primeiro grau “Senhor João Alexandre” e ponto de ônibus. A maioria dos moradores, no entanto, utiliza-se de “gatos” para receber iluminação, pois não têm condições de pagar a conta de luz. Igreja e escola, frente a frente, são lugares

freqüentados por muitos moradores. Tal fato faz dessa esquina (entre as ruas Del Rey e Mércury) o principal ponto de encontro do bairro. É aí também que se concentra o tráfico de drogas do bairro, o que tornou o lugar conhecido como “esquina da bagaça”. (BATISTA, 2002).



A variedade de estilos da casa inclui desde o modelo tradicional de uma moradia da zona rural até os modelos de casas de veraneio (casas assobradadas com grandes varandas). Estas foram construídas nas partes altas do bairro, com vista para o mar, que se mostra no horizonte, de onde se avista a Praia do Cruzeiro. As moradias de madeira são pequenas e divididas por paredes do mesmo material ou por móveis e cortinas, possuindo em sua maioria dois cômodos - quando muito três – funcionando sala/ quarto, cozinha e banheiro, que na maioria são internos. As famílias dividem o espaço de dormir e de comer em pequenos cômodos, apenas os banheiros são separados – alguns deles fora da casa.

Figuras 3.16 e 3.17 –Formas de ocupação imitando casas de veraneio nas partes altas do sertão do Sesmaria. Fotos: Rosana Vieira, 2007

Há outras igrejas no bairro, uma católica e mais duas evangélicas, situadas em áreas não embargadas. Apenas uma está edificada em zona imprópria para construção. Além da escola e de igrejas, há “botecos” abertos pelos próprios moradores na frente ou ao lado de suas moradias. O comércio, representado por um “mercadinho” também é ponto estruturador do ambiente e das relações sociais da comunidade, funcionando como pólo de atração para ocupação do entorno e como ponto de referência, porém não supre todas as necessidades da comunidade.

Quanto ao abastecimento de água no bairro, apenas 33 casas são atendidas pela rede pública, outras 4 casas possuem poço ou nascente e a grande maioria se abastece de mangueiras que trazem água da serra. Segundo dados do SIAB (2007), o tratamento da água em domicílio é feito em apenas 16,85% das casas; o restante não faz nenhum tipo de tratamento da água consumida. A questão do destino do esgoto é a mais preocupante: apenas 0,67% das casas são atendidas pelo sistema de tratamento de esgoto, 95,06% possuem fossa e 4,27% jogam o esgoto a céu aberto. Isso contribui para a grande porcentagem de doenças e infecções entre os moradores.

O despejo de esgoto é jogado no córrego e não há pavimentação nas ruas, com exceção da rua Paraty e parte da rua Del Rei, até o ponto do comércio. As demais vias são de terra e estão em péssimo estado de conservação, há buracos e lixo espalhados. A parte do rio que passa entre as ruas e é visível evidencia a degradação.



Água que é fogo né?. Não tem. As vezes falta muita água, temporada agora é hora de começá faltar. Se tivesse água era bom, cada um ter a sua água. ter a da cachoeira mas ter também a da rua quando faltar né. Só na escola tem água da rua, o resto todo mundo pega da cachoeira. Então se cada um tiver seu relógio era legal, porque eu já morei assim, porque vc paga mas pelo menos é uma coisa que vc tem sempre. Direto, não falta, a não ser que num paga as conta. Mas aí já é problema da pessoa. É difícil, ficar sem água é muito ruim. Mas luz tem, graças a deus. Graças a deus meu barraquinho tem tudo organizado, luz graças a deus tem. Já comprei assim, tudo certinho. [...] Então esgoto essas coisas que num tem, é uma revelia por causa disso, muito complicado. O de pia essas coisas a gente joga no rio. Pro outro tem fossa né! Não tem rede, fazê o que? Todo mundo joga no rio. O resto tudo a maioria tem fossa. A fossa fica no quintal. É que os terreno é tudo complicado também, vixi!

(Depoimento oral de Ildete, moradora do sertão da Sesmaria, 37 anos)

Não tem água tratada, a água é da cachoeira da Serra. Água da Sabesp só tem na rua Del Rey, que é a rua da escola, e nenhuma casa tem esgoto tratado. Cada uma tem a sua fossa, mas nem todos têm. Na verdade, muitas casas não têm fossa e o esgoto fica a céu aberto ou jogam no rio. Eles desviam as nascentes de água da Serra com mangueiras, aí a água passa no quintal e eles jogam o esgoto ali mesmo. A coleta de lixo é feita, mas é demorada. Esgoto não tem nem aqui nem na Estufa II. Luz também quase ninguém tem. A maioria faz “gato” para pegar luz, porque eles sobrevivem com muito pouco, não dá para pagar conta de luz. (Depoimento oral de Lílian, moradora de 28 anos)

Figuras 3.18 e 3.19 – Mangueiras para capturar água da nascente e esgoto jogado no rio. Fotos: Rosana Vieira, 2007.

A precariedade da vida cotidiana não se limita ao modelo da habitação ou inacessibilidade, mas abarca ainda os riscos de estarem em áreas topográficas inadequadas, nas quais se instalam em condições de degradação social e ambiental. As condições topográficas das áreas ocupadas nas partes mais elevadas e com declividades, leva à implantação das casas através da sua suspensão por pilares, compensando a alta declividade do terreno, geralmente com estruturas precárias de apoio, apresentando elevado risco de desestabilização. As fortes chuvas frequentes podem ocasionar danos de deslizamentos de solo, o que acrescido à baixa qualidade das estruturas coloca em risco todo o processo de ocupação da área e de sua vizinhança.

Segundo Lopes (2002), a área tornou-se um depósito de famílias sem-teto, migrantes, cidadãos desempregados e excluídos. A demora na regularização do fornecimento de energia elétrica, a falta de rede de água tratada, de esgoto, de manutenção das ruas, aliadas à precariedade do transporte público e da coleta de lixo tornam o quadro local no mínimo preocupante.

A partir da rua Ômega, há mudança na tipologia das casas. A precariedade é mais nítida nesta área, onde padrão construtivo, associado à falta de infra-estrutura, remete ao entender de uma periferização dentro da própria periferia. Esta parte da Sesmaria é mais recente, e a maioria das habitações são barracos de madeirite. A drenagem local também é mais precária, formada de vincos na terra e desaguando no córrego. Com vista da Rua Mercury, há ocupações na encosta da Serra do Mar, que são as áreas consideradas como favela no município.

Aqui desse lado da escola a situação é até um pouco amena, mas para lá é bem barraquinho, famílias aglomeradas em um barraco do tamanho desta sala, com 10, 15 pessoas. O bairro fica um pouco dividido, ninguém tem documento definitivo, mas da escola pra cá tem documento de compra e venda, aí algumas pessoas tiraram o imposto na Prefeitura, então tem mais segurança. Do outro lado não, são barracos de pessoas que invadiram e ficaram. E como cresceu muito ficou difícil de organizar a população. São pessoas que vêm de lugares muito pobres e o trabalho deles é autônomo, a maioria cata lata na praia, é ajudante de pedreiro, essas coisas. Eles sobrevivem com muito pouco ou quase nada. (Depoimento oral de Lillian, moradora de 28 anos)

3.1 No cotidiano do bairro - histórias de vida, histórias do lugar

A experiência com a população desse sertão, em seu cotidiano, possibilitou-me compreender a dinâmica do bairro e interpretar suas paisagens. Pude, assim, estabelecer um “olhar” para esse sertão ao longo do percurso da pesquisa. No percurso, minhas observações e experiências na e da paisagem foram enriquecidas pelas histórias de vida dos moradores, os protagonistas desse cenário precarizado. No decorrer das visitas e permanências no bairro, foi possível identificar algumas transformações do bairro, as diferenças entre os períodos de alta e baixa temporada, as novas ocupações que surgiram. As duas fotos a seguir mostram esse processo, foram tiradas do mesmo local em épocas diferentes.



Figura 3.20 - Rua Del Rey– esgoto “in natura”. Fonte: arquivo GPDUHS, jun/04.



Figura 3.21 - Rua Del Rey – mesmo local da foto acima 3 anos depois, mostra o crescimento no adensamento. Fonte: autora, 2007.

Nas primeiras horas da manhã o bairro é silencioso, tranquilo e consegue se ouvir o som da cachoeira. Com o passar das horas e o aumento da temperatura, as pessoas começam a se movimentar nas casas e nas ruas; algumas vão em direção ao centro ou às casas de vizinhas, outras envolvem-se nos afazeres domésticos ou no pequeno comércio local. O som das bicicletas, das vozes dos moradores, das brincadeiras das crianças e dos latidos dos cães “invade” o espaço e “esconde” o “som” da natureza.

São muitas as crianças espalhadas pelas ruas do bairro, que andam de bicicleta, jogam futebol, taco e empinam pipas. A maioria fica curiosa diante da minha presença e tentam se aproximar. Me abordam com perguntas, e algumas mostram uma *certa desconfiança*. As crianças mais novas ficam nos arredores de suas casas, normalmente vigiadas por irmãos mais velhos ou por vizinhas. Os mais jovens ficam pela redondeza, nas ruas vizinhas e na rua próxima à escola. Em épocas escolares a rua Del Rey (da escola) fica bastante movimentada, as crianças fazem algazarra, pulam o muro, fogem do porteiro, até que, enfim, entram para assistir aula. Quando não estão na escola, muitas ajudam os pais em casa ou os acompanham no trabalho.

Num dos dias de visita, encontramos alguns meninos de cerca de 9 a 12 anos bebendo pinga *no gargalo*, revezando a garrafa a cada gole. Ao perceberem minha presença, saíram correndo pela Rua Ômega dando risadas. Com algumas exceções, as crianças ficam bastante “largadas” no bairro, pois os pais saem para trabalhar e as deixa sozinhas em casa. Os adolescentes são mais raros de serem vistos durante o dia, pois ou estão na escola (no bairro da Estufa II) ou trabalhando. Retornam somente a noite para o bairro, o que dificultou nossos encontros. Apenas alguns meninos permanecem no bairro, passando a tarde toda nos botecos, bebendo e jogando bilhar.

Os homens também se dividem em grupos distintos conforme suas atividades no espaço. Há os que saem pela manhã para o trabalho (seja formal ou informal) e retornam no fim da tarde. Outros trabalham no período noturno e saem ao entardecer. Dos que chegam no fim da tarde, alguns recolhem-se nas moradias junto

às suas famílias e preparam-se para ir à Igreja, outros reúnem-se nos botecos do local. Há um grupo de moradores que fica a maior parte do dia sentado junto a um barraco próximo ao campo (próximo à esquina da “bagaça”) e em outros bares, onde consomem aguardente. Muitos se embriagam o dia todo, outros circulam pelos trechos de maior movimentação. Há entre os desempregados aqueles que ficam em casa para tomar conta das crianças enquanto a mulher vai trabalhar em “casas de família” em bairros centrais da cidade ou às praias “catar lata”, ou ainda em busca de trabalho. Muitos homens trabalham na construção de suas casas de alvenaria.

O dia a dia desse sertão, contudo, é influenciado por períodos oscilantes que acompanham a alta e a baixa temporada do município. No período de baixa temporada, percebemos um “outro espaço” nesse sertão, com outros “ânimos” presentes na comunidade. Rever as pessoas nessa época foi trabalhoso, elas não estão mais “tão disponíveis”, as relações são mais difíceis. A disponibilidade dos moradores em contribuir com a pesquisa, evidente nos meses de janeiro e outras vezes que estive na alta temporada, não aconteceu nas visitas e permanências nas visitas realizadas em abril, setembro e outubro. As dificuldades se deram também com relação ao acesso, às idas diárias ao bairro, pois os ônibus não mantêm o mesmo trajeto no decorrer dos dias. Os horários das linhas são adequados aos dos períodos da escola, nos fins de semana não há ônibus servindo o bairro.

A questão do acesso, do transporte, do “ir e vir” é uma das principais dificuldades encontradas pelos moradores. Apesar de não ser tão “longe” do centro (em quilometragem), a falta de transporte coletivo e a estrada de terra no meio da mata “aumentam” essa distancia. Por isso os moradores em sua maioria utilizam bicicletas. No entanto, em determinados horários é “perigoso” transpassar o bairro e a estrada de acesso, deserta e sem casas que liga o sertão ao bairro da Estufa II. As dificuldades de acesso e locomoção estão presentes nas falas de quase todos os moradores. Esse fato acaba limitando o lazer da população, já que no bairro não há

praças, parques, ou outros equipamentos de lazer para crianças. Com as dificuldades de acesso, essa concretização do lazer é quase inexistente no bairro.

Não há presença de locais apropriados de convívio e lazer, porém os moradores fazem da própria rua o lugar das brincadeiras. Em dias de visita presenciamos a manifestação de vários grupos de crianças, entre 2 e 10 anos, que delimitaram áreas na rua para jogo de bola, taco, brincadeiras de esconder. As moradoras mencionam não sair muito do bairro para lazer, raramente ou nunca frequentam a praia, como veremos adiante. As crianças inventam e reinventam brincadeiras no espaço. Elas desconhecem outros lugares do município, “seu espaço” limita-se às ruas próximas às casas e à escola. A praia, local que deveria caracterizar a participação na vida da cidade, pouco aparece nos discursos dos moradores. As crianças ficam restritas às brincadeiras nas ruas e terrenos baldios que circundam o bairro.

Não é nem por questão de lonjura, mas ônibus só tem 3 vezes, pra gente fica difícil estar se locomovendo, o meio de transporte da gente, da maioria é mais a bicicleta, porque é mais rápido, mais fácil, mas e as nossas crianças que precisam do ônibus? Os idosos... só em 3 horários de ônibus, então fica difícil, e final de semana não tem nenhum horário. Então é uma coisa que prejudica a maioria das pessoas. Tem pessoas que trabalham no final de semana, ou então precisa sair, fazer uma visita pra um parente, não tem ônibus! Ou vai à pé ou não sai de casa, fica por aqui mesmo. Os jovens já tão mais acostumados a andar, vão numa boa.

(depoimento oral de Kátia, moradora do Sertão do Sesmária).

Ah sair quase nunca né, muito pouco. Às vezes leva as crianças em algum lugar, mas é difícil. É mais assim festinha de aniversário mesmo, aí a gente vai, por aqui mesmo, ou na bela Vista, Ipiranguinha, lugar que dá pra ir de bicicleta. Ir pra longe com criança não tem como. E final de semana não tem ônibus, só segunda-feira, então quer sair não tem como. Aí ir pra longe de bicicleta com criança não dá né? Então a gente acaba não saindo.

(depoimento oral de Ildete, moradora do Sertão do Sesmária).



Figura 3.22 – Crianças brincando na rua. Foto: Rosana Vieira, 2007.

Num dos dias de permanência no bairro, fizemos alguns exercícios de percepção com as crianças que brincavam nas ruas, enquanto eu conversava com os moradores. Em um dos exercícios, foi pedido que eles representassem o bairro e o dia-a-dia através de desenhos. Os desenhos retrataram a realidade do local onde moram, brincam e “trabalham” ajudando seus pais. Utilizaram cores, evidenciando a paisagem natural do lugar, e à todo momento solicitavam mais folhas e lápis coloridos. Na maioria dos desenhos aparecem as casas, a mata, as montanhas, a borboleta, o sol, o céu com estrelas e o rio que atravessa o bairro. A praia se expressou em pouquíssimos desenhos, evidenciando a distancia existente entre a paisagem do turismo, a paisagem do consumo e a realidade das crianças do sertão. Em dois desenhos, a praia aparece junto com latas de refrigerante, o que remete ao trabalho de catar latas, pois algumas crianças acompanham seus pais nesse serviço.



Figura 3.23 – Desenho de Cláudia, 12 anos, 2007.



Figura 3.24 – Desenho de Sirlene, 11 anos, 2007.



Figura 3.25 – desenho realizado por Stéfani, 2007.
(Quando perguntada sobre o “mar com peixinhos”, a menina respondeu que “ajuda o pai a pegar latinha lá, mas nunca vê os peixes”).

O desenho de uma das meninas, para ilustrar um caso, sobre o percurso de seu cotidiano é interessante, pelo contexto retratado: um plano onde ela expõe os caminhos para sua casa, com a mata ao fundo e num outro plano a praia, com peixes e cocos. O dimensionamento das ruas, assim como o senso de direção e localização da casa complementa-se com detalhes da paisagem (Sol, nuvens, pássaros...). Desta representação podemos analisar a relação entre seu percurso no bairro e o local onde trabalha (catando lata).

A maioria dos desenhos expressa a casa, a mata ao redor (com árvores) e a borboleta (será que é expressão dos sonhos?) Alguns expressam bichos como sapo, cobra e bichos do mato, que revelam a presença desses animais em seu cotidiano, por conta da proximidade com a mata. Na ocasião da atividade, quando questionados sobre os desenhos, a maioria das crianças mencionou que o desenho não representava a casa deles, era “*outra casa*”, ou seja, a casa dos sonhos, das expectativas. Os desenhos estão no anexo dessa pesquisa.

A questão da valorização da paisagem é bastante ausente nas falas dos moradores. Os moradores não se relacionam com a mata, são poucas as exceções. Segundo Lílian, “*as pessoas não dão muito valor à natureza, até porque acordam muito cedo e têm muito pouco para oferecer ao filho, aí não dá para parar e pensar na mata. Para elas não faz parte do cotidiano, a mata até atrapalha porque é onde eles querem construir e não dá para cortar árvore*”. Quando mencionam, atribuem valores negativos à serra e à mata, por *atrapalharem* a implantação dos barracos, pois os limites da ocupação estão relacionados historicamente com a interdição das casas que estão próximas de áreas de preservação ambiental.

Espremidos em uma clareira no meio da mata, os moradores produzem uma paisagem interna que contrasta com a externa, sobretudo pela precariedade de recursos urbanos. Na verdade, a paisagem chama atenção dos moradores quando a mata está atrapalhando, quando cai uma árvore, colocando em risco a vida dos moradores. Do contrário, a impressão que dá é que a mata não faz parte da vida dos moradores, dão pouco valor à ela, com raras exceções. Poucas pessoas expressaram a beleza da mata e a importância da mesma no bairro e na cidade.

Ah eu gosto! Não ligo não! Num gosto que fica essas arvores aí, mas num me atrapalha não, só atrapalha o que ta em volta do barraco. É, e quando venta muito nossa! é perigoso. Mas a paisagem tem que ter né, sem duvida tem que ter. Porque lá na minha terra também né...eu gosto. Eu num acostumei em São Paulo por causa da poluição, que é muita, criança num se deu bem. Lá sabe como é né? É tudo mais... assim né... e aqui a gente se dá muito bem. A paisagem acho que num tem gente que num gosta né...do verde rrsrrsrrsrrs só aqui em cima do meu barraco que é complicado né...mas... o resto, é isso aí...
(depoimento oral de Ildete, moradora de 37 anos).

Ah eu gosto sim das árvores. Menos essas do fundo ali do meu barraco. Mas não me atrapalha não, é muito assim um lugar bonito, um verdinho, corre um vento...entao não tenho do que reclamar, é mais as árvores que se ta no barraco dormindo e uma árvore desabar e matar todo mundo, que nem a Ildete falou, no dia que caiu árvore na casa dela. Eu quando assustei eu já

tava aqui fora, porque eu achei que tinha caído em cima do meu barraco! Já não tem nada, o que tem inda destrói? Aí é mais difícil a situação.
(depoimento oral de Vilma, moradora de 33 anos).

Nas entrevistas e coleta de narrativas foi possível identificar os aspectos da relação que os moradores estabelecem com o espaço em que vivem e a consciência referente à construção desse espaço, seus usos, os valores atribuídos aos lugares, à rua, à casa ... suas expectativas. Alguns desses discursos são apresentados a seguir.

Dona Albertina, a primeira moradora deste sertão, não mais valoriza o lugar que mora. Antes, para ela o bairro era bom, era tranquilo, representava coisas boas. Depois, com as transformações e ocupações, o lugar perdeu o valor.

Quando eu vim mora aqui era tudo bõ, era muito bõ, não tinha briga, não tinha matação, nada. Mas duns tempo pra cá, tem é matança, quando não é matança bate. [...] Tudo que mora aqui em volta da minha casa, tudo meu família, é filha, é neto, né? Tudo que mora aqui. Aí o pessoal foi chegando depois, aí depois que eles vieram, tem uns **meio que eu num conheço**, que mora pra lá, mora pra cá, né? Tinha uns tempo que [...] que era muito bõ, né, Lília? Tinha aquele, tinha aqui onde era essa escola, era um campo de bola, né? Essa água aí era uma água limpa, uma água que a gente bebia tudo, depois negócio de trazê esgoto na água tudo, que não presta mais, essa água aí que não tem valo, agora tá uma água suja. E aqui foi muito bõ!
(depoimento oral de Dona Albertina, moradora do sertão)

Ela não se sente mais pertencente ao lugar, para ela perdeu o valor, na medida que foi “*invadido*” pelos migrantes, que o “*modificaram*”, transformaram seu sentido. E o que “*foi muito bõ*” - não é mais. A princípio o bairro era seu “lar” mas agora ele perdeu este “**valor**” expulsando-a do lugar que constituiu **sua história** e sua família. No começo, o espaço fazia parte de Dona Albertina, era onde ela trabalhava (com a terra), vivia, se divertia e descansava, ou seja, era o *seu lugar*. O valor atribuído ao bairro se perdeu, hoje o espaço não é mais o mesmo. Hoje ela busca sua identidade fora dali, quer voltar para Parati, porque *lá é bem melhor*.

Era muito melhor que agora, era um conforto muito mais melhor, mas agora não dá, a gente de noite, às vezes de sábado pra domingo, não pode dormir com a bagunça daqueles forrós, daquela bagunça, daqueles gritos, para mim só isso.
(depoimento oral de Dona Albertina, moradora do sertão)

Alguns moradores, como Sr. Geraldo, não dão nenhum valor ao lugar, considerando-se vítimas da falta de opção.

É Sesmaria. Sesmaria é um lugarzinho que é a minha cara, como eu me sinto: pobre, humilde, às vezes tem hora que eu saio até do meu limite por causa disso. Tive uns pobrema, com casamento, por não aceitá as situações que eu vivo. Então hoje eu sou casado faz 2 anos com minha mulher, mas ela vive num bairro ali na Fortaleza, e eu vivo aqui, porque como é que eu vô trazê a mulher pra mora comigo aqui? Então é por isso, que eu não conformo com a maneira que eu vivo, da maneira, quer dizer, eu vivo, ta bom, ta certo, mas da maneira que a coisa anda...
(Depoimento oral de Sr. Geraldo, 47 anos, morador da rua Omega).

Há o sentimento de pertença ou não pertença dos moradores em relação ao espaço e isso evidencia-se em suas falas. Dona Albertina e Sr. Geraldo são exemplos de uma relação negativa com o espaço em que vivem. Não se identificam com o bairro. No entanto, a maior parte dos entrevistados encontra prazer em residir ali. Aqueles que vieram em busca de uma vida melhor imprimem no espaço coletivo tal necessidade – o valor que atribuem ao bairro é o mesmo que (hoje) dona Albertina busca fora dele. Buscam uma identidade com esse lugar, negam a possibilidade de ter que voltar para a cidade de origem. Assim, o espaço adquire valores que se sustentam num contato permeado de afeto positivo ou negativo em relação a ele. De uma forma ou de outra, vêm qualidades no espaço que habitam.

Eu gosto de morar aqui, já me acostumei. Porque na roça assim...nao sei não, lá para estudá é mais complicado, aqui tudo é fácil, escola...e lá é mais...claro, se precisar ir mesmo nós num fala que não vai (p/ Minas) mas enquanto tiver do jeito que está eu vou ficando por aqui mesmo. Pra mim ta bao aqui. Marido ta trabalhando, quando eu puder eu também vou

trabalhar, sem dúvida! não gosto de ficar em casa muito, me estressa! Ficá em casa me estressa!

(depoimento oral de Idete, moradora de 37 anos).

Ah eu até gosto de mora aqui, mas nada como o lugar da gente né, nada como a terra natal, no Paraná. Mas como lá não tem recurso nenhum, não tem serviço, não tem nada, a gente tem que ficar por aqui mesmo.

(depoimento oral de Claudete, moradora de 37 anos).

O acesso á moradia e o baixo custo de vida são questões que satisfazem aos moradores.

[...] eu agradeço a Deus por ter meu barraquinho, só que meu sonho mesmo é ter uma casa de bloco, porque eu não aguento mais mora em barraco de madeirite. O meu é esse primeiro aqui da frente. É muito perigoso, é muita árvore. Tem vez que a gente tem que correr por causa do vento, catá meus filho e ficá ali até o vento passá depois...de noite. Então meu sonho é ter minha casa porque é muito difícil morar em barraco de madeirite, eu queria construir aqui mesmo, nesse lugarzinho aí, só que de bloco. Só que difícil são as árvores, é muito complicado. Por que às veis a gente vai construir e eles vem e embarga. A gente já não tem dinheiro o que tem vai perdê, aí fica mais difícil.

(Depoimento oral de Vilma, moradora do sertão da Sesmaria, 33 anos)

Mesmo com uma infra-estrutura e condições de vida precárias, para muitos existe uma melhoria das condições de vida. A população que migra de áreas rurais, além da oportunidade de emprego, almeja melhores condições de vida, ou seja, poder ter acesso à escolaridade e aos serviços de saúde principalmente. Observamos que os moradores que vieram de regiões rurais pobres, como os sertões baianos e cidades do interior de Minas, têm um sentimento forte de pertença do lugar, da rua. O fato de ser uma população de recém-chegados e de possuírem vínculos de parentesco ou de amizade no morro provoca complexas relações de apoio e de identidade. A proximidade de familiares e a vizinhança permitem criar laços de convivência e, certamente,

contribuem para a satisfação local. A proximidade de amigos e familiares é fator de fixação, o que pode criar fortes vínculos com o espaço local.

Por outro lado, não possuem identidade com relação ao restante do bairro. Não há uma referência do bairro ou da cidade. A existência de familiares e conhecidos facilita a vida no novo bairro, criando “redes de solidariedade” entre eles, mas essa “rede” parece ficar restrita à rua, às vizinhas, à casa ao lado...O bairro como unidade, como um todo, não se expressa em suas falas. Desconhecem (ou não querem falar) o que acontece na “*rua de baixo*”.

[...] tem uns **meio que eu num conheço**, que mora pra lá, mora pra cá, né [...]
(depoimento oral de Dona Albertina, moradora do sertão)

[...] mas eu **sei muito pouco aqui dos moradores**, num tenho muito contato, **eu fico mais por aqui mesmo**. Dá escola pra cima. As vezes eu vou na reunião, algum projeto da escola, os meninos vão no projeto, jogam capoeira, de vez em quando tem reunião a gente vai também para ficar falando né... na escola também, a mesma coisa. Mas eu não sou de sair muito não. Até na minha irmã é **difícil de eu ir, ela mora ali em cima**, na rua Gurgel. E também trabalha direto né, ela num tempo de ficá em casa.
(depoimento oral de Idete, moradora de 37 anos).

Mas as vezes acontece cada coisa lá embaixo e nós nem sabe! Porque **a gente mora aqui em cima**, aqui graças a deus é um lugar sossegado, não tem briga não tem nada. E é assim, eu com Dete nós faz tudo junto, se for até ali na escola a gente vai junto nós duas. Nós duas. Quatro horas mesmo tem um aniversário pra nós ir lá no Bela Vista. Nós vamos de bicicleta, porque aqui num tem ônibus. Pagá um carro nós num podemo então n’s vamu de bicicleta, levá a criançada toda.
(depoimento oral de Vilma, moradora de 33 anos).

TUAN (1983) explica que a rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um, mas a unidade maior, o “bairro”, é um conceito. Segundo esse autor, não se expande automaticamente o sentimento que se tem pela rua local para todo o bairro. O conceito depende da experiência, mas não é uma consequência inevitável da

experiência, já que o “bairro” só adquire visibilidade e torna-se um “lugar” através de um esforço da mente: Segundo Batista (2002, cotidiano e vida de bairro são processos dinâmicos que ganham conteúdos diversos à medida que mudam as estratégias dos diferentes agentes que produzem esses espaços. Os bairros têm diversas espécies de fronteiras: algumas são fortes, definidas e precisas, outras podem ser incertas. No entanto, estes limites parecem desempenhar um papel secundário na sua constituição, embora possam fixar suas fronteiras e reforçar sua identidade.

Esse espaço “restrito” produzido pelos moradores, “fechado” em seu círculo de vizinhos, de sua sociabilidade, expressa também o medo dessas pessoas, a relação com a violência existente no bairro. Como afirma Maricato, há a questão da violência (estigmatizada nesses locais, mas também real) que se dá por conta da exclusão. *A periferia reúne carências múltiplas e o número de homicídios é mais alto, pois o serviço da polícia se faz de forma distinta na cidade, priorizando a defesa dos patrimônios pessoais.* (MARICATO, 1997, p.43). A criminalidade e a falta de segurança ou a violência aparece na maioria dos discursos como a principal desvantagem do lugar. Os tiroteios difundem o medo entre os moradores, que evitam circular tarde da noite pelo bairro.

E nesses anos todos eu já vi muita coisa acontecer. Assassinato, as pessoas matarem, mas isso é outro departamento que a gente acaba fechando os olhos mas a gente tem medo por causa dos nossos filhos. Eu tive uma experiência há 2 anos atrás, a gente numa reunião com o povo... porque como agente de saúde a gente convive com as pessoas todos os dias, só nos fins de semana que não, e eles contam as coisas das vidas deles pra gente. Tem uma ética profissional que a gente guarda, mas é como se gente fosse psicóloga sabe? A gente tem que saber lidar com o povo. Então, numa reunião com todos do grupo, teve uma colega nova que tava começando, ela disse que entrava nas casas das famílias mas que não entrava muito em detalhes, e que não poderia se envolver porque era um traficante e ela tava com medo de ir. Porque eles pegam confiança e contam as coisas, você fica sabendo de tudo. E os nossos filhos, que aí no caso eu tive uma filha que tava envolvida com um rapaz que mexe com drogas, não tem como a gente se excluir deles. Quando você vê seus filhos crescendo, e tem amizade com

pessoas que estão na criminalidade, você não tem como não se envolver, dizer some daqui! [...] Mas tem muita coisa que poderia ser feito dentro do bairro com jovens, pra não fica na rua sem fazer nada. A maioria aqui se envolve no meio da criminalidade, das drogas, que em todos os bairros tem. Num tem como a sociedade ter um controle, eles acabam tomando conta do pedaço onde eles estão. Não mexem com a gente, mas a gente corre o risco... as vezes uma bala perdida aí... porque policiamento, quando a gente fala nisso, a maioria fala assim, “ah, mas você vai comprar guerra com o tráfico, com o pessoal que trabalha com o tráfico, só que e as nossas crianças que estão crescendo? Que precisava ser olhada nesse ponto né? Acaba se envolvendo também, ou até corre o risco de levar uma bala perdida qualquer coisa assim. Porque querendo ou não a gente sempre escuta um tiro aí. Não é que seja muito freqüente, mas durante o ano, se for ver, é assim... a quantidade de vezes que acontece é perigosa. Com a gente eles num mexe, mas as vezes se tem rinha uns com os outros, entre eles, acaba acontecendo de ter tiroteio, sei lá. De madrugada a gente se assusta com tiro. É difícil durante o dia, é mais a noite. Mas e se acontece durante o dia? Tem tanta criança, tem a escola. (depoimento oral de Kátia, moradora de 37 anos).

A concentração de migrantes, desempregados, em condições de habitabilidade precárias e periféricas, em uma área sem recursos públicos, acentua a questão social manifesta nesses locais, exteriorizando referências negativas na população da cidade. Como afirma Kowarick (1979), *a favela recebe de todos os outros moradores da cidade um estigma forte, forjador de uma imagem que condena todos os males de uma pobreza que, por ser excessiva, é tida como viciosa e, no mais das vezes, também considerada perigosa.*

Ah, isso aí eu acho que nun dexa de num ter né...? Pra todo lado, e aqui é um lugar (?), eu não sei eu num gosto de ficá falando eu fico no meu canto...mas a gente num deixa de saber né. Sempre. Não deixa de não ter não. Mas eu mais meu marido nem se mete! Num sou contra mas fico bem longe...isso como jeito de viver, jamais! Então mas pelo que eu sei...tem ali embaixo, tem tiro...só que é la pra baixo, aqui em cima é tranquilo. Tudo ali perto da escola ali, naquele meio lá. perto da escola. Outro dia tinha um cara baleado, na frente do onibus que as crianca iam pra são Paulo, no passeio do zoológico que a diretora tava levando, e era de madrugada, assim 5:30h da manhã. Aí foi. Deu uns tiro lá em cima e o cara entrou no ônibus baleado, só da porta assim pra dentro, sem entrar né. E deixou a porta da frente aberta, ele sentou ali na porta

do ônibus onde tava minha menina. Aí foram tirá ele, ele entrou no outro ônibus, entreou em 2 ônibus, mas pedindo socorro, aí conseguiram tira.
(depoimento oral de Idete, moradora de 37 anos).

Com relação ao turismo, os moradores têm relações muito diversas, dependendo também da época do ano, do quanto o turismo está “rendendo” para seu sustento. Quando, em janeiro, perguntamos sobre essas questões, os moradores mostraram-se animados, satisfeitos. Havia muitos serviços, muita gente, muita *lata pra catá... tava tudo bom!* No entanto, ao mesmo tempo em que o turismo traz à cidade o “serviço” de que os moradores necessitam garantindo-lhe a qualidade de boa cidade, não garante a qualidade de vida para quem carece o ano todo de alimento, pois se desenvolve sazonalmente.

E eu faço meus bicos aqui, que nem agora quando tem temporada eu vou pra praia, cato as minhas latinhas pra ajudar. Também quando vem uma faxina eu faço. catá latinha dá um dinheirinho. Não dá muito, mas dá pra tirar o dia. Principalmente no natal, ano novo, data assim, dá para tirar 100,00 por dia, 70,00... eu e meu filho né, de 14 anos. E assim vamos vivendo, estamos aí nessa luta.
(depoimento oral de Claudete, moradora de 37 anos).

Tem vez que eu vo pra praia e eu cato lata eu e ele. Pago alguém pra cuidá dos meus 2 e é assim. As vezes eu vou. Tem vez quando eu não cato lata que eu olho criança assim para algumas pessoas aí (daqui mesmo). Tem uma nenezinha que eu cuidei duma amiga minha lá de Minas também. Eu cuidei da menina com 3 anos, depois que ela interou 3 anos que ela pos o nenê na creche e aí eu parei de trabalhar e aí eu fui catar lata. Qualquer coisa, eu cato lata, Carnaval mesmo se Deus quiser, se me der força me der saúde eu to lá catando lata. Dá um dinheirinho. Não dá assim, dinheieeeeeiro, mas dá pra pagá as conta. Que nem no natal, eu fui comprar roupa pros meus filho, 100,00 de roupa, agora eu tenho que pagar.
(depoimento oral de Vilma, moradora de 33 anos).

Ser morador pobre e migrante numa cidade litorânea como Ubatuba é não ser turista, é a ausência de possibilidade de ir às praias para lazer, para levar os filhos... vai-se á praia apenas para trabalhar. As praias são o espaço do turista, do consumo, os moradores desse sertão não fazem parte desse espaço. Eles então se

ocultam do mar para o sertão. Aqui, o sertão só vira mar quando os moradores vão à orla marítima catar latas. Muitos destacam a possibilidade de encontrar trabalho como uma vantagem de residir no bairro. Porém o acesso ao emprego dá-se mais através da migração para Ubatuba, e não para o bairro. Então, a cidade é boa de se morar enquanto possibilita emprego para os que conseguem, como é o caso de Ildete, Vilma, Claudete, Maria Célia, Teresinha etc. Elas se apegam à cidade por construir sua família e sua história num “lugar bom para trabalhar”.

É muito difícil nós ir pra praia aqui. Nós só vai pra praia pra trabalhá e catá lata, mas pra nós curtir assim, nós num vai. Ah, sei lá, é muito difícil pedalá a bicicleta no Sol quente, e mesmo assim...as vezes fora da temporada meu marido leva as criança, mas eu assim sou muito difícil de ir. As vezes eu vou lá catá lata e nem o pé na água eu num tacho, venho embora e só vou tomar banho aqui debaixo do chuveiro, na água gelada.

A oportunidade de trabalho em uma cidade litorânea foi considerada por muitos como um sonho concretizado. A possibilidade da utilização dos serviços de saúde e educação, mesmo precários, é percebida como uma vantagem e uma melhoria trazida pelas condições de vida urbana. Acostumados que estão a processos de exclusão, seu nível de exigência adapta-se às condições socialmente estabelecidas. Entretanto, após algum tempo de moradia na cidade esses migrantes começaram a enfrentar problemas estruturais, como o desemprego, a falta de moradia e as dificuldades de subsistência e adaptação ao cotidiano da nova cidade.

O maior comprometimento na qualidade de vida desta classe é o problema habitacional que esta vem enfrentando tanto na qualidade de sua habitação quanto em seu acesso a ela. Este processo de empobrecimento faz com que muitos indivíduos busquem, na ocupação de áreas públicas e de preservação ambiental, os meios de solucionar a problemática habitacional. Desta forma, burlam os mecanismos de vigilância e de fiscalização pública e ambiental e constroem barracos ou casas precárias em encostas de morros, favelas, mangues e beiradas de rios, descaracterizando e degradando áreas de preservação ambiental (LOPES; ALVES; FRANÇA; NEVES; BATISTA, 2002, p. 79)

Apesar de espacialmente localizados próximo ao centro urbano, os moradores que entrevistamos nesse sertão quase não participam da vida da cidade. Utilizam-se dos serviços mais indispensáveis (como Posto de Saúde) e não pensam na cidade como lazer ou encontro. Utilizam o centro como ponto de passagem para o local de trabalho. Não há uma relação de pertença à cidade. A vida da população do sertão do Sesmaria fica, assim, circunscrita ao sertão.



Figura 3.26 – Cotidiano no sertão do Sesmária. Foto: Rosana Silva Vieira, 2007.

CAPÍTULO 4

O SERTÃO DO PORUBA

Alguns dos moradores do Sertão do Poruba – os protagonistas deste capítulo:



Figuras 4.1, 4.2 e 4.3 – Sr. Benedito Fernandes, Dona Mocinha e Sr. Angelino Fernandes. Foto: Rosana Vieira, 2007.

Sr. Benedito Fernandes – conhecido como “Dito Fernandes” – é o mais tradicional dos “irmãos Fernandes” e contador de histórias. Nasceu no sertão do Poruba e é casado com Dona Mocinha Fernandes de Cristo Silva, com quem teve 14 filhos. Dona Mocinha, nascida no sertão, é filha de parentes de Dona Dorotéia Fernandes. Também descendente da família tradicional que ocupou o sertão, Sr. Angelino Fernandes é o morador mais velho do lugar, com 83 anos. Recentemente ele vendeu parte de suas terras para pessoas de São Paulo, fato que

contrariou os outros irmãos. O Sr. Benedito é irmão do Sr. Angelino e da Dona Mariana, que, juntos, são os 3 moradores mais antigos do lugar.



Figura 4.4 – Rosana Silva Vieira, Sr. Dito Fernandes e Sr. Argemiro. Foto: Diego Sbruzzi, 2007.
Figura 4.5– Geni Fernandes e Esupério dos Santos. Foto: Rosana Vieira, 2007.

O Sr. Argemiro também é descendente da família dos Fernandes e integrante do grupo de congada do Poruba. Geni Fernandes de Cristo Silva é a filha mais velha de Dona Mocinha e de Benedito; ela trabalha na sub-prefeitura regional norte.

Os outros filhos do Seu Benedito e Dona Mocinha: Anita Fernandes dos Santos, Sonia Fernandes de Cristo, Benedito Carlos de Cristo, Jao Fernandes de Cristo, Lucinete Aparecida Fernandes, Claudemir Fernandes de Cristo, Ana Elisa Fernandes de Cristo, José Roberto Fernandes, Valdemir Fernandes, Maria Elisandra Fernandes de Cristo, Oudinei Fernandes de Cristo, Eliane Fernandes (já falecida) e Edvaldo Fernandes de Cristo.

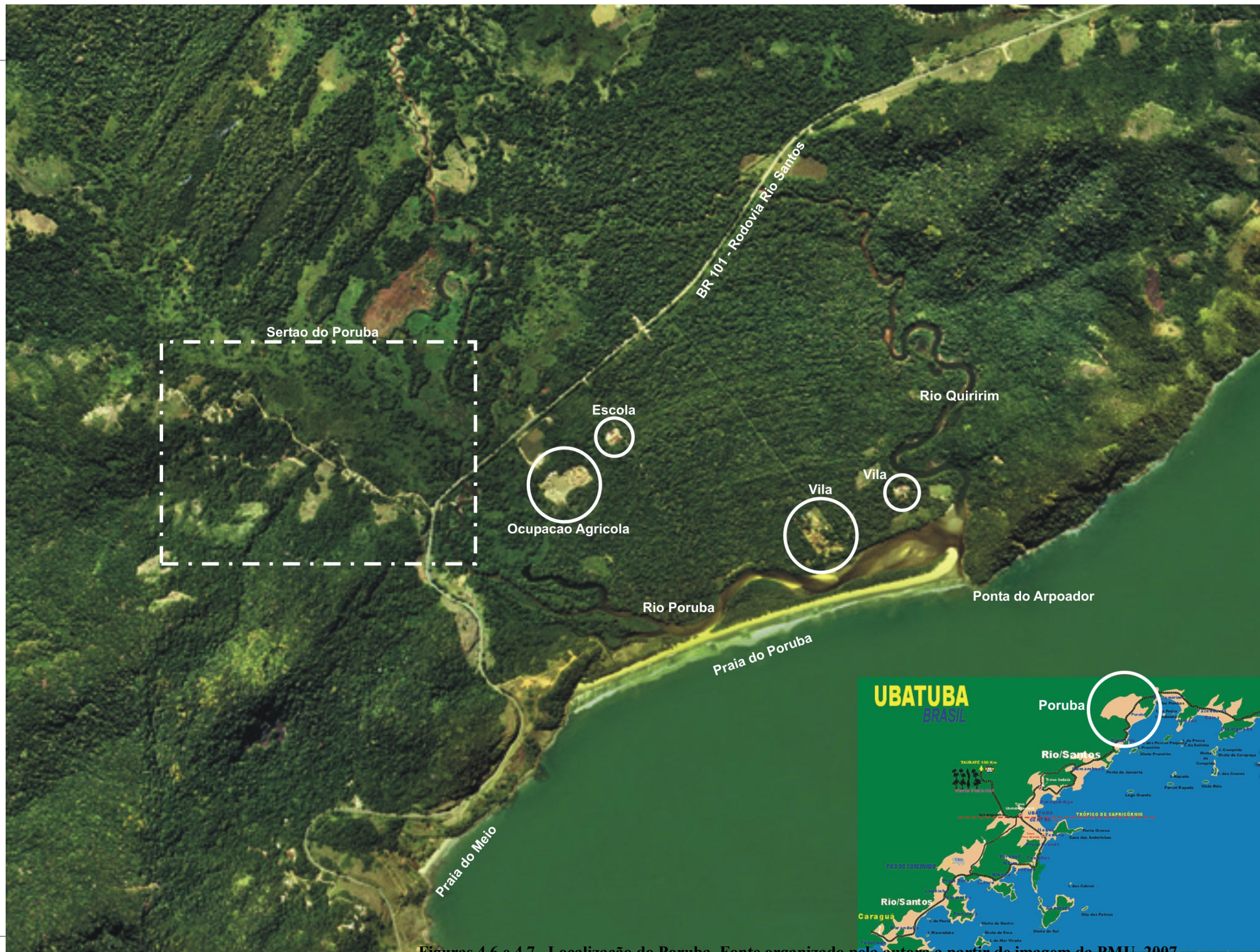
Marcelo, 30 anos, membro da ASSU – Associação de moradores do bairro do Poruba, neto de Dona Mariana, luta pela permanência dos moradores no sertão e pela sobrevivência dos modos de vida caiçaras.

Sr. Arlindo dos Santos, mineiro, chegou ao sertão para trabalhar na firma que fazia a manutenção da estrada, trazendo seus parentes alguns anos depois. Os descendentes e parentes do Sr. Arlindo Santos que mais tivemos contato são:

Esupério dos Santos, mineiro, irmão de Arlindo dos Santos, chegou no sertão em 1989, em busca de melhores condições de vida.

Leone, 17 anos, filho de Arlindo dos Santos, foi o primeiro morador a nos “apresentar” o sertão.

Marcos, 43 anos, mineiro, atualmente luta para garantir o trabalho na construção civil.



Figuras 4.6 e 4.7. Localização do Poruba. Fonte organizado pelo autor a partir de imagem de PMU, 2007

Poruba, em tupi-guarani, significa “zunido” ou “eco”, e segundo seus moradores, é o ‘eco’ trazido pelo rio que emana da serra e corta todo o sertão, passa pelos mangues e forma um lago até desaguar na praia do Poruba.

O sertão do Poruba localiza-se na região norte do município de Ubatuba, nas escarpas da Serra do Mar, numa área isolada e cercada pela Mata Atlântica. Essa região é caracterizada por ser bastante preservada e com baixo fluxo de turistas em relação às áreas centrais e sul do município. Tal fato se deu pelas dificuldades de acesso a essa região, que por muito tempo inviabilizou sua exploração. Somente após 1978, com a finalização desse trecho da rodovia Rio-Santos, a área está sendo gradualmente descoberta pelos turistas.

O Poruba situa-se entre os bairros do Promirim e do Ubatumirim, fazendo divisa, ao Norte, com o município de Cunha, pela Serra do Mar, e está distante 24 km do centro da cidade. Seu acesso se dá por uma estrada de terra sinuosa na mata, que parte da Rodovia Rio-Santos em direção ao interior do morro. Além disso, há trilhas e *picadas* pela Serra, com direção à Cunha e bairros vizinhos, transitáveis apenas a pé. A ocupação do sertão do Poruba acompanha essa estrada, desde o início, e segue em direção à Serra do Indaiá (figura 4.9). A comunidade do Poruba é formada pela vila da praia e pelo sertão (figura 4.6); ambos protegidos por unidades de conservação. A vila da praia é tombada pelo Condephat e o sertão é protegido pelo Parque Estadual da Serra do Mar – administrado, nessa região, pelo Núcleo Picinguaba.

O assentamento do sertão fica cerca de 200m acima do nível do mar, possuindo um belo cenário paisagístico com a visão da Serra do Mar e da Baía do Ubatumirim. A Floresta Ombrófila Densa Atlântica, floresta pluvial com aspecto denso de vegetação que ocorre na região, possibilita o desenvolvimento de espécies exuberantes, contribuindo para a riqueza paisagística e para a beleza do lugar. Três rios envolvem o povoado do Poruba, formando a bacia do Rio Poruba, que é a maior bacia da região norte de Ubatuba. São eles:

o Rio Quiririm¹, o Rio Poruba e o Rio Promirim, esse último deságua na praia vizinha de mesmo nome. O Rio Poruba é o mais extenso dos rios de Ubatuba, pois nasce próximo das divisas do município de Cunha e do Estado do Rio de Janeiro, permeia a Serra do Mar num grande trecho para depois cruzar o vale do Poruba e desaguar no oceano. Esse rio é a divisa natural entre os distritos de Ubatuba e Picinguaba e recebe como afluente o Rio Quiririm, que corta o Sertão do Ubatumirim.



Figuras 4.8 – O Rio Poruba desaguando na praia. Foto: Rosana Vieira, 2006.

Figura 4.9 – A bacia do Rio Poruba e a Bahia do Ubatumirim. Fonte: PMU, 2006.

¹ O rio Quiririm, chamado também de “grande rio”, surge da nascente da serra e desce serpenteando toda a colina, desliza pelo mangue até desaguar no oceano. Divide a costa de areias brancas com jundus que compõem a praia do Poruba. Suas águas correm à extensão da praia no sentido paralelo, entre o mar e as areias da praia, termina numa confluência com o rio Poruba, formando no local um extenso lago. No meio do lago, formam-se alguns canais.

O Sertão do Poruba é um assentamento consolidado e inserido na mata, como o Sertão do Sesmaria, porém possui características rurais e um crescimento populacional estável. É um bairro antigo, que remete aos bairros rurais² de Ubatuba do século XVIII.

Possui uma ocupação mista, formada por uma comunidade tradicional de caiçaras³ e migrantes oriundos de Minas Gerais que se instalaram na década de oitenta. A ocupação do sertão do Poruba passou por um processo parcialmente diferenciado dos processos de produção da maioria dos sertões e bairros periféricos do município. Os primeiros moradores chegaram há cerca de 170 anos, quando Ubatuba ainda era uma vila com comunidades dispersas e assentamentos isolados.

² A formação das vilas e bairros rurais de Ubatuba está direta ou indiretamente ligada às oscilações econômicas sofridas por todo o Litoral Norte paulista, durante os ciclos econômicos do ouro, café e cana do açúcar. No século XVIII, como tentativa de racionalização da agricultura, e na tentativa de integrar a periférica Capitania Paulista ao circuito mercantilista, foram introduzidas em Ubatuba, culturas de interesse do sistema colonial. *Pode-se dizer também que os pequenos sítios eram a retaguarda econômica das zonas de engenho, portanto, muito importantes na manutenção da estrutura vigente.* (MARCÍLIO, 2006). Nesta época, a maioria das roças, moradias e fazendas de Ubatuba estavam dispostas ao longo de suas inúmeras praias, no entanto, havia também aquelas levantadas no interior das terras, no sertão, ou “mato dentro”. Segundo atesta Marcílio (2006, p.42), elas estavam ligadas entre si, formando grupos de localidade ou de vizinhança, os “bairros rurais”, por meio de veredas ou picadas. Na virada do século XVIII, as terras dos caiçaras estavam organizadas dentro desse sistema agrícola de economia camponesa. O sistema de produção do caiçara estava organizado para responder, primeiramente, às necessidades do grupo doméstico, era uma sociedade calcada na família. Nesse regime de agricultura de subsistência, os homens viviam dispersos em pequenas comunidades, em suas roças e fazendas, em meio a clareiras na mata, ligadas entre si e com o centro urbano por relações econômicas e por dependências políticas e religiosas.

³ Trata-se de uma das últimas populações tradicionais da região. A expressão populações tradicionais passou a ser difundida, principalmente durante a década de 90. Ela inspira-se em uma outra, *indigenous people*, forjada durante os anos 60 e 70 nos Encontros internacionais para discussões ambientais promovidos pela IUCN (União Internacional para conservação da Natureza e dos Recursos Naturais), designando populações etnicamente distintas. Desde então, passou a ser amplamente usado pelo senso comum, designando várias populações genericamente e de forma ambígua no discurso ambientalista. Designa, portanto, populações de pequenos pescadores, pequenos agricultores, ribeirinhos, pantaneiros, extrativistas, caipiras, caiçaras, que utilizam recursos da natureza em suas atividades de reprodução de seu modo de vida, com baixo impacto destrutivo por deterem um conhecimento etnoecológico desta e por dependerem da continuidade dos recursos, seja prática ou simbolicamente, para a manutenção de suas vidas.

Essa paisagem rural e bucólica inserida na mata, composta por comunidades tradicionais, pode dar a falsa idéia de que no Sertão do Poruba não há conflitos e as populações caiçaras e migrantes vivem harmonicamente entre si e com a natureza. Contudo, ao nos aproximarmos da realidade local e vivenciarmos o cotidiano daquelas pessoas, percebemos o quão conflituosa é sua paisagem. O drama da produção sócio-espacial que vem se dando reflete as transformações e tensões dessa paisagem que se oculta na mata. Um espaço socialmente heterogêneo se produz nesse lugar. Os processos atuais de produção desse espaço (a partir do final da década de 70, com a construção da rodovia) refletem as tensões que se formaram, após a chegada de pessoas de fora, produzindo transformações sócio-culturais e econômicas, impactos nos modos de vida local e a degradação desse lugar em seu cotidiano de exclusão. Além disso, são inúmeros os conflitos estabelecidos por conta das imposições do Parque Estadual da Serra do Mar. As populações do Poruba tiveram seus territórios transformados em Unidades de Conservação Ambiental, o que as deixa sempre na iminência da expulsão de suas terras, impedidas de manterem seu modo de vida tradicional. A sociabilidade do lugar é desequilibrada também por conta dos turistas que chegaram e adquiriram lotes, trazendo novas culturas, rotinas e valores. São complexidades e especificidades somente apreendidas numa investigação pontual, das quais podemos nos dar conta apenas ao vivenciarmos o lugar.

Nesse contexto, o sertão do Poruba reflete alguns dos processos de produção dos sertões mais antigos de Ubatuba, formados por comunidades caiçaras que atualmente encontram-se num contexto de descaracterização de sua cultura. Permite uma discussão acerca do conflito enfrentado pelas populações tradicionais caiçaras, em cujos territórios foram criadas Unidades de Conservação Ambiental, e que, por isso, sofrem um processo de expropriação de terras, território, modo de vida e conseqüentemente, de sua cultura. É possível também uma reflexão acerca do novo morador que aí se instalou – o migrante de Ubatuba – atraído pelo clima e terras propícias para a agricultura. Esses moradores também transformaram em *seu lugar* esse sertão.

Assim, torna-se necessário o entendimento da composição dos moradores desse bairro, bem como das ações e agentes externos a ele. O sertão do Poruba é composto dos descendentes de poucas famílias. Duas famílias, basicamente, deram origem aos caiçaras descendentes dos fundadores da comunidade do sertão, há cerca de 170 anos, presentes no lugar, portanto, desde a época dos escravos. Outro grupo de moradores é originário de uma família de migrantes vindos de Minas Gerais que se instalaram no sertão após a construção da rodovia – fato que acabou transformando as relações do lugar. Algumas pessoas que vieram de cidades próximas e/ou turistas e que compraram lotes recentemente completam a ocupação da área. Atualmente o bairro totaliza 330 pessoas distribuídas entre 88 famílias, sendo 178 homens e 152 mulheres, conforme dados da Secretaria de Saúde. A divisão populacional, levando em conta a origem, é a seguinte: 43% é caiçara, 40% é mineira e os 17% restantes são turistas que não moram no lugar – vão ao sertão somente na temporada ou finais de semana.

Para o entendimento dos processos de produção desse sertão precisamos, primeiramente, conhecer seu morador, sua cultura, seu modo de vida. Assim, há que se estabelecer uma referência sobre o caiçara⁴. Segundo Diegues (1992), caiçaras são aquelas comunidades formadas pela mescla étnico-cultural de indígenas, colonizadores portugueses e, em menor grau, escravos africanos. Os caiçaras têm uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, de pequena pesca, de extrativismo vegetal e de artesanato. Para Marcílio (2006, p.17), a comunidade caiçara é formada pelo povo *agricultor – pescador – pobre que povoou quase ininterruptamente o litoral brasileiro*. Faggin (1989), em seu estudo sobre a Vila de Picinguaba em Ubatuba, afirma que índio, português, francês e preto deram origem ao caiçara de Ubatuba – *esse novo morador agricultor-pescador* – após a fundação da Vila. Para Rezende da Silva (2004, p.125), os caiçaras são

⁴ Segundo Sampaio (1987) etimologicamente o vocábulo caiçara é de origem Tupi guarani, caá-içara, que se refere aos tocos para prender as canoas próximas às tabas (casa indígena).

populações tradicionais camponesas, pois trata-se de um agricultor e/ou pescador, cujo modo de produção visa, em primeiro lugar, o provimento da unidade familiar, utilizando totalmente ou parcialmente o trabalho dessa unidade. Conforme Rezende da Silva (2004, p.126), sua cultura, chamada de tradicional, o coloca, segundo categoria antropológica, como membro das *populações tradicionais camponesas* e estas dentro das *sociedades rústicas*.

Nesta dissertação o caiçara é concebido tal qual foi visto e sentido durante o contato estabelecido em campo. Isto é, como o morador do litoral paulista, fruto da miscigenação de brancos, índios e negros, que herdou destes, costumes, conhecimentos, mitos e técnicas, e que, num contexto ímpar de contato com o mar e a Mata Atlântica, desenvolveu características próprias. Os caiçaras vivem em harmonia com os ciclos naturais e com os recursos naturais renováveis a partir dos quais constrói seu modo de vida. Possuem um profundo conhecimento da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de formas de uso e manejo dos recursos. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral.

As comunidades caiçaras de Ubatuba mantiveram sua forma tradicional de vida até a década de 1960, quando as primeiras estradas interligaram as áreas litorâneas com o planalto, ocasionando o início do fluxo turístico e migratório. Como afirma Diegues (2004), uma das ameaças às comunidades caiçaras e ao exercício de suas atividades tradicionais provém do avanço da especulação imobiliária, iniciada nas décadas de 1960 e 1970, sobretudo com a construção de residências secundárias ao longo do litoral. A especulação imobiliária privou grande parte dos caiçaras de suas posses, obrigando-os tanto a trabalhar como caseiros e pedreiros, quanto a se mudar para longe do local de trabalho, dificultando as atividades pesqueiras e agrícolas, conforme mencionamos anteriormente (segundo capítulo).

Outro morador que compõe o sertão do Poruba é o migrante oriundo de Minas Gerais. Vem de regiões pobres do interior mineiro, de lugares com formas de vida agrícolas que sofrem com a estiagem. Os fluxos

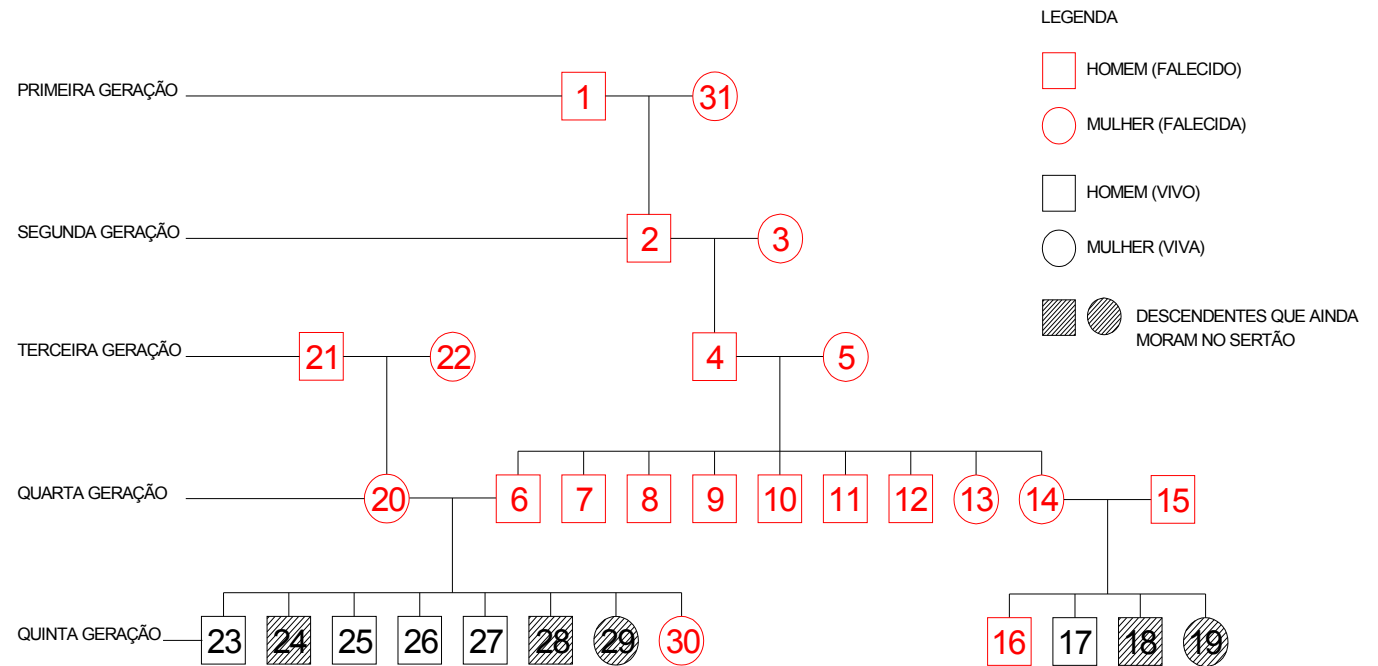
migratórios que Ubatuba conheceu nas três últimas décadas também influenciaram a ocupação do Sertão do Poruba, apesar disso ter se dado em menor escala do que com relação ao Sertão da Sesmaria e outros bairros periféricos. Esses migrantes vieram em busca de melhores condições de vida: emprego, de “terra boa” e por causa do clima úmido, com muitas chuvas, ao contrário do clima seco do interior mineiro que dificulta a atividade agrícola. Nota-se, entretanto, a diferença de composição entre esse sertão e o Sertão da Sesmaria: os migrantes daqui são todos descendentes de uma mesma família mineira. Acabou-se criando um forte vínculo dessa população com o lugar que ocuparam. Hoje, essa população migrante está *enraizada* no sertão do Poruba, com uma forte identidade em relação ao lugar. Ou seja, o processo geral da migração para Ubatuba em busca de melhores condições de vida é comum entre os sertões, mas as relações com o lugar e a produção de suas paisagens são bem diferentes. Os laços familiares foram marcantes nesse processo, como veremos mais adiante.

A produção do lugar que originou o Sertão do Poruba, iniciou-se há cerca de 170 anos, segundo relatos de antigos moradores. No início do século XIX, a área hoje ocupada pelo bairro do Poruba era uma fazenda, a Fazenda Santa Maria, onde funcionava um engenho de cana que usava mão-de-obra escrava. O dono da fazenda era Antônio Joaquim da Costa Brandão, colono português que chegou a Ubatuba em 1820, com grande quantidade de capital e investiu na compra de terras e escravos (MARCÍLIO, 2006). Esse português, junto com os escravos e os índios remanescentes na região, além de *outros 'brancos' de fazendas vizinhas*, deram origem aos primeiros moradores do Poruba.

A família atual caíçara dominante do Poruba é a família dos *Alexandre Oliveira*. Os relatos orais sobre a história da formação do bairro apontam que essa família de caíçaras teria sido formada a partir da união de duas outras famílias. A primeira teria sido dessa descendência entre João da Costa Brandão (filho do português Antônio Joaquim da Costa Brandão) e Dona Doroteia Gertrudes, uma negra escrava. Segundo relatos, ela

chegou na fazenda foragida de Cunha, veio descendo pela Serra do Indaiá até se fixar nas margens do rio. Dessa união nasceu Ana da Costa Brandão.

A segunda família originou-se de portugueses, escravos da fazenda, que já moravam no local, e índios. Dessa família, os primeiros descendentes de que se tem notícia são Miguel Fernandes de Cristo e seu filho Tutulino Fernandes de Cristo. Tutulino casou-se com “Mãe Tutá”, também escrava da fazenda, e dessa união nasceu Delácio Fernandes de Cristo. Tentamos reconstituir a árvore genealógica dessas famílias para compreender a formação do núcleo caiçara do Poruba. Para isso tivemos auxílio de alguns moradores, descendentes dessas famílias, ao buscarem suas lembranças e alguns documentos de batismo, casamento etc. Nessa árvore genealógica, muitos moradores não foram identificados, sendo que a maioria não mora mais no sertão. Contudo, a ajuda foi significativa quanto à compreensão da formação e da atual composição dos caiçaras no bairro. Salientamos também que fizemos a reconstituição apenas até a quinta geração, pois, a partir daí (sexta geração), são inúmeros os moradores que ainda moram no lugar, com os agregados, filhos e netos. A reconstituição da árvore genealógica é importante pois, além de ajudar a entender a origem desse grupo de moradores do sertão do Poruba, mostra que essa memória está presente entre os mais velhos e os mais novos e é significativo para sua identidade. Sua história de vida é também, uma história de gerações no lugar.



- | | | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|
| 1 - Miguel Fernandes de Cristo | 9 - Manuel Gardino F. de Cristo | 17 - Benedito de Cristo | 25 - Maximiano Fernandes de Cristo |
| 2 - Tutulino Fernandes de Cristo | 10 - Joao F. de Cristo | 18 - Joao de Cristo | 26 - Francilino Fernandes de Cristo |
| 3 - Tutulina "Mae Tuta" | 11 - Manuel Vilacio F. de Cristo | 19 - Carmem de Cristo | 27 - Sebastiao Fernandes de Cristo |
| 4 - Delacio Fernandes de Cristo | 12 - Manuel Arvilino F. de Cristo | 20 - Ana da Costa Brandao | 28 - Benedito Fernandes de Cristo |
| 5 - Maria Jose Fernandes de Cristo | 13 - Matilde Fernandes de Cristo | 21 - Joao da Costa Brandao | 29 - Mariana Fernandes de Cristo |
| 6 - Marcolino Fernandes de Cristo | 14 - Laura F. do Amor Divino | 22 - Doroteia Gertrudes | 30 - Lurdes Fernandes de Cristo |
| 7 - Cidonio Fernandes de Cristo | 15 - identidade desconhecida | 23 - Anastacio F. de Cristo | 31 - identidade desconhecida |
| 8 - Firmino Fernandes de Cristo | 16 - identidade desconhecida | 24 - Angelino Fernandes de Cristo | |

Figura 4. 10 - Árvore genealógica dos primeiros ocupantes do sertão do Poruba.

Fonte: constituído pela autora em conjunto com alguns moradores, 2007.

Nota: A quinta geração é formada pelos moradores que compõem a geração mais velha de atuais moradores.

A organização espacial do lugar se formou ao longo do rio, com casas de pau-a-pique cobertas com sapé nas escarpas das montanhas da Serra do Mar. O depoimento de Sr. Angelino Fernandes, caçara de 83 anos, retrata esse momento:

Eu tô com 83 anos, nasci aqui, meus pais nasceram aqui no sertão, eles que começaram o bairro, lá em 1800 e tanto. Mas eles não foram os primeiros, começou desde os pais dos meus pais, que vieram de lá pra cá, foram vindo de cima pra baixo, aqui pra dentro, desde o caminho da serra lá no alto, até chegar aqui no sertãozinho. É do tempo dos escravos, minha avó era escrava e já morava aqui, numa casa lá em cima. Tinha um casal de preto velho, de beijo grande, todos moravam aí no sertão, eu me lembro deles. Essa casa aqui é de 1981, antes eu morava aqui também, mas era de barro, coberta de sapé, depois reformou. Nasci lá em cima na casa do Dito, meu irmão.

(Depoimento oral de Angelino Fernandes, morador do sertão do Poruba, 83 anos)

Os netos de Delácio Fernandes são a quinta geração e são os moradores atuais mais velhos do lugar. Herdaram cada qual uma pequena chácara no local, da qual sempre tiraram o sustento de suas famílias. Viviam uma economia de agricultura de subsistência, isolados do centro urbano; trabalhavam na roça, na lavoura; plantavam milho, café, cana de açúcar. Os poucos moradores locais não encontravam facilidade para chegar à cidade de Ubatuba devido a acidentes de relevo tais como: vales, picos abruptos e ainda a dificuldade de atravessar a densa floresta virgem. Antes da construção da estrada, os moradores iam até o centro de Ubatuba por trilhas para vender farinha e, para tanto, levavam o dia todo. Algumas vezes eles voltavam de canoa, fazendo o percurso da praia até o sertão a pé.

Mas as coisas antigamente pra nós era melhor, só a condução que não, para ir na cidade tinha que ir a pé ou de barco, mas era melhor do que agora. Só a condução era difícil. Se tinha alguém doente. Hoje não. Naquele tempo a gente saía 5:00h da manhã para chegar aqui 9:00h da noite. Ia fazer compra, buscar remédio. Ou ia de canoa hoje para voltar amanhã, nunca voltar no mesmo dia. Hoje tem ônibus aí.

(Depoimento oral de Benedito, morador da vila do Poruba, 73 anos)

A atividade principal dos moradores era a agricultura e secundariamente a pesca, ainda que existissem outras atividades como a extração e a caça, todas estas voltadas para o próprio provimento e desempenhadas pelo grupo familiar. O trabalho nestas atividades era distribuído segundo as habilidades e possibilidades de cada um, e divididas ao longo do ano, num calendário que grosseiramente tinha duas partes, como chamam os caiçaras “o tempo frio e o tempo quente”⁵. (REZENDE DA SILVA, 2004). Apesar de não haver uma divisão muito rígida do trabalho, havia momentos nos quais esta separação ocorria. As atividades de produção da farinha, as atividades domésticas (lavar, cozinhar, cuidar das crianças) cabiam em geral às mulheres, assim como cuidar das criações e das plantas do quintal (geralmente medicinais e pequenas roças). Começava-se a trabalhar cedo, em geral aos 10 anos de idade, as crianças já acompanhavam seus pais na roça ou em outras atividades. Quando a mãe estava na roça, sempre um dos filhos ou filhas mais velhos ficava em casa para cuidar dos irmãos pequenos e do restante das atividades. Havia casos também, de um ou mais filhos saírem do sítio para trabalhar em outra atividade nas cidades, garantindo assim, outras formas de renda familiar. (REZENDE DA SILVA, 2004).

As questões costumeiras como tratamento de saúde, negociações imobiliárias, documentação oficial de casamentos, nascimentos eram resolvidos na cidade de Cunha, pois o acesso pela trilha que corta a serra àquele município era mais fácil. Por essa razão o espaço físico natural da região montanhosa do sertão do Poruba

⁵ Segundo Rezende da Silva (2004) o tempo frio que ocupava os meses de abril, maio, junho, julho, agosto e setembro, era o tempo de preparar a terra, fazer a coivara e plantar. Era um trabalho pesado, praticado principalmente pelos homens, mas que contava com a ajuda feminina, com exceção da coivara. O tempo quente que ocupava os meses de outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro e março, era o tempo de pescar e colher. A pesca era a única atividade essencialmente masculina, pois às vezes ela exige uma ausência prolongada de casa (para aqueles que trabalham embarcados nesta época), e também por acreditarem em superstições e lendas que dizem *que mulher no mar atrai mau agouro*. Entretanto, enquanto os homens pescam, as mulheres cuidam praticamente sozinhas dos sítios.

pertencia ao município de Ubatuba, mas toda a atividade cultural e social daquelas pessoas era feita em Cunha. De Cunha também se originou a tradição da Congada, dança típica dos moradores do sertão.

O surgimento dessa manifestação folclórica ocorreu na década de 40 no sertão do Poruba. Nessa época o espanhol Benigno Castro instalou na praia do Poruba uma serraria para beneficiar caxeta, madeira que havia em abundância no sertão porubano. Para a retirada dessa matéria prima foram contratados aproximadamente 150 homens, que na sua maioria vinham de Cunha, na região do Vale do Paraíba. Como esse pessoal ficava acampado em pequenos ranchos naquele local, nasceu um laço de amizade entre os cunhenses e porubanos residentes na área. Segundo Pedro Brandão, nascido naquele sertão em 1929, a maioria desses trabalhadores vindos de Cunha pertencia a um determinado grupo de congada, e nos fins de semana eles se juntavam aos porubanos e participavam das funções (bailes de roça), comuns na região. Entre uma “talagada” e outra de cachaça ou “concertada” (bebida típica caiçara), nasciam as prosas sobre festas e danças. Assim os porubanos começaram a se interessar pelas festas tradicionais de Cunha. Por diversas vezes os porubanos saíam a pé pelas trilhas junto com os cunhenses e chegavam em Cunha para assistir as festas, nas quais se apresentavam as congadas e moçambiques. Assim os porubanos foram se entusiasmando com aquelas danças e resolveram criar também a congada no sertão do Poruba. (FUNDART, 2006). Em 1987 a congada do Poruba voltava ao cenário folclórico apresentando-se em todas as festas populares em Ubatuba, tendo a frente um novo comandante, senhor Benedito Fernandes, filho do antigo capitão da Companhia de São Benedito na década de 40, quando da sua fundação, e que permanece até hoje.

Aqui fazia festa também, fazia baile, né? Fazia baile, dançava xiba, congada! Aqui no sertão mesmo! Fazia festa aqui, tava o todo tempo dançava xiba, congada, dançava tudo quanto é dança. Tudo ao ar livre, por nossa conta. Nós que cantava, tocava, dançava. Nesse tempo não tinha nada dessas coisas de rádio, é, tinha um violeiro bom, tinha um violeiro para tocar a viola, um prá cantá, pra dançá. Hoje em dia eu vejo hoje, que naquele tempo quando a gente era novo a gente podia cê um cantor, porque hoje é cantor né? E a gente sabia fazê as coisas mais não

sabia aproveitá nada. Agora depois de véio já num dá mais. Se eu fosse mais novo, se eu fosse cantor hoje eu botava essa turma aí na dança. Mais agora num dá mais. Rsrrsrs. E a gente fazia a festa, tocá viola, cantá, e ... pescá tinha que pescá, fazia tudo, caçá, porque fazia tudo num era nada proibido né? Mesmo que fosse proibido, num tinha como o cara vim aqui, só se vinha de avião rrsrrsrrsrsss.

(Depoimento oral de Sr. Benedito Fernandes, morador do sertão do Poruba)

A ocupação foi crescendo na medida em que os filhos foram se casando e construindo suas casas nos fundos dos lotes, ao redor da casa dos pais. Muitos casamentos se deram entre primos, isso era bastante comum, pois raramente os jovens saíam do sertão. As disposições das casas, umas bem próximas às outras, evidenciam também esses modos de convívio familiar presente no sertão. Pudemos perceber através das visitas que a maioria das pequenas “chácaras” possuem uma casa principal – que são as mais antigas, normalmente onde moram os mais velhos – e pequenas casas ao redor desse núcleo, ocupadas pelos descendentes.

Atualmente, da descendência caiçara, moram apenas as famílias de Angelino Fernandes, Mariana Fernandes, Benedito Fernandes e Maria Benedita Fernandes, que são nascidas e criadas lá. Antes eram 8 irmãos ao todo, 5 homens e 3 mulheres e alguns primos, mas eles foram indo embora e vendendo as terras, ficando apenas as 5 famílias. Muitos foram embora para o centro da cidade ou para outros sertões, por não conseguirem se manter por causa das restrições do parque. Os que ficaram ou continuam exercendo suas atividades ilegalmente ou se renderam a outros tipos de trabalho.

O Poruba, como outros lugares da região Norte do município, manteve-se intacto e fiel a essa cultura até a conclusão da construção da estrada em 1975, quando então foi “descoberto” pelos turistas e ambientalistas e passou a sofrer influências em seus costumes e na configuração do assentamento. A rodovia foi o ponto culminante de ligação do sertão com a cidade de Ubatuba.

De primeiro a gente vivia de lavoura, da roça e de pesca. Porque o caiçara nosso aqui é assim: saía para pescar de manhã, 11:00h tava em casa. Depois do almoço, a mulher ficava lidando com o peixe, ele ia trabalhar na roça. Todo dia era isso. E hoje não pode, não tem mais peixe, acabou tudo, não pode fazer nada. Mas eu trabalho muito com isso. Eu saía de casa tarde da noite, mas hoje não tem mais peixe. Porque essa pesca de mergulho destruiu tudo. Eles acham que a rede é que acaba com o peixe e liberam a pesca de mergulho. Só que eles fígavam o peixe e solta sangue e aí não vem mais peixe, desaparece o sangue mas o peixe sente de longe o cheiro de peixe. E isso tá liberado. Eles pintam e bordam no rio.
(Depoimento oral de Benedito, morador da vila do Poruba, 73 anos)

Por conta da construção da BR-101 na década de setenta, o Poruba separou-se em sertão e vila da praia⁶, como aconteceu com grande parte dos bairros do município. Na verdade, já havia uma separação entre o sertão e a praia, pois cada um era formado por comunidades diferentes e independentes, apesar do grau de parentesco distante. Mas antes era apenas uma separação simbólica, havia uma troca, havia uma relação social intensa. Com a divisão “física” acarretada pela inserção da rodovia, essa separação ficou mais evidente. Hoje essa divisão entre praia e sertão é bem marcada no bairro.

O termo sertão sempre existiu, mesmo antes da estrada. Mas hoje isso é mais forte ainda: sertão é uma coisa, praia é outra. Tem algum parentesco com o pessoal da praia, mas é bem de longe, eu desconheço. Mas a gente conhece todo mundo lá, só dividiu por causa da pista mesmo, porque era um bairro só. Todo lugar aqui é assim, no Ubatumirim também. Mas depois da estrada o sertão sempre fica do lado mais difícil, e muito desvalorizado. Na praia ainda dá pra aproveitar o turismo, fazer um restaurante, alugar camping, e mais fácil, porque o turista vem procurando praia. No sertão não tem nada, sobrevive um pouco de trilha, de cachoeira, de levar o turista pra ver os fornos dos escravos, lugares bonitos e antigos, mas não é muito valorizado. Tem a casa de farinha e a casa que eles moravam antigamente, que é legal pra levar o pessoal.
(depoimento oral de Marcelo, morador do Poruba)

⁶ A vila da praia do Poruba também é formada por uma comunidade caiçara. Apesar da vila não ser objeto desta pesquisa, nós coletamos algumas narrativas desses moradores para ajudar no entendimento da estrutura do Poruba e do modo de vida caiçara.

A gente falava um com o outro direto, assim, a pé, nós andava aí tudo, ia pra cima, ia pra praia, saía brinca lá pro Picinguaba, pela banda tudo lá de Tabatinga, nós vivia em tudo, nós ia a pé prá lá. Todo mundo assim né? Todo mundo já morava, só que era mais pros lado de praia. Se ia pra Ubatuba ia pela praia a pé. Se fosse pra Tabatinga, se fosse pra Caraguá a gente tinha que ir pela praia! Subia os morro tudo e ia pelas praia tudo! Por, pra lá pro lado de Parati, a mesma coisa! E tinha que ir, passava em Picinguaba, passava em Camburi e Almada, ia passando em tudo que era praia, Ubatumirim. Ia lá até depois chegá na Praia de Camburi e ia pra Parati, dali pra Parati também já ia por cima. Virava lá prá subir pra Angra rrsrsrs, rrsrsrs, era tudo a pé! rrsrsrsrs. Mas só que aquele tempo que eu era novo o povo era tudo meu conhecido, do Picinguaba até Ubatuba se conhecia tudo mundo que tinha. Hoje nem aqui no Poruba não to conhecendo mais quem tem aqui rrsrsrsrs, aumentou bem. Aumentou 1000%!
(depoimento oral de Sr. Benedito Fernandes, morador do Poruba)

A partir de 1977, a comunidade do Sertão do Poruba encontrou-se inserida dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, situação geradora de inúmeros conflitos entre a Unidade de Conservação e a comunidade local. O modo de vida tradicional – que inclui atividades de caça, roça e extrativismo – passou a ser considerado ilegal pela legislação ambiental aplicada a partir de 1977. O regulamento do Parque Estadual da Serra do Mar é bastante restritivo, ficando clara a proibição da coleta de qualquer espécie vegetal ou animal, da prática de queimadas, o plantio de espécies exóticas, a existência de moradias, a realização de obras e a criação de animais, contextos necessários à manutenção do modo de vida caiçara.

O Litoral Norte de São Paulo é uma região prioritária para conservação ambiental, entretanto devemos reconhecer que as unidades de conservação, sob a categoria de manejo “Parque” são bastante restritivas. Ocupando a maior parte da área do município e abrangendo comunidades tradicionais – que habitavam o local antes da criação do parque, esta “parte do território protegido” tem sido considerada, inúmeras vezes, pelos poderes públicos municipais e por alguns setores da população, como um grande obstáculo para o modelo de desenvolvimento vigente. Conforme Diegues (2004, p.65):

A criação de Parques Nacionais, com o conseqüente afastamento das populações tradicionais, em benefício de uma conservação ambiental que beneficia os “visitantes urbanos” é eticamente questionável. [...] E tanto mais inaceitável quando se trata de populações em sua grande maioria iletradas, geograficamente isoladas, sem poder político, mas que por séculos, por seu modo de vida, são responsáveis pela conservação do chamado “mundo natural”. [...] Trata-se no final, de uma questão ética, de direitos humanos e da construção de uma democracia real no Brasil (DIEGUES, 2004, p.65).

O trecho no qual se encontra o sertão do Poruba foi incorporado ao Parque Estadual da Serra do Mar, em 1979, sob a designação de “Núcleo Picinguaba”. Segundo Ortiz (2005, p.103), um dos argumentos para a criação do Núcleo Picinguaba, pelo Grupo da Terra, formados por técnicos da antiga SUDELPA⁷ era a existência de “populações caiçaras” que deveriam ser “preservadas”. Ou seja, seus propositores sabiam da existência das populações tradicionais que ali habitavam e inclusive as usaram como argumento para criação da Unidade de Conservação. Eles acreditavam que as chamadas *comunidades caiçaras* deveriam ser “preservadas” devido ao seu relacionamento harmônico com a natureza. Além disso, acreditava-se que a criação de uma Unidade de Conservação poria um freio à especulação imobiliária que ocorria na região. Estas comunidades não foram consultadas acerca desta “preservação”, que na verdade foi um “congelamento da paisagem” no tempo, mas sem garantias de permanência na terra. Foram ignoradas neste processo de criação de Unidades de Conservação, o que acarretou conflitos que se estendem até hoje, pois o Estado não as indenizou para que saíssem destas áreas, tampouco permitiu a continuidade de suas atividades tradicionais, legando a estas populações a ilegalidade.

Porque antigamente você trabalhava na roça à vontade, sem medo, não tinha ninguém para perseguir você, hoje não pode mais. Porque mandioca, feijão, milho não dá embaixo da mata,

⁷ Os técnicos da antiga SUDELPA - Superintendência para o Desenvolvimento do Litoral Paulista - trabalhavam com a questão fundiária.

tem que derrubar para plantar. E agora tem o problema da polícia florestal que não deixa. Pescar era à vontade. Hoje já não pode pescar, pescar com medo, tem que ter documento. Atrapalhou a vida. Hoje se o cara não tiver um serviço assim, ou da prefeitura ou de construção, pela roça morre. Porque a florestal tá acabando com todo o povo da roça. Eu não vou dizer que beira de cachoeira, de rio, aí tá certo, não pode derrubar mesmo. Espigão de morro também, tudo bem. Mas em baixada? Dava para trabalhar.

(depoimento oral de Sr. Angelino Fernandes, morador do Poruba)

No sertão do Poruba as propriedades não têm titulação e atualmente os moradores estão sendo ameaçados de expulsão de suas terras, pois a administração do Parque Estadual acredita que todos os moradores se fixaram lá depois da criação do mesmo. Por esta razão os moradores do Poruba vivem com medo de que de repente sejam obrigados a sair de suas terras. Embora realmente a especulação imobiliária tenha sido freada, os problemas fundiários já existentes não foram resolvidos até hoje.

Alguns dos moradores ainda não se acostumaram às imposições da legislação e continuam exercendo suas atividades clandestinamente. Por conta das novas restrições, o Sr. Benedito Fernandes, um dos moradores mais antigos e tradicionais do sertão, está pagando um parcelamento de multa no valor de R\$1200,00, porque, ao continuar com suas atividades de roça, foi multado pelo Parque.

O que restou dos antigos estão todos velhos, meus tios, minha avó... mas mudou a realidade. Não tem como mais mexer na terra, tem que se virar pra sobreviver. Nós, jovens, também queremos fazer outras coisas. Mas os antigos não aceitam isso. Por ela (minha avó) eles ainda plantam, fazem roca, por que eles estão acostumados com isso. E não faz mal pra ninguém. Só que se o Meio Ambiente pegar leva multa. Meu tio mesmo foi multado em R\$ 1.200,00, até hoje está pagando o parcelamento da dívida, mas não tem como desistir. Eles não entendem, eles estão acostumados com roça, não conseguem entender que tem que mudar o tipo de vida.

(depoimento oral de Marcelo, morador do Poruba).

Segundo Marcelo, morador do sertão e descendente da família dos Fernandez:



Figura 4.11 - Benedito Fernandes, Dona Mocinha e filhos nas margens do Rio Poruba em 1971
 Fonte: fotos pessoais antigas pertencentes à Dona Mocinha.

Eles acham que a gente veio pro Poruba depois que abriu a Rio Santos, e na verdade não é isso, a gente tá ali no sertão há uns 200 anos, porque vai morrendo os mais velhos e ficando os mais novos. Infelizmente muitos foram embora, mas mesmo assim, com as dificuldades, a maioria permanece, consegue um trabalho aqui, outro ali e permanece no sertão. Meus tios e avós contam histórias de 80 anos atrás, e também histórias que os avós deles contavam”. [...] “O Parque quer tirar o pessoal do sertão. Eles estão fazendo uma pesquisa, pois acham que o pessoal foi morar no sertão depois da construção da estrada, eles estão fazendo essa pesquisa por causa da preservação do Parque. Porque o Poruba é a região mais preservada aqui desse litoral, sempre que tem reunião, qualquer coisa que se quer fazer no Poruba o Meio Ambiente não deixa, porque é a menina dos olhos deles. Mais do que Almada, mais do que tudo.
 (depoimento oral de Marcelo, morador do Poruba)

Fotos antigas dos moradores no lugar e ruínas das antigas casas de pau-a-pique que contemplamos em nossas visitas corroboram a narrativa do morador que defende que seus avós nasceram no sertão, e por isso, já moravam lá muito tempo antes da implementação do Parque.

Paralelamente a esse processo da criação do Parque, a construção da rodovia ocasionou uma atração de pessoas de fora, que, após a finalização das obras, instalaram-se no sertão, de forma não organizada. Esta ocupação iniciou-se com um dos trabalhadores da firma que fazia a manutenção da estrada, o Sr. Arlindo dos Santos, proveniente de Minas, que chegou a Ubatuba em 1988 para trabalhar na manutenção daquele trecho da

estrada. Segundo seu filho Leone, ele veio em busca de oportunidade de trabalho, pois na sua cidade de origem – Itaipé, no Norte de Minas – havia perdido toda a sua plantação por conta da estiagem provocada pela seca.

No início, segundo relatos de seus filhos, ele veio sozinho para Ubatuba e morou por alguns meses na beira da rodovia, em base montada pela firma que fazia a manutenção da estrada. Nesta época, a Dona Mariana Fernandes resolveu colocar algumas áreas de terreno no sertão à venda por um valor irrisório e parcelado. O Sr. Arlindo comprou um pedaço de terra e trouxe o resto da família. O preço baixo da terra, numa região propícia para agricultura, acabou atraindo os pais e irmãos do Sr. Arlindo, entre eles o Sr. Esupério, com quem conversamos, e Sra. Terezinha, que chegaram em 1989. Estes também estavam em busca de novas oportunidades devido às dificuldades com as atividades de agricultura em sua cidade de origem. Aos poucos, outros parentes foram chegando ao lugar e construindo suas casas, constituindo assim a organização atual.

Eu vim de Minas. Meu irmão morreu de acidente em 1991 e eu moro desde 1989. Meu pai comprou a terra e a gente foi vindo junto, aí mora a família inteira. Na verdade eu trabalho e sempre trabalhei na agricultura, mas devido à situação, nas horas vagas, a gente busca outra forma de recursos né, na construção civil. A gente tem uma plantaçãozinha, porque a gente vive mesmo da agricultura, e também faz uns bicos. Meu pai faleceu faz cinco anos, e eu cuido da minha mãe. Levanto cedo, vejo as plantas, saio pra trabalhar e volto à tarde. Viemos em 89. Saímos de Minas por causa da busca né. O êxodo rural. Porque teve a estiagem lá na região e a gente sempre viveu da agricultura, é nossa maneira de ser, então naquela época a gente plantou muito café, todo tipo de cultura. E na época que a gente veio tinha um senhor que deu uma terrinha pra gente produzir arroz. E como a área era muito boa achamos que ia dar certo. Só que foi frustrado. No começo foi bom mas depois a gente percebeu que a realidade não era o que a gente pensava. Isso aconteceu com muita gente, então tem que partir pra outros setores. Foi um pensamento que não deu certo. Mas aí já tinha comprado aquele sítio e tivemos que buscar outros meios de sobrevivência. Aí eu vim trabalhar de pedreiro. Mas eu gosto de morar aqui, gosto muito de Ubatuba. Todo agricultor gosta muito de clima, e aqui é bom porque chove muito. E a gente sofreu muito com a estiagem na nossa região, aqui chove mais do que dá Sol, então é bom. E tem também a Mata Atlântica, que tem que preservar, eu sei, a gente aprende muita coisa. Precisa cultivar mas também precisa preservar. E a gente vive no meio de

uma vegetação enorme, muito bonito, a gente tem uma visão ampla da Mata Atlântica e eu acho muito rico. Às vezes acordo e penso: ‘esse é o lugar mais bonito’. Eu sou de Itaipé, no norte de Minas, é bem seco, próximo do Jequitinhonha, então é uma região muito sofrida, muita estiagem. Lá se vive da agricultura e da agropecuária, mas nem sempre dá para se manter. Tanto é que eu vim pra cá e sou envolvido com os movimentos, sou vice-presidente do sindicato rural de Ubatuba e a gente se envolve porque faz parte do crescimento do ser humano. Só que Ubatuba piorou um pouco, tá muita concorrência, muita firma de fora. Nesse ramo também de construção logo logo vou ter que procurar outra coisa, porque tá muito difícil concorrer com o pessoal de fora.



Foto 4.12 - Entrada da propriedade particular da Avibrás.
Fonte: Rosana Vieira, 2007.

Em 1982, chegou na região a Avibrás (Aeroespacial), com o intuito de montar sua base de sistemas de artilharia e foguetes. A Avibrás comprou grandes extensões de terra e fez todo o cercamento da área, mas o Parque Estadual proibiu o início das atividades. Atualmente a empresa aguarda indenização da Secretaria do Meio Ambiente, e tem um funcionário – o Sr. Natalino - que mora na entrada da propriedade e cuida de toda a área. A compra destas terras pela Avibrás de certa forma freou o comércio de terras no local, pois toda a área do sertão que não está ocupada por moradores faz parte da área cercada da Avibrás.

Nesse processo de ocupação, a área foi se configurando de forma heterogênea. Cada núcleo familiar compõe-se de algumas casas de seus familiares e descendentes⁸ (filhos que se casaram e construíram ao redor da casa dos pais). Os moradores mais recentes concentram-se em 2 núcleos: um próximo à bifurcação das duas ruas principais e outro no final da Rua Benedito de Paula, conforme a figura a seguir. Essa rua é formada quase que totalmente pela família do Sr. Arlindo Santos e seus descendentes de Minas, e por turistas que compraram lotes recentemente, com exceção apenas da família de Dona Mariana Fernandes, que foi justamente quem vendeu as terras para as pessoas de fora.

Na minha chácara cada filho tem um pedacinho, eu comprei um lote da minha tia, e esse lote eu dei pro Fernando meu filho e os outros cada um fez uma casinha. Aquela ali é da Cláudia, ali da Verinha e da Roseli e tem ali a da Rosana. [...]
(depoimento oral de Sr. Benedito da vila do Poruba)

Agora tem bem umas cinqüenta famílias aí, mas tudo misturado. Lá em cima também tem mais gente, mas só cinco famílias que são nascidas aqui. É a minha, a da Mariana, do Dito e da Maria Dita. Esses são da minha família, nascidos e criados aqui. O resto foi chegando depois. Depois da estrada. Alguns foram saindo daqui e vendendo, e só ficou nós cinco. Antes eram cinco homens e três mulheres, oito ao todo. O resto foi tudo embora, morava primo também, mas venderam e saíram todos. Depois da estrada encheu dessa turma aí de fora, porque lá embaixo tinha a firma que limpa a estrada.
(depoimento oral de Sr. Angelino Fernandez, morador do sertão do Poruba)

⁸ Quando um filho ou filha casava-se, sua casa era construída próxima a de seus pais, portanto ele ou ela recebia a área de moradia, diferentemente da área de roça que não era recebida dos pais, e sim, era aberta uma nova área para a nova família. (REZENDE DA SILVA, 2004). Segundo essa autora, contudo, muitas vezes algumas atividades eram comuns, como a das criações de animais ou as de produção da farinha. Além das relações de produção serem centradas na unidade familiar, num conjunto mais amplo as relações entre as famílias eram marcadas pela amizade e solidariedade, o que gerava um sentimento de pertencimento àquele lugar, àquele bairro.

SERTAO DO PORUBA

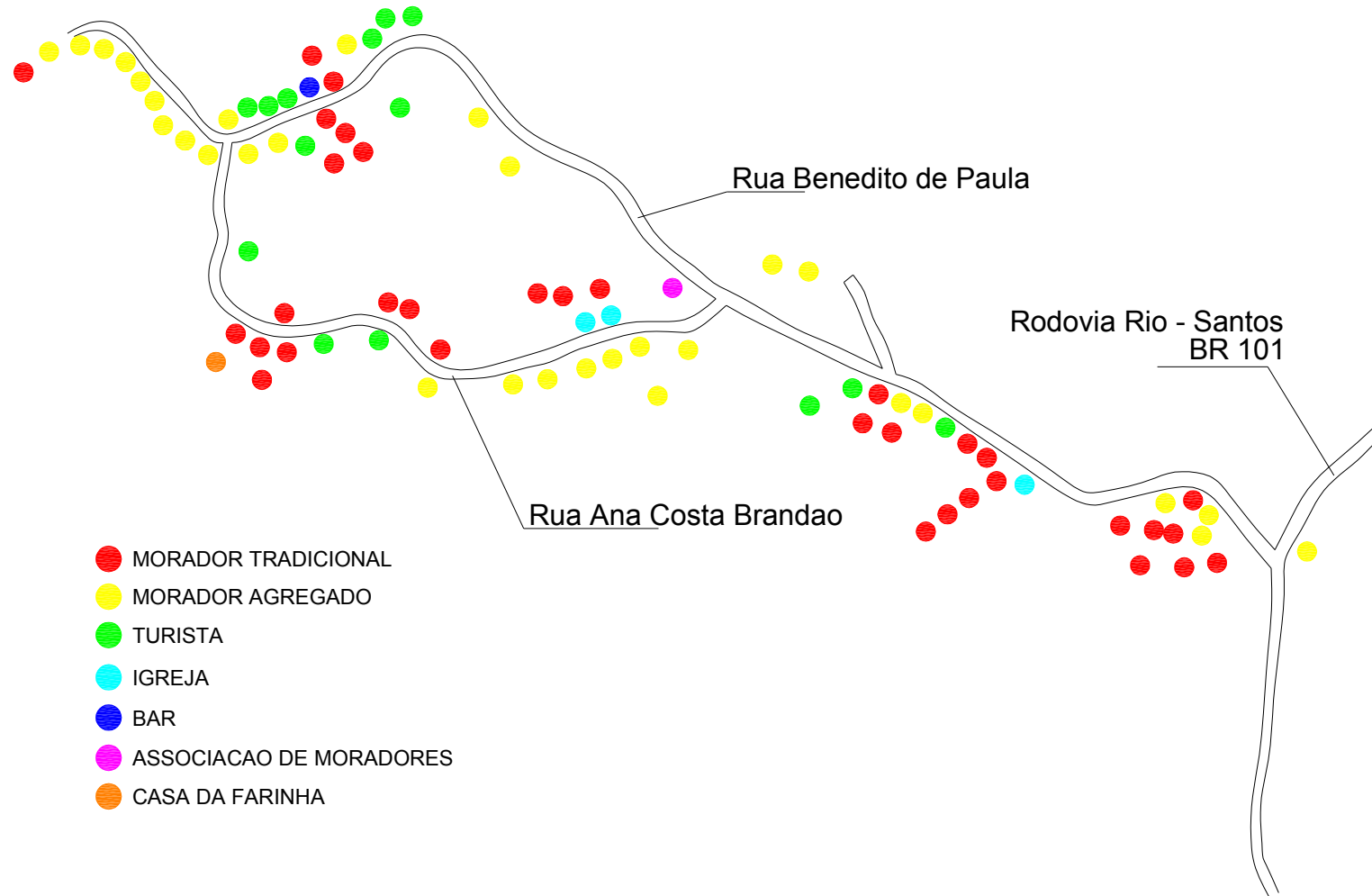
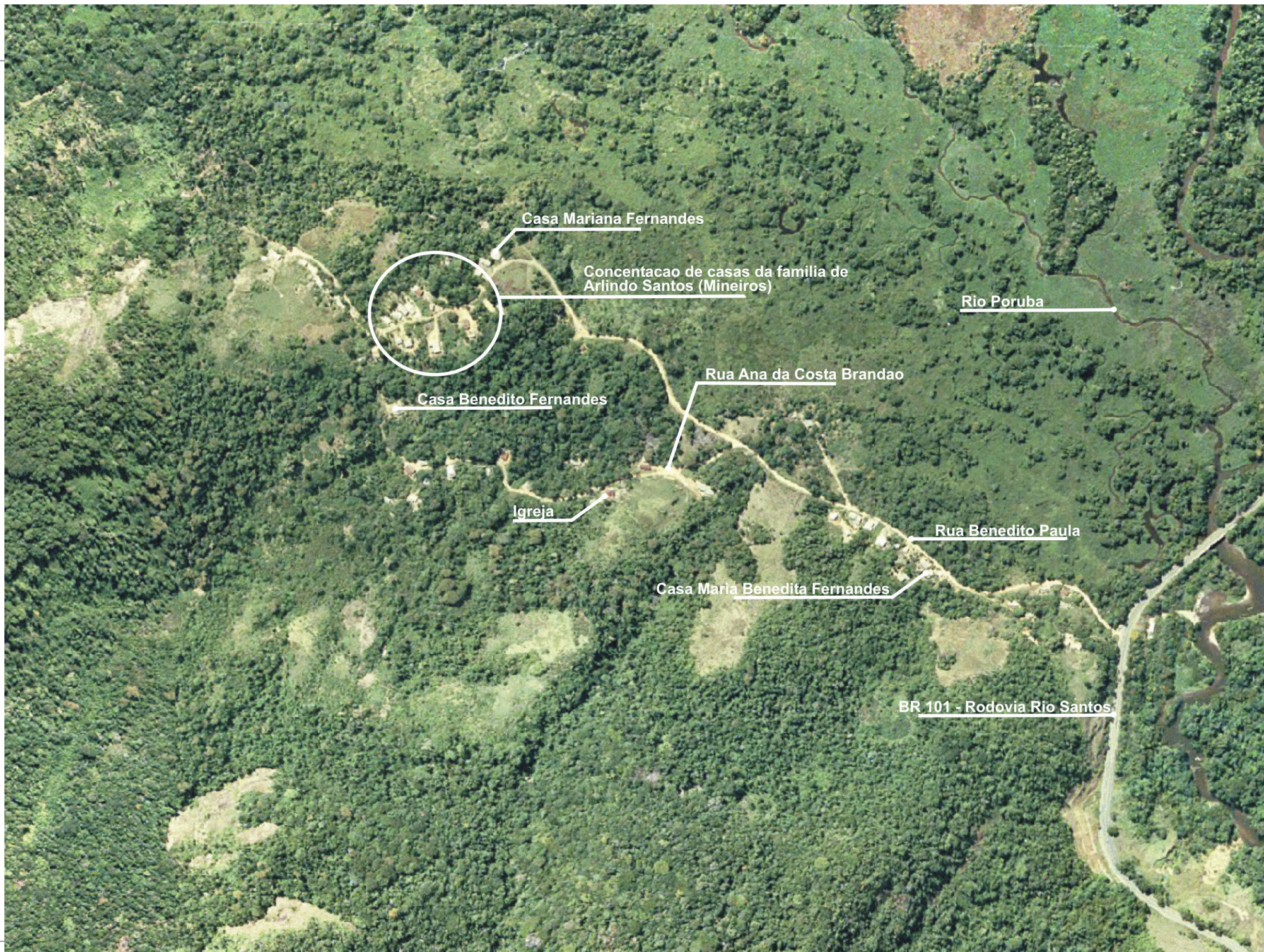


Figura 4.13 - Espacialização e distribuição das casas (mapa mental). Fonte: Rosana Vieira, 2007.



Casa Mariana Fernandes

Concentacao de casas da familia de Arlindo Santos (Mineiros)

Rio Poruba

Rua Ana da Costa Brandao

Casa Benedito Fernandes

Igreja

Rua Benedito Paula

Casa Maria Benedita Fernandes

BR 101 - Rodovia Rio Santos

No sertão não há características definidas, os lotes das casas não têm limites, são como chácaras; apresentam, dentro do terreno, uma ocupação “aleatória”, muitas vezes ocupando áreas em grandes declividades, sem recuos determinados. As construções são, na maioria, de alvenaria, apesar de ainda encontrarmos algumas casas de pau-a-pique. Os estilos das casas remetem às moradias tradicionais da zona rural, são pequenas, mas com divisões dos cômodos segundo os usos (sala, cozinha, quartos, banheiro e quintal). Algumas das casas são cercadas e a maioria possui algum tipo de roça ou criação de animais.



Figura 4.15 – Forma de ocupação sem limites de lotes. Foto: Rosana Vieira, 2007.

Há também algumas casas grandes e assobradadas com varanda, localizadas nas partes mais altas, de onde se avista a Praia do Poruba e a Baía do Ubatumirim. A forma de implantação das casas mostra uma despreocupação com desmoronamentos, pois percebemos vários trechos de terras que sofreram erosão próximo às casas, mas estas são implantadas em terrenos de declives acentuados, como mostra as figuras 4.15 e 4.16.



Figura 4.16 - Forma de ocupação em declividade. Fonte: Rosana Vieira, 2007.



Figura 4.17 - Casa em declive acentuado. Fonte: autora, 2007.

Em 1997, alguns moradores fundaram a ASSU – Associação dos moradores do Poruba, para discutir as reivindicações dos moradores e seus direitos. Posteriormente a associação ganhou uma sede da Prefeitura onde são realizadas as reuniões e também as manifestações culturais e sociais. A sede situa-se no início do Sertão do Poruba, na Rua Benedito Paula. A ASSU conta com representantes das famílias Fernandes e Santos e é apoiada pela sub-prefeitura regional Norte, com sede na Praia do Poruba. A principal luta dessa associação de

moradores é garantir a permanência dos moradores no sertão. Em maio de 2007, a ASSU completou dez anos de existência e ocorreu uma festa na sede para comemorar o aniversário da Associação - todos os moradores compareceram para a confraternização. Nesse dia, os moradores receberam a visita do prefeito do município de Ubatuba, que fez um discurso sobre a importância das associações de bairro junto às sub-prefeituras regionais, para a melhoria das condições de vida da população.



Figuras 4.18 e 4.19 - Festa de comemoração de 10 anos da ASSU, ocorrida no dia 12/05/2007. Fotos: Rosana Vieira, 2007

As comunidades do Poruba se encontram num período de transição entre suas características rurais e urbanas, habitando num ambiente ameaçado por interesses imobiliários e pelo turismo não planejado. Preservam os costumes tradicionais, porém, apresentam hoje uma maior descaracterização da cultura caiçara. A maioria dos moradores trabalha com prestação de serviços para o turismo, principalmente concentrados no centro da cidade. Por esse motivo, muitos descendentes se mudaram para outros lugares, como Maria Elisandra

Fernandes, para ilustrar um caso, que atualmente mora no Estufa II. O sertão não oferece mais condições de sobrevivência para essas pessoas, que precisam procurar outras formas para seu sustento.

O turismo de massa contribui para a desorganização das atividades tradicionais, criando uma nova demanda nas altas temporadas, quando muitos caiçaras se transformam em prestadores de serviços. Na medida em que as atividades costumeiras e o modo de vida ali desenvolvido foram sendo proibidos, o número de famílias que vivem do turismo ou que o enxergam como alternativa para sobrevivência cresceu. São agregadas novas práticas aos costumes locais, novos anseios que trazem conflitos ao modo tradicional local. A falta de oportunidade de trabalho é o maior problema enfrentado pelos moradores. Tendo sido acostumados ao modo de vida caiçara, com a agricultura de subsistência, muitos deles acabam não sendo absorvidos pelo mercado de trabalho e ficam desempregados, ou submetendo-se a “bicos” voltados para a prestação de serviços para o turismo. Além disso, o turismo destrói essa paisagem, compromete as relações naturais e os ecossistemas.

Na percepção da população local quanto à atividade turística, fica nítida a transformação da paisagem natural, afinal seu próprio modo de vida sempre esteve associado aos elementos naturais da paisagem, não somente nas atividades econômicas para sobrevivência (caça, pesca, e lavoura), mas também nas atividades sociais (crenças, festa e mutirões) (LUCHIARI, 1992).

Os velhos caiçaras, cujas famílias, através de gerações, viveram e cultivaram suas roças, em terras que por direito eram suas, formam hoje uma comunidade de desempregados e subempregados, *divididos psicologicamente entre um passado de ‘fartura’ e um presente de desorientação, miséria e revolta*. (MARCÍLIO, 2006, p.24). As populações que tradicionalmente vivem no sertão, vêm de maneira diferente a apropriação desses espaços pelo Estado, com a transformação do lugar em Parque em 1977; lugar que até então era “seu”. O habitat e os modos de vida são destituídos dessa população de forma imposta, sem um planejamento de inserção dessas comunidades na paisagem. Isto significa cortar as raízes desse povo com o

lugar, interrompendo sua história de vida, seus mitos, seu “saber-fazer”. Essa comunidade tem uma representação simbólica desse espaço que lhe fornece os meios de subsistência, os meios de produção e as relações sociais, de parentesco. A apropriação desse lugar pelo Estado aumenta as dificuldades para essa comunidade continuar existindo como grupo detentor desse modo de vida tradicional. E nesse processo de territorialização, os caiçaras têm que lutar para continuar a exercer plenamente seu modo de vida, cuja produção está calcada na unidade familiar e prioritariamente para seu provimento.

A proibição da agricultura muda a paisagem do sertão, mas mesmo diante da expropriação, das mudanças que lhe foram impostas, o caiçara do Poruba ainda assume-se, identifica-se como caiçara, assim como identifica outros caiçaras, demonstrando um sentimento de cumplicidade, de pertencer ao mesmo bairro e partilhar códigos, saberes, um modo semelhante de enxergar a vida e também os problemas. Os espaços do bairro ainda povoam o imaginário e as recordações dos moradores mais antigos, continuam fazendo parte de suas vidas.

Hoje não faço mais nada, trabalhei muito tempo na lavoura, depois trabalhei 31 anos para Prefeitura, me aposentei faz quatro anos. Na Prefeitura trabalhei de barqueiro, como bóia fria uns quatro anos, mas comecei na lavoura com cinco anos. Não tive escola, não tive infância, nada. Ainda lembro que minha mãe, pra não quebrar a folha do feijão, ficava pedindo ajuda pra mim. Quando não tinha serviço ficava aí na beira do rio contando peixe (tainha) para ver quem contava mais. E fazia budoque para pegar passarinho. Era com pedra, não com flecha. Era nossa diversão. [...] Na minha época não tinha escola. Tinha que ter 40 alunos para ter escola, mas não tinha nem 30, então ninguém estudava. Mas era bom, não me queixo dos meus pais não. Eu trabalho com 16 anos na serraria só trabalho. Meu pai pegava o dinheiro e não dava nem um tostão pra mim não. Dos 16 aos 18 anos só tinha comida e a roupa. O sapato não era sapato, era tamanco feito na serraria de cacheta. Fazia com aquela correia. Até o gerente que era alemão usava tamanco. Então tinha aquele “tu tu” do tamanco. Hoje eu fico aqui lidando com rede. Pescar eu pesco ainda, mas tá difícil. No anzol não pega nada. Até com rede tá difícil. Passarinho antes era tanto, tanto, agora acabou. Sempre se via um araponga, um tucano, papagaio, não tem mais nada. Sabiá preto quando dava época, maio, junho, nossa dava tanto

sabiá, hoje acabou. Vai acabando né. Não sei se é a poluição que mata. Não sei se é esse povo todo aí... Mas eu não saio daqui.
(depoimento oral de Sr. Benedito da vila do Poruba).

Já os mais jovens têm uma outra visão da realidade, conseguem compreender as transformações do lugar e se adaptar melhor a elas, apesar de lutarem pela garantia dos direitos dos moradores, conforme percebemos em suas narrativas.

Mas a gente está brigando por isso, junto com a ASSU (associação do bairro), para poder garantir a permanência das pessoas lá, pois o Parque quer remover. O Parque esta fazendo estudo, tem 2 estagiários que têm vindo aqui, mas nós estamos explicando pra eles, só que a Rita (a diretora do parque), não sabe. Ela nem sabe a realidade, nem de Ubatuba ela é. Quando o parque veio pra cá em 77 nos já morávamos aqui. Só que eles vieram e fizeram o Parque do jeito deles, na época não tinha a associação, então eles fizeram do jeito que foi melhor pra eles, não podia mais fazer nada,e ai o povo teve que começar a procurar outros meios de sobrevivência. Aí formamos a associação. [...] Uma época nós fizemos uma cooperativa para plantar palmito pupunha, a promotora até gostou da idéia. Porque a Avibrás está do nosso lado. Tinha um vereador na época, o Julio, que convenceu a Avibrás a ceder um pedacinho de terra, ai plantamos as mudas, arrumamos tudo, mas hoje não pode mexer mais em nada, foi trabalho perdido. O meio ambiente proibiu, alegando que ia devastar o parque. Eles acham que viemos depois da Rio-Santos, que a turma que veio construir a estrada resolveu morar ai. Mas não e isso, porque já tinha o pessoal morando aí. Quando não tinha a estrada, eles iam vender farinha, iam andando ate o Centro de Ubatuba e demoravam o dia todo, vendiam farinha, rede e compravam o que precisavam. Ou então voltavam de canoa.
(depoimento de Marcelo, morador do Poruba).

Os moradores que chegaram depois da rodovia da família de Arlindo dos Santos, são tidos como “causadores” dos conflitos com o Parque, segundo dados coletados no local. A maioria deles trabalha como pedreiro ou prestador de serviços para o turismo. A impressão que tivemos ao falar com alguns moradores provenientes de Minas é que, apesar de viverem em condições precárias e da falta de emprego, vivem em

melhor situação aqui do que no local onde residiam, pois, segundo nos disseram, “em termos financeiros”, uma semana de trabalho em Ubatuba pode corresponder a um mês trabalhando lá, e aqui eles sempre arrumam algum “bico” para fazer.

Tem uma família só de mineiros, veio o chefe da família e trouxe todos os irmãos dele, mas é família grande. Ali foi minha avó que vendeu pra eles, o terreno era dela. Porque teve uma situação difícil, não tinha trabalho, não tinha nada, eles foram obrigados a vender terreno pra sobreviver, mas vendeu a contragosto, porque realmente precisou, porque meu avô não vendia, mas quando ele morreu e ela ficou numa situação difícil... ela não era aposentada, foi obrigada a vender para sobreviver. Tinha escritura e tudo.
(depoimento de Arlete, moradora do Poruba).

A Mata Atlântica é uma referência na paisagem dos moradores, pois é um elemento vivenciado nas suas rotinas. Há uma diversidade de relações entre a paisagem e os modos de vida dos moradores: o uso e a apropriação da paisagem aparecem de diferentes formas. O rio é um atrativo para a maioria dos moradores, mesmo estando “seco” na opinião de alguns deles. As crianças brincam no rio e na cachoeira, os mais velhos gostam de sentar e olhar a paisagem. Notamos a partir das narrativas que os moradores mais antigos possuem com o lugar um forte sentido de pertencimento e valorização da terra, do rio, pois tudo isso faz parte de toda a sua trajetória de vida, de seu imaginário:

Agora eu não faço mais nada, não dá pra pescar, caçar, nem passear tenho ido mais, fico mais em casa, aposentei. Antigamente não tinha essas coisas, agora não pode mais fazer nada. Mas sei que aqui começou com meus avós. Meu avô por parte de mãe eu não conheci, só por parte de pai, até pouco tempo ainda existia a casa dele ali em cima. Tinha umas três casas aí pra cima e umas dez pra baixo, no caminho do rio, na beira do rio. Eles trabalhavam na roça, na lavoura, plantavam milho, café, cana, comia tudo da roça que eles plantavam. Ai foi aumentando a família. Quando eu era “grandinho” eu já ia fazer roça, agora, de uns tempos pra cá ninguém quer plantar mais. Meus filhos, meus netos, ninguém quer saber. E mesmo se quisessem não pode por causa da Florestal. Não deixam. Se cortar um pé de mato...E pra roçar precisa cortar.

Se cortar um matinho dá multa. Eles trabalham em emprego no Centro, em firma, no bananal. Tem um filho meu que trabalha no Promirim de caseiro e cuida do bananal do patrão. Outro trabalha na Prefeitura. Quando arruma emprego dá pra viver, mas se não arruma...
Depoimento oral do Sr. Angelino Fernandez (83 anos)

A paisagem está enraizada em um modo de vida tradicional, mas ela sendo justaposta por um modo de vida estranho, seja pelo turismo, seja pelos problemas fundiários e por essas grandes funções do território que não são locais, do capitalismo contemporâneo, como a criação das unidades de conservação. A Serra do Mar é protegida por uma questão ecológica e o fato de se criar um objeto de preservação está ligado à existência de se ter uma sociedade globalizada, capitalista, pautada por uma escala de produção voraz. Assim, tanto a questão do conflito com o Parque, quanto à da regularização de suas terras acabam por misturarem-se, pois envolvem a posse e o uso da terra, da qual seu morador vem sendo expropriado material e simbolicamente.

Mas apesar da difícil situação enfrentada por esta população, ela não quer abrir mão de seu lugar, de seu território e por esta razão ela reinventa seu modo de vida e mesmo com a desagregação comunitária promovida pelos conflitos enfrentados nos últimos 40 anos, ela está sempre em busca de alternativas que garantam sua permanência e modo de vida. A criação da ASSU é um exemplo de tentativa de garantir a permanência dos moradores no sertão e as atividades agrícolas. É composta tanto por descendentes de caiçaras quanto por descendentes dos mineiros, que unem suas forças para as reivindicações. É o morador lutando por seu lugar, *descobrimo novas formas de territorialização*. (REZENDE DA SILVA, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho esboçado até aqui permite uma reflexão acerca da produção social do espaço dos sertões, valorizando as pessoas que ali vivem e constituem esse espaço. Ao longo do trabalho explicitamos como os moradores desses sertões enxergam e vivenciam os processos de produção do espaço em que se inserem, o que os levou a ocupar os ambientes periféricos, ou seja, o lugar dele na cidade.

Adotamos o conceito de paisagem como experiência partilhada a fim de estabelecer um olhar e uma interpretação das condições de vida e formas de uso e construção do espaço pela população. Partimos do pressuposto de que a capacidade de intervir nessas paisagens demanda uma forma dialética de compreensão do lugar. A dialética está no fato de que o processo de construção social do espaço se dá no lugar do cotidiano das pessoas, com suas vivências, memórias e valores. O cotidiano atribui significados ao espaço a partir de uma experiência coletiva. Isso não quer dizer que há ausência de conflitos, pois é o lugar da vida das pessoas. É assim que entendemos a interdisciplinaridade do conceito de paisagem.

Para o entendimento da produção sócio-espacial dos sertões de Ubatuba, buscamos interpretar o **sentido social de suas paisagens**, suas condições de existência, seus modos de organização e valores. Pois, como afirmou Milton Santos (2002), o lugar é criativo, o lugar não só percebe como também transforma as estruturas sociais.

Tal entendimento permitiu uma discussão da segregação sócio-espacial existente no município de Ubatuba, ou seja, o lugar do pobre na cidade turística, bela e valorizada, das paisagens invisíveis inseridas em paisagens valorizadas. Vimos que essa segregação é resultado dos processos históricos locais e estruturais de produção desse espaço. O crescimento da cidade foi marcado pelo padrão periférico de expansão com uma forma de ocupação pautada na segregação sócio-espacial de suas paisagens. As condições naturais do

município, com seus recortes e esporões, escarpas e diversidades de paisagens, cria valorizações paisagísticas, gerando vantagens locais, e, conseqüentemente, uma urbanização pautada pela valorização imobiliária.

É a transformação da paisagem natural em paisagem humana, marcada por uma expansão urbana que degrada e fragmenta o espaço. Esse crescimento reflete também espacialmente a coerência e as contradições dos sistemas econômico, institucional e ideológico prevalentes no país. Gera, de um lado, a degradação ambiental, e, de outro a segregação sócio-espacial e a espoliação urbana das classes menos favorecidas.

Mas não se trata apenas de espoliação. Pois os moradores das áreas excluídas também são agentes de produção e transformação do espaço, no entanto não são tratados assim, são vistos como agentes passivos. Essas pessoas não são vistas em sua plenitude, mas vivem plenamente, têm seus conflitos, criam seus filhos, estabelecem técnicas criativas de adaptação ao espaço, estabelecem tradições e culturas, criam lugares e valores. Isso não quer dizer que não há problemas, conflitos e que todos são corretos. A paisagem expressa o drama da vida das pessoas, ela não é, como vimos, uma paisagem homogênea, e sim conflituosa. No entanto tais agentes (as pessoas do lugar) operam a partir de uma desigualdade imensa, por isso são invisíveis. Nesse contexto, o Estado e o Capital Imobiliário, agentes ativos envolvidos no processo de produção do espaço urbano, não têm atuado no sentido de modificar esse quadro.

Institucionalmente, o Estado “aparece” no município como agente implementador e regulador da ocupação e do uso do solo, e também como articulador das decisões de planejamento. Manifesta-se através da produção e distribuição de infra-estrutura e serviços coletivos, e, também, através da legislação urbanística, o que lhe confere grande poder na formação de rendas fundiárias. No entanto, a legislação urbana regula somente os aspectos físicos e ambientais, esquecendo-se dos aspectos sócio-econômicos. Ou seja, regulamenta a ocupação e uso da terra, sem qualquer vínculo com um planejamento integrado da cidade. Não há preocupação, por parte do Poder Público, em regular a ocupação e uso da terra de acordo com a problemática sócio-

econômica vivenciada na cidade. Não há no município nenhuma política habitacional efetiva, são feitas apenas ações fragmentadas em alguns lugares, com o intuito de mascarar a ausência de preocupação e o compromisso com a questão habitacional e social. Singer (1982, p.35), contudo, critica a forma como o Estado é visto neste processo, afirmando:

Quem estuda um mapa da distribuição dos serviços urbanos de responsabilidade do Estado no território da cidade verifica facilmente que eles se encontram apenas à disposição dos moradores de rendimentos elevados ou médios. Quanto menor a renda da população, tanto mais escassos são os referidos serviços. Isto poderia despertar a suspeita de que o Estado agrava sistematicamente os desníveis econômicos e sociais, ao dotar somente parcelas da população que já são privilegiadas de serviços urbanos, dos quais as parcelas mais pobres possivelmente carecem mais. Mas a suspeita é infundada. Quem promove esta distribuição perversa dos serviços urbanos não é o Estado, mas o **mercado imobiliário**. Sendo o montante de serviços urbanos escassos em relação às necessidades da população, o mercado os leiloa mediante a valorização diferencial do uso do solo, de modo que mesmo serviços fornecidos gratuitamente pelo Estado aos moradores - como ruas asfaltadas, galerias pluviais, iluminação pública, coleta de lixo, etc.- acabam sendo usufruídos apenas por aqueles que podem pagar o seu preço incluído na renda do solo que dá acesso a eles. (SINGER, 1982, p. 35, grifo nosso).

O processo de urbanização da cidade de Ubatuba não foge aos padrões de urbanização das cidades brasileiras, nas quais a participação do Capital Imobiliário é muito forte e determina a configuração do espaço urbano. A problemática habitacional em Ubatuba sempre foi encarada como decorrente da migração desordenada, dos altos custos dos aluguéis decorrentes da especulação imobiliária e do déficit habitacional por conta da utilização das moradias para segundas residências. Mas esses são agravantes da situação e não a causa dessa situação. Enquanto a população pobre das cidades foi empurrada para as regiões periféricas, desprovidas de infra-estrutura e serviços, caracterizando uma situação de segregação imposta, as classes média-altas e altas buscam áreas valorizadas com seus condomínios exclusivos, realçando um processo de concentração de áreas

dotadas dos melhores serviços e localizações. A valorização imobiliária está na base da segregação espacial e da carência habitacional.

O crescente processo de ocupação das áreas irregulares nas encostas e sertões demonstra que a produção do espaço não pode ser pensada tão somente a partir de sua dimensão material, dada sua essência política e econômica. Os setores menos privilegiados encontram-se longe de acessar a condição de cidadania na referida cidade. A eles, continuam reservados locais segregados, de preferência longe da orla e dos condomínios de luxo ou, quando muito, as atividades sem qualificação demandadas pela parcela privilegiada e pelo turismo.

Entretanto, somente a partir da valoração⁹ do lugar e da aproximação com ele é possível compreender concretamente o processo de formação desses espaços periféricos e o cotidiano de seus moradores, entendendo a paisagem não como fenômeno meramente geográfico, mas como lugar de vida. O que faz a cidade é o modo como as pessoas vivem, o modo como elas consomem, como usam e se apropriam de suas paisagens. Nós poderíamos olhar a cidade apenas como decorrência de processos estruturais, mas a cidade é também o lugar da vida das pessoas, e essa vida é ativa, é o modo de inserção (ou exclusão), de solidariedade, de competição, de tensões... é isso que faz a cidade.

Pensando nos dois sertões que investigamos, podemos citar um exemplo para ilustrar essas questões. Na produção dos espaços dos sertões, a migração contribuiu enormemente para o processo de expansão desordenada, pois percebemos que o processo de migração para Ubatuba em busca de melhores condições de vida é comum entre eles. No entanto, as relações com o lugar e a produção de suas paisagens são bastante diversificadas. As diferentes relações que se estabelecem em cada um dos sertões estudados, evidencia a importância de se trabalhar os sentidos das paisagens e o cotidiano de seus moradores a partir das vivências.

⁹ Valoração aqui é utilizada no sentido que propõe Machado (1998), ou seja, no sentido de atribuição de valores positivos ou negativos ao lugar, como vimos no primeiro capítulo.

Nas entrevistas e coleta de narrativas dos moradores dos sertões foi possível identificar os discursos que evidenciaram a lógica do espaço, a produção e apropriação do lugar, os sentimentos em relação a ele. Evidenciaram-se aspectos da relação que os moradores estabelecem com o espaço em que vivem e a consciência referente à construção desse espaço, os valores atribuídos à cidade, ao bairro, à rua, à casa, à mata; as expectativas dos moradores e as dificuldades por eles enfrentadas, a compreensão e a memória que guardam da transformação da paisagem. Pois mesmo nos bairros mais recentes, o morador guarda uma memória de construção do lugar porque cria um vínculo, tem um sentido de continuidade. Ele pode até não gostar do lugar, pode criar um vínculo de estranhamento, mas, freqüentemente, a memória que guarda é a de identificação com o lugar.

Por essa razão é que acreditamos nos processos de participação da população na intervenção das paisagens. Pois eles, os moradores, é que constituem e constroem o lugar, e construir num processo de participação é construir a partir deles. O papel do arquiteto é ter a capacidade de interpretar, de atuar junto, de atuar em contextos onde outros são sujeitos tanto quanto ele ou até mais. Ele tem que aprender a construir essa resposta a partir da paisagem. Dessa paisagem que é uma experiência partilhada, portanto ele não pode simplesmente vir com uma resposta de desenho que se repete sempre. O arquiteto deve levar em conta a participação da população, compreendendo suas contradições, suas expectativas, seus conflitos e anseios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Cíntia Maria. **A paisagem na Baixada Santista**: urbanização, transformação e conservação, 2001.

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. **Paisagens reveladas no cotidiano da periferia: Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU/USP, 2007.

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A Cidade do Pensamento Único**: desmanchando consensos. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2000.

ARAÚJO, Cristina Pereira de. **A paisagem litorânea e o mercado de resorts**: um olhar sobre a paisagem do município de Porto Seguro (BA), 2005.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do Século)

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAENINGER, R. **Região, Metrópole e Interior**: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes no Brasil, 1980/1996. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UNICAMP (Tese de Doutorado), Campinas, 1999.

BARBIERI, P. P. G. ; GILBERTI, P. P. C. **Aplicação de imagens orbitais de média resolução espacial para o monitoramento da expansão urbana. Município de Ubatuba – SP**. Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Florianópolis, Brasil, 21-26 de abril de 2007, INPE.

BARBOSA, Ruy Fernando. **Rio Santos**: a hora da decisão. Quatro Rodas, Sao Paulo, vol.80, março, 1967.

BENKO, G. **Economia, Espaço e Globalização**: na aurora do século XXI. São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

BERQUE, A. **La maîtrise de la ville**: urbanité française, urbanité nippone. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, 1994.

BESSE, Jean Marc. Ver a Terra: Seis Ensaio Sobre a Paisagem e a Geografia. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORJA, J. CATELLS, M. **Global y Local**. Barcelona, Taurus, 1999.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BRANDÃO, C. A. A Espacialidade da Riqueza: notas teóricas sobre as principais determinações da dimensão espacial do desenvolvimento capitalista. **Cadernos IPPUR**. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ano XV, n. 1, jan-jun 2001.

BRASIL. IBGE. **Censo 2000**.

BRASIL. Secretaria de Ciência e Tecnologia. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. **Macrozoneamento da região do Vale do Paraíba e Litoral Norte do Estado de São Paulo**. [Dir] Marcio Nogueira Barbosa. São Paulo: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 1992.

CAIADO, A. S. **Desconcentração Industrial Regional no Brasil (1985-1998)**: pausa ou retrocesso? Instituto de Economia/UNICAMP (Tese de Doutorado), Campinas, 2002.

CAIADO, A.S. A economia Paulista nos anos 90. IN: Hogan, D. et al (orgs) **Migração e Ambiente em São Paulo**: aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas, NEPO/UNICAMP, 2000. (p.233-274)

CALDEIRA, T. Cidades de Muros

CAMARGO, Ophélia Alves Figueira de. **Ubatuba ou "ubachuva"**: uma questão de geografia. 1. ed. Ubatuba: Editora da Autora, 1994. 63 p.

CANO, W., BRANDÃO, C. **A região metropolitana de Campinas**. Campinas, Editora da UNICAMP, 2002.

- CARDOSO, Omar de Almeida. **Ubatuba - SP: Urbanização, Paisagem e Meio Ambiente** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU/USP, 1999.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Volume 1. Ed. Paz e Terra. São Paulo, 2000.
- CHASTAN, Lita. **São Paulo, litoral norte**. 1. ed. [S.l.]: Ateniense, 1992. v. 3. 142 p.
- CIVITA, Victor. **Apelo e contribuição**. Quatro Rodas, São Paulo, vol.80, março, 1967.
- CLAVAL, Paul. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato e OSENDAHL, Zeny. **Introdução à geografia cultural**. (Orgs.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COMTUR – Companhia Municipal de Turismo – **Ubatuba** – São Paulo, 1999.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CORRÊA DA SILVA, A. **O Litoral Norte do Estado de São Paulo: Formação de uma Região Periférica**. São Paulo: Instituto de geografia da Universidade de São Paulo, 1975. (Tese de Doutorado)
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: **Paisagens, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CORREIA, R. L. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. **Anais... Encontro Nacional da ANPUR**, 9, Rio de Janeiro, Anpur, v.1, p.424-430, 2001.
- CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 1996. 142 p.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. São Paulo: Edições, 1990.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lígia de. **Percepção Ambiental**. São Paulo: Nobel, 1996.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 169 p. (Ecologia e Cultura).
-

- FERNANDES, A.C. Da reestruturação corporativa à competição entre as cidades: lições urbanas sobre os ajustes de interesses globais e locais no capitalismo contemporâneo.: **Espaço e Debates**, 41, São Paulo, NERU, 2001.
- FERRARA, L. d'A. Fim de século: visibilidade/ multiplicidade. In: YÁZIGI, Eduardo. (Org.) **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 65-82.
- FONSECA, R., DAVANZO, A., NEGREIROS, R. (orgs). **Livro Verde: desafios para a gestão da região Metropolitana de Campinas**. Instituto de Economia/UNICAMP, 2002.
- FORTI, R. (org). **Marxismo e Urbanismo Capitalista**. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- FRANÇA, Ary. **A ilha de São Sebastião**. Ind Gráfica José Magalhães, São Paulo, 1951.
- FRENETTE, M. **Os caiçaras contam**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- GONÇALVES, M. F., BRANDÃO, C., GALVÃO, A.C. (orgs) **Regiões e Cidades, Cidades nas Regiões: o desafio urbano-regional**. Editora UNESP/ANPUR, 2003.
- GOTTDIENNER, M. **A Produção Social do Espaço**. São Paulo, Edusp, 1993.
- HARLOE, M. Marxismo, Estado e Questão Urbana: notas críticas a duas recentes teorias francesas. **Espaço e Debates**, ano IX, 28, 1989.
- Harvey, D. **A Condição pós-Moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
- HARVEY, D. Mundos Urbanos Possíveis. **Novos Estudos CEBRAP**, n.63, 2002. P 3-8
- Hauzman, Dina. **Assentamentos urbanos em Guarujá: a paisagem e o ambiente em transformação**.1995.
- IPEA/IBGE/NESUR (IE-UNICAMP). **Caracterização e Tendências da Rede Urbana no Brasil**. Campinas, Instituto de Economia/UNICAMP, 2000.
- KOVARICK, Lúcio. **A espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
-

- LAMPARELLI, Claudia Condé. **Mapeamento dos ecossistemas costeiros do Estado de São Paulo**. São Paulo: SMA/CETESB, 1998. 108 p. (*).
- LAVINAS, L. (org). **Reestruturação do espaço urbano e regional do Brasil**. São Paulo, Hucitec/ANPUR, 1993.
- LEBORNE, D., LIPIETZ, A. O Pós-Fordismo e seu Espaço. **Espaço e Debates**, v.8, n.25, p 12-29, 1988.
- LEITE, Maria Angela F. P. Natureza e Cultura: Paisagem, Objetos e Imagens. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Território brasileiro: usos e abusos**. São Paulo: Territorial, 2003, pp. 174-185.
- LIPIETZ, A. Alguns problemas da produção monopolista de espaço urbano. **Espaço e Debates**, n7, 1982.
- LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. São Paulo, Nobel, 1988.
- LOPES, J. R. (coord.). **As imagens da pobreza no Litoral Norte do Estado de São Paulo**. Núcleo Interdisciplinar de Práticas e Práxis Contemporâneas (NIPPC). Universidade de Taubaté, 2002.
- LOPES, J. R. ; ALVES, C.P. ; FRANÇA, F. M. ; NEVES, L. R. ; BATISTA, V. L. **Turismo de massa e produção de ambientes de natureza degradada**. Virajes, Caldas, Colômbia, v. 1, n. 4, p. 71-85, 2002.
- MACHADO, L. M. C. P. **A serra do mar paulista: um estudo de paisagem valorizada**. Tese de doutoramento – Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP de Rio Claro, 1988.
- MALTA, F. J. N. C. **A questão da habitação social e o desenvolvimento sustentável no Litoral Norte Paulista - FASE II**. Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Urbano e Habitação (GPDUH). Universidade de Taubaté, 2004.
- MALTA, Flávio J. N. C. **Diretrizes para o Planejamento e sua Gestão no Litoral Norte Paulista**. São Paulo: FAUUSP, tese de doutoramento, 1993.
- MARCÍLIO, M. L. **Caiçara: terra e população**. Estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- MARICATO, Ermínia. **Habitação e Cidade**. São Paulo. Atual, 1997.
- MARICATO, E. **Brasil, cidades**. Petrópolis, Vozes, 2001.
-

MARICATO, Ermínia T.M. (org.) **A Produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

MARQUES, E., TORRES, H. São Paulo no Contexto do Sistema Mundial de Cidades. **Novos Estudos CEBRAP**, 56, p.139-168.

MARTINE, G. et ali. Urbanização no Brasil: retrospectiva, componentes e perspectiva. In: IPEA/IPLAN. **Prioridades e Perspectivas de Políticas Públicas para a Década de 90**: população, emprego, desenvolvimento urbano e regional. Vol 3, Brasília, IPEA, 1990, p. 99-160.

MASSEY, Doreen. **Spatial Divisions of Labor**: social structures and the geography of production. New York, Routledge. 2ª Edition, 1995.

MATZKIN, Karina Ianina; MELLO, Leticia M.F. Ramos. **Estudo das relações existentes entre o Estado, o Capital Imobiliário e a produção do espaço urbano**: suas implicações na qualidade de vida da população de Ubatuba. Taubaté: [s.n.], 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral** . 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 291 p.

MENESES, U. B. de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. C. Marcondes Cesar. Campinas, Papyrus, 1990.

NEGRI, B. , PACHECO, C. A. Mudança Tecnológica e Desenvolvimento Regional nos anos 90: a nova dimensão espacial da indústria paulista. **Espaço e Debates**, ano XIV, 38, 1994.

OLIVEIRA, Adriana Fernandes de. **Urbanização em uma área de preservação ambiental**: o caso da Vila de Picinguaba, município de Ubatuba, 1999.

OLIVEIRA, F. O Estado e o Urbano no Brasil. **Espaço e Debates**, v.6., 1982. p. 36-54

OLIVEIRA, H. G. de. Construindo com a paisagem: um projeto para a Serra do Cipó. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (orgs.) **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora da UFMG/Território Brasilis, 2002.

OLIVEIRA, Washington de. **Ubatuba**: documentário. 1. ed. São Paulo: Editora da Autora, 1977. 216 p.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. **Saúde nos Aglomerados Urbanos**: uma visão integrada. Brasília: OPAS, 2003. (Série Técnica Projeto de Desenvolvimento de Sistemas e Serviços de Saúde)

ORTIZ MONTEIRO, Patricia Diana Edith Belfort de Souza e Camargo; ROBIM, Maria de Jesus (Orient.). **Participação e a percepção da comunidade local no desenvolvimento do ecoturismo no parque estadual da Serra do Mar/núcleo Picinguaba, Bairro do Cambury, Ubatuba/SP**. Taubaté: [s.n.], 2005. 276 p.

PACHECO, C. **A Fragmentação da Nação**. Instituto de Economia/UNICAMP, 1998.

PAIVA, Ana Paula. **Urbanização e Impactos na Paisagem Litorânea no Município de São Sebastião, SP**. (dissertação de mestrado) São Paulo: FAU/USP, 2007.

POLETTE, Marcus. Paisagem: uma visão sobre um amplo conceito. **Turismo – Visão e Ação**, ano 2, n 3, pp. 83-94, abr/set, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA. Secretaria Municipal de Arquitetura e Planejamento Urbano. **Fotográfico aéreo**, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA. SETUR - Secretaria Municipal de Turismo de Ubatuba. **Mapas**. 2006.

REZENDE DA SILVA, SIMONE. Questão agrária em Camburi: território, modo de vida e problemas fundários. In: NORMA GIARRACCA; BETTINA LEVY (Org). Ruralidades latinoamericanas. Identidades y luchas sociales., **CLACSO Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires**, Argentina. Noviembre. 2004.

RIBEIRO, Darci. **O Processo Civilizatório**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

ROLNIK, R. São Paulo na virado do século: o espaço é político. **Espaço e Debates**, 17, 1986.

SANDEVILLE JUNIOR, E . Paisagem. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 20, p. 47-60, 2005.

SANDEVILLE JUNIOR, E. Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana. **Paisagens em Debate**, São Paulo: FAU.USP, v. 2, 2004.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a rua vira casa**: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro, 1980.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 3ª edição, 1996.

SANTOS, M. **A Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro, Record, 4ª edição, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Litoral Norte**. São Paulo: SMA/CPLEA, 2005. 111 p. ISBN 85-86624-36-5.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Macrozoneamento do Litoral Norte**. Proposta Preliminar para discussão. São Paulo, 1993.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Projeto de preservação da Mata Atlântica. Plano de Manejo das Unidades de Conservação. Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Picinguaba**. São Paulo: Instituto Florestal, Fundação Florestal, 1998.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Zoneamento ecológico-econômico do Litoral Norte**: Acompanha Mapa. 1. ed. São Paulo: [s.n.], 2005. 55 p. ISBN 8586624373.

SÃO PAULO (ESTADO). UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Planejamento territorial do litoral norte municípios de Caraguatatuba, Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela**. São Paulo: Centro de Pesquisas e Estudos Urbanísticos, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1965.

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SILVA, Armando Corrêa da. **O litoral norte do Estado de São Paulo** (formação de uma região periférica). São Paulo: Armando Corrêa da Silva, 1975.

SINGER, P. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**. São Paulo, Nacional, 1968.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Ermínia. **A produção capitalista da casa (e da cidade)**. São Paulo, Alfa-Omega, 1982. P. 21-36.

SMOLKA, M. Expulsando os pobres e redistribuindo os ricos: dinâmica imobiliária e segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.9, n.1, jan/jul 1992, p.3-21

SOARES, Caroline Sabina; CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. **Do santíssimo à peixada**: a festa de São Pedro Pescador em Ubatuba. Taubaté: [s.n.], 2005.

SOUZA, M. A. Urbanização. **São Paulo em Temas**. São Paulo, Instituto Geográfico e Cartográfico – SEP/CAR, 1990.

THOMPSON, Paulo. **A voz do passado** - História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 388 p.;

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia** – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difusão Editorial, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel. 1983.

VELTZ, P. Tempos da Economia, Tempos da Cidade. IN: Acserald, H. (org). **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas, Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

VIEIRA, Rosana; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. A construção da paisagem dos sertões litorâneos. OLAM - Ciência & Tecnologia, **II Encontro sobre Percepção e Conservação Ambiental**: ações para a proteção dos recursos naturais e construídos. 2007.

VILLAÇA, F. Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira. **Anais... Encontro Nacional da ANPUR**, 8, Recife, 1997.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1998.

VILLELA, Andréa. **Favelização no litoral norte o modelo de turismo e seu impacto na estrutura urbana**. Andrea Villela (TCC) 2003

WANDERLEY, N. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 15, out. 2000.

ANEXOS

Anexo 1 – Algumas entrevistas e depoimentos colhidos nos sertões.

1 - Depoimento oral de Dona Albertina Elias, 70 anos, viúva do primeiro morador do Sertão do Sesmaria.

E – Dona Albertina, me fale da sua vida, de quando a senhora veio aqui para o Sertão, como era, como é hoje...

A - Tudo que mora aqui em volta da minha casa, tudo meu família, é filha, é neto, né? Tudo que mora aqui. Aí o pessoal foi chegando depois, aí depois que eles vieram, tem uns meio que eu num conheço, que mora pra lá, mora pra cá, né? Quando eu vim morá com ele [sr. João Alexandre, companheiro de dona Albertina], aqui não tinha escola, escola num tinha, né? Depois aí foi entrando, o povo aí, né, foi escuitando um chegando outro, aí começo crescê, né? Cresceu o barrio, mas quando eu vim memo morá cum ele, não tinha casa, não tinha ninguém morando aqui, era só ele. De velho era só ele que tinha e o Bastião Abado, que morava lá em baixo, pai do Chico, né? Que era o mais velho também daqui. Depois disso foi entrando os povo todos, foi entrando todos aí encheu. Tinha uns tempo que era muito bão, né, Lilia? Tinha aquele, tinha aqui onde era essa escola, era um campo de bola, né? Essa água aí era uma água limpa, uma água que a gente bebia tudo, depois negócio de trazê esgoto na água tudo, que não presta mais, essa água aí que não tem valo, agora tá uma água suja. E aqui foi muito bão! Aqui, quando eu vim mora aqui era tudo bão, era muito bão, era muito bão, não tinha briga, não tinha matação, nada... mas duns tempo pra cá, tem e matança, quando não e matança bate, machuca, vai pro hospital, né? As pessoas vão lá pro hospital, passando mal, e feia cada vez mais pior. Eu cheio de doença, vivo doente, querendo muda daqui, volta pra minha terra, lá em Parati. Eu quero volta pra lá, lá e muito mais melhor, tem a igreja, não tem confusão, não tem briga, muita coisa. Eu quero arruma minha vida pra outros cantos. Eu to com 70 eu acho. E agora que me posentei. No natal agora que eu compretei minha idade pra me aposenta. Consegui no primeiro mês, consegui no segundo, e agora fiquei sem recebe. Porque eu fui encostada agora que eles mudaram pra pode faze direitinho já to recebendo de vorta. O natal pra mim nem foi bão nada, porque era confusão de aposentadoria, fiquei preocupada, doente, o problema de pressão, de diabete, de esteporose, tudo.

E - quantos filhos você tem Dona Albertina?

A - Os filhos tão ai. Tem um ai que mora comigo. Essa e minha neta. E os outro e tudo casado. Morando comigo tem 3, um é neto né? Um rapaz e uma menina, e a minha neta que fica aqui em casa. Porque ela num fica na casa do pai, porque o pai, a vida dele é fumá droga e ... o nome dela é Sara, é a neta, a filha é a Monique, essa aí. Ele é meu filho também é o mais velho. O mais novo mora em Pinda. Ela é boazinha. O filho também me ajuda. É o Isaac. Izaquiel. no total são 10.

E - E como era antes, quando você chegou D. Albertina?

Não tinha nada, era só mato, por lá também, aquelas casa que cê ta vendo não tinha nada, ali era mato só, só tinha duas casas, a minha e a do Bastião Abado, que já e morto já, lá em baixo. Não tinha mais nada, tudo era mato, num tinha luz, não tinha eletricidade

nenhuma, a gente usava lamparina e lampião que agente usava aqui. Ah! No começo agente prantava era milho, feijão né, mandioca. Tinha plantação de café, né, tudo negocio de roca. Era batata, nos tinha muito, vendia. Que nem essas jaca nos vendia tudo. Meu marido que e morto levava no cavalo pra vende, lá na fera, banana. Depois paro. Depois que entro esse povo ai que venderam tudo esses terreno pai nem teve mais, ai foi brigado para de... porque ele trabaia la em cima, mais ai a prefeitura vendeu todos, também o pedaço dele que ficou, ele vendeu porque ficou no morro. Porque antes disso tudo era morro, era. Isso tudo era do meu marido que morava aqui, né. Ficou tomando conta, bemdize, né. Era de outro homem, esse outro homem vendeu, o Dr Clodomiro, sem meu marido sabe, ele disse que ia dar uns pedaço bom pro meu marido que era lá pra baixo, ai o meu marido, sem saber, eles foram lá pra São Paulo, que ele e de São Paulo venderam esse pedaço e só deixaram nos aqui. Ai meu marido fico aqui nesse pedaço. Isso aqui e nosso. Ai depois... depois que passaram terra para a Prefeitura né, ai que já arrumaram, e já botaram luz, já foram vendendo e foram vendendo, ai começo um povo ai. Mas antes nem viesse, esse povo o dor de cabeça. Agente nem tem mais sossego. Só lá no morro de lá né? Ai tem umas que nem fazem mal. O ruim e esse povo todo ai do negocio do forro, agora esse forro de sábado amanhece e ninguém dorme aqui, a gente fica acordado. O barulho que vem de lá e fogo. Então tem aquela bagunça, ali brigam, ali se bate, inda bem que num vem pra cá, fica pra lá, mas agente fica preocupada né? Que as veis vai gente da família lá, e tudo. Fica muito preocupado. Já era pra um te feito minha casa lá, mas tem pedra muito grande, no lugar que eu vo tem que quebrar aquela pedra pra levanta a casa que se não fosse essa pedra já tava lá. O resto a Prefeitura lá, deu. Porque o povo tava lá naquele... pro lado... que ele tava tudo obrigado lá né, num tinha lugar pra morar, barraco de lona, ai fizeram reunião e eles não quiseram sair de lá, ai a prefeitura foi e arrumo aqui pra eles. Arrumaram aqui pra eles aqui! Depois que arrumo ai veio, fizeram as casas e tão ai. Ai tem muita gente boa ali nesse pedaço. Lá em cima que e ruim. Hoje e noite subida no morro. Por causa do forro lá em cima. Só atrapalha. Mas isso ai que a prefeitura deu, isso eu não to na cabeça quando foi, minha cabeça vai ficando cada vez mais ruim. Num alembro não.

E – A Prefeitura vendeu terras aqui?

A - Lá eles deram tudo pro povo, ali deram todos, Inté tem a escola ali, o nome do meu marido, vo João Alexandre, ali pra baixo todas deram. Tem muita gente ai que invadiram né, depois disso. Quem eles deram, eles deram, quem invadiu invadiu. Ali pra baixo e tudo invadido. Esses aqui foram da prefeitura mesmo, lá pra cima não. Aquele pedaço ali e meu, lá pra lá, quem mora e minha nora. Ai e uma colega minha, que eu vendi. Porque eu fiquei doente, não tive opção de nada né? Ai vendi. Mas eu quero vê se cum o tempo vai melhorar. Pra lá e mato, pra cá e mato, num pode derruba, num pode meche. Isso ai da, daquele negocio lá, as marinha, num sei que lá, ai ninguém mexe. Mas cresceu muito porque o pessoal foi invadindo, cresceu muito. Ate lá pra dentro lá pra aquele canto tem gente que mora, tudo invadido. Aqui e meu filho, ele mora ali. Mais não mi ajuda não, cada um vê o seu. Quem mi ajuda a que mora aqui comigo, que ta ai dentro. Tem uma mulherzinha que mora ali do lado, também, que tem esses carros veio ai, mas não mi ajuda também não. Mas de noite tem luz né? Sossegado, agora tem luz. De primeiro num tinha mais agora tem luz.

E – E por que você veio pra cá?

A - Ah, eu vim pra porque eu casei aqui né. O marido morava aqui né. O outro não, o outro morava lá em Parati, né. O que morreu. Ai depois eu vim pra cá trabaia e arrumei esse outro que bem já e morto. Só viúva. Eu vim trabalhar em Ubatuba, na casa de família, ai conheci ele e fiquei morando cum ele. Ele já morava aqui muito tempo, tomava conta aqui. Mais ele já tinha bastante filho, Ih! Ai fiquei ate hoje, e agora ele faleceu também né. Já faz nove anos que ele morreu, de câncer no estomago. Hoje eu não faço é nada. Nada. Vivo doente. Minha vida e fica deitada, as veiz tem uma roupa eu lavo, bato no tanque, ai depois vou deita. Nem saio pra casa de ninguém porque eu nem gosto. Sai pra mim e só de igreja pra casa de casa pra igreja. Num gosto de sai não.

E – E essa questão da violência, aqui é complicado?

A - A muita briga né. Num sei menina, o povo que mora pra lá, só sei que quando vê já vê os nego caído. Muito tiro, agora ate que eles pararam cum tiro, agora e só paulada. Roubam muito (fala quase cochichando). O povo roba muito ai da confusão. Elas moram pra lá mais tem que passar por aqui (a casa de Dona Albertina é passagem) Todo mundo que vai pra ali tem que passar aqui. Alguns vai por lá, mas eu num ligo. Tudo isso ai e neta. Minhas neta. Tem a estrada por lá mais eles gostam de passar por aqui. Nem quero incomodá ninguém e também nem quero que ninguém me incomode. Mais ele que me incomodam do que eu eles. Você quer jaca?

E – O que você pensa desse lugar, dessa paisagem?

A - Ah! A paisagem eu penso que sempre vai pra frente né, vai pra frenti, o povo vai ficando, mais daí o tempo pra gente vai caindo. Nunca levanta, né! Sempre muitas coisa.

2 - Depoimento oral de Lilian, moradora do sertão do Sesmarias, 28 anos, proveniente de Teófilo Otoni, no Norte de Minas Gerais. Trabalha como agente se saúde no Posto de Saúde da Prefeitura. Entrevista realizada por nós em maio de 2007.

E - Me fala da sua vida, como foi sua chegada aqui no Sesmaria, por que você veio morar no bairro, as transformações que você acompanhou, como você se sente...

L - Por conta do meu trabalho eu tenho as informações daqui, conheço todas as pessoas, porque tenho que ir de casa em casa. Mas o fundador desse bairro era um senhor, a esposa dele ainda mora aqui no sertão, que é o Sr. João Alexandre, até a escola aqui leva o nome dele. É um bairro de migrantes, são pessoas que vêm do Norte de Minas, principalmente da Bahia. É a ilusão de que São Paulo ainda é o lugar que se pode fazer dinheiro. E na verdade não é. Então a gente questiona muito isso, porque as pessoas vêm de lá, deixam o que têm lá e vem pra cá, e quando chega aqui... é isso. Aqui desse lado da escola a situação é até um pouco amena, mas para lá é bem barraquinho, barraquinhos assim deste tamanho, famílias aglomeradas em um barraco do tamanho desta sala, com 10, 15 pessoas. e assim, eles vêm, por exemplo, vem o pai ou o avô, chega e faz o barraco. Aí depois vem uma filha. A maioria, é assim depois vem o filho, os irmãos, a família toda, tudo sem documento. Esse bairro aqui ficou um pouco meio que dividido, desse lado, da escola pra lá, não tem ninguém que tem documento definitivo, mas da escola pra cá tem documento de compra e venda, aí algumas pessoas, algumas, tiraram o imposto na Prefeitura, então tem mais segurança. Do outro lado não, são barracos de pessoas que invadiram e ficaram. E como cresceu muito a população é sempre mais difícil mesmo, ficou com uma certa dificuldade pra organizar depois. São pessoas que vêm de lugares muito pobres e chega aqui... e o trabalho deles é tudo autônomo, a maioria cata lata na praia, é ajudante de pedreiro, essas coisas. Coisas assim. Eles ganham muito pouco. Eles sobrevivem com muito pouco ou quase nada.

Não tem água tratada, a água é da cachoeira da cabeceira da Serra. Água da Sabesp só tem nessa rua que eu moro, que é a rua Del Rey, que é a rua da escola, e mesmo assim, algumas casas tem, nem todas. E nenhuma casa tem esgoto tratado. Cada uma tem a sua fossa, mas nem todo mundo tem. Uma boa porcentagem das casas, na verdade, muitas casas não têm fossa e o esgoto fica a céu aberto ou jogam no rio. Assim, porque eles colocam a mangueira de água na serra, então tem nascentes que passam pelos fundos do quintal, eles desviam as nascentes de água da Serra com mangueiras, aí a água passa no quintal e eles jogam o esgoto ali mesmo. A coleta de lixo tem, isso é direitinho, apesar de demorada. Mas água, acho que Ubatuba, a maioria desses bairros assim não têm água tratada, eles usam água da cachoeira mesmo. Rede deesgoto não tem nem aqui nem na Estufa II. Luz também quase ninguém tem. A maioria faz “cat” “gato” para pegar luz, porque eles sobrevivem com muito pouco, não dá para pagar conta de luz, é impossível.

O posto que atende aqui fica no Estufa II, eu sou funcionária de lá. Lá tem médico, enfermeiro, auxiliares de enfermagem, é um posto que tem boa estrutura para atendimentos simples, quando precisa encaminhar pra alguma especialidade vai para o Centro ou quando

precisa de tratamento mais específico encaminha para Taubaté ou São José dos Campos, São Paulo. Mas a rede de atendimento é muito boa.

Eu também sou de Minas, não vim para ficar e acabei ficando. Vim de Teófilo Otoni, tenho 28 anos. Não como as outras pessoas que vieram em busca de fazer dinheiro, eu não. Eu estava de férias, vim para a casa da minha irmã em São Sebastião, e aí conheci uma pessoa, meu marido, aí nos casamos e ele trabalhava aqui em Ubatuba há mais de 10 ano se acabei vindo para cá, até por causa de serviço mesmo, porque 10 anos de estabilidade não vale a pena jogar tudo pro alto, ele já estava mais estável no emprego. Daí depois eu comecei a trabalhar, e depois ...fiquei. nós continuamos juntos, tenho uma filha de 5 anos. Moro aqui faz 6 anos, desde que vim para Ubatuba eu moro aqui, vim direto pra cá. Essa casa é alugada, mas o terreno ao lado é nosso, eu pensava em não construir aqui, pensava em voltar pra São Sebastião, porque tem parente lá, uma parte da família do meu pai, só que vai passando o tempo, e assim, a gente tem que fazer alguma coisa, aí veio a filha, aí acabamos comprando o terreno e estamos construindo, acho que vamos ficar por aqui mesmo. Essa é alugada.

A viúva dele mora aqui ainda. Então, é porque eles também vieram de Minas. E aí eu sei que veio ele, mais o filho, aí depois os filhos cresceram, construíram casa, aí depois chegaram outras pessoas... se vc ver, aqui no bairro, nascido aqui só tem criança, as outras pessoas todas vieram de fora. E é uma população que não para nunca. Eles v~em, tem aqueles que em na temporada, tem um pessoal que vem pra trabalhar na temporada e depois vai embora, mas alguns não vão. Nessa época do ano, em baixa temporada em Ubatuba, o bairro tem um número de moradores, quando chega em outubro, novembro, esse número aumenta em 20, 30%. Porque vêm os parentes deles e ficam nas casa, outros fazem seus próprios barracos, quando vão embora vendem o madeirite, ou o espaço, alguns vão embora, ou vem, fica 2, 3 anos e outros acabam ficando de vez aí. Eles vêm mais para trabalhar na praia, catar latinha, vender salgado, essas coisas assim. Aí acabam ficando e mandam buscar a família e vai ficando. Todo ano, na temporada, o bairro cresce mais. Com 6 anos que estou aqui, o bairro cresceu demais e de maneira irregular. Não tem uma infra-estrutura, não um controle. Até pra cidade mesmo é ruim, a cidade toda sofre, porque vem esse monte de gente aí... mexe no orçamento do município, é muita gente que cria uma demanda muito grande pra tudo.

Os dados ficam todos na Secretaria Municipal de Saúde, tem o Siabi, que faz o controle, todo mês é feito um fechamento dos dados da população do lugar, e nosso trabalho é ir de casa em casa atender a população, por isso a gente tem esse controle do bairro. Faz visita pras famílias, tem gestante, diabético, tem um contato grande com a população, é o nosso trabalho. É uma confiança muito grande que se dá ao longo do tempo, eles confiam muito na gente assim.

E – E o que mudou no bairro?

L - As casas já mudaram bastante, o bairro cresceu muito. O Sesmarias começa só depois que passa a parte do Estufa II que não tem mais casa. passa o barzinho, o bairro só começa dele pra cá. É um bairro que não tem saída para outros bairros, tem que voltar pelo mesmo lugar. As pessoas na maioria são autônomas. As mulheres trabalham com faxina, principalmente na temporada. Levantam, vão trabalhar, os homens também e voltam só no começo da noite. A maioria tem escolaridade muito baixa, poucas têm o segundo grau completo, e analfabetos têm muitos. A maioria tem até a quarta série, as mais jovens se motivam mais a estudar, procuram supletivos. Geralmente os pais vêm com 4, 5 filhos, e aí eles se casam entre eles e têm mais filhos, vão aglomerando, fazem um “puxadinho” aqui, outro ali... Quando você nota, já está o barraco e a família. E agora eles estão espertos, não fazem mais tantos barracos, quer dizer, fazem, mas não pegam mais áreas novas, porque estão com medo. Eles constroem nos fundos das casas dos parentes. Vai aglomerando cada vez mais. Num barraquinho de 5x5 mora 10 pessoas, é uma aglomeração muito grande. Os mais velhos cuidam dos mais novos. Tem a creche, mas só recebe crianças até 3 anos, e a escola só a partir dos 5 anos, então é comum, os mais velhos cuidam dos mais novos e os pais saem para trabalhar.

Aqui tem uma fama horrível, falam muito mal daqui, mas é porque baiano e mineiro são pessoas festivas, falam alto, daí gera barulho, mas violência eu não vejo muito. Tem muito bate-boca, mas se criou uma crença em Ubatuba que tudo que acontece de ruim na cidade é fulano do Sesmarias.

E – Como é a relação com essa natureza, com essa paisagem?

L - As pessoas não dão muito valor à natureza, essa coisa de acordar e observar. Até porque acordam muito cedo e têm muito pouco ou nada para oferecer para o filho, aí não dá para parar e pensar na mata. Para elas não faz parte do cotidiano, a mata até atrapalha porque é onde eles querem construir e não dá para cortar árvore. É extremamente proibido cortar árvore, tirar terra para aterro, sempre denúncia e multa. O espaço desmatado permaneceu o mesmo, o que cresceu foi o número de ocupações no mesmo lugar, aglomerando mais, eles vão tomando todos os espaços. Não plantam nada e não derrubam árvores, para construir a casa compram madeirite e telha de amianto grande.

3 - Depoimento oral de Kátia Maria, moradora do sertão do Sesmarias (rua Mercury), 37 anos. Entrevista realizada em outubro de 2007.

E - Me fala da sua vida, como foi sua chegada aqui no Sesmária, como você se sente...

K - Minha mãe comprou um terreno aqui no Sesmária, e veio mora pra cá, eu não tava morando com ela ainda. E depois eu vim mora com ela, uma infelicidade minha né. Eu vim morar com ela. Mais ou menos uns 3 anos e meio. E aí fui ficando por aqui mesmo, morando de aluguel, morando. E aí, morando aqui um tempo, as vezes até desempregada, fazendo serviço de faxina ou o que aparecia, limpando camarão, porque meus tios são pescador. E fui ficando por aqui mesmo no Sesmária. No começo aqui era... não tinha quase morador, depois foi popularizando, crescendo, o povo... e vindo gente de outros lugares né. Porque tem mais baiano, gente da Bahia e de Minas e aí depois de muitos anos eu consegui comprar esse pedacinho aqui. Mas aqui o sesmária que a gente enxerga, é assim: o povo parece que esquece do sesmária porque diz que é uma área de mata, de preservação e que não pode mexer. Mas pela quantidade de gente que hoje tem, eu acho que não pode fechar os olhos para isso. Porque crescendo o povo cresce os problemas, né? E a população fica... sem os cuidados que precisa né? Uma água descente, porque é mina. Mas alguns cuidam, outros não. Hoje tem casas aí que o esgoto é no riozinho, no córrego. Então isso atrapalha. Até pra gente da saúde. Então é uma água que quem tem possibilidade de levar (a mangueira) até a divisa do morro, na subida do morro, na fonte, é uma água mais... um pouco pura, vamos dizer assim. Porque hoje também a mata também anda muita gente e faz o que quer lá dentro. E assim, a cidade está bonita? Ta, ta crescendo, mas os bairros também tão crescendo e os problemas vão aumentando quando vai crescendo.

Então assim, a gente gostaria que os órgãos públicos que mexem com o meio ambiente e coisa, olhassem mais pros bairros pequenos também quando vai crescendo. Não esquecer, porque os problemas, quanto mais vai acarretando mais difícil vai ficando. Que nem aqui a maioria não paga imposto, mas acredito que a maioria gostaria de pagar pra ter o seu lado também olhado. Em geral no público. Desculpa mas eu não sei falar muita coisa assim... mas hoje a gente tem escola aqui no bairro, mas é de primeira à quarta série, depois as nossas crianças têm que ir para a Estufa, fica longe da gente. Não é nem por questão de lonjura, mas ônibus só tem 3 vezes, pra gente fica difícil estar se locomovendo, o meio de transporte da gente, da maioria é mais a bicicleta, porque é mais rápido, mais fácil. mas e as nossas crianças que precisam do ônibus? Os idosos... só em 3 horários de ônibus, então fica difícil, e final de semana não tem nenhum horário. Então é uma coisa que prejudica a maioria das pessoas, atrapalha. Tem pessoas que trabalham no final de semana, ou então precisa sair, fazer uma visita pra um parente qualquer coisa, não tem ônibus! Ou vai à pé ou não sai de casa, fica por aqui mesmo. Os jovens já tão mais acostumados a andar, vão numa boa. Mas...

Então, que nem a Saúde agora, né. Vamos ver se eles vão fazer um Posto aqui, está pra sair este ano. Quer dizer, era pra ter saído ano passado, não saiu. Vamos ver esse ano. porque também vai ajudar muita gente né. Mas tem muita coisa que poderia ser feito dentro do bairro com jovens, pra não fica na rua sem fazer nada. A maioria aqui se envolve no meio da criminalidade, das drogas, que em todos os bairros tem. Num tem como a sociedade ter um controle, eles acabam tomando conta do pedaço onde eles estão. Não mexem com a gente, mas a gente corre o risco... as vezes uma bala perdida aí... porque policiamento, quando a gente fala nisso, a maioria fala assim, “ah, mas você vai comprar guerra com o tráfico, com o pessoal que trabalha com o tráfico, só que e as nossas crianças que estão crescendo? Que precisava ser olhada nesse ponto né? Acaba se envolvendo também, ou até corre o risco de levar uma bala perdida qualquer coisa assim. Porque querendo ou não a gente sempre escuta um tiro aí. Não é que seja muito freqüente, mas durante o ano, se for ver, é assim... a quantidade de vezes que acontece é perigosa. Com a gente eles num mexe, mas as vezes se tem rinha uns com os outros, entre eles, acaba acontecendo de ter tiroteio, sei lá. De madrugada a gente se assusta com tiro. É difícil durante o dia, é mais a noite. Mas e se acontece durante o dia? Tem tanta criança, tem a escola. Eu vejo a necessidade das mães de ter uma creche. Tem o Emei, mas é meio período, e outro meio período? Se tivesse uma creche iria ajudar as mães que trabalham. Hoje a sociedade tem mais mulheres trabalhado e tomando conta da família do que o marido ajudando. A maioria não ta esquentando a cabeça com isso, então a necessidade da creche. Eu acho que o Sesmária não é assim... como posso dizer, a Prefeitura faz, mas não ta muito focado, porque se tivesse já tinha ...A gente sabe que Ubatuba é grande, que tem muita demanda, muita coisa pra ser feita... mas vai correndo o tempo, parece que só procura fazer as coisas na época de eleição. Que é pra ganhar voto. E o povo em si ta cansado disso, eles votam, porque tem que votar, hoje tem que votar. Então o povo fica descontente, iludido porque acaba se iludindo com tantas promessas que acabam não sendo feitas. O Sesmária é uma área de mata, eu acredito que é uma área bonita. Se tivesse mais investimento, se fosse mais olhada. Não somente olhar assim, “ah, lá tem criminalidade, tem isso tem aquilo”, isso todo lugar tem. Mas se der apoio pro bairro, se tivesse alguma área, alguma fonte que pudesse ajudar. Acredito que o povo também iria começar a tomar consciência e ia começar a ajudar também. Por que senão... E aí onde vai achar o pedacinho do fio da meada pra resolver? Quando vê já ta ... então....

E - E sua família é daqui de Ubatuba?

K - Então, só pra vc saber, meus avós vieram da Polônia, na época da guerra. Vieram de São Paulo, porque lá também era mais mata. E minha mãe conheceu meu pai em São Paulo, conheceu meu pai lá e veio pra cá. E meus avós da parte da minha mãe são daqui de Ubatuba mesmo, são caiçaras do Ubatumirim. Vieram pra cá pra cidade, venderam as terras lá, foi meio enrolado, e vieram pra cidade, mas parece que os órgãos públicos tão procurando os verdadeiros donos pra resolver isso aí. Minha avó faleceu ano passado. Minha mãe é daqui de Ubatuba mesmo aí a gente vê né, que a maioria dos caiçaras são poucos hoje, pela quantidade de gente que vem de outros lugares pra cá, os caiçaras mesmo aqui são pouquíssimos. Se for juntar todos os caiçaras são muito poucos. Tem mais casa de veraneio do que o povo daqui. E pra conseguir serviço é a mesma coisa, vem gente de fora que consegue e tira o serviço do caiçara daqui. Então a gente vê muita coisa que poderiam estar dando valor... Minha mãe mora aqui no sesmária, na rua Toyota, na subida. Aqui quase não tinha casa. Quando eu era mocinha que eu vinha pra cá, tinha um padre que fazia catequese pra cá e ele trazia gente pra fazer pra cá. Foi onde eu conheci o Sesmária. Aí minha mãe comprou um terreno aqui, construiu, e a gente foi ficando. Aqui tem mais de 20 anos que eu moro aqui dentro do Sesmária. Era bem diferente, 20 anos atrás quase não tinha nada aqui, e é pouco tempo, não é muito tempo, e já ta tão diferente assim. Tinha a Dona Albertina aqui, a Dona Lúcia Valério ali, que veio depois e muitos anos... era bem pouco, e também o pessoalzinho mais pra lá pra baixo retirado. A família do Barto, que é mais velho aqui. Descendo daqui pra lá, quem vem chegando pro Sesmária são as primeiras casas que tem ali dó lado direito. Se vc olhar ali se vê, ele também já se candidatou a vereador, não conseguiu. Mas era a família dele, a Dona Albertina aqui. Porque eles são caiçaras mesmo, acho que é do Picinguaba que ele veio.

E - E você é casada?

K - Hoje eu vivo com uma pessoa. Eu já fui casada, depois divorciei porque não deu certo, mas hoje atualmente eu to vivendo com uma pessoa, tenho um companheiro. Eu tenho 4 filhas, mas a caçula, a pequenininha que ta comigo, as outras 3 já casaram. São novas mas, uma tem 21, outra tem 20, e a outra tem 18. Uma ta em São Paulo. A mais velha também tava, mas acabou vindo pra cá. A de 18 foi pra Paraíba, ficou uns 4 meses lá, aí também não deu certo acabou vindo pra cá. Ta em Ubatuba mesmo. Até pra elas arrumarem serviço ta difícil. A gente vê alguns jovens, alguns, não todos, a maioria desistiu dos estudo, mas alguns concluíram, né, o ensino médio, o segundo grau e não consegue serviço. A minha filha mesmo tentou ir pra São Paulo porque ficou 2 anos entregando currículo tanto fora da temporada quanto na temporada e não consegui nada. Até hoje, um servilo assim fixo, fichado ela não conseguiu. E aí ela voltou de São Paulo e ta tentando, porque diz que lá também é difícil, porque é cidade grande né.

E - E você trabalha para a Prefeitura? Como é isso?

K - Eu trabalho como agente comunitária de saúde, já tem 6 anos que eu trabalho com essa firma. Porque é uma firma terceirizada né. Pela Santa casa. E tem 6 anos com eles. Assim, não sei se é legal eu falar, não sei se depois vc vai concluir aí, dá um pouco de medo de falar certas coisas... o descontentamento do que a gente vê, em questão do atendimento público da área da saúde. Tudo é assim, quando o bairro cresce, vai surgindo os problemas, vai virando uma bola de neve, e depois não consegue resolver. Eu acredito que em qualquer área pública que vai cresecendo tudo, vai existindo os problemas mais sérios. E a competência dos órgãos públicos também não tem estrutura, é onde vai complicando as situações. São coisinhas pequenas que acabam gerando um problemão sério. Por exemplo, vamos supor que o paciente passou pela Santa casa, foi encaminhado pelo posto, claro, o médico ta fazendo o papel dele, pede os exames. Só que o olhar clínico do médico que precisa ter uma noção bem rápida. As vezes não acontece e depois quando vai descobrir é um problema sério. Daí joga pra um, joga pra outro, joga pra um joga pra outro, e os problemas vão acumulando. A gente vê muita...precisa mais olhar clínico. A gente teve um médico... o médico hoje, cada um tem seu jeito de trabalhar, precisava ele ta vindo nos bairros uma vez por semana. O outro médico que a gente teve vinha. Ele participava de cada histórico do paciente. E o atual agora não dá muito.... então é nisso que a gente vai vendo o descontentamento de todos, as reclamações. O bairro também não tem estrutura, porque depende também do órgão público. Precisaria a Secretaria da Saúde, da Educação... em geral. Que tudo eles falam “conselho tutelar”. Se for pra resolver um problema sério, de família, com criança, tudo é conselho tutelar. Mas a gente sabe que num tem estrutura. Tem ali as pessoas exercendo a função, mas não existe estrutura. Uma criança as vezes que ta com problema sério, que precisa de conversar com alguém experiente, não consegue vaga, ou demora mais de um ano. Isso acarreta um problema mais complicado ainda. Jovens que as vezes, se não tem estrutura familiar, alguém da família tem algum problema, e poderia ter alguém pra conversar com essa pessoa, e não tem. As pessoas tão preocupadas em trabalhar trabalhar, trabalhar, mas esquece de ver o outro. Não aprofunda no problema. Fica uma coisa superficial, como se tivesse tudo bem, mas na verdade não ta tudo em. A Prefeitura, não vou negar, a gente vê trabalhando, mas tem coisas mais sérias, que vai deixando ali na gaveta, vai levando ano, ano, e o problema cresce.

E - E como é o trabalho de vocês, agentes comunitárias?

K - A gente visita os lares, pra estar orientando, passando informação de prevenção, tudo em questão à saúde. No verão câncer de pele, hidratação... Fora de época, seja verão ou inverno, fala de tuberculose, que tem tomar cuidado. Tudo que diz questão a prevenção a gente vai e orienta, sobre a dengue, também. Muitos, a gente vê que vai se adequando, vai tomando consciência, alguns não querem saber não, não ligam. Aham que do jeito que a gente faz, alguns até agradecem, outros só reclamam, por mais que a

gente faça nunca ta bom. Na medida do possível do que a gente pode fazer porque sempre tem aqueles probleminhas que... a estrutura da saúde, em geral, é séria, é um monte de gente. Isso em todas as cidades. Mas não tem estrutura e acaba fazendo uma coisa que não atinge o objetivo. Eu falo que quando eu comecei a trabalhar nessa área, tinha bem mais atenção, acompanhamento. Hoje é mais superficial. A preocupação de dados pro IBGE, em passar as taxas, as quantidades, é maior do que o atendimento mesmo, hoje eles tão focados nisso, nas taxas. Pra mostrar o município de uma forma como se nada tivesse acontecendo, quer dizer, ta fechando os olhos pra realidade. Eu vejo esse lado. É logico que a gente, a maioria tem medo de abrir a boca e falar. Mas se um não tiver coragem de abrir a boca e falar certas coisas pode ser que não seja ouvido, mas pode ser que uma hora alguém vai ouvir, vai ler e vai acordar pra realidade. E a gente vê que isso é em tudo. Hoje os maiores ganham milhões, agora o salário mínimo do pobre... e aí fica complicado. Mas o bairro cresceu muito, o bairro precisa de mais atenção. Mas eu acho que os órgãos públicos fecham muito os olhos pra realidade hoje, eu acho. Existe as reclamações, as cobranças, porque é direito do ser humano. E a gente vê que nada acontece, o bairro cresceu muito e não tem estrutura.

E - porque cresceu tanto, foi muita invasão?

K - Teve uma época que a Dra. Dilei (ela é médica) mas teve uma época que ela tava afastada, e ela tava se candidatando a vereadora junto com o Paulo Ramos, o antigo prefeito. E junto com ele, porque ele fez 2 mandatos, 8 anos, e ele junto com ela parece que fez uma doação de terra aqui. Cresceu duma vez devido a isso. Porque disseram que era da Prefeitura esse pedaço e fizeram a doação. Hoje tem muita gente morando aqui porque o Paulo Ramos junto com a Dilei fez a doação. E a gente que é daqui não recebemos doação. Teve quem veio da Bahia e de Minas. A maioria que ganhou foi da Bahia. Inclusive teve uma época que o presidente do bairro, não esse, o outro, veio tirar uma satisfação comigo, em questão a esse terreno que eu comprei, dizendo que esse pedaço aqui eu não deveria ter comprado porque eu ia perde. E eu falei pra ele, eu moro aqui há tantos anos, agora que eu consegui comprar. Você veio, conseguiu seu pedacinho de terra, trouxe mais parentes seus, família, todos tem uma casa hoje aí, construída, com ajuda de Prefeito, de vereadores e eu que sou daqui, que to batalhando pra ter o meu não posso? E eu paguei, eu tenho papel de compra e venda, comprei do cara que tinha comprado do filho da Dona Albertina, aí comprei da mão desse senhor. O presidente do bairro hoje é o amado, mas era o Bahia, o pessoal chama ele assim, mas eu não sei o nome dele. Porque a gente tem uma pasta com todos os moradores do bairro, mas como tem 3 agentes de saúde aí é dividido, e eu conheço as pessoas pelo apelido e pelo nome, mas o Bahia eu não conheço. e eu tive esse problema com ele, no começo, quando eu fui comprar meu pedacinho de chão, há 4 anos. Porque antes eu não morava aqui. Eu morei com minha mãe, 3 anos e pouco, na rua Toyota, depois eu consegui, uma senhora de Jundiáí, ela tinha uma casa aqui e ela precisou voltar pra Jundiáí e precisava de alguém pra tomar conta pra ela. O marido dela tinha uma flora no rio escuro. Aí eles foram pra lá e me colocaram como caseira. E depois eu consegui alugar casa, então hoje eu tenho 4 anos que eu comprei, mas eu vivi assim, ou aluguel, casa que o pessoal dava pra mim tomar conta, então dentro do Sesmária eu tenho 20 anos. Depois que eu saí da casa minha mãe, que eu precisei ficar com ela uns 3 anos.

E nesses anos todos eu já vi muita coisa acontecer. Assassinato, as pessoas matarem, mas isso é outro departamento que a gente acaba fechando os olhos. mas a gente tem medo por causa dos nossos filhos. Eu tive uma experiência há 2 anos atrás, a gente numa reunião com o povo... porque como agente de saúde a gente convive com as pessoas todos os dias, só nos fins de semana que não, e eles contam as coisas das vidas deles pra gente. Tem uma ética profissional que a gente guarda, mas é como se gente fosse psicóloga sabe? A gente tem que saber lidar com o povo. Então, numa reunião com todos do grupo, teve uma colega nova que tava começando, ela disse que entrava nas casas das famílias mas que não entrava muito em detalhes, e que não poderia se envolver porque era um traficante e ela tava com medo de ir. Porque eles pegam confiança e contam as coisas, você fica sabendo de tudo. E os nossos filhos, que aí no caso eu tive uma filha que tava envolvida com um rapaz que mexe com drogas, não tem como a gente se excluir deles.

Quando você vê seus filhos crescendo, e tem amizade com pessoas que estão na criminalidade, você não tem como não se envolver, dizer some daqui! Tem que ter sabedoria pra lidar com isso e não aumentar o problema. Não pode proibir porque sabe que pode gerar um problema mais sério. Então eu falei isso, não tem como evitar. Ou vc sabe lidar com a situação, ou então não dá pra trabalhar assim. Porque você acaba fazendo amizade com a família do rapaz, e não tem como fechar os olhos. Porque eu, conhecendo todo mundo, visitando as casas, uma coisa que eu sempre pedi muito a Deus, eu sempre pedi muita sabedoria para saber lidar com as pessoas. Saber conversar pra não gerar um tormento maior. A gente acaba servindo pra tudo. Eles pedem ajuda. Porque ta olhando de fora. Uma senhora, em questão da área da saúde, ela separou do marido e se revoltou e não comia, e era só café e cigarro, e o psicólogo deu café e calmante pra ela e ela também confundiu as coisas, estava sem controle. Falava que queria morrer e tal, e eu fui conversando, ajudando. Então a gente assiste de perto muitas coisas, crianças que são muito revoltadas e ficam em pé de guerra com a mãe, então são probleminhas pequenos que quando cresce viram problemões, até para a sociedade. Porque os jovens também têm culpa, mas a família tem grande parte nisso. Porque hoje a gente vê muito isso: os pais trabalham o dia todo, as crianças ficam na escola e na creche ou em casa sozinhas, quando chega não dá atenção pro filho por causa da correria, saem muito cedo, e acaba que o filho vai “se criando” sozinho, aí dá nisso. E as mães não têm paciência.

A Prefeitura não consegue urbanizar esse pedaço pelo menos pra ficar de acordo com o que precisa, porque eles também perderam o fio da meada. Na época que o Paulo Ramos doou, fez junto com a Dilei a doação das terras aqui, então, perdeu o controle. Foi aqui da escola pra cima

4 - Depoimento oral de Ildete, moradora do sertão do Sesmarias (rua Mercury), 33 anos, proveniente de Malacacheta, no Norte de Minas Gerais. Entrevista realizada em outubro de 2007.

I - Eu vim de Minas né? Um lugar estranho sabe? Saí de lá, vim, com as 3 meninas, vim com duas, grávida da outra (sem saber) e morei com minha irmã! 7 meses! Lá no Ipiranguinha. Morei 7 meses e daí depois fui pagá aluguel, como sempre né? aí nessa vai e volta a nenê nasceu, num deu certo...separei, separei do marido que vim pra cá, vim cum ele de Minas. Num deu certo, aí rodei, fui pra São Paulo, virei o mundo com as 3 meninas, foi! E sozinha. Aí cheguei aqui, aqui eu comprei. Trabalhei né! Comprei o barracinho ali. Comprei memo. Agora eu to com *esse outro*, esse neném é dele agora (está grávida de 6 meses de um menino), e trabalhando, trabalhando...eu em casa...desse jeito memo! Eu trabalho, agora não, que eu to grávida, mas meu negocio é trabalhar, não gosto de ficar em casa. Eu trabalho mais assim com faxineira mesmo, faxina em restaurante, em pousada. Em casa de família também, de vez em quando, mas não é muito o meu ramo rrsrrsrs não gosto muito. E agora eu to parada porque...grávida né? é difícil quem pega pra trabalhá!

E - e por que você veio para cá?

I - Ah, porque lá de onde a gente morava é muito difícil menina, nossa senhora! Malacacheta, é perto de Teófilo Otoni... é difícil a vida, dinheiro... não tem serviço. Tem assim, colher café, igual aqui em temporada, lá é o apanho de café de ano em ano, época do m~e de junho e julho. Aí passa acaba. E mais é também trabalhar na enxada! Che! Aqui, pelo menos...paga mais ou menos né? Lá é complicado! Ce fica, a pessoa até fica, mas é bem mais complicado. , aqui ce faz uma faxina dá... lá acho que 10,00, até 5,00, nem sei! Ce pega 5,00 livre. Mas eu vou lá, pra vê minha mãe, vou passeá. Mas pra mora não! Sempre quando dá eu vou. Acabei de vim de lá tem 2 meses. Minha mãe ta lá, minhas irmãs... família né?

E - E quando você chegou aqui?

I - Ah! Faz uns 10 anos já que eu to aqui. Só aqui já tem 4 anos! Antes foi no Ipiranguinha, São Paulo afora... Mas lá num trabalhei. Fiquei nuns tios meus, fiquei pouco tempo. São Paulo pra mim só passeio, num gostei não, muito grande, complicado né? Era em Guarulhos. Meus parentes ta tudo lá, eles acostumaram né, tem uns parente que mora a vida inteira lá. mas pra quem vai assim é difícil acostumá...

E - E porque você veio p/ o sesmaria?

I - Porque quando eu vim de São Paulo, porque minha irmã mora lá em cima né, no morro de lá de cima, ai de lá eu morei com ela uns 4 meses na casa dela, ali em cima. Os parentes em primeiro lugar né, que a gente vai procurar... ela continua lá, é uma rua bem lá em cima, só que ela trabalha, o marido trabalha, quase nem fica lá. Aí eu vim pra tentá melhorá ne? pra mim foi bem melhor. Não foi melhor na parte do marido, porque nunca teve conserto né! Nunca teve cura rsrsrsrsr ...mas eu passo bem melhor, pelo menos eu comecei a trabalhar, ter meu dinheiro...lá era mais complicado.

E: E como é sua vida hoje?

I - Ah, ta indo tudo bem, graças a Deus! Meus filhos estuda. Vai pra Estufa tudo esse ano porque aqui terminou o ano, é só até a quarta serie. Esse ano essa aqui tb vai pra lá em fevereiro. Eu gosto de morar aqui, já me acostumei. Porque na roça assim...nao sei não, lá para estudá é mais complicado, aqui tudo é fácil, escola...e lá é mais...claro, se precisar ir mesmo nós num fala que não vai (p/ Minas) mas enquanto tiver do jeito que está eu vou ficando por aqui mesmo. Pra mim ta bao aqui. Marido ta trabalhando, quando eu puder eu também vou trabalhar, sem dúvida! não gosto de ficar em casa muito, me estressa! Ficá em casa me estressa!

E - Você passeia?

I - Ah muito pouco, muito difícil. Às vezes leva as crianças em algum lugar, mas é difícil. É mais assim festinha de aniversário mesmo, aí a gente vai, por aqui mesmo, ou na bela Vista, Ipiranguinha. lugar que dá pra ir de bicicleta. Ir pra longe com criança não tem como, com bicicleta. E final de semana não tem ônibus, só segunda-feira, então quer sair não tem como. Aí ir pra longe de bicicleta com criança não dá né? Então a gente acaba não saindo, passa domingo por aqui mesmo.

E - O que você sente de dificuldade no bairro?

I - Água né. Não tem. As vezes falta muita água, temporada agora é hora de começá faltar. Agora inda ta chovendo um pouco mas quando é sol mesmo falta água. Se tivesse água era bom, cada um ter a sua água. ter a da cachoeira mas ter também a da rua quando faltar né. Só na escola tem água da rua, o resto todo mundo pega da cachoeira. Então se cada um tiver seu relógio era legal, porque eu já morei assim, porque vc paga mas pelo menos é uma coisa que vc tem sempre. Direto, não falta, a não ser que num paga as conta. Mas aí já é problema da pessoa. É difícil, ficar sem água é muito ruim. Luz tem, graças a deus. Graças a deus meu barraquinho é tudo organizado, luz graças a deus tem. Já comprei assim, tudo certinho. Então... esgoto essas coisas que num tem, é uma revelia por causa do esgoto, muito complicado. O de pia essas coisas a gente joga no rio. Pro outro tem fossa né! Não tem rede, fazê o que? Todo mundo joga no rio. O de pia né, água de pia, de chuveiro. O resto tudo a maioria xxx tem fossa. A fossa fica no quintal. Do jeito que eu comprei ta aí, ao mudamos nada. É que os terreno é tudo complicado também, vixi!

E - Aqui é regular ou irregular?

I - Ai menina, acho que aí é irregular, eu acho que é. Ta congelado, então, aqui também, não pode construir, as árvores não pode tirar, porque tem essas arvores aí em cima, se cai pode...outro dia caiu em cima do barraco e quase destruiu tudo, inda bem que foi aí fora sabe. Não pode tirar, não pode construir e fica nessa aí. Agora eu não sei se a gente começar a construir se dá alguma coisa, né, não sei como é. Minha vontade é fazer de bloco né, mas vou fazer e depois também perdê? Queria aproveitá esse lugar do barraco, aproveitá né? Pegá mais aquele terreno ali na frente e fazê! Mas...e ainda tem árvore na frente né, pra tirá tem que tirá autorizaçao.. tem que vê um punhado de coisa, é complicado! Eu não entendo direito sabe, mas acho que aqui é protegido sabe? uma coisa assim...

E – E o que você sente em relação a esse mato, a essa paisagem?

I - Ah eu gosto! Não ligo não! Num gosto que fica essas arvores aí, mas num me atrapalha não, só atrapalha o que ta em volta do barraco. É, e quando venta muito nossa! é perigoso. Mas a paisagem tem que ter né, sem duvida tem que ter. Porque lá na minha terra também né...eu gosto. Eu num acostumei em São Paulo por causa da poluição, que é muita, criança num se deu bem. Lá sabe como é né? É tudo mais....e aqui a gente se dá muito bem. A paisagem acho que num tem gente que num gosta né...do verde rrsrrsrrsrrs aqui em cima do meu barraco que é complicado né...mas... o resto, é isso aí...

E - Não vem ninguém falar da casa?

I - Não, nunca ninguém veio não. Até agora não. O que já tem aí ninguém fala, só num pode ficar querendo arrancar arvore, elas que caem por si próprio, ninguém tira não, porque sabe que num pode tirar sem autorização, o vento vem e a gente corre pra casa dos vizinhos...dá só mdeo do barraco cair. Já caiu uma em cima da minha e quebrou meu quarto todo, foi perto agora, esses dias...aí arrumaram de novo, o meu é esse aí né. Aquele ali não, é dela, e o outro é dela ali. E a gente se ajuda né? Fica todo mundo graças a deus, não tem briga, num tem bagunça...é tranqüilo. Ela também é mineira né? É a Vilma.

E - E os primeiros moradores, como é a sua relação com os moradores mais antigos?

I - Ah pelo que eu sei isso aqui antes não tinha nada né, era um carreirinho, num tinha casa, era uma ali e outra num sei aonde, aí depois foi começando a fazê mais casa, mas eu sei muito pouco aqui dos moradores mais velhos, num tenho muito contato, eu fico mais por aqui mesmo. Dá escola pra cima. As veis eu vou na reunião, algum projeto da escola, os meninos vão no projeto, jogam capoeira, de vez em quando tem reunião a gente vai também para ficar falando né... na escola também, a mesma coisa. Mas eu não sou de sair muito não. Até na minha irmã é difícil de eu ir, ela mora ali em cima, na rua Gurgel. E também trabalha direto né, ela num tempo de ficá em casa.

E - E a questão da violência, é perigoso? Drogas?

I - Ah, isso aí eu acho que num deixa de num ter né...? Pra todo lado, e aqui é um lugar neutro (?), eu não sei eu num gosto de ficá falando eu fico no meu canto...mas a gente num deixa de saber né. Sempre. Não deixa de não ter não. Mas eu mais meu marido nem se mete! Num sou contra mas fico bem longe...isso como jeito de viver, jamais! Então mas pelo que eu sei...tem ali embaixo, tem tiro...só que é la pra baixo, aqui em cima é tranqüilo. Tudo ali perto da escola ali, naquele meio lá. perto da escola. (Vilma interrompe): outro dia tinha um cara baleado, na frente do ônibus que as crianca iam pra são Paulo, no passeio do zoológico que a diretora tava levando, e era de madrugada, assim 5:30h da manhã. Aí foi. Deu uns tiro lá em cima e o cara entrou no ônibus baleado, só da porta assim pra dentro, sem entrar né. E deixou a porta da frente aberta, ele sentou ali na porta do ônibus onde tava minha menina. Aí foram tirá ele, ele entrou no outro ônibus, entreou em 2 onibus, mas pedindo socorro, aí conseguiram tirá ele.

5 - Depoimento oral de Vilma, moradora do sertão do Sesmarias (rua Mercury), 31 anos, proveniente de Ladainha – MG. Entrevista realizada em outubro de 2007.

E – Vilma, de onde você veio e por que?

V - Vim de Minas, de Ladainha, tem mais ou menos uns 12 nos que eu moro aqui no Ubatuba. Mas antes eu morei 3 anos no Itaguaú, depois fui pro Bela Vista morei mais 2 anos, aí meu marido comprou esse barraquinho e nós viemos mora aqui, tem mais de 5 anos que eu moro aqui no bairro.

E - Você é casada, tem filhos?

V - Sou. Tenho 3 filhos, meu marido trabalha na praia com ostra, vende ostra na praia. E eu vim de Minas e aqui quero ficar, porque voltar pra minha terra eu não quero morar. Porque em Minas as coisas é muito difícil e meus filhos não acostuma mais mora lá. Meus filho estuda aqui e tudo e o estudo lá é muito difícil, então se for pra morar em Minas eles num moram. E lá quando chove as criança fica 2, 3 meses sem ir pra escola, que o ônibus nao vai porque é estrada de chão, então não dá, lá é bem roça. Aqui quando ele vai ele pega a bicicleta ou vai de ônibus, e eu mesmo posso levar que eu num trabalho, então eu posso levá até a escola. Mas em Minas é meio difícil. Até meu marido, foi criado lá, nós 2 somo de lá, então se for pra mora lá nós num mora. Já acostumo aqui, faz mais de 12 anos que eu moro aqui...aí quando eu tive meu filho mais velho, ele tem 12 anos, aí eu tive ele numa obra, tudo no meio da peaozada e é assim, hoje ele ta com 12 anos e eu agradeço a Deus por ter meu barraquinho, só que meu sonho mesmo é ter uma casa de bloco, porque eu não aguento mais mora em barraco de madeirite. O meu é esse primeiro aqui da frente. É muito perigoso, é muita árvore. Tem vez que a gente tem que correr por causa do vento, catá meus filho e ficá ali até o vento passá depois...de noite. Então meu sonho é ter minha casa porque é muito difícil morar em barraco de madeirite, meu filho tem um problema no nariz, e todo mês tem que levar no médico, todo mês ele passa no otorrino e levanta muito pó. Aí o médico falou que quando ele chegá numa idade, quando ele tive com uns 15 ele tem que operá. E tem que acompanhá o tratamento e ele fica assim muito ruim, respira mais pela boca, não pelo nariz. Então se eu for mora em Minas, na minha terra não quero. Eu queria construir aqui mesmo, nesse lugarzinho aí, só que de bloco. Só que difícil são as árvores, é muito complicado. Por que às veis a gente vai construir e eles vem e embarga. A gente já não tem dinheiro o que tem vai perdê, aí fica mais difícil. E aí meu sonho é comprá uma casa pra mim em outro lugar e vender aqui ou fazer alguma coisa. Mas aqui é muito complicado batê uma casa de bloco mesmo, mas é meu sonho, mas tem que ser aqui em Ubatuba, pode ser em qualquer lugar, pode ser aqui mesmo, pode ser no Bela Vista. Que eu morei tanto tempo no Bela Vista. 4 anos, a minha filha tem 3 anos e eu ganhei lá, paguei 2 anos de aluguel. Tirava da boca mais pagava o aluguel, pagava água, pagava luz. Lá eu gostava de mora, eu gosto até hoje. Se der pra voltá pra lá e volto ainda. Não tenho nada de relamá lá. Minhas amiga são muita ótima pessoa, então eu gosto. Aqui também eu gostei, se for pra mora aqui eu moro também alegre e satisfeita. Eu acostumei mais aqui, é muito bom. Mas que nem assim...Ah, que nem eu acho né, tem muita droga, muita violência. Então, que nem meu filho, ele tem 12 anos, sempre tem que ta conversando cum ele, pra ele num acompanhá os amiguinho, que tem criança aí de 12, 13 anos tudo nas drogas, na bebida, num estuda... então eu tenho que ficá muito junto com ele, alertá ele nas companhia, então eu converso mesmo pra ele tomá muito cuidado. Tem ele que é o mais veio, e tem a menina de 9 e o menino de 6. São só 3 só. Foi ele mesmo que foi que nasceu no meio da obra! Meu marido não teve condições de pagá aluguel, aí eu engravidei...foi até quando ele tava nascendo eu não tinha nem uma cama pra durmi. Ele que foi e compro as maderas e fez a cama lá, quando meu marido fez a cama, levou 3 dias ele nasceu! Lá na obra lá no Lázaro, na divisa com o saco da Ribeira. Porque ele morava na obra e eu morava com ele. Ele era apontador da obra. Era obra do patrão dele, do Zé Henrique que mora lá no Rio escuro, aí ele trabalhava lê e eu engravidei dele lá, aí depois nós foi pro Itagua e moramo num terreno vazio lá, aí depois que nós fomos pro Bela Vista pagá aluguel. Paguei 2 anos de aluguel, porque ele foi

trabalhando e juntando dinheiro. E eu tive ele, ele nasceu na obra, só que aí eu fui pro hospital e tudo, bonitinho, e minha tia me ajudou a cuidá de mim, me deu as roupa dele que ele não tinha nada. Aí depois eu fui de lá da obra que eu morei na obra e fui pro Itaguá, morei lá num terreno, num quartinho vazio que tinha lá de bloco. Aí depois meu marido interou e fez a cozinha de madeirite, e assim. Foi muito difícil, mas graças a deus ele nasceu com saúde e hoje ta aí com 12 anos, forte. Tem vez que eu vo pra praia e eu cato lata eu e ele. Pago alguém pra cuidá dos meus 2 e é assim. As vezes eu vou. Tem vez quando eu não cato lata que eu olho criança assim para algumas pessoas aí (daqui mesmo). Tem uma nenezinha que eu cuidei duma amiga minha lá de Minas também. Eu cuidei da menina com 3 anos, depois que ela interou 3 anos que ela pos o nenê na creche e aí eu parei de trabalhar e aí eu fui catar lata. Qualquer coisa, eu cato lata, Carnaval mesmo se Deus quiser, se me der força me der saúde eu to lá catando lata. Dá um dinheirinho. Não dá assim, dinheieeeeeiro, mas dá pra pagá as conta. Que nem no natal, eu fui comprar roupa pros meus filho, 100,00 de roupa, agora eu tenho que pagar. Nós aqui somo pobre, qualquer coisa que alguém dá nós recebe de bom coração. Esses dia mesmo, Deus abriu as porta aqui, que eu ganhei tantas coisa, frango, comida, a “Dete” mesmo ganhou comida. Meu armário ta cheio de comida graças a deus.

Porque já teve vez...já tive que durmi lá na assistencia social pra consegui uma sexta. E esse mês sobrou foi muita vaga. Aí uma amiga minha foi lá e falou pra mim eu digo: “não vou não, não to precisando graças a deus, meu armário ta cheio! Ai eu nem fui!

E - qual a renda de vocês (sua e do seu marido)?

V - Ah, a renda do meu marido... eu pego bolsa família de 102,00, meu marido tem vez que... quando é temporada assim ele tira até um dinheirinho bom na praia, mas quando é fora de temporada ele num... tem vez que ele tira assim por mês uns 250,00, até 300,00. Daí dá. Porque aqui graças a Deus nós num paga água e pode gastar que não paga água nem nada, então vai levando a vida. Então se vê que minha vida foi muito assim né.... complicada. Porque aqui, que em eu falo pro meu filho: “estuda pra vc ser alguma coisa na vida, porque foi duro quando vc nasceu, vc nasceu na obra, no meio dos peão ali tudo, e eu sozinha no meio daquele bando de peaozada! Eu ficava até com vergonha né? E aí... eu correndo assim do patrão do meu marido, dele me enfiar a barriga num ferro. Porque eu fiquei com medo dele, porque eu engravidei do meu marido lá na obra. Aí depois que eu fui pro Itaguá. Porque eu não era casada nada...eu conheci ele nessa época e logo em seguida engravidei dele já, até hoje nós tamo junto.

E – Qual sua relação com esse lugar, com essa paisagem?

V - Ah eu gosto sim das árvores. Menos essas do fundo ali do meu barraco. Mas não me atrapalha não, é muito assim um lugar bonito, um verdinho, corre um vento...então não tenho do que reclamar, é mais as árvores que se ta no barraco dormindo e uma árvore desabar e matar todo mundo, que nem a Ildete falou, no dia que caiu árvore na casa dela. Eu quando assustei eu já tava aqui fora, porque eu achei que tinha caído em cima do meu barraco! Já não tem nada, o que tem inda destrói? Aí é mais difícil a situação. Ah quando ta chovendo muito... que nem uma chuvinha que nem choveu ontem a noite, nós fecha os barraquinho e fica dentro de casa, liga a televisão e fica assistindo. Mas quando ta muito ventando e chuva grossa aí sai de perto, porque é muito perigoso. Aí nós fica ali fora (aponta a frente da casa da Cida) esperando até que passe o vento ou a chuva, aí passa e nós já vai pra dentro.

E - E as dificuldades aqui?

V - É aqui teve até um serviço que arrumei a noite pra trabalhar num restaurante aí meu marido não gostou e falou, ah, isso não é hora de você chegar. Duas horas da manhã é muito perigoso. Pra voltar de bicicleta, porque aí ele não deixou por causa disso mesmo, de acontecer alguma coisa. As vezes ele tava dormindo e ficava pensando, e eu chegando fora de hora, aí ele não quis porque é muito perigoso. Mas aqui graças a deus não tem esse negocio de esturpo não, mas é droga, tiro perdido, mas isso não. Mas as vezes acontece

cada coisa lá embaixo e nós nem sabe! Porque a gente mora aqui em cima, aqui graças a deus é um lugar sossegado, não tem briga não tem nada. E é assim, eu com Dete nós faz tudo junto, se for até ali na escola a gente vai junto nós duas. Nós duas. Quatro horas mesmo tem um aniversário pra nós ir lá no Bela Vista. Nós vamos de bicicleta, porque aqui num tem ônibus. Pagá um carro nós num podemos então n'ós vamu de bicicleta, levá a criançada toda.

Aí nós vamu lá ver as amiga, que quando nós morou lá né, tem as vizinha, eu conheci a Dete lá. Eu vim pra cá depois ela veio, e é assim. É mais n[os mesmo. Aquela lá é irmã minha, aquela de vestido vermelho também é irmã minha e aquela ali que mora aqui do nosso lado, a Cida. Essa minha irmã (Terezinha) ta planejando vim mora aqui também. Ela gostou daqui. Ela mora lá no Fortaleza, com outra irmã, hoje ta só passeando aqui. Elas duas moram lá no Fortaleza, na divisa da Praia Dura, só eu que moro aqui. Porque lá ta meio complicado, né, porque elas queriam um lugarzinho aqui mais próximo de mim, aqui no Sesmaria mesmo. Elas tão dormindo aqui em casa esses dias.

E - Como é a sua relação com a praia?

V - É muito difícil nós ir pra praia aqui. Nós só vai pra praia pra trabalhá e catá lata, mas pra nós curtir assim, nós num vai. Ah, sei lá, é muito difícil pedalá a bicicleta no Sol quente, e mesmo assim...as vezes fora da temporada meu marido leva as criança, mas eu assim sou muito difícil de ir. As vezes eu vou lá catá lata e nem o pé na água eu num taco, venho embora e só vou tomar banho aqui debaixo do chuveiro, na água gelada. Não sou muito chegada em praia, num fui criada com praia né, então nós num liga. Até esquece que tem praia. Meu filho que as vezes dá um mergulho, que o médico manda ele dá uma nadada, pra melhorá o nariz, então ele vai, mas eu sou muito difícil de ir.

E - Como que é na baixa temporada?

V - É menos perigoso depois que passa a temporada, aí fica um lugar tranqüilo, pode andar tudo que é tranqüilo. Agora na temporada que é perigoso em Ubatuba. Mas o trabalho fica mais difícil, é mais difícil. Pra pagá as coisa a gente dá um jeitinho, que nem eu tenho o bolsa família de 112,00, ali divide, meu marido também ajunta um dinheirinho, tem que pagá as conta né. Porque nunca ninguém tem dinheiro assim pra comprar na loja com dinheiro então tem que comprar fiado mesmo. Depois vai pagando devagarinho. Que nem eu gastei 100,00 de roupa pra eles né, agora eu vô ter que dá um jeitinho pra pagá! Porque como é que ia passar o Natal os *bixinho* sem ter uma roupinha! Aí eu comprei 100,00 de roupa pra eles pra pagá agora dia 15. São 3 filhos né. Comprei lá no xxxxxxx (?) agora tem que pagá né, senão suja o nome da gente. A única coisa que a gente tem hoje é o nome da gente mesmo, então tem que dar um jeitinho e acertá lá né. Eu tenho crédito lá. Sempre que precisa de alguma coisinha a gente vai lá e compra, porque pode pendurá. As roupa lá na verdade é cara mas fazê o que, tem que comprá né?

(Ildete interrompe referindo-se a outra vizinha que chega): Ih, lá vem aquela ali... é gente metida demais né? Nem rico tem que ser metido assim, quanto mais ela. A gente tenta não se aproximá muito né, ela não se aproxima de nós. A gente vive de um jeito, ela vive de outro, só que ninguém briga.

Vilma: ela no cantinha dela e nós no nosso.

Ildete: ela trabalha aqui, na cidade, trabalha direto. Tem 2 crianças também. Ali na frente quem mora é minha irmã, é uma das minhas irmã, e nos fundo é filha dessa de vermelho. Minha irmã é a Maria Valdinéia, mas ela ta trabalhando. Atrás lá é a Cida. E no barraquinho lá... depois, lá atrás da casa da Cida tem outra, é a Lidiane.

6 - Depoimento oral de Claudete, moradora do sertão do Sesmarias, 37 anos, proveniente do Paraná. Entrevista realizada em 06/01/2008.

C - Eu tenho 37 anos. Quando eu vim foi quando o Airton Senna morreu. Não lembro o ano, Acho que foi em 92. Eu vim nessa época, faz pra uns 13 anos que eu to aqui. Eu vim porque lá onde eu morava não tinha serviço. Era só de 6 em 6 meses que tinha serviço. No interbalo não tinha nada pra pessoa fazer.

Aí um japonês que tinha roça aqui, aí foi buscar a gente pra vim trabalhar pra cá. Aí nós viemos, viemos eu, meu marido, meus 2 filhos, e minha sogra, meu sogro... só que eles voltaram de novo né, trabalharam 3 anos aqui e depois voltaram pra terra deles. E nós ficamos até hoje né, xxxxxxxx serviço né? E nós viemos pra cá tentar a vida aqui e ficamos até hoje. Faz 13 anos. Mas não só nesse bairro. Eu morei lá no Itaguá, 10 anos, e aqui ta com quase 3 anos que eu moro aqui, nesse bairro. Porque aqui era o lugar mais em conta que tinha pra comprar, porque meu marido trabalhou tantos anos lá, e depois o patrão deles faleceu né. Aí os filhos não queria mais tocar roça, porque era arrendado lá, aí cada uma teve que seguir seu rumo. Ele acertou com a gente, deu 4.000 reais de 10 anos de serviço e nós viemos e compramos aqui. Eu vim aqui e comprei esse terreninho. Aqui minha filha mora na frente e eu moro no fundo. Ali ta vendo, atrás da pedra. Aí compramos aqui esse pedacinho e construímos aí, fiz mais 2 cômodos, 1 banheiro, aí depois construí a casa pra menina porque ela arrumou marido né. Aí construí mais 2 comodinhos pra ela e um banheiro, e estamos aqui até hoje. Meu marido trabalha xxxxx trabalhou na prefeitura, depois trabalhou de servente de pedreiro, hoje ele trabalha lá na Flora, no Itaguá, vc já ouviu falar? A Flora. Negócio de flor essas coisas, faz 2 meses que ele ta trabalhando lá. E eu faço meus bicos aqui, que nem agora quando tem temporada eu vou pra praia, cato as minhas latinhas pra ajudar. Também quando vem uma faxina eu faço. catá latinha dá um dinheirinho. Não dá muito, mas dá pra tirar o dia. Principalmente no natal, ano novo, data assim, dá para tirar 100,00 por dia, 70,00... eu e meu filho né, de 14 anos. E assim vamos vivendo, estamos aí nessa luta. Agora a minha menina arrumou o marido dela, e tem o netinho de 3 meses e não sei né. Eu tenho assim muita vontade de voltar pra minha terra, mas ao mesmo tempo eu penso que lá nao tem serviço, aí eu prefiro ficar por aqui mesmo.

E - Você gosta de morar aqui?

C - Ah eu gosto, mas nada como o lugar da gente né, nada como a terra natal, no Paraná. Mas como lá não tem recurso nenhum, não tem serviço, não tem nada, a gente tem que ficar por aqui mesmo.

E - mas como vcs chegaram até aqui? Como ficaram sabendo?

C - Quem falou foi o japonês que foi buscar nós, sabe onde é o Posto Kamomê ali, então, eles são donos de lá. Quem morreu era o Tiama, ele que foi buscar a gente. Perguntou se a gente queria trabalhar e ...porque ele teve que buscar pessoa de fora pra trabalhar pra ele, porque ele falava que o caiçara não gostava de trabalhar. Aí então ele buscava gente de fora pra trabalhar, aí ele foi na nossa cidade buscar nós. Aí nos ficamos. E foi muito bom, foi porque 10 anos prestando serviço não era para dar só isso de dinheiro né. Era pra dar um dinheiro que pelo menos desse pra comprar uma casinha melhor né. Mas...fazer o que, a gente é pobre né. Não pode nem mexer com a pessoa que é rica digamos assim né, porque ce sabe né, a corda sempre arrebenta do lado do mais fraco. Então nós pegamos só isso mesmo e deu pra comprar aqui, que é o bairro que a gente pode comprar porque é o bairro mais pobre e vamos ficar por aqui até quando Deus preparar um lugarzinho melhor pra gente. Agora ta vindo esse negócio da luz também né? Que vai arrumar luz pra todas as casas. Vai começar terça-feira. Aí eu não sei se eles vão tirar, porque aqui é área de risco né? Aqui é...como chama? éeeee área ambiental. área verde.

Inclusive tem casa tudo aí pra cima oh, nem dá para ver daqui direito, tudo no meio do mato. Mas aqui não ta congelado ainda não. Parece que eles queria congelar mas não congelou não. Não sei porque. Eles iam congelar depois acabou não congelando. Agora vai

arruma a eletricidade, ta tudo aí. Não sei no futuro se eles tirarem nós daqui que dê um cantinho, pra gente né, porque a gente não tem pra onde ir. Eu não tenho casa lá onde eu morava, lá na minha terra. E não dá pra eu ficar na rua né?
Minhas filhas são tudo grande. tenho uma filha de 19, outra de 17 e um netinho de 3 meses. Eu tenho 37 anos, sou de agosto de 70, vou fazer 38.

E - Você tem estudo?

C - Não tenho, estudei só um ano da minha vida e não estudei mais, porque tive que trabalhar, ajudar meus pais, e aí logo com 8 anos eu tive trabalho de babá aí nunca tive oportunidade de voltar. Mas eu tenho vontade sim, mais pra fazer meu nome direito né. Mas aqui tem muitas pessoas né, são poucas vagas. Teria que ser outra escola, mas como teve muita gente que se inscreveu, então não tem vaga mais, eu quando fui já era tarde, não tinha vaga.

7 - Depoimento oral de Laura, moradora do sertão do Sesmarias (rua Del Rey), 39 anos, proveniente do Paraná. Entrevista realizada em outubro de 2007.

E – Me conta a sua vida, como você chegou aqui no Sesmarias.

L - Eu comecei a trabalhar de babá pra ajudar minha mãe e meu pai, entrei na escola com 12 anos, saí com 13, pra podê trabalhá pra pode ajudá minha mãe, aí trabalho até hoje. Bom até hoje não, minto, porque surgiu um câncer no meu seio eu não posso trabalhar mais, o exame saiu, de um lado, o esquerdo é maligno o direito é benigno. Pode ver que até minha feição ta meio baqueada, eu to com febre desde ontem, desde antes de ontem, 38, 39, 38, 39. Ainda num to fazendo tratamento porque tem que fazê ultrassom no seio. O ultrassom ta lá na fila de espera do sus pra ver se eu consigo fazê, porque num tenho condições né...sem trabalho, sem dinheiro. Num poso trabalhar porque se eu trabalho hoje no outro dia fico de cama. E depois eu casei, tive filhos, separei divorciei, e aí moro de aluguel no bairro de um, depois outro bairro, no Pereque Mirim morei 2 anos, depois na Estufa 2 anos, cada bairro 2 anos. O último foi no Ipiranguinha e agora to morando pra cá.

E - E por que vc veio pra cá?

L - Porque eu tava sem trabalho. O aluguel já tava vencendo aí vim pra cá mora com a minha mãe, minha mãe me deu um terreno, que ela já morava aqui, aí eu falei, ou eu moro de aluguel e deixo meu terreno parado, ou eu moro com a minha mãe e o dinheiro que tem pra pagá aluguel eu construo minha casa. Só que a agora complicô tudo porque agora não pode nem trabalhá. Aí complicô tudo, ta lá o terreno parado e eu sem podê trabalhá, e ta aí. Agora de Deus separá uma pessoa que me ajude e me assuma, né, aí quem sabe, me ajuda a construí no terreno. Até aí vai ficá parado o terreno. Sem dinheiro pra pode trabalha e pra poder construir também. E eu tenho 4 filhos. Tem uma que ta com depressão, tem, no ano passado ficou 3 meses, dessa vez tem 7 meses e não sarou ainda. Não levei ela na psicóloga porque o ano passado eu levei e o remédio dela ela jogou todinho dentro do sofá, ela não toma. É do quarto pro quintal, do quintal pro quarto, é o dia inteirinho assim, não sai, acha que alguém vai pegá ela, que alguém vai matá ela. Ela tem 22 anos, é a mais velha. Tem um de 18 que ta na casa de recuperação, que é o caçula. Tem um de 19, um de 20 e essa de 22. O menor ta na casa de recuperação. Muita droga. Tinha gente até procurando ele pra matá ele, ou ele entrava na casa de recuperação ou alguém matava ele. Vai fazê um mês, dia 23. Ele ta lá pra se esconder também. Porque dinheiro que o cara deu pra ele comprar droga, pra pode os outro pessoal vendê, ele consumiu tudo, usou todo o dinheiro. E eu não sabia, fiquei sabendo depois que já estava assim, nunca tinha desconfiado, tanto que ele ia pra Igreja tudo. Nossa pra mim....eu falava “graças a Deus que meus filhos não é um desses,

que eu não tenho preocupação com nada”. Quando eu descobri ele já tava na casa de recuperação. Não deu pra entender, mas é. Não sei o nome daquela casa, é ali, na rua Santana, é um sítio ali.

A minha história, o comecinho dela cê já viu né? Tudo coisa ruim, eu não gosto nem de lembrá. Ah nossa senhora, pelo amor de Deus aí eu vou reviver de novo tudo o que eu passei, eu quero esquecer, é uma página que eu quero deixar pra trás. Muito sofrimento, muito... nossa senhora! Muita coisa ruim. Minha preocupação agora é cuidar da minha mãe que ta com câncer, eu também que descobri esses dias que também to. Agora ta me dando até febre, acho que o meu ta pior do que o da minha mãe. O dela tem 5 anos, ela não teve nenhuma febre, e o meu que eu descobri há um mês, ta dando febre direto. Febre e dor no corpo. Acho que o meu ta pior que o dela. Quero trabalhá e não consigo trabalhá. Minha mãe também não pode trabalha. É, ta bicho feio.

Tem vez que eu sento e choro, choro choro, imploro a Deus, é muita coisa pra mim sozinha, é muita barra pra eu qguentá sozinha, sem marido, é filha com depressão, é câncer, é falta de dinheiro, é filho na casa de recuperação, é poder levar um tiro, alguém matá ele... minha mãe doente, sexta feira agora tem que levá ela no hospital do câncer. É muita coisa pra uma cabeça só, eu num guento, muita barra. E agora tem tanto serviço, tanto serviço pra mim, fui tentá trabalhar não consegui, no outro dia fiquei de cama. Queimando de febre. Agora antes de ontem fui pra cidade tirar uma xerox da minha radiografia, eu tava bem, mas aquele sol na cabeça, foi só deitá depois, de febre, que eu to até agora.

E - Você gosta desse lugar, de morar aqui?

L - Ah, eu se eu tivesse outro lugar pra mim mora eu morava. Aqui no Sesmaria... é só porque eu não tenho outro lugar pra ir, mas pras mim aqui não é o lugar ideal. Eu só to pra cá mesmo porque não tem outro jeito, se eu tivesse condições de morar em outro bairro, qualquer um, eu moraria. Ah sei lá, esse bairro é muito violento, demais. Mas eu acho que, sei lá, eu penso que eu to aqui no Sesmaria por um tempo, se Deus ainda tiver comigo né. Se Deus estiver do um lado, minha vontade é morar assim,... num lugar simples mesmo, mas que não seja aqui no Sesmaria. Pode ser num barraquinho, mas que seja ora.

A - (Dona Albertina interrompe): Vamos mora pra Parati?

L - Ah, nossa! Era a minha alegria. Tem dia que você não pode anda por aqui, se você andá á arriscado a levar uma bala perdida por aí. O dia que eles cismam de trocar tiroteio com um e com outro! Ah minha filha, é arriscado você levar uma bala perdida. Esse pessoal aí da boca aí. Aqui já foi bom, na época do João Alexandre, nossa, era um paraíso. Olha, bicicleta você podia deixá ali na rua, amanhecia ali. Você deixava ali, no outro dia ce acordava a bicicleta tava ali. Ninguém, mexia, sabe, era uma paz. A Dona Albertina também quer sair daqui. Mas o que atrapalha é isso aí só. É, de repente você tem que sair correndo, tiroteio. Viver com medo. E a gente não pode falar nada. Nossa senhora! Vai pra “cidade de pé junto” (pro cemitério). Aqui ninguém, viu, todo mundo é cego, surdo e mudo, ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, se falar... se a policia pegar bem, se não pegar fica por isso mesmo.

Dona Albertina: mas a policia num pega. Porque quando a policia chega aqui eles correm tudo por esse morro no meio do mato. Aí a policia vem saber: “Ce viu?” “Nãol, não vi nada”. Não ouvi nada, esses barulho ai foi “bombinha! E quando pega eles pede pra por a mão pra cima assim e revista. Mas o roubo já fizeram e já levaram pros buraco. A pessoa anda de celular, de roupa de marca, essas coisa, roubam lá e vem e veste. Esse meu filho num ajuda nem eu que sou mãe dele...

L - Olha, quando eu estudava eu queria ser professora. meu sonho, mas professora de criança. Mas na época que era pra eu ter esses sonhos, agora é impossível mas se fosse eu queria ser professora, mas tem que mais paciência. Criança corre pra lá e pra cá, nossa senhora, é complicado. Vc não pode falar nada, se fizer bagunça se tem que aceitar, senão os pais ficam nervoso, já vem falando um monte...nao sabe qual o sistema do pai, e é difícil.

8 - Depoimento oral de Monique, moradora do sertão do Sesmarias (rua Mercury), 17 anos, proveniente de Parati. Monique é filha adotiva de Dona Albertina. Entrevista realizada em dezembro de 2007.

M - Tenho 17 anos! Mas é que eu sou adotada, não sou filha de verdade dela. Eu vim com 1 ano e 8 meses. Oh mãe conta essa história direito aqui (chama a mãe para participar da conversa). Ah, foi um rolo danado, eu nasci em Parati. Mas eu vim bebê pra em Ubatuba, eu morava lá no Anchieta. Daí o filho da minha mãe ficou sabendo né, que minha mãe verdadeira não me queria, tava precisava de uma pessoa, sei lá, uma pessoa que queria pegar uma criança. Aí ele perguntou pra ela, daí ela foi e quis. Ela que é minha mãe de verdade. De filhos no total são 10. Sou eu que sou adotada e mais uma, mais os filhos da minha mãe. Moram tudo aí. A outra que é adotada casou e mora ali. Só que dois morreram.

Dona Albertina - cuidei de bastante menina! cuidei, adotei rsrsrsrsr mas agora não posso adotar mais. Agora chega, a doença chegou, ta bom.

E – Monique você estuda?

M - parei., ah, aqui estudar a noite é muito ruim meu. Dá preguiça! As vezes ta chovendo, não dá pra ir na escola. è ruim, dá preguiça meu. Ah esse ano eu vou voltar. Pro primeiro ano, vou ter que fazer de novo.

E – E você gosta de morar aqui Monique?

M - Ah, num tem outro jeito né, eu gosto. Agora que ta ruim, né, mas já foi bom. Só essa barulhada aí né. mas eu trabalho também. Ajudo minha ex-patroa a fazer faxina. É porque eu tomava conta dos filhos dela, mas agora como num precisa mais, aí eu ajudo ela a fazer faxina. E vou na Igreja também. A noite, oh, segunda-feira não tem nada, terça-feira eu faço aula de canto, lá na cidade, lá na Igreja. Ah, sei lá, as vezes eu saio de casa a noite, ou então fico em casa assistindo televisão.

E - E o que você tem vontade de fazer?

M - Ah, eu tenho muita coisa que eu tenho vontade, tenho que estudar né, mas eu sou muito preguiçosa.

9 - Depoimento oral de Sr. Geraldo (o “Jamaica”), morador do sertão do Sesmarias (rua Ômega), 47 anos, vigia da escola.

E - Eu quero que o senhor conte da sua vida aqui no Sesmarias. Quantos anos o senhor tem?

G - Então Rosana, meu nome é Geraldo. Eles me conhece como 'Jamaica' por causa de dois anos e quatro meis que eu fiz um rastafari. Optei por ser um... um... um... um tribal africano, vâmo dizê assim. Optei pelas quatro cores: o preto, vermelho, o verde e o amarelo. Aí acrescentei mais um da nossa pátria que é o branco. Então eu comecei a ficá um tribal africano. Todo mundo começo que eu ia sê um hippie. Não, eu não sô nada disso, eu só quero vive as experiência que eu vejo diante de mim e da minha vida. Só isso que eu quero de mim, e como de fato eu vivo até hoje, se eu tenho vontade de vivê uma experiência eu vivo ela. Eu tenho quarenta e sete ano. Pra Ubatuba, eu vim em noventa, e a finalidade, melhorá de vida. Nessa finalidade de melhorá de vida, e aqui eu estou até hoje, a dezessete, dezessete anos né? Então dentro desses dezessete ano tive muitos acertos e desacertos, melhoria e... digamos, ah... mau-benfeitoria, porque... é... como o ditado: em busca de um futuro, em busca de futuro. Quando eu já fui até nos país lá fora inclusive em vários já passei e em um eu trabalhei, por um ano. No Iraque. Foi, fui pra lá. E então é... nessa... nessa finalidade toda, nessa correria que eu tive nesse dia-a-dia, eu já trabalhei por muita coisa inclusive nessa parte ambiental, que eu antes eu era um devastador

de natureza, porque, quando eu criança, eu não media as consequência de que hoje eu poderia tá sentino falta disso tudo que eu tô veno diante de mim, né? E... às vezes me dá vontade de às veze até preservá. Mas como que eu vô preserva? Eu não tenho apoio, eu não tenho... não tenho força pra mim lutá, pra isso. E nessa questão que nós dizíamos, falano de lá pra cá, as indústria do futuro, de tanto futuro eu vim pará primeiramente eu passei por Lagoinha, passei na Maranduba, passei pelas Toninhas, das Toninhas eu vim cai aqui no parque do Itamar, parque do Itamar eu passei por oito ano. De noventa e um, até noventa e quatro foi maravilha. De noventa e quatro pra cá começo o gostinho amargo. Desemprego, currículo de trabalho, e aí começo a opta pro pau dele, é o único que eu tinha: vigia, cê entendeu? De vigia, aí nessa de vigia por causa de quê? Por causa de escolaridade que não tem que tê. Que quando eu cheguei aqui eu comecei bem. Mas o salário, até se classificá naquela altura, naquele início, demorô. O que que aconteceu? Veio a informática. Aí por não tê escolaridade, a informática pra mim já foi uma disventura. Aí com a abertura dessa informática eu comecei a depara com otras dificuldade. Chegava numa porta, batia: “Tem datilografia? – Não senhô. – Tem computação? – Não. Então aí fica difícil pro senhô vio? Porque hoje nós aqui estamo nesse tipo de mercado, nesse tipo de condições”. Foi nisso aonde eu vim pará aqui.

E - Então você veio pará aqui por falta de opção?

G - É, Sesmária. Sesmária é um lugarzinho que é a minha cara, como eu me sinto: pobre, humilde, às veze tem hora que eu até saio do meu limite através disso. Tive uns pobrema, muitos e muitos pobrema. Com casamento, por não aceita as situações que eu vivia e vivo até hoje. Então hoje eu sô casado com minha mulher já tem quase dois ano e ela vive num bairro logo ali é o rio [nome do rio] e eu vivo aqui, por causa disso tudo, que eu não conformo da maneira que eu vivo, da maneira, quer dizer, deu vivo tudo bem, tá certo, da maneira que a coisa não anda a minha volta. Mas eu continuo casado. Aquele casamento que uma hora você olha prum lado e olha pro otro e fala assim: “Poxa, pra que que eu escolhi casá? Será que eu não podia ter visto isso antes?”. Então às veze por causa de muitos pobrema a gente as veze até se culpa, mesmo quando não tem culpa. Outro chega: “Cê é loco!” Não, mais loco é aquele que vive a minha volta. Única realidade que eu tenho. Fui po psicólogo. Dois ano no psicólogo. Não é nada daquilo que eu queria, que quero. Psicólogo é apenas pra mim um médico pra trata de quem tá doente e não eu que tô são. Tô pensano bem, ter força de vontade... mas não.. não tenho apoio. Que apoio que eu tenho? Aqui, hoje eu tô trabalhano, entrô a temporada de férias, eu vô direto. Porque aqui é o meu... aqui é minha casa. Eu moro logo ali ó. Mas eu saio dali pra qui...Eu saio daqui pro meu... pra minha casa, pro meu barraco, eu não tenho casa. Porque se fosse pra fazê uma casa de bróco é complicada. Eu tenho meu barraco, onde eu me escondo da chuva, do sereno, quando eu quero me refugiá assim do dia-a-dia, aí eu não quero vê ninguém eu tô extressado, eu tô.. então eu não quero passa pros otro aquilo que tá dentro de mim, quero fica comigo, cê entendeu? Às veze até fica difícil pra mim dá uma entrevista por causa disso, porque às veze eu tenho pobrema que eu quero por pra fora e eu não posso por pra fora, que o meu psicólogo conseguiu tirá de mim. E a dotora sento na minha frente e falo assim, chego a falá pra mim assim: “Seu Geraldo, eu tô aqui como ninguém, o senhô vai falá o que tivé vontade e desejá falá. Se o senhô acha que me respeita nessa face, o senhô abre a boca do senhô e fala o que o senhô quisé falá”. Aí eu falei: “Mas porque que a senhora me fala assim, me dá essa liberdade?” Ela falo: “Não, porque eu tô veno que o senhô tem três problema de vida: sistema nervoso muito atacado, depressão e muito stress”. Aí eu muito do curioso: “Mais porque que a senhora sabe disso que tá dentro de mim? - Da maneira que o senhô fala, da maneira que o senhô gesticula, da maneira que o senhô olha pras pessoa.” Que bom, parabéns tá, descobriu, algo dentro de mim realmente. Aí tá, então conversano nessa parte, aí ela mexeu nesse lado meu também, té hoje eu entrei, pra falá isso tudo aqui. Única coisa que eu nunca tive vontade de... tive já vontade de fazê, na vida, passei da hora de fazê, é tirá a vida do próximo que eu acho que não tá certo. Eu já tive vontade, mas cheguei a ficá sentado em cima de uma pedra com a arma do lado. Drogas e mais droga também, tudo misturado junto, tudo por causa que eu não aceitava vivê da maneira que eu tava vivo e vê o que eu via e aquilo que eu sentia.

E - O que que você via e que você não aceitava?

G - É que eu via essa violência aqui dentro do nosso país. Não tô dizeno nosso mundo, do nosso país. Então, tanto faz, aqui também, mas as primeira violência não foi daqui que eu vi que me tirô, que começô a vê o que eu via, né? Aí foi primeira, começô pelos presídio, pelas imprudência de uma parada nossa aí. Então, é uma série de coisa. Se eu começa a abrí a boca pra te falá eu vô abri a boca e cê vai pensá que eu tô nervoso, e aí fica de “poxa, que é que esse homi tem? A maneira que ele fala”. Então, mas a psicóloga me pediu, quando eu fosse conversá com alguém, não importasse quem, eu falasse da maneira que eu sentisse melhor, e me gesticulasse da maneira que eu me sentisse melhor. Já parei com pobrema difícil, que eu pensei que ia morre. A primeira vez foi aqui nessa escola. Trabalhano aí ó, dentro da sala dentro alí, um banheiro dentro alí, e eu trabalhano alí depois do almoço eu voltei pra lá pra lixá a parede, eu passei mal, saí pelos corredô sem conseguino enxerga, cai lá naquele portão de saída na frente, tá lá com grade, hoje é só grade, eu cai lá e me socorreu lá e me levaram pro hospital. Depois, passado um tempo, eu saí de casa pra trabalha cinco e meia da manhã eu cai outra vez, aqui na frente, começô fumigação no corpo, uma fumigação, uma cocceira no corpo, e esquento e freveu, o frio que eu tava sentino até tremeno assim, aí já ranquei a blusa fora, já forrei na calçada e na hora que eu já forrei a blusa eu já fui caino também por cima, de barriga pra cima. Só vinha na minha cabeça “fica de barriga pra cima e tente respirá”, e o corpo eu tava...não tava cabeno mais nada. Aí assim foi sabe? Aí eu fui pro hospital e daí pra cá o medico me pediu alguns cuidado... começo a me regula e tal e tal. Mas aí até então tudo bem. Daí comecei a me controlá e levei uns remédio pra tomá e essa coisa toda, aí passo.

10 - Depoimento oral de Sr. Benedito Alexandre de Oliveira, 73 anos, morador da vila do Poruba.

B - Já foi no sertão? No livro de cantos foi meu irmão que contou - ele é que é famoso. Mas as coisas antigamente pra nós só era melhor, só a condução, para ir na cidade tinha que ir a pé ou de barco, mas era melhor do que agora. Só a condução era difícil. Se tinha alguém doente. Hoje não. Naquele tempo a gente saía 5:00h da manhã para chegar aqui 9:00h da noite. Ia fazer compra, buscar remédio. Ou ia de canoa hoje para voltar amanhã, nunca voltar no mesmo dia. Hoje tem ônibus aí. Melhorou por causa disso, porque antigamente você trabalhava na roça à vontade, sem medo, não tinha ninguém para perseguir você, hoje não pode mais? Não pode. Porque mandioca, feijão, milho não dá embaixo da mata, tem que derrubar para plantar. E agora tem o problema da polícia florestal que não deixa. Pescar era a vontade. Hoje já não pode pescar, pescar com medo, tem que ter documento. Atrapalhou a vida. Hoje se o cara não tiver um serviço assim, ou da prefeitura ou de construção, pela roça morre. Porque a florestal ta acabando com o povo da roça. Eu não vou dizer que beira de cachoeira, de rio, aí tá certo, não pode derrubar mesmo. Espigão de morro também bem. Mas em baixada? Dá para trabalhar. De primeiro a gente vivia de lavoura, da roça e de pesca. Porque o caçara nosso aqui é assim: saía para pescar de manhã, 11:00h tava em casa. Depois do almoço, a mulher ficava lidando com o peixe, ele ia trabalhar na roça. Todo dia era isso. E hoje não pode, não tem mais peixe, acabou tudo, não pode fazer nada. Mas eu trabalho muito com isso. De peixe eu saía de casa 12:00 da noite, mas hoje não tem mais peixe. Porque essa pesca de mergulho destruiu tudo. Eles acham que a rede é que acaba com o peixe e liberam a pesca de mergulho. Só que eles fisgavam o peixe e solta sangue e aí não vem mais peixe, desaparece o sangue mas o peixe sente de longe o cheiro de peixe. E isso tá liberado. Eles pintam e bordam no rio. Morar aqui é bom, porque tudo irmão, tudo junto, não tem briga nada. Os netos vai na casa de um, vai na casa de outro, vem em casa. Eu tenho 73 anos. A Zaira é abaixo de mim. O meu pai teve dois filhos e quatro filhas. Minha mulher teve nove filhos, morreu três. O primeiro morreu porque levou um tombo e morreu. Os dois morreu de descuido no hospital, uma afogada no berço e outro já nasceu morto. Só que um que não mora aí, o Fernando mora em Santo André. Mas ele tem casa aqui também. Na minha chácara cada filho tem um pedacinho, eu comprei 1 lote da minha tia, e esse lote eu dei pro Fernando e os outros cada um fez uma casinha. Aquela ali é da Cláudia, ali da

Verinha e da Roseli e tem ali a da Rosana. Ela trabalha no posto ali. Quem chegou primeiro aqui foram os portugueses, meus bisavôs. Meu bisavô era comprador de negro na época. Era chefe político em Ubatuba; depois cismou de comprar negro, ele tinha uma fazenda aí que hoje é da Avibrás, a Fazenda Santa Maria. Depois veio a liberdade dos pretos e ele ajeitou um conto e quinhentos com a fazenda, não quis mais por causa dos pretos. Ele gostava muito dos pretos, ele não queria que os pretos saíssem da fazenda dele. Aí ele morreu e os filhos venderam por quinhentos mil réis. Vendeu pra um cara engenheiro – Teixeira Leite (não esses que tem em Ubatuba, não) é um carioca. Comprou e botou lavoura de arroz e colheu muito arroz e levava de burro até a praia do Meio e os navios pegavam. Aí não deu certo. Aí os Orlando Maia arrematou a fazenda, botou gado, tudo mas também não deu certo. Aí o pessoal do sertão vendeu pra Avibrás. Meu bisavô era o Alexandre Manuel de Oliveira. E o filho mais velho dele era o Manuel Alexandre de Oliveira, meu tio avô, dava a maior confusão. O filho mais moço era meu avô – José Gerválio. Mas aqui venderam um pedaço de terra pro Manuel Alexandre de Oliveira. Ele casou duas vezes mas não teve filho, então a viúva passou pro meu avô, cunhado dele e os parentes dele lá em Santos vieram embargar a venda porque eles pensavam que era do Alexandre Manuel de Oliveira, que era bisavô deles também. Mas não era, era o Manuel Alexandre – o filho, e dava confusão. Aí de lá eles vieram pra cá. De lá da fazenda (embaixo do sertão, onde é da Avibrás). Então aqui, é o lugar mais alto; a água vinha até a várzea e escoava para o rio, mas aqui a água não chegava então eles vieram pra cá. A primeira casa não tem mais. Eles compraram uma parte de terra, teve uma que a mulher vendeu até por um vestido de noiva. Ela ia casar e não tinha condição de comprar o vestido. Aí ela deu 60m (?) de terra em troca do vestido. E nós temos documento aí. Em 44 um pessoal quis tomar as terras. Um advogado de SP comprou um pedaço na praia do Léo e veio tomando tudo, aí chegou aqui e embargou um primo meu que tava cortando cacheta e levou pra São Paulo, prendeu lá. O irmão dele foi lá e tirou ele e aí foi oito meses de briga. Mas a gente tinha documento. Meu bisavô por parte de mãe era dono da fazenda Itamambuca. Em 43 p/ 47 ele vendeu pro Dr. Cibraneli (um médico de Taubaté) um italiano. Depois ele vendeu uma parte pro Dr. Gilinho, este vendeu pra lotear. Dr. Cibraneli na época também colocou gado lá. Esse meu bisavô também era comprador de negros. Ainda tem descendente deles lá na Itamambuca. Tem o morro do Tiagão. Esse Tiagão é neto do escravo (não era escravo, ele ficava na fazenda do meu bisavô, veio com o tio dele da Bahia pelo meio do mato, corria dos senhores dele, comiam tudo cru e veio parar na fazenda do meu vô). Depois chegou a liberdade dos negros. E esse meu avô daqui era bom pros negros. Dizem que ele não almoçava enquanto não chegava o último negro da roça. Eu conheci umas panelas de ferro grande para cozinhar pra todo mundo. Mas nossa família é tudo descendente de português, tanto parte de mãe como de pai. E tem negro também no meio. A mãe do meu bisavô por parte de pai era filha de preta com português – a Caetana, nasceu na Ilha de Anchieta. Mas diz que ele (meu bisavô) era igual alemão, só que o cabelo era de negro (era “meio ondado”).

E - E o pessoal do sertão?

B - Lá é tudo mineirado (fala baixinho). O pessoal do Angelino é parente bem de longe. A avó dele é parente da minha avó, da parte do Brandão. Mas tem uma mineirada lá, nossa senhora, porque uma mulher começou vender terra barata, os mineiros em Ubatuba. Você vê, foram fazer uma pesquisa em Ubatuba, deu 20000 nortistas, 20000 ubatubanos e 40000 mineiros, você já pensou? Rsrtrs. O Marco também é descendente de mineiro, o pai é mineiro. Aqui tem uma sobrinha minha casada com mineiro também. Os ubatubanos reclamam muito porque eles invadem muita terra e dá muito problema, muita morte. E também trabalham mais barato. Ele pega serviço pela metade do preço. Então o povo do lugar não gosta disso. E eles trabalham cru, não sei como pode, trabalha barato e de repente compram moto, casa. Eles são trabalhadores, não tem prejuízo. Aí tem ônibus que faz Ilhabela, São Sebastião, Caraguá, Ubatuba e mais 10 ou 12 cidades de Minas. Daí vai trazendo gente. E vem muito ladrão de bicicleta, que desmonta e põe dentro do ônibus e vende. Então dá muito ladrão. Aqui tem muito borrachudo, mas eu gosto, mesmo com muito borrachudo. Hoje não faço mais nada, trabalhei muito tempo na lavoura, depois trabalhei 31 anos para Prefeitura, me aposentei faz 4 anos. Na Prefeitura trabalhei

de barqueiro, como bóia fria uns 4 anos, mas comecei na lavoura com 5 anos. Não tive escola, não tive infância, nada. Ainda lembro que minha mãe, pra não quebrar a folha do feijão, ficava pedindo ajuda pra mim. Quando não tinha serviço ficava aí na beira do rio contando peixe (tainha) para ver quem contava mais. E fazia budoque para pegar passarinho. Era com pedra, não com flecha. Era nossa diversão. Hoje tenho um filho com 40 e poucos anos e ainda ta estudando. O Fernando já tem filho e estuda ainda. Na minha época não tinha escola. Tinha que ter 40 alunos para ter escola, mas não tinha nem 30, então ninguém estudava. Mas era bom, não me queixo dos meus pais não. Eu trabalho com 16 anos na serraria só trabalho. Meu pai pegava o dinheiro e não dava nem um tostão pra mim não. Dos 16 aos 18 anos só tinha comida e a roupa. O sapato não era sapato, era tamanco feito na serraria de cacheta. Fazia com aquela correia. Até o gerente que era alemão usava tamanco. Então tinha aquele “tu tu” do tamanco. Hoje eu fico aqui lidando com rede. Pescar eu pesco ainda, mas tá difícil. No anzol não pega nada. Até com rede tá difícil. Passarinho antes era tanto, tanto, agora acabou. Sempre se via um araponga, um tucano, papagaio, não tem mais nada. Sabiá preto quando dava época, maio, junho, nossa dava tanto sabiá, hoje acabou. Vai acabando né. Não sei se é a poluição que mata. Eu não saio daqui. No sertão eu ia sempre, agora não vou mais. Na cidade eu vou toda segunda-feira levar aquela mulher lá fazer fisioterapia – a Maria Célia, ela é paraplégica. Vamos de ônibus, ele vem até aqui, para na rodoviária aí eu pago um táxi e levo lá. É minha mulher, ela que fica aí lidando com as roupas das crianças (meus netos).

Depoimento oral do Sr. Angelino Fernandez (83 anos), morador do sertão do Poruba, descendente da família Fernandez. Entrevista realizada por nós em outubro de 2006:

A - Ah! o pessoal tá tudo morrendo, não vai mais sobrar ninguém pra contar as histórias. Aqui era tudo da mesma família, agora é que tem uns desconhecidos, de São Paulo, de Minas. Meu pai era o Marcolino Fernandez. Agora só tenho dois irmãos aqui, o Dito e a Mariana. O Dito dançava congada, agora coitado, não agüenta mais, esta sem visão, não enxerga mais nada. Tem duas irmãs que são mortas, a Lourdes e a França. Minha mãe era a Ana da Costa Brandão, o nome daquela rua ali. Eu tenho saudade de quando era criança, moço, fico lembrando, andava por todos esses matos, pelos costões. Eu pescava muito. Antigamente tinha rio aqui, agora virou só esse alagado, por causa da estrada né. As águas daqui secaram, ficaram só esses laguinhos aí. Não tem ninguém que pesca mais. Minha avó era a Doroteia, mas quando ela morreu eu ainda era pequeno. Tenho um filho na cidade, outro mora em Parati, aqui só ficaram as mulheres, elas cuidam de tudo. A gente gostou quando fez a estrada, mas só que fizeram mais alta que a várzea, aí secou o rio. A água vem e pára tudo aí. Chove e enche tudo. Antigamente quando não tinha a estrada, podia dar a enchente que desse mas a água ia pro mar, agora não, fizeram tudo errado. Agora tem bem umas cinqüenta famílias aí, mas tudo misturado. Lá em cima também tem mais gente, mas só cinco famílias que são nascidas aqui. É a minha, a da Mariana, do Dito e da Maria Dita. Esses são da minha família, nascidos e criados aqui. O resto foi chegando depois. Depois da estrada. Alguns foram saindo daqui e vendendo, e só ficou nós cinco. Antes eram cinco homens e três mulheres, oito ao todo. O resto foi tudo embora, morava primo também, mas venderam e saíram todos. Depois da estrada encheu dessa turma aí de fora, porque lá embaixo tinha a firma que limpa a estrada. Agora eu não faço mais nada, não da pra pescar, caçar, nem passear tenho ido mais, fico mais em casa, aposentei. Antigamente não tinha essas coisas, agora não pode mais fazer nada. Mas sei que aqui começou com meus avós. Meu avô por parte de mãe eu não conheci, só por parte de pai, até pouco tempo ainda existia a casa dele ali em cima. Tinha umas três casas aí pra cima e umas dez pra baixo, no caminho do rio, na beira do rio. Eles trabalhavam na roça, na lavoura, plantavam milho, café, cana, comia tudo da roça que eles plantavam. Aí foi aumentando a família. Quando eu era “grandinho” eu já ia fazer roça, agora, de uns tempos pra cá ninguém quer plantar mais. Meus filhos, meus netos, ninguém quer saber. E mesmo se quisessem não pode por causa da Florestal. Não deixam. Se cortar um pé de mato...e pra roçar precisa cortar. Se cortar um matinho dá multa. Eles trabalham em emprego no Centro, em firma, no

bananal. Tem um filho meu que trabalha no Promirim de caseiro e cuida do bananal do patrão. Outro trabalha na Prefeitura. Quando arruma emprego dá pra viver, mas se não arruma...

Depoimento oral de Marcelo, morador do sertão do Poruba, 30 anos, descendente de caiçara da sexta geração da família que ocupou o local. Atualmente trabalha na Prefeitura. Entrevista realizada por nós em outubro de 2006:

M - Eu sou da sexta geração. Eu vi meu bisavô morrer com 100 anos. Antes dele já moravam os pais dele. Descendentes de índios com escravos, na época a bisavó dele era escrava ainda. Minha bisavó morreu com 115 anos e era escrava também. Meu bisavô era índio puro. Nós somos mais civilizados um pouco, mas a turma vivia como índio. As casas eram de pau a pique cobertas com sapé. Uma época nós fizemos uma cooperativa para plantar palmito pupunha, a promotora até gostou da idéia. Porque a Avibrás está do nosso lado. Tinha um vereador na época, o Julio, que convenceu a Avibrás a ceder um pedacinho de terra, aí plantamos as mudas, arrumamos tudo, mas hoje não pode mexer mais em nada, foi trabalho perdido. O meio ambiente proibiu, alegando que ia devastar o parque. Eles acham que viemos depois da Rio-Santos, que a turma que veio construir a estrada resolveu morar aí. Mas não é isso, porque já tinha o pessoal morando aí. Quando não tinha a estrada, eles iam vender farinha, iam andando ate o Centro de Ubatuba e demoravam o dia todo, vendiam farinha, rede e compravam o que precisavam. Ou então voltavam de canoa. Tem uma família só de mineiros, veio o chefe da família e trouxe todos os irmãos dele, mas é família grande. Ali foi minha avó que vendeu pra eles, o terreno era dela. Porque teve uma situação difícil, não tinha trabalho, não tinha nada, eles foram obrigados a vender terreno pra sobreviver, mas vendeu a contragosto, porque realmente precisou, porque meu avô não vendia, mas quando ele morreu e ela ficou numa situação difícil... ela não era aposentada, foi obrigada a vender para sobreviver. Tinha escritura e tudo. Mas a gente está brigando por isso, junto com a Sapu (associação do bairro), para poder garantir a permanência das pessoas lá, pois o Parque quer remover. O Parque esta fazendo estudo, tem 2 estagiários que têm vindo aqui, mas nós estamos explicando pra eles, só que a Rita (a diretora do parque), não sabe. Ela nem sabe a realidade, nem de Ubatuba ela é. Quando o parque veio pra cá em 77 nos já morávamos aqui. Só que eles vieram e fizeram o Parque do jeito deles, na época não tinha a associação, então eles fizeram do jeito que foi melhor pra eles, não podia mais fazer nada, e aí o povo teve que começar a procurar outros meios de sobrevivência. Aí formamos a associação. Bem antes, na época dos escravos, tinha um fazendeiro muito rico, com gado, que morava aí, o bisavô dele já morava aí. Aí ele abandonou tudo o que tinha e foi embora. Mas os descendentes foram continuando, sempre mexendo com a terra. Aí foi passando e muita gente foi indo embora para a cidade, vendia o pedaço que tinha e foi embora para Ubatuba ou Santos, em busca de melhores condições. Na época tinha muito serviço em Santos, então iam a pé, pegavam barco e iam pra Santos. Mas muitos não voltaram, e alguns ficaram aqui. Ficou o Seu Angelino, meu avô, o seu Dito... aí voltou de novo a historia do Poruba. Ficaram só esses 5 irmãos no Poruba. Meu avô teve 16 filhos, faleceram 2 mulheres. Moram 4 com ele (sendo que uma é minha mãe) e os outros foram embora. Depois que alguns foram embora, e como a turma era muito humilde, eles venderam, pra Avibrás, pra esse pessoal de mineiros, e aí foi povoando. Veio também muito fazendeiro de fora, ricos, que tinham plantio aqui e queriam tomar no peito, brigavam pelas terras. Mas eles vinham tomar, porque sabiam que o povo era bobo. Há uns 150 anos atrás, tinha os “Landa Maia”...a Avibrás veio e ele fez todo o meio de campo, tomavam conta das terras. Na verdade foram os advogados que passavam a perna no povo daqui e venderam tudo pra Avibrás e pegaram muito dinheiro. A Avibrás veio em 82 pra construir a fabrica de foguetes, só que aí na época o Parque não deixou. Era pra fazer aqui e mandar pra São José, mas aí eles foram pra Lorena. E as terras ficaram aí. Dizem que o governo vai indenizá-los e transformar em Parque. O que restou dos antigos estão todos velhos, meus tios, minha avó... mas mudou a realidade. Não tem como mais mexer na terra, tem que se virar pra sobreviver. Nós, jovens, também queremos fazer outras coisas. Mas os antigos não aceitam isso. Por ela (minha avó) eles ainda plantam, fazem roca, por que eles estão acostumados com isso. E não faz mal pra ninguém. Só

que se o Meio Ambiente pegar leva multa. Meu tio mesmo foi multado em R\$ 1.200,00, até hoje está pagando o parcelamento da dívida, mas não tem como desistir. Eles não entendem, eles estão acostumados com roça, não conseguem entender que tem que mudar o tipo de vida. Nós chegamos a viver como índio no início, matava passarinho pra comer, não tinha nada. Nem bola tinha. Mudou depois da escola do Poruba, na casa do Seu Benedito de Oliveira, que tinha uma sala de aula na casa dele. Começamos a estudar, evoluir um pouco, mas tinha muita dificuldade, tanto que minha mãe estudou só até a segunda série, ela levantava cedo de madrugada para fazer farinha. Quando ia uma irmã dela, ela faltava e vice-versa, tinha que intercalar. Tinha que fazer farinha pra sobreviver, era o meio de vida dela. Ela ajudava os pais a manter a família. Acho que deve ter algum parentesco com o pessoal da praia, mas eu desconheço. Mas a gente conhece todo mundo lá, só dividiu por causa da pista mesmo, porque era um bairro só. Todo lugar aqui é assim, no Ubatumirim também. Mas depois da estrada o sertão sempre fica do lado mais difícil, e muito desvalorizado. Na praia ainda dá pra aproveitar o turismo, fazer um restaurante, alugar camping, e mais fácil, porque o turista vem procurando praia. No sertão não tem nada, sobrevive um pouco de trilha, de cachoeira, de levar o turista pra ver os fornos dos escravos, lugares bonitos e antigos, mas não é muito valorizado. Tem a casa de farinha e a casa que eles moravam antigamente, que é legal pra levar o pessoal.. Eu trabalho na prefeitura. Mas a gente continua morando lá. Tem pouca gente do sertão que trabalha assim, a maioria da nossa turma já foi embora pro centro, por causa de trabalho. O termo sertão sempre existiu, mesmo antes da estrada. Mas hoje isso é mais forte ainda: sertão é uma coisa, praia é outra.

Depoimento oral de Esupério, morador do sertão do Poruba, 40 anos, proveniente de Minas. Veio para o sertão após a construção da rodovia. Atualmente trabalha na construção civil. Entrevista realizada por nós em outubro de 2006:

Meu nome é Esupério, e tenho 40 anos. Eu vim de Minas. Meu irmão morreu de acidente em 1991. Eu moro desde 1989. Meu pai comprou a terra e a gente foi vindo junto, aí mora a família inteira. Na verdade eu trabalho e sempre trabalhei na agricultura, mas devido à situação, nas horas vagas, a gente busca outra forma de recursos né, na construção civil. A gente tem uma plantaçãozinha, porque a gente vive mesmo da agricultura, e também faz uns bicos. Meu pai faleceu faz cinco anos, e eu cuido da minha mãe. Levanto cedo, vejo as plantas, saio pra trabalhar e volto à tarde. Viemos em 89. Saímos de Minas por causa da busca né. O êxodo rural. Porque teve a estiagem lá na região e a gente sempre viveu da agricultura, é nossa maneira de ser, então naquela época a gente plantou muito café, todo tipo de cultura. E na época que a gente veio tinha um senhor que deu uma terrinha pra gente produzir arroz. E como a área era muito boa achamos que ia dar certo. Só que foi frustrado. No começo foi bom mas depois a gente percebeu que a realidade não era o que a gente pensava. Isso aconteceu com muita gente, então tem que partir pra outros setores. Foi um pensamento que não deu certo. Mas aí já tinha comprado aquele sítio e tivemos que buscar outros meios de sobrevivência. Aí eu vim trabalhar de pedreiro. Mas eu gosto de morar aqui, gosto muito de Ubatuba. Todo agricultor gosta muito de clima, e aqui é bom porque chove muito. E a gente sofreu muito com a estiagem na nossa região, aqui chove mais do que dá Sol, então é bom. E tem também a Mata Atlântica, que tem que preservar, eu sei, a gente aprende muita coisa. Precisa cultivar mas também precisa preservar. E a gente vive no meio de uma vegetação enorme, muito bonito, a gente tem uma visão ampla da Mata Atlântica e eu acho muito rico. Às vezes acordo e penso: ‘esse é o lugar mais bonito’. Eu sou de Itaipé, no norte de Minas, é bem seco, próximo do Jequitinhonha, então é uma região muito sofrida, muita estiagem. Lá se vive da agricultura e da agropecuária, mas nem sempre dá para se manter. Tanto é que eu vim pra cá e sou envolvido com os movimentos, sou vice-presidente do sindicato rural de Ubatuba e a gente se envolve porque faz parte do crescimento do ser humano. Só que Ubatuba piorou um pouco, tá muita concorrência, muita firma de fora. Nesse ramo também de construção logo logo vou ter que procurar outra coisa, porque tá muito difícil concorrer com o pessoal de fora.

11 - Depoimento oral de Leone – 17 anos, morador do sertão do Poruba. Filha de Arlindo dos Santos, o primeiro morador que veio de Minas Gerais. Entrevista realizada em outubro de 2006.

E – Me conta um pouco como é aqui no sertão do Poruba.

L - A galera que mora na praia é tudo galera daqui também, da família dos caiçaras daqui. Meu avô, Abílio, morreu, minha avó é a Francisca, ela tem uns 80 anos. A firma do meu pai mandou ele pra cá, pra morar aqui, a gente foi morar na beira-pista, numa casinha da firma, aí meu pai conheceu a família deles aqui (de caiçaras antigos), aí começou a conversar, aí a mulher (caiçara) queria vender uma parte do terreno, essa parte toda aqui pra cima, até onde vai o terreno da Avibrás. Aí meu vô comprou, aí aos poucos veio trazendo a família, veio os filhos os netos atrás...aí meu avô construiu aqui, aí meu outro tio construiu aqui na frente da casa dele, aí começou, um foi construindo por aqui, outro ali em cima, aí veio ???dos mineiros, aí com o tempo meu pai faleceu, aí minha mãe com o tempo comprou tb as terras ali embaixo e começamos a construir também.

Minha mãe, por enquanto não trabalha com nada não, só cuida da casa. Meu padastro, meus irmão trabalham. Minha mãe casou de novo, meu padastro trabalha num condomínio, no Terraço, na Prainha, ele faz limpeza, mexe com tudo lá. Nós estamos estudando ainda, eu e minha irmã. Lá da praia acho que eu conheço todo mundo, todo mundo já é acostumado, vou jogar futebol.

Aqui a primeira casa acho que foi aquela vermelha ali embaixo, mas não a primeira, porque já tinha outras, já morava outra família aqui, aqui pra dentro tinha mais casas, mas dentro do mato, nesses morros tinha as casas dos antigos (dos caiçaras). Aí nessa mata tem coisas de escravos, telha de barro, é bem antigo. Da guerra ainda, alguns falam da guerra, de Anchieta, é bem antigo. Eu nasci aqui.

E – E o que você pensa dessa paisagem? (A resposta abaixo se deu durante percurso pelo sertão)

L - Ah, muito bonito né, tem que preservar. Os caras queriam construir uma empresa de aviação, a Avibrás, os caras compraram isso aqui pra construir, daquela placa, subindo o morro é tudo deles, eles iam fazer uma aviação, um aeroporto, ia desmatar tudo, aí o Ibama não deixou, os caras não deixou e não foi aprovado. Agora ta a área liberada aí, jogada, não pode construir nada, gastou dinheiro a toa. Aqui a maioria é pedreiro. Aqui são, mais ou menos umas 6 famílias da parte do meu avô, que veio de Minas. Aqui é tudo a mesma família. Pra baixo tem umas 5 casas da família dos caiçaras, e mais umas 4 casas de turistas. e pra cima tem mais. Os caiçaras, na maioria são aposentados. Tem uns que trabalham no centro. O presidente de bairro é o Betinho, o Roberto. Ele sempre ta fazendo alguma coisa. Ta vendo ali são casas de caiçaras. Eles às vezes casam entre eles mesmos, aí vai crescendo né. Essa outra casa aí é de uma cara de São Bento, ele passa temporada. Daqui dá pra ver o mar. Ali é a Praia do Poruba, e a da frente é a Almada. Aqui de tradição tem a dança, a congada é aqui no sertão mesmo, ali em cima. Então aqui na verdade são apenas 2 famílias que foram crescendo, a dos antigos e a dos mineiros. Alguns são parentes da família da praia, fora os que foram embora. Foram porque depois não podia mais cortar a mata, não podia mais fazer roça, não podia mais caçar, pescar o peixe pra fazer a mistura, nem plantar, aí eles começaram a sair fora, foram procurar outro serviço, em outro lugar, ou no centro ou em Santos, São Luis, tal. Foi o meio ambiente que proibiu, a Florestal o Ibama. Aí eles não tinham mais como plantar. Aqui mora um primo meu, que casou com uma caiçara dali.

Aqui tem umas trilhas, cachoeiras, dá pra conhecer, mas só que tem que ir mais cedo e com calça, por causa dos mosquitos, do mato. Tem o orelhão ali em cima, pode me chamar. A trilha dá uma hora, mais ou menos, vai até a Toca da Andorinha, aqui no sertão, ao passa o dia, passa em algumas cachoeiras, vai no máximo 1e1/2h pra ir e outra pra voltar, no máximo. Ali é o SAPU – sociedade amigos do Poruba. Ali dessa cerca pra dentro é tudo da Avibrás, começa a subir pra serra aí. Ta vendo aquele pico, quando os caras roçaram pra Avibras, pra marcar terreno eles subiam naquele pico, dá pra ver Ubatuba inteiro, todas as praias. Eu tenho 9 irmãos, 2 não são do mesmo pai, são do meu padastro. A maioria já passou o tempo de estudar já, ta trabalhando, alguns moram fora. Três não

moram com minha mãe mais, dois que moram com minha mãe já trabalham, ajuda a sustentar. Aí tem o meu padastro que tb trabalha, minha mãe tem a aposentadoria, a pensão da firma, porque meu pai morreu então eles pagam pensão. Meu avô veio pra cá em 88.

12 - Depoimento oral de Marcus, 43 anos, morador do sertão do Poruba.

Eu trabalho com construção civil. São 96 pessoas, entre adultos e crianças, nas duas vilas. Minha sogra é Alexandre casada com Balil. Eu sou casado com pessoa daqui, sempre morei na cidade. Eu tenho uma história engraçada, porque nasci no Guarujá e vim de lá com 7 anos, fui criado por meus avós e Deus teve pena de mim - rrsrs. Olha onde eu vim parar, nesse paraíso. E sempre convivi na cidade. Eu estou aqui por coisa de Deus. Porque essa natureza que a gente vive aqui né. Mas voltei para o lado da construção civil porque hoje em dia para você abrir uma empresa é tão difícil né, muita concorrência, principalmente aqui, cidade pequena. Eu faço de tudo. Graças a Deus não precisei sair ainda daqui pra trabalhar para construir. Só parentes da cidade que eu fui dar uma força, mas de resto eu trabalho por aqui. Ubatuba piorou, muita concorrência muita firma de fora, hoje em dia, o caiçara, nesse tipo de serviço tem pouco. Os que tem são subordinados à firma. Ou não pega sozinho. Na verdade as firmas ganham dinheiro aqui mas não gasta aqui. Um dos ramos também que logo logo vou ter que procurar outra coisa porque tá muito difícil concorrer com o pessoal de fora. Mas ainda estou por aqui. Nas horas livres o pessoal faz pesca artesanal, porque eles têm rede, agora chega a época de robalo aí pesca bastante ("pesca esportiva né!"). A época é de novembro em diante. Tem cada peixão! É que meu álbum de robalo lá em Piracicaba (de fotos) Eu tenho a minha rede que eu saio pra pescar à noite e sempre dou um peixinho pra ele levar. Mas a pesca predatória tá muito desigual. Se fosse só caiçara que pescasse aqui por exemplo, pegava só o tanto pra comer e no outro dia dava um intervalo. Mas todo mundo vem pescar aqui na praia e joga rede, é barco de arrasto. Tem um morador da Almada (Sr. Hélio) que todo mundo questionou "porque acabou o peixe?". Antigamente se calculava que dentro desse rio tinha 10000 tainhas, tinha nero, cação, tinha tudo. Hoje não tem mais nada. E aí conversando com Sr. Hélio na praça da cidade: "Vocês querem que eu fale a verdade pra vocês? O peixe acabou porque no mar ninguém planta, só colhe!" Então em poucas palavras ele falou uma verdade. Então tinha que ter uma proteção. Por exemplo, a desova do robalo é só dezembro (aí é proibido) mas ninguém respeita. Eu tô fazendo um estudo com a Unicamp, sobre a ovulação do robalo. Ele tá ovado cinco meses, de novembro a março, e a portaria do Ibama só proíbe em dezembro. Então quem faz as leis nem sabe o que é o robalo. Sardinha e camarão a mesma coisa. Se tivesse uma fiscalização (que não tem aqui no litoral). Tá saindo aí o Plano Diretor da cidade mas quem faz a lei não entende nada. Fizeram várias reuniões com as comunidades do norte, sul, mas não muda por exemplo uma Portaria dessa de robalo. O Ubatumirim também, como essa lei do zoneamento costeiro tem que arrastar 23m da costa. Então o caiçara ficou muito restrito. O caiçara por exemplo que mora na área de parque, atrás da fazenda não pode pescar. E aqui não tem luz. Trabalhei no projeto "luz para todos" e tá aí empacado no DPRN por causa de poda de árvores para colocação de postes. E nisso já se passaram um ano e meio e o povo sem luz. Tem fatura de peixe, não tem onde armazenar, não tem luz, telefone, eles ficam isolados. Camburi, por exemplo: é um pedacinho esquecido. Aqui agora faz um ano tem até orelhão, nem sempre funciona, nem tá cadastrado na Anatel. É para por mel na boca do povo. Esse mesmo tá encrascado faz um mês. Aí arruma, depois some o sinal novamente. De prioridade aqui, nós conseguimos aumentar a bitola de cano, então a água chega com mais pressão, fizeram as lombadas. De iluminação foi feita uma parceria da prefeitura com uma firma, mas o projeto está parado. Falta fiscalização, do meio ambiente - esse pessoal que vem deixar lixo na praia. Em termos de obras agora tem uma parceria boa ali com a subprefeitura, mas em termos de outras coisas... tem uma briga política aí...

Anexo 2 – Desenhos realizados pelas crianças do Sertão do Sesmaria e do Sertão do Poruba.





Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)